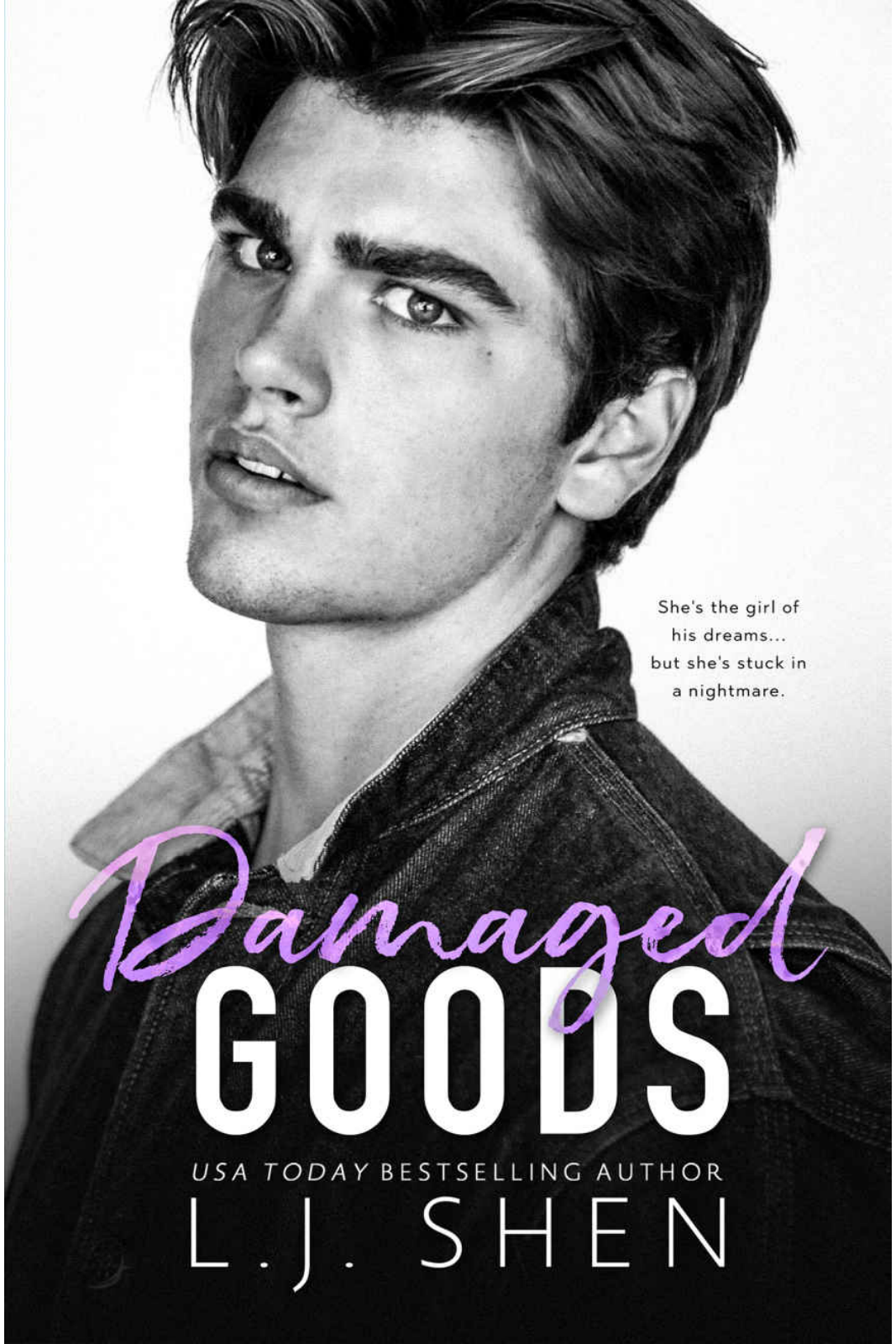




She's the girl of
his dreams...
but she's stuck in
a nightmare.

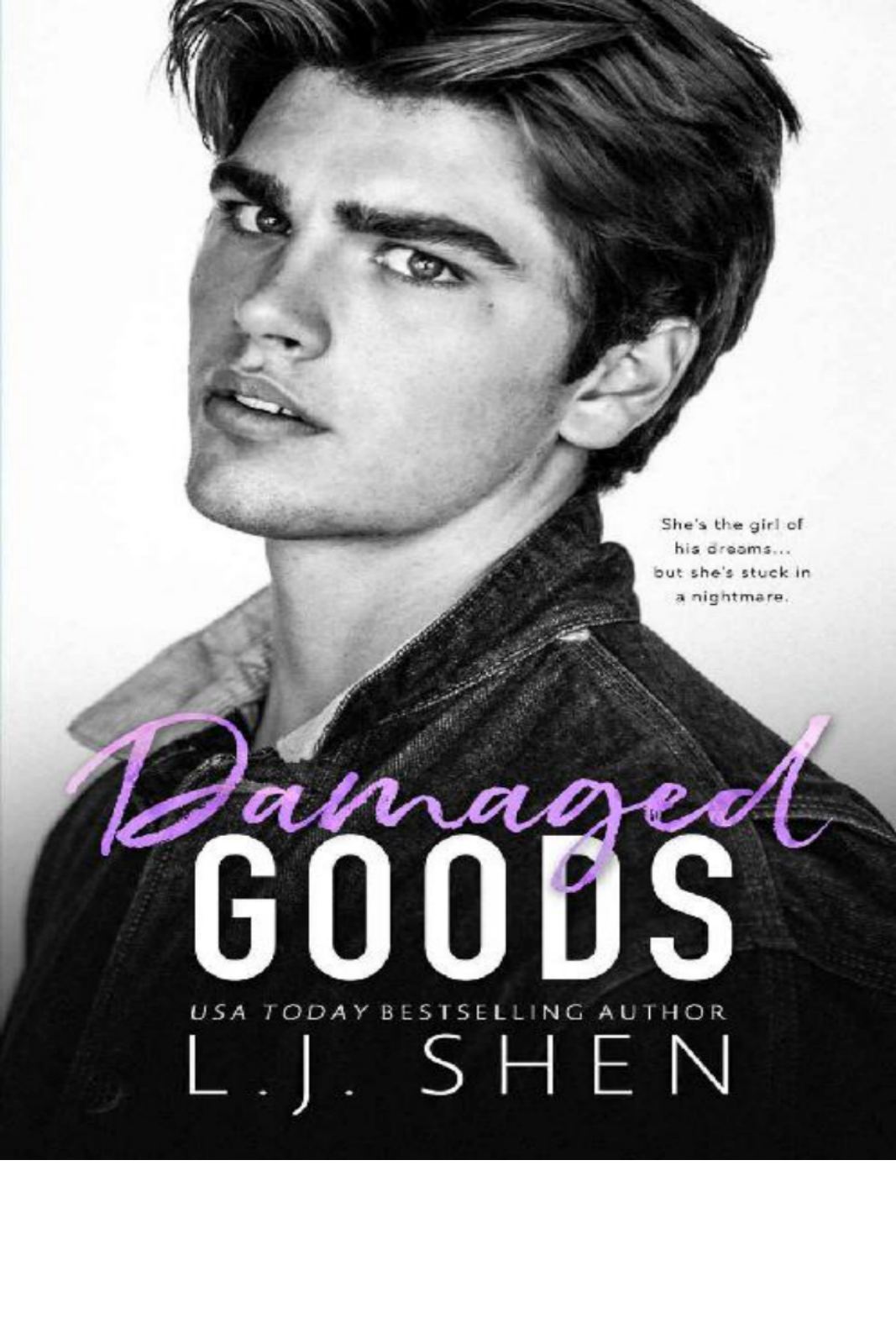
Damaged
GOODS

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

L.J. SHEN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



She's the girl of
his dreams...
but she's stuck in
a nightmare.

Damaged
GOODS

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

L.J. SHEN

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Por baixo de sua personalidade de boazinha, há uma pessoa danificada... mas será que o bad boy do outro lado da rua pode salvá-la?

Bailey Followhill é a filha perfeita.

Doce. Caridosa. Bonita. Maníaca por controle.

Sem um fio de cabelo fora do lugar, nem um centímetro fora da linha, ela é tudo o que sua irmã problemática, Daria, não é, mas quando seu desempenho excelência A acaba sendo um morno C na Juilliard¹, a vida de Bailey começa a se desgastar mais rápido do que as fitas de cetim gastas de suas sapatilhas de ponta.

Ela está se tornando alvo de fofocas. A garota problemática. Viciada em drogas. Não é mais a garota que seu melhor amigo conheceu.

Lev Cole é tão dourado que tem o toque de Midas². Um quarterback estimado. Capitão do time de futebol americano. O cara mais gostoso de SoCal³. Um clichê clássico, mas com uma namorada que não ama e uma carreira que não valoriza, Lev está no limite.

As duas únicas coisas que lhe interessam, Bailey e ser piloto, estão fora de seu alcance.

Lev, porém, não está mais satisfeito com a vida que os outros escolheram para ele. Quer escolher suas próprias chances. Para demolir o reino de mentiras que sua família construiu sobre as ruínas que sua mãe deixou para trás.

A questão é: será que ele conseguirá salvar sua melhor amiga e seu sonho antes que muitos danos sejam causados?

Um dia, em algum lugar – em qualquer lugar, sem falhas, você se encontrará, e isso, e só isso, pode ser a hora mais feliz ou amarga de sua vida.

- Pablo Neruda

O amor só conhece a sua própria profundidade nas horas de
separação.

- Kahlil Gibran

PLAYLIST

Rehab — Amy Winehouse

Falling Apart — Michael Schulte

The Show Must Go On — Queen

It Ends Tonight — The All-American Rejects

Be Alright — Dean Lewis

Him & I — G-Eazy and Halsey

Boys of Summer — The Ataris

Die For You — The Weeknd & Ariana Grande

Ceilings — Lizzy McAlpine

People pleaser — Cat Burns

Freak Me — Silk

Goodbyes — Post Malone feat. Young Thug.

PRÓLOGO

Lev

QUATORZE ANOS

Estou diante do túmulo da minha mãe, me perguntando por que diabos meus olhos estão secos.

Não conseguia olhar para o caixão dentro da igreja. Knight disse que ela estava bonita. Calma. Em paz, mas também... nada como ela.

Fechei os olhos durante todo o percurso, como fazia quando era bem pequeno e fazia passeios assustadores em parques temáticos. Agora estou pirando porque talvez tenha cometido um erro, porque foi a última vez que pude olhar para o seu rosto sem ser através de uma foto.

Essa é a questão de perder alguém – há tantas perdas ao longo do caminho que constituem uma grande perda.

Chega de abraços na cama em dias de chuva.

Chega de frutas em formato de coração na minha lancheira.

Acabaram-se as canções de ninar para mim quando estou doente, fingindo que estou envergonhado e irritado com isso quando, na verdade, mamãe cantando canções de ninar é a melhor coisa que aconteceu a este universo desde o pão fatiado.

Bailey está me abraçando tão apertado que meus ossos estão prestes a se dissipar em pó. Ela é cerca de dez centímetros mais alta que eu agora, o que é estúpido e embaraçoso e é apenas minha sorte. Meu rosto está escondido bem no fundo de seu cabelo, e finjo chorar porque parece rude e estranho se eu não chorar, mas a verdade é que não estou triste ou lamentando ou qualquer uma dessas coisas. Estou muito chateado. Nervoso. Enfurecido.

Mamãe se foi.

E se ela estiver com frio? E se for claustrofóbica? E se estiver lutando para respirar? E se estiver com medo? Razoavelmente, eu sei que não está. Ela está morta, mas a lógica não é minha amiga agora. Nem mesmo uma conhecida. Inferno, duvido que consiga soletrar a palavra no meu estado atual. Sinto que Bailey está fisicamente me mantendo unido. Como se, ela afrouxasse os braços em volta de mim, eu desabaria em milhares de bolinhas de gude, me espalharia e desapareceria nos cantos e recantos do cemitério.

Todos voltam para seus carros. Papai bate com a mão trêmula sobre meu ombro e me afasta do túmulo. Bails me libera relutantemente. Aperto as pontas dos seus dedos. Ela é a gravidade. É oxigênio. Neste momento, ela é tudo.

Sentindo minha necessidade tácita por ela, Bailey se vira para meu pai. — Posso pegar uma carona com você, tio Dean?

Obrigado, Jesus.

— Sim, Bails, claro — papai diz distraidamente, focado nas costas de Knight. Meu irmão está passando por suas próprias coisas agora e meu pai tentando garantir que ele não perca outro membro da nossa família. Normalmente, estou bem em ser o garoto “de fundo” que exige pouca manutenção, mas hoje não. Acabei de perder minha mãe aos quatorze anos. Quero que o mundo pare, mas continua girando e funcionando desrespeitosamente como se minha vida não tivesse sido simplesmente destruída.

Antes de entrarmos no carro, seguro os dedos de Bailey e a puxo para mim. — Se eu te dissesse que quero fugir daqui, para algum lugar bem longe, tipo... não sei, Kansas, o que diria?

Seus grandes olhos azuis seguram os meus como se meus globos oculares estivessem prestes a cair. — Pegaríamos a estrada ao amanhecer, vadia.

— Realmente? — Pergunto.

Ela acena com a cabeça uma vez. — Tente-me, Lev. Você é meu

melhor amigo. Nunca vou decepcioná-lo.

É estranho, mas a possibilidade de Bailey e eu fugirmos de tudo isso é a única coisa que me mantém minha sanidade agora. Ela pode ser a boa menina de todos, mas para mim ela é um péssimo vício.

O caminho de carro é silencioso. Sou uma página arrancada de um livro. Fora do lugar e flutuando sem rumo. Tudo o que tenho é a memória de pertencer uma vez. Então, estamos na frente da minha casa. Todo mundo entra com suas vestes pretas. Eles se parecem com *ghouls*⁴. Um lar sem a mãe não é um lar. É uma pilha de tijolos e móveis caros.

A hera invisível me enraíza no chão. Bailey é a única que percebe. Ela fica atrás de mim e, de repente, odeio realmente colocar todos os meus sonhos e esperanças nela. Porque ela também poderia ir embora amanhã. Acidente de ônibus. Ataque cardíaco estranho aos quinze anos. Uma trama de sequestro e assassinato. As opções são infinitas e tenho muita sorte com as pessoas.

— Kansas? — Ela agarra meus dedos, tocando-os como se fossem teclas de um piano.

Balanço a cabeça, emocionado demais para produzir palavras reais.

— Não precisamos entrar. — Suas mãos deslizam para cima para agarrar meus braços e me manter de pé. Como ela sabia que estou perto de cair? — Podemos ir para minha casa. Farei fondue. Podemos assistir *South Park*. — Seus azuis brilham como safiras.

Uma nova irritação me inunda. Bailey está sendo *tãããã* compreensiva, embora não entenda nada. Ela tem uma mãe. Uma saudável. E um pai. E uma irmã que não é viciada. A sua vida é perfeita, enquanto a minha é uma pilha de calamidades.

Ela é uma flor desabrochando e eu sou terra, mas tudo bem porque o problema das flores é que elas ficam enterradas na terra, por isso sei exatamente como cortá-la. Sacudindo-a, giro e saio da nossa rua sem saída. Ela corre atrás de mim, chamando meu nome. Seus

Mary Janes batem no chão com urgência.

— Lev, por favor! Eu disse algo errado?

Para ser justo com ela, não teve chance de dizer algo certo, mas dane-se ser justo. Estou sofrendo e ela é uma bagagem. Apenas mais uma pessoa para amar e perder.

Acelero meu ritmo, correndo agora. Não sei para onde vou, mas estou ansioso para chegar lá. O céu – completamente azul há poucos segundos – quebra como um ovo. O trovão grita, o cinza cai sobre ele e a chuva começa a cair em camadas grossas. É verão no SoCal e não deveria chover. O universo está com raiva, mas eu estou com mais raiva.

Sempre que Bailey consegue pegar a manga da minha camisa, acelero, mas mesmo depois de trinta minutos correndo na chuva, encharcada até os ossos, ela não desiste. De alguma forma, nos encontramos na floresta nos arredores da cidade. Os galhos grossos e altos e as mantas de folhas se entrelaçam como dedos entrelaçados acima de nós, criando um guarda-chuva improvisado. Posso ver o que está ao meu redor agora, e é bonito e calmo e longe o suficiente daquele cemitério estúpido. Paro de correr quando percebo que não escaparei da nova realidade: mamãe está morta.

Finalmente entendi o termo desgosto. Por que aquela coisa no meu peito? Dividiu-se em dois.

Eu me viro, meus pulmões queimando. Bailey está pálida e encharcada, com o vestido preto colado ao corpo. Seus lábios estão azuis e sua pele tão pálida que vejo um mapa de veias roxas e vermelhas sob sua pele.

— Vá para casa — vocifero, mas não quero que ela vá para casa. Quero que ela nunca vá embora.

Ela se aproxima, levantando o queixo desafiadoramente. — Não te deixarei.

— Foda-se, Bailey! — Dobro ao meio, gritando. Sinto como se ela tivesse me chutado no estômago.

Ela irá embora. Vai te decepcionar. Não caia nessa, Lev.

— Sinto muito. — Seus olhos estão cheios de lágrimas e ela flexiona os dedos, ansiosa para me agarrar.

Abraçar-me.

Vá embora.

Porra, porra.

Minha boca se abre novamente e mais besteiras saem. — Não sinto pena de mim. Tenha pena de si mesma. Você é a perdedora que anda com um aluno da oitava série em vez de pessoas da sua idade.

— Gostaria que isso não tivesse acontecido. — Ela ignora meus insultos, tentando agarrar meus dedos novamente e tocá-los como um piano, como faz toda vez que estou chateado.

Rindo, digo — Eu queria que *você* não tivesse acontecido.

— Gostaria que fosse eu quem estivesse morta. — O seu rosto está coberto de lágrimas, dor e lama, e não posso mais fazer isso. Não me importo com o quanto estou sofrendo, não posso arruinar a única coisa boa da minha vida agora. Ela me dá algo pelo que lutar quando cada célula do meu corpo quer desistir.

— Agora está apenas falando besteira. — Cuspo catarro entre nós.

Ela balança a cabeça, dedos trêmulos correndo para o cabelo, massageando o couro cabeludo. Eu acredito nela. E me mata o fato de que, embora sinto que alguém me abriu e minhas entranhas estão jorrando, ainda não gostaria que Bailey estivesse no lugar da mamãe.

— Não estou. Estou falando sério. Eu morreria antes de te ver sofrer.

Há uma batida de silêncio. Então abro a boca e o grito mais selvagem, assustador e alto que já ouvi sai de mim. Ecoa no céu e ricocheteia nas árvores. Um bando de corvos voa das copas das árvores.

E depois vou para o único lugar onde preciso estar agora: enlouqueço.

A raiva perfura minha pele. Rasgo uma grossa cortina de teia de aranha, agarro uma árvore jovem como se fosse um pescoço e a quebro ao meio com minhas próprias mãos. O sangue jorra das dobras das palmas das minhas mãos e uma unha sai da minha pele. Cai na lama molhada sob meus pés. Não consigo nem sentir a dor.

Bailey está gritando, mas não consigo ouvi-la. Soco carvalhos, chuto terra, arranco flores de seus canteiros, seguro-as como cabeças decapitadas e as jogo no rio com uma raiva branca, cega e quente. Destruo ninhos e arranco um banco inteiro, jogando-o no rio. Estou aniquilando tudo e qualquer coisa em meu caminho. Sou eu contra a natureza, e uma vez, só desta vez, parece que estou vencendo.

Em algum momento, percebo, através da névoa da chuva, que não sou o único causando estragos. Bailey também está enlouquecida. Arrancando flores, descascando troncos lascados, gritando contra o vento. Seu rosto está enlameado, seu cabelo desgrenhado, e acho que nunca a vi assim – selvagem, livre e raivosa.

Acho que é a primeira vez que qualquer um de nós faz algo menos que perfeito. Vê-la destruindo em vez de consertando pela primeira vez na vida faz algo comigo. Ela dá um soco em uma árvore e eu percebo que está sangrando, e essa percepção, de que ela está sofrendo, finalmente me tira do transe. Faço uma pausa. Olho em volta. Respiro. Respiro de verdade, sentindo o oxigênio enchendo meus pulmões e o dióxido de carbono saindo deles. O vento para de chiar. A chuva para. Bailey também para.

O tempo se move, mas nós não. Ficamos ali como duas árvores, as suaves ondas do rio próximo são o único som que penetra no silêncio. Por um momento, somos as únicas duas criaturas existentes neste mundo. Os únicos sobreviventes do meu apocalipse mental. Então ouço. O canto dos pássaros. Bailey e eu olhamos para o mesmo galho, onde duas pombas estão amontoadas, levemente úmidas por causa da chuva. Uma delas limpa a outra com o bico. A outra gorjeando.

Juro que está olhando para nós enquanto canta. Estou enlouquecendo? Por que diabos não? Isso parece estar no mesmo nível

do resto da minha semana horrível.

— Olha, Levy. — Bailey aponta para os pássaros, com os olhos arregalados. — Sabe o que são?

— Ratos com asas. — Faço uma careta, não estou com disposição para uma aula sobre vida selvagem. Bailey está cheia de fatos inúteis sobre animais. E todos os outros assuntos sob o sol, na verdade.

— Rola-brava⁵ — ela corrige. — São notoriamente leais. Simbolizam amizade e amor eterno.

— Centros de doenças parasitárias. — Limpo o sangue dos meus punhos no meu terno preto molhado, cuspiendo no chão.

— Quando estufam o peito, suas asas parecem exatamente como um coração pressionado. Não entende? Um coração. Lev.

Pisco constantemente. — Está chapada? — Eu realmente não posso me dar ao luxo de ter outro viciado com quem me preocupar. Tipo, Knight já está me matando.

— Não consegue ver? — Ela agarra ambas as minhas mãos, me puxando para a árvore onde estão as pombas. — Isso é esperança na tragédia. Uma mensagem de cima!

— Uma mensagem da minha mãe? — Repito lentamente para que ela possa ouvir toda a estupidez da frase, embora esteja desesperado para acreditar nela. E se há alguém que pode me convencer a acreditar em merdas sobrenaturais, é Bailey. Ela é insanamente inteligente.

Bailey assente, seus olhos brilhando como faróis na escuridão total. — A chuva repentina? O arco-íris? As pombas? Rosie está lhe dizendo uma coisa.

— Que o aquecimento global está prestes a nos atingir?

Bailey balança a cabeça veementemente. — Que você não está sozinho. Que sempre terá pessoas que te amam. — Agora ela pega meus dedos e brinca com eles.

— Que tipo de gente? — Resmungo.

— Pessoas como eu — ela sussurra, apertando ainda mais.

— Sim, mas eventualmente você irá embora. — Um sorriso sombrio corta meu rosto. — Já vi esse filme antes. — Knight está passando pela mesma coisa com Luna, e eles também eram melhores amigos. — Você irá para a faculdade e eu...

— Mesmo assim, estarei à sua disposição. — Ela puxa e empurra, sua voz me implorando para acreditar nela. — Teste-me, Lev. Pegue o telefone e ligue quando eu estiver no meio do semestre. Largarei tudo e virei. Sem perguntas.

Eu a ignoro. — Você encontrará um namorado...

— O romance é passageiro. A amizade é constante. Sempre escolherei um bom amigo em vez de um ótimo namorado. — Ela balança a cabeça. — Você é minha alma gêmea.

Não é hora de lhe dizer que estou apaixonado por ela. Não é hora de lhe dizer que quero ser aquele namorado hipotético. Que ela está se tornando uma arma etérea de autodestruição para mim. Que quando me masturbo, é à imagem dela. Que quando ela ri, meu peito fica estranho. Quando chora, quero sugar sua dor com um beijo e sofrer por ela.

Meus joelhos afundam no chão lamacento. Bailey desce comigo, nossos dedos ainda entrelaçados. Minha cabeça cai em seu ombro. E finalmente as sinto. As lágrimas. Vêm quentes e rápidas, escorrendo pelo meu rosto como se tivessem algum lugar importante para ir. Bailey me engole em seus braços, acariciando minha cabeça, minhas costas, meus braços. Seus lábios estão no meu cabelo, sussurrando todas as coisas que quero ouvir.

Que tudo ficará bem. Essa felicidade me encontrará. Que o arco-íris aparece depois das tempestades porque o universo é um ato de equilíbrio entre o bem e o mal.

Choro e choro e choro até secar. O desgosto dá lugar à exaustão. Mal consigo abrir os olhos, parecem tão inchados, mas ainda assim, não levanto a cabeça. Quero mais alguns minutos enterrado na minha

melhor amiga.

— Podemos ficar assim? — Meus lábios se movem contra sua omoplata.

— Para sempre — ela confirma, pressionando os lábios na borda da minha orelha. — Não tenho para onde ir. Além do Kansas, talvez.

Ela está tentando fazer uma piada. Verificando o clima para ver se estou pronto para deixar de ser idiota.

Meu rosto ainda está na curva do seu pescoço. Sou covarde demais para olhar para cima. — Como está o céu, Dove⁶?

Bailey enrijece ao ouvir seu novo apelido. Por um segundo estou preocupado que ela vá rir de mim. Diga que é um clichê. Preocupar-me que estou chamando-a de rato emplumado. Então ela relaxa contra mim.

Sua voz flutua como o canto de um pássaro — Azul e claro como o dia, Levy.

CAPÍTULO UM

Bailey

DEZENOVE ANOS

— Caaaaara. Acredita que Lauren torceu o tornozelo fodendo um turista? Eu morreria. — Katia, minha colega de quarto, passa um bastão de contorno sob a maçã do rosto, descendo até a ponta do maxilar. Deslizando a língua pelos dentes superiores para se livrar dos resíduos de batom, os olhos brilhando enquanto se estuda no espelho.

Nosso dormitório em Juilliard é menor do que meu closet em casa e mobiliado de forma aleatória. Dois beliches. Uma mesa frágil. Uma quantidade imensurável de pôsteres da Broadway, almofadas e citações inspiradoras gravadas em corações. Daria diz que tentar fazer com que este lugar pareça habitável é como passar batom em um porco: Só que conseguiu uma dúzia de porcos e um batom barato.

Daria, contudo, também é conselheira do ensino médio, não uma bailarina de renome mundial. Ela nunca chegou ao Big J, então provavelmente é o ciúme que saiu de sua boca.

— Olá? Terra para Bailey? Deveríamos enviar uma equipe de busca para encontrar seu cérebro? — Katia larga o bastão de contorno em cima da mesa, pegando um pincel para compor a maquiagem. — A vadia terminou a carreira por causa de um encontro no Tinder! É mais patético do que Kylie, que ganhou muito peso e perdeu a vaga no Bolshoi.

— Cara, Kylie tem lúpus⁷. — Levanto minha cabeça para trás. *Santa garota má.*

— Selena também, e ainda é uma merda. — Ela revira os olhos castanhos. — Sempre há desculpas, não é? Se você quer ter sucesso em nossa indústria, precisa se apressar.

— Sabe que gosto de Lauren. E essa história não foi realmente confirmada por fontes confiáveis. — Eu me recuso a falar merda, mesmo que seja o esporte sangrento favorito das minhas colegas.

— Não confirmado? — Katia grita. — Aquela vadia tem um gesso e uma passagem só de ida de volta para Bumfuck, Oklahoma. Do que mais precisa, de um artigo detalhado no The Atlantic?

Abraço uma almofada contra o peito em nossa beliche, ansiosa para mudar de assunto. — Tudo bem, mas podemos conversar sobre como eu amo essa sombra em você?

— Sabe que passar sombra é minha paixão. — Katia vira a cabeça e pisca, uma mecha de cabelo loiro platinado caindo sobre seu ombro. Endireita a postura e joga o pincel dentro da bolsa de maquiagem. Ela está usando meu minivestido Gucci de lantejoulas. Uma herança de Daria.

Katia tem uma bolsa de estudos aqui. Migrou da Letônia para os EUA com a mãe há oito anos e entrou na Juilliard a todo vapor. Formamos pares no dormitório dos calouros e agora vivemos com uma dieta constante de ramen, pizza e motivação, para grande desgosto dela. Ela tentou fazer uma intervenção quando cancelei a assinatura de alimentos orgânicos e sem glúten que meus pais fizeram em meu nome quando me mudei para cá, mas tomei uma decisão consciente de me desligar da conta bancária deles quando completei dezoito anos. Até agora, tenho me saído muito bem.

O fato é que quanto mais se nada em dinheiro, mais seco fica seu reservatório de criatividade. A arte vem de um lugar de depravação. Na arte, o privilégio é uma desvantagem. Arte é sobre sangrar. Morrer no palco. Contar sua história através de um meio – seja pintura em tela, argila, dança ou música. Qual é a minha história de vida? Algumas manicures ruins e uma fase infeliz de aparelho ortodôntico?

Li em algum lugar uma citação de uma autora chamada Amy Chua: *Sabe o que é o sotaque estrangeiro? É um sinal de bravura.* Não consigo parar de pensar nisso. Sobre como sempre me encaixei de maneira organizada e insípida no mundo ao meu redor. Com meu

sotaque de garota do Valley, cardigãs em tons pastéis e um fundo fiduciário confortável.

Até agora. Até Juilliard.

— *OhmeuDeus*, Bails, pare de ser uma desmancha-prazeres. Eu também gosto de Lauren. Mesmo que ela seja uma vadia por ficar com o ex de Jade. — A voz de Katia atravessa meu cérebro cheio de névoa. Estou com uma dor terrível. Tenho três fraturas por estresse, uma em cada tíbia e outra na coluna, e todas latejam, exigindo serem reconhecidas.

— Ele deu a ela uma carona para o norte do estado. — Torço o nariz. — Isso tudo é especulação...

— É uma pena porque foi ela no ano passado — Katia me interrompe. — Ela assinou um contrato com a Broadway, sabe. Hamilton. Membro do conjunto. Agora tem que voltar para Oklahoma...

— Montana — corrijo, engasgando com a dor.

— Para que... trabalhar na fazenda de corrida de porcos do pai dela...

— A família dela não é fazendeira.

— Tanto faz, Bails. Você é literalmente a pior pessoa para conversar merda. Não ouviu? Mulheres legais não acabam nos livros de história. — Katia engole o resto de sua cerveja antes do jogo, jogando a lata no lixo.

— Isso não é verdade — murmuro, sabendo que estou sendo uma puritana cerebral irritante e ainda não sou capaz de me conter. — E Eleanor Roosevelt⁸? E Harriet Tubman⁹, Ma...

— *La la la la la*. — Katia finge tapar os ouvidos e se pavoneia até a porta. — Esta é a faculdade. Estou aqui para me divertir, não para aprender algo novo. — Coloca a mão na maçaneta da porta, parando para olhar por cima do ombro. — Tem certeza de que não quer ir à festa do Luis? Os livros didáticos não vão a lugar nenhum.

— Eu sei. E ainda tenho certeza. — Deixo meu telefone cair na almofada que estou segurando e gesticulo em direção ao meu tornozelo. Atualmente é do tamanho de uma bola de tênis. — Eu provavelmente deveria ficar em repouso.

Katia estremece. — Pelo menos arrasou na audição?

Mais como se a audição tivesse *me arrasado*. É por isso que você precisa sair daqui para que eu possa me afogar em analgésicos, competições de realidade de baixo risco da Netflix e autopiedade.

— Sim. Divirta-se por nós duas, está bem?

— Palavra de escoteiro. — Ela levanta dois dedos.

— Envie-me uma mensagem se você se sentir insegura — digo, como sempre faço quando ela sai. Essa sou eu. Bailey Followhill. Motorista designada. Certinha e campeã da matemática. Entusiasta de caridade. Votada com maior probabilidade de se tornar a primeira mulher presidente. Orgulho e alegria da mamãe e do papai.

Sempre lá para compensar a folga que minha irmã mais velha e brilhante deixa para trás. É assim que eu sou. A Little Miss Goody Two-Shoes.¹⁰

— Vejo você pela manhã, baby. — O dedo de Katia acena no ar.

Ela me deixa em uma nuvem de fumaça de spray de cabelo e desespero. Olho para o teto. O quarto está embaçado por trás de minhas lágrimas não derramadas. A dor nas pernas e na coluna é tão aguda que tenho que morder a parte interna da bochecha até o sangue encher minha boca. Sei o que fazer. Venho fazendo isso há semanas. Tudo bem, meses. É uma solução temporária, mas faz maravilhas e faz a dor passar.

Inspirando profundamente, me jogo do beliche e me esgueiro até meu diário trancado com cadeado. Aquele que mamãe me deu no dia em que me mudei para o dormitório.

— *Documento tudo, Bailey. Cada lágrima. Cada sorriso. Cada falha, cada vitória. E lembre-se: os diamantes são feitos sob pressão. Brilhe sempre, meu amor.*

Abro o diário com a chave, que mantenho enterrada sob um vaso de planta - sim, mantenho plantas aqui para garantir que Katia e eu tenhamos oxigênio bom e limpo. Dentro, não há páginas. Sem palavras. Sem tinta. Acho que é uma boa metáfora para a minha existência. A maneira como estripei o diário de couro rosa brilhante na minha terceira semana na Juilliard e coloquei lá uma caixa de treze por vinte contendo meus comprimidos. Não tenho problemas com medicamentos prescritos – principalmente porque meu médico não me prescreve medicamentos há meses. Por isso encontrei outras maneiras de obtê-los.

O Dr. Haddock queria que eu colocasse gesso no tornozelo direito e ficasse em repouso por quatro semanas, seguido de fisioterapia. — *Não posso prescrever mais Vicodin¹¹ para você, Bailey. Posso lembrá-la que estamos no meio de uma epidemia de oxy¹²?*

Implorei e supliquei, argumentei e barganhei, depois contei fatos anedóticos para apoiar minha busca por analgésicos. Ele acabou me prescrevendo Motrin 800¹³ para me ajudar na audição de hoje. Uma audição que deveria resgatar minha nota baixa em balé e composição de dança. Dei tudo de mim. Cada grama de energia. Estiquei cada ligamento e músculo até o limite, mas não foi suficiente. Eu não fui suficiente.

— *Posso dizer que quer muito isso, senhorita Followhill.* — Uma das coreógrafas mais experientes batia ritmicamente com a caneta na prancheta, a boca voltada para baixo em insatisfação. — *Mas paixão sem habilidade é como combustível sem veículo. Precisa trabalhar em sua Técnica Alexander¹⁴. Reaprender a trabalhar seus movimentos básicos. Você precisa revisar seu plié e tendu. Volte às raízes.*”

Fechando os olhos com força, balanço a cabeça, fazendo suas palavras se dissiparem. Metade do tempo nem sei se quero ser bailarina ou se é a única coisa que sempre quis ser. Meu destino foi escrito para mim desde o momento em que nasci e eu o segui. Mamãe viu um potencial, concordaram os olheiros, cartas-convite de instituições de balé começaram a chegar quando eu tinha cerca de onze anos, e foi isso. Eu estava no caminho certo para me tornar uma

bailarina.

Pego a caixa e dou um tapinha em seu interior. Só sobrou um Motrin. Não é um benzo¹⁵ para melhorar meu humor ou um Vicodin para aliviar a tensão.

— Que sorte? — Sibilo. Katia deve ter roubado um monte. Ela de alguma forma colocou a mão na minha chave. Sei que tinha alguns Xannies¹⁶ por aqui. De jeito nenhum consumi todos em menos de uma semana.

Pego o comprimido e engulo sem água, depois pego meu suposto diário e o jogo contra a janela com um grito. Bate contra o vidro e cai no chão. O papelão vazio se desloca, ficando virado para baixo no tapete velho, como uma primeira bailarina na posição de cisne moribundo. As vozes dos professores giraram em minha cabeça alguns minutos depois que pensaram que eu havia saído da sala. Em vez disso, ainda estava ajoelhada atrás da cortina, segurando meu tornozelo e tentando não soluçar de dor.

— *Não é flexível o suficiente.*

— *Sem energia suficiente.*

— *Ela não é filha de Melody Followhill? Figuras. Lembro-me da sua mãe. Não era a estrela mais brilhante do céu. Se você me perguntar, ela teve sorte de quebrar aquela perna. Conseguiu um casamento confortável. Followhill Jr. é melhor, mas ainda não Anna Pavlova.*¹⁷

Isso foi depois que consegui convencê-los a me deixarem refazer a prova, subir ao palco novamente para poder passar de semestre. Não há nenhuma maneira de mim, Bailey Followhill, extraordinário cérebro, ser reprovada no meu primeiro ano de faculdade.

Pego meu telefone, percorro meus contatos, meu polegar pairando sobre um nome. Payden Rhys. O bailarino de queixo cinzelado de Indiana que conseguiu o papel principal em *La Sylphide* sem nem suar a camisa. Ele ganha seu dinheiro vendendo Vicodin, Xanax e outras lembrancinhas. Mais sombrio do que um chapéu de caubói e um homem que desprezo de todo o coração, mas que de

alguma forma me vejo passando cada vez mais tempo.

Faltam apenas alguns meses para o final do semestre e minhas notas fora do estúdio de dança são impecáveis. Não posso ir para casa mais cedo. Não posso mostrar ao mundo que o meu melhor não é o melhor. Além disso, só preciso refazer esse teste, tirar uma boa nota, depois terei as férias de inverno inteiras para curar meus ferimentos e abandonar meu recente e controlável vício em drogas. Envio uma mensagem para Payden.

Bailey: Quer festejar?

Ele sabe exatamente o que quero dizer com isso.

Payden: Com que intensidade?

Tradução: *Quanto precisa?*

Bailey: Férias de primavera árdua.

Quanto tiver.

Payden: Estarei aí em cinco minutos.

Encosto as costas na porta e deslizo para o chão, aninhando a cabeça entre os joelhos, soluçando silenciosamente. Odeio que meu corpo não esteja acompanhando minha ambição, minha motivação, minhas notas acadêmicas. E odeio que isso dê a alguém como Payden poder sobre mim.

Às vezes tenho vontade de me desenrolar como as fitas de cetim das minhas sapatilhas de ponta. Girar rapidamente, as camadas da minha autoconsciência e ansiedade se desenrolando, se soltando, até que eu fique nua. Secretamente me ressinto da minha irmã mais velha, Daria. É fácil ser ela porque as expectativas depositadas sobre ela são quase nulas. Ela abraça suas imperfeições. Usa-as orgulhosamente como cicatrizes de batalha. Mostrou ao marido, aos amigos, aos nossos pais, o seu pior lado, e impossivelmente – implausivelmente – isso só fez com que eles a amassem ainda mais.

Isso não é uma opção para mim. Sou Bailey Followhill, a pequena bailarina perfeita. Nenhuma montanha é alta demais, nenhuma prova é difícil demais.

Tem um problema? Pergunte a Bailey. Ela sabe tudo.

Bem, alerta de spoiler: não tenho ideia do que estou fazendo agora.

Três minutos depois, alguém bate na porta e Payden está no meu quarto, com uma faísca travessa em seus olhos castanhos. Ele me cumprimenta, ajudando-me a ficar de pé e dando um tapa na minha bunda, deixando uma dor dolorosa. Há uma maldade casual nele que sempre me deixa nervosa.

— Droga, Bails. Adoro uma boa abertura entre as coxas, mas isso é demais, até para mim. — E é um idiota negativo que se orgulha de fazer as pessoas se sentirem mal consigo mesmas. Dizem que caiu em maus lençóis com seus professores no ano passado por dizer à sua parceira de dança que ela era pesada demais para ele levantar no salão de baile. Ela pesava menos de quarenta e cinco quilos e ele usou a palavra com G.

— Está com um aspecto terrível. — Ele levanta a perna da calça e tira um saco Ziploc da meia furada. Dentro há saquinhos individuais menores com comprimidos. — Estava chorando?

— Não. Apenas os ferimentos estúpidos me incomodando — minto, puxando as mangas sobre os punhos e esfregando o nariz. Quero que ele vá embora. Eu o odeio, mas ele foi a única pessoa que me vendeu benzo que passou nos meus testes químicos e que carrega Vicodin genuíno.

— Essas belas pernas estão causando problemas de novo, Followhill? — Ele sacode um saquinho cheio de Vicodin com o polegar e o indicador, um cigarro preso entre os lábios. — Bem, a oferta para envolvê-las em meu pescoço ainda permanece. Serei seu melhor analgésico.

— Já estive lá, fiz isso — murmuro, tentando suprimir a memória sem brilho de nós dois juntos. — Você não é Vicodin, Pay. Apenas meio Advil.

— Oof. — Ele ri. — Se eu me importasse com o que uma

princesinha mimada de Todos Santos pensa, ficaria ofendido.

— Foi você quem quis entrar nas minhas calças — lembro a ele.

— Pode me culpar? Foder uma virgem sempre esteve na minha lista de desejos.

Olho para o Vicodin desapassionadamente, me perguntando se vai funcionar. Tomei dois Motrin antes da minha audição hoje e ainda estraguei a coreografia. Minhas tíbias parecem prestes a quebrar.

— Tem algo mais forte? — Sinceramente não me reconheço nesta conversa. Terminei o ensino médio sem nem experimentar maconha. Certa vez, Lev teve que me buscar em uma festa porque pensei que ficaria muito chapada com a fumaça quando outras pessoas estavam fumando.

— Do que V? — Payden faz uma pausa, uma expressão de confusão pinta seu rosto. — Claro. Tenho oxy, se você quiser...

— Sim, tentarei oxy.

Suas feições escurecem. — Ia dizer “se você quiser se matar”. Não vendo oxy para estudantes e definitivamente não vou vender para sua bunda leve.

— Está exagerando. — Prendo meu cabelo em um coque apertado, meu couro cabeludo gritando de dor.

— Não, uh. Está se aproximando rapidamente da zona de *tweaker*¹⁸, e esses idiotas tendem a morrer e colocar seus traficantes em todos os tipos de problemas. — Ele passa a mão pelos cabelos cor de areia. — Olha, sei que você vale o dinheiro, mas não vale o risco. — Seus olhos me lambem da cabeça aos pés em apreciação. — Tem certeza de que não quer uma repetição da nossa noite de paixão, pelos velhos tempos?

Sou muito educada para dizer que suas habilidades para fazer amor combinam com as de um ouriço morto. — Tenho certeza. Dê-me dez Vicodin e siga seu caminho alegremente.

— Dez? Bailey...

— Payden. — Arqueio as sobranceiras incisivamente, esticando a palma da mão na sua frente. Quando continua sendo uma estátua de sal, tiro minha carteira de uma gaveta e retiro um maço de dinheiro, abanando-o como um mágico fazendo truques com cartas.

Ele engole. — Cara, isso não é mais recreativo. Está ficando dependente.

— Dependência? Não seja ridículo. Conheço o WebMD¹⁹ como a palma da minha mão. Só preciso terminar esse semestre. Eu dou conta disso.

Ele não diz nada.

— Desde quando se preocupa comigo?

— Não me preocupo — ele diz desapaixonadamente. — Eu *me preocupo comigo*. Minha bunda é muito talentosa, jovem e gostosa para acabar na prisão. Sabe o que fazem com pessoas como eu lá? — Ele enquadra o rosto com os dedos.

Evitá-lo, por que é um humano terrivelmente chato?

— Eu ficarei bem, Pay.

No final das contas, seu instinto de sobrevivência supera sua consciência incômoda e ele suspira, pegando o dinheiro. Empurra o saco de comprimidos no meu peito, levantando o dedo em alerta. — Merda, cara. É minha cliente mais constante no campus. Não esperava por isso.

Também não vi isso chegando. Sério, por que pensei que dormir com ele era uma boa ideia?

— Muito obrigada. Aproveite sua noite. — Empurro meu queixo para a porta. O que está literalmente a menos de um passo dele. — Vejo você por aí.

Ele balança a cabeça. — Você é uma garota confusa, Followhill. Estou feliz por nunca termos ficado juntos seriamente.

O sentimento é mútuo.

Eu o empurro para fora do meu quarto, embora ele olhe ao redor

com calma, esperando que eu mude de ideia sobre uma transa. — Fez alguma coisa no seu quarto? Parece diferente...

— Payden! — Repreendo. — Saia antes que eu dê um choque em você.

Depois que a porta se fecha, pulo no beliche com o saco de Vicodin preso entre os dedos e respiro lenta e firmemente. Poderia tomar um e esperar que fizesse efeito, enfrentando mais dor e ansiedade... ou poderia tomar dois e cair no sono. Poderei acordar amanhã pronta para conquistar o mundo. Arrasar no palco. Obter notas perfeitas. Payden está errado. Não sou uma viciada. Só estou tentando salvar minha carreira como qualquer outro dançarino aqui. E... talvez esquecer o quão fria, isolada e hostil Nova Iorque é.

Deslizando dois comprimidos na palma da mão aberta, tomo-os com um pouco de água. Depois de vinte minutos andando de um lado para o outro e comendo pretzels por causa da dor, tomo um terceiro. Finalmente, a coisa entra em ação. Deixei meu corpo afundar na cama. Só que parece que estou afundando no colchão. Minha cabeça afundando no travesseiro.

Estou caindo...

Mergulhando...

Despencando para um lugar profundo e escuro onde a luz não consegue penetrar. Um lugar onde os sonhos morrerão.

* * *

Acordo grogue e tremendo.

Não deveria estar tão frio aqui. O aquecedor está no máximo e estou usando o suéter Valentino enorme de Daria. A última vez que senti esse frio foi quando fui assaltada em novembro e o idiota me forçou a ficar só de calcinha para poder roubar o vestido de seda marfim Vivienne Westwood de Daria. Um incidente que convenientemente esqueci de contar aos meus pais para que não

surtassem. Verifico meu *Apple Watch*. Passaram-se vinte minutos desde que adormeci, mas estou lutando para manter os olhos abertos. Minha respiração está difícil e meus braços parecem pregados na cama. A boa notícia é que não sinto dor nas pernas. A má notícia é que não consigo sentir minhas pernas de jeito nenhum.

Já participei de aulas D.A.R.E.²⁰ suficientes para reconhecer os sinais de uma overdose. Um tremor violento rasga minha carne. Jogo a mão pesada no carpete, onde meu telefone está carregando. Meu equilíbrio está tão ruim que me viro para fora da cama e caio no chão. Não consigo me mover. Não consigo ficar de pé. Caramba, o que eu faço?

De alguma forma, meus dedos envolvem meu telefone. Tiro-o do carregador e aponto a tela para o meu rosto, tremendo, suando, em pânico. Uma vida inteira passa antes que seja desbloqueado. Penso em ligar para Katia, mas percebo que não posso me dar ao luxo de desperdiçar minha única ligação com alguém não confiável. Em vez disso, digito o primeiro nome que chamo quando estou com problemas. Ou que ligaria se tivesse problemas. Não importa que as coisas estejam estranhas entre nós. Não importa que eu arranquei seu coração do peito, coloquei no liquidificador e ajustei a velocidade para 4x. Não importa que ele me odeie.

Não importa que tudo o que resta de nós sejam lembranças agridoces e duas pulseiras esfarrapadas. Ou mesmo que a sua ausência seja a coisa mais presente na minha vida, e algo me diz que se ainda fôssemos nós, realmente nós, eu nunca teria me viciado em Xanax e Vicodin.

Enquanto espero que ele responda, o mundo encolhe diante dos meus olhos. Como uma foto sendo devorada pelo fogo, com as bordas borradas para dentro.

— Bailey?

Ele parece irreverente, desinteressado; tem boas razões para estar #Bailev está morto. Matei isso com minhas próprias mãos. Seu ruído de fundo é música sensual, risadas e garrafas de cerveja tilintando. Ele

está em uma festa.

— Lev... — Minha língua é uma coisa meio morta na minha boca. Não acredito que estou dizendo essas palavras. — Estou tendo uma overdose.

— O que...? — Uma porta se fecha ao fundo e o barulho diminui. Ele foi para algum lugar tranquilo para poder me ouvir. Minha garganta está toda entupida. *Merda, merda.* — Repita isso? — Exige. — Tipo, agora mesmo, porra.

— Estou tendo uma overdose! Drogas. Eu... acho que estou prestes a morrer.

Mesmo que até este segundo Lev não tivesse absolutamente nenhum conhecimento de que eu alguma vez consumisse algo mais forte do que o Tylenol para bebês, ele entende rapidamente.

— O que você tomou? — Sua voz fica suave e rouca.

Sem julgamento. Sem raiva. Não acredito que nos distanciamos. Não acredito que nos separei. Não acredito que esta seja a última vez que falo com ele. Para sempre.

— Vicodin, supostamente, mas parece... diferente. Errado. — Minha respiração fica superficial; meu corpo está desligando. — Preciso que chame uma ambulância. — Tento engolir. Falho. — E mande alguém do conjunto residencial para o meu quarto com Narcan. Caso... você sabe...

Quem disse que ser nerd não compensa? Escutei atentamente durante as aulas do D.A.R.E.

— Na verdade, não sei, mas isso é uma conversa para mais tarde. — O som dele vasculhando algo freneticamente enche meu coração de uma esperança estúpida e injustificada. — Espere na linha... merda! Porra! Cadê? — Ele vocifera. — Estou usando o telefone de Tha... outra pessoa para fazer as ligações. Conte até dez para mim.

A Bailey normal faria isso de trás para frente, em latim, só para se exibir. A Bailey atual nem está tentando. A Bailey atual também é burra o suficiente para se perguntar quem é Tha...? Uma garota? Uma

namorada? Ele está namorando pessoas agora? Agora não é hora de ficar com ciúmes. Meus níveis de oxigênio estão muito baixos. Tudo está ficando mais escuro a cada segundo.

— Lev, estou com medo.

— Não fique — ele sibila, mas parece mais assustado do que eu.

Engulo em seco e ele percebe meu pânico porque pergunta — Quando é que deixamos algo ruim acontecer um ao outro?

— Algumas coisas são maiores que nós.

— Nada é maior que Bailev — sua voz é resoluta. — Repita.

— Nada é maior que Bailev — digo fracamente.

— Essa é minha garota. Nenhuma mentira detectada.

Meus olhos se fecham. Estou muito cansada. Muito pesada. Muito entorpecida. Ao fundo, ouço Lev conversando com um operador do 9-1-1 e depois com o Escritório de Habitação e Vida Residencial. Ele é calmo, no controle e mandão como o inferno.

Lev é o epítome de um galã. Ombros largos, lábios macios, olhos sonolentos e sexuais e um corpo que faz Adonis parecer um cara com corpo de pai, mas não é por isso que estou apaixonada por ele. Estou apaixonada por ele porque é o menino que me arrasta a cada primeira chuva de inverno para dançar entre as gotas de chuva, descalça, já que uma vez me viu fazendo isso, quando eu tinha seis anos. Porque beija minha testa quando estou triste e assiste comédias românticas cafonas da Netflix comigo quando estou de TPM, mas também tem um lado dele que corre em carros esportivos e salta de *bungee jump* de penhascos.

Ele é dureza e suavidade. Ar e água. É meu tudo e ainda assim nada para mim atualmente. E estou em pedaços só de pensar nisso agora.

— Eu... Lev, eu... — resmungo.

— Vai passar por isso, é isso que você vai. A ajuda está a caminho. Agora, lembre-me em que ano permitiram que as mulheres

começassem a dançar balé?

1681. Ele está tentando me distrair, e agradeço, mas minha boca está pesada demais para responder.

— Dove? — Sua voz é uma canção de ninar, envolvendo-me como um cobertor de lã. — Você está aí?

Minhas pálpebras caem, a escuridão me engolfando. A morte é fria, silenciosa e bela, e está tão próxima que posso sentir sua respiração na minha pele. O primeiro pensamento que me vem à cabeça é o quão egoísta sou por fazê-lo passar por isso, por me ouvir morrer, depois de tudo que ele passou.

— Responda-me, Bailey! — Ouço o barulho de vidro quebrando, seguido por uma série de palavrões. Uma voz assustada diz o que diabos ele está fazendo ao fundo. É masculina, e não sei por que estou tão aliviada, visto que estou prestes a morrer, mas pelo menos Lev tem um amigo lá para cuidar dele.

Ouço Lev sair da festa, ignorando os apelos para jogar donut em uma corda²¹. — Apenas espere — ele continua cantando em meu ouvido desesperadamente. — Eles devem chegar a qualquer momento, Dove. Segure firme por mim, está bem?

— Lev... — engasgo. — Vem? Aqui? Para Newyeeek? — Ofego.

— Sim — ele diz sem perder o ritmo. — Estou a caminho. Continue esperando, certo?

A espuma cobre o fundo da minha garganta, as lágrimas impossibilitando que eu veja. Agarro minha pulseira. Um cordão preto esfarrapado com uma pomba prateada. Lev tem um que combina e nunca tira.

Não admira que seu nome signifique coração em hebraico, quero dizer a ele. Você capturou o meu entre os dentes e o engoliu inteiro.

— Como está o céu, Dove? — Ouço a porta do seu carro batendo.

As últimas palavras que consigo dizer antes de apagar são — Nublado... com possibilidade de chuva.

CAPÍTULO DOIS

Bailey

TRÊS DIAS DEPOIS

Minha bochecha está pressionada contra a janela fria do Range Rover do meu pai. Observo a primavera californiana irromper em verdes, amarelos e azuis. O voo do JFK para Lindbergh Field foi tão silencioso que nós três poderíamos facilmente passar por estranhos. As poucas palavras trocadas estavam mais vazias que meu estômago.

Mãe: Quer almoçar, querida?

Eu: Não, obrigada.

Mãe: Você não come direito há dias.

Eu: Não estou com fome.

Pai: Tem certeza disso, Bails? Sua mãe comprou sushi para você no aeroporto. Sabemos que odeia comida de avião.

Eu: Não é a comida, é o ambiente. A umidade e a pressão na cabine a dez mil metros de altura alteram nosso paladar e olfato.

Pai: entendido, Einstein.

Eu: Pasterski.

Pai: O quê?

Eu: Entendido, Pasterski. Em homenagem a Sabrina Gonzalez Pasterski. Uma física genial. Como espera que rompamos os muros do patriarcado se cada figura notável de referência cultural é um homem?

Pai: Okay. Pelo menos voltou a soar como a velha Bailey.

Mãe: Como está a dor agora, Bailey?

Eu: Melhor, obrigada.

Não acho que a dor das fraturas e lesões nas costas estejam realmente melhor. Está entorpecido por tudo o que aconteceu nos últimos três dias. Desde a minha ligação para Lev, algumas coisas aconteceram. Alguém arrombou a porta do meu dormitório e enfiou Narcan na minha narina. Acordei e comecei a vomitar por toda parte - chão, paredes, tapetes, o que imaginar. Eles me colocaram em uma maca e me levaram ao Hospital Mount Sinai. A sala dos estudantes estava lotada de curiosos. Ligaram-me às máquinas. Espetaram agulhas em minhas veias. Fizeram uma tonelada de testes. Limparam meu estômago.

Mamãe e papai chegaram lá no meio da noite, com uma aparência fantasmagórica. Nas primeiras horas, fingi dormir só para não ter que enfrentá-los. A mortificação não era suficiente. A overdose é o tipo de confusão que nem mesmo Daria trouxe à sua porta. Um problema com drogas é algo que acontece com os filhos de outras pessoas. Crianças que não crescem em colônias espanholas de um hectare e meio, com duas piscinas, férias nos Hamptons e sessões mensais de compras em Genebra.

Quando a manhã chegou, abri os olhos com relutância.

Quando me bombardearam com perguntas, eu menti. Poderia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que menti em toda a minha vida – a honestidade é óbvia quando nunca se faz nada de que se envergonha. Percebi, porém, que esse não era mais o caso. Agora eu tinha um segredo: ansiava por calmantes e analgésicos o tempo todo. Dependia deles para superar minha ansiedade e lesões diárias. Assim começou meu caso com a desonestidade. Na verdade, caso era um eufemismo.

Bailey Followhill e Desonestidade estão agora em um relacionamento estável e intenso. Eu disse aos meus pais que era algo único. A primeira vez que comprei analgésicos.

— Achei que estava comprando Motrin, não Vicodin misturado

com fentanil! — Expliquei com seriedade, tentando parecer tão escandalizada quanto eles. — Sabe que eu nunca faria algo estúpido, mãe.

Ela me deu um olhar de você é melhor que isso, mas honestamente, agora? Não tenho tanta certeza disso.

Agora aqui estamos, três dias depois. De volta à minha cidade natal, Todos Santos. Meu segundo semestre foi encurtado e minha mãe me disse que o conselho reavaliaria minha matrícula e nos daria uma resposta até o final do ano letivo. Ver se estou bem para refazer meu teste físico.

Um milhão de pensamentos correm histericamente dentro da minha cabeça, braços se agitando, esbarrando uns nos outros. E se não me aceitarem de volta? E quanto à minha nota reprovada? E todas as aulas que perderei? Como devo encarar as pessoas que me viram sair em uma maca, com rastros de ramen e ácido estomacal escorrendo pelo meu queixo? Daria sabe? Tio Dean? E Knight? Vicious, Millie e Vaughn?

Uma coisa é certa: Katia sabe e acabou por ser uma amiga de interesse, a julgar pelas mensagens que deixou no meu telefone.

Katia: Não acredito que você fez isso no nosso QUARTO.

Katia: Vomitou nas minhas roupas, para sua informação. Tipo, preciso pegar leggings emprestadas da Petra para ir à lavanderia.

Katia: Poderia ter colocado nós duas em tantos problemas, que merda.

Katia: Honestamente, me sinto tão menosprezada.

Katia: Alguém vem regar suas plantas? Tenho muitas coisas para fazer agora.

Minha cabeça está girando. Quero vomitar, mas não há nada dentro do meu estômago além de água e ansiedade. E essa ansiedade? Parece uma criatura mítica que devora avidamente meus órgãos internos. Deslizando, crescendo, ocupando mais espaço.

O Range Rover desliza pelo centro da cidade, passando pelos campos de golfe montanhosos e pelas palmeiras dançando ao vento. As lojas de surf, cafés e vitrines em tons pastéis transmitem familiaridade e conforto. O fino cordão onde o oceano beija o céu brilha com promessas.

A motivação implacável apunhala meu peito. Não. Isto não pode ser o fim. Essa pausa me ajudará a conseguir minha grande chance. Vou praticar mais e voltar para a Juilliard melhor do que nunca. Está longe de terminar. Na verdade, é apenas o começo. Não decepcionarei a mamãe, ou eu mesma. Tenho vontade de ser bailarina desde que aprendi a andar, e um pequeno contratempo não acabará com minha carreira.

— Bails, baby, quer uma laranja? — Papai pergunta, olhando para mim pelo espelho retrovisor. Jaime Followhill é o melhor pai do mundo. É também o Captain Random²², que normalmente adoro. É divertido receber frutas do nada ou acordar com seu pai pulando na sua cama e anunciando - *Legoland hoje. O último a chegar à sapateira é o reserva nas filas dos passeios!*

— Estou bem, obrigada. — Pego uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha e passo os dedos por ela, procurando fios desgrenhados e danificados para arrancar. Não lido bem com imperfeições.

— Então encontrei algo interessante. — Mamãe está alegre, mas parece desafinada e em pânico. — Um centro de bem-estar nos arredores de Carlsbad. Cenário lindo. Todas suítes luxuosas. Parece o Amangiri. Chefs com estrelas Michelin, massagens, ioga, cura energética. Honestamente, eu mesma iria se pudesse tirar uma folga!

Ela quer que eu vá para a reabilitação? *Ela* está chapada?

— Não pode estar falando sério, mãe. — Pressiono meus lábios, mantendo meu temperamento sob controle. Eu nunca perco a calma. Nunca grito, nunca respondo, nunca me rebelo. Meus pais e eu não discutimos. Temos divergências leves. — Essa chamada “overdose” foi única. — Cito a palavra.

A reabilitação é para viciados, não para pessoas que lidam com

analgésicos e Xanax em momentos estressantes e curtos demais. Sem mencionar que Juilliard não ficará sentada me esperando enquanto eu namastê com donas de casa desesperadas que foram muito duras com seu hábito de beber.

— Acabou no pronto-socorro com uma lavagem estomacal — retruca minha mãe.

— Sim. E eles não extraíram nada. — Cruzo meus braços. — Tomei um comprimido. — Três, mas isso é praticamente semântica. — Eu não sou uma drogada.

— Não desdenhe das vítimas de abuso de substâncias, Bails. Drogado não é um termo que usamos nesta casa. — A voz do papai tem um tom irregular. — Tem certeza que não quer uma laranja? Elas são mais doces que o pecado.

— Sua filha já pecou o suficiente durante uma década, a julgar pelos últimos três dias — mamãe murmura, girando o corpo para mim. — Olha, não sei como acabou com fentanil em seu sistema, mas...

— Não acredita que eu pensei que fosse Motrin?

Não sei por que estou genuinamente ofendida, considerando que estou tomando pílulas como se fosse uma música do Post Malone. — O cara que me deu disse que era uma marca europeia. — Essa é a minha terceira mentira consecutiva. Preciso anotar todas elas em algum lugar para manter minha versão correta.

— Ainda não nos contou quem foi. — Os olhos da minha mãe se estreitam nos meus pelo espelho retrovisor. — Ele poderia matar alguém, sabe.

— Eu não sei o nome dele! — Quarta mentira. Uau, estou sem Molly aqui.

Em uma de suas mensagens, Katia disse que Payden fugiu da cidade e foi dançar em um cruzeiro depois do que aconteceu comigo. Ele provavelmente sabia que seus erros estavam prestes a alcançá-lo e decidiu fugir. Contanto que ele não machuque mais ninguém, não é da

minha conta.

— Tudo o que estou dizendo é... — Mamãe começa.

— Esta é a primeira vez que decepçiono vocês. Desde sempre. Meu primeiro proble...

— Tudo bem. — Mamãe dá um tapa na coxa, parecendo prestes a explodir. — Não fingiremos que pegar minha filha de dezenove anos em um hospital do outro lado do país é um probleminha. É uma tragédia. Não estamos banalizando o que aconteceu esta semana, senhorita.

— Você se flexibilizou antes de se alongar tanto com isso? Foi uma confusão! Achei que fosse Motrin. — Jogo minhas mãos para o alto. — Não é como se eu fosse comprar heroína nas ruas quando chegarmos em casa.

— Por que não? — Mamãe retruca, e isso é diferente.

Mamãe nunca revida. Ela murmura, bajula. Ri alegremente sempre que respiro em sua direção, pelo amor de Deus. Ela me faz sentir tão querida que me dá mais impulso e combustível para permanecer perfeita. — Você fez isso em Nova Iorque. E por favor, não se envergonhe com a desculpa do Motrin. Não reconheço minha filha nesta ação. Pegando drogas das ruas. Conseguindo drogas.

— Não faria disso um hábito.

O que estou dizendo? Estou estragando meu próprio disfarce de Motrin. — Só precisava de algo para aliviar a dor do meu exame prático.

— Isso é sobre suas fraturas? — Há uma ponta de pânico na voz de mamãe. — Está lutando para ter um bom desempenho?

— Não! — Lambo os lábios, acumulando mentiras como sujeira sobre um caixão. Não posso dizer a ela que estou destroçada. Que era eu contra o balé, e o balé venceu. — Meu desempenho está bom. — Minha garganta balança. — Ótimo.

— Honestamente, você não ter conseguido um papel principal no

recital é obsceno. Estou tentada a lhes dar o que penso sobre isso. De jeito nenhum eles têm uma bailarina mais talentosa...

— Mel — papai limpa a garganta. — Mudando de assunto.

E é aqui que reside o meu problema. A pressão é tão sufocante que sinto que estou sendo esmagada pelos escombros de expectativas, sonhos desfeitos e esperanças. Mamãe se perde quando falamos de balé. Não há espaço para fracasso – apenas para sucesso. E quero ser tudo o que Daria não foi: a melhor bailarina da Juilliard.

No banco de trás, estou lentamente tirando uma crosta seca do joelho, como se fosse casca de maçã. Em uma linha longa e encaracolada de tecido cicatricial. Carne rosada e crua aparece embaixo dela, e sei que ficarei com uma cicatriz desta viagem de carro para casa.

— Recebi um saco cheio dessas laranjas — papai diz a ninguém em particular, ansioso para mudar de assunto. — Da Flórida. Não duram tanto quanto as da Califórnia, mas são mais doces.

— Bem. — Mamãe vasculha a bolsa e coloca um Tylenol na boca. — Se você não tem problemas com drogas, não vejo por que ir para a reabilitação por oito semanas seja tão importante.

— Não passarei dois meses na reabilitação para provar algo para você.

— Então espere algumas condições nada ideais sob meu teto enquanto avalio sua situação, senhorita.

— Tem certeza de que não quer uma laranja? — Papai canta.

— Porra, pai, não! — Bato a nuca no assento de couro, frustrada.

Que merda. Acabei de soltar a palavra com P? Nunca digo porra. Poxa, caramba - raramente. Nossa casa tem regras rígidas sobre palavrões. Nem mesmo pronunciamos o nome de Deus em vão. Em vez disso, usamos Marx. A antítese de Deus. O pai do ateísmo.

Papai me olha pelo espelho retrovisor como se eu tivesse dado um tapa nele. Meu joelho está sangrando. E eu realmente poderia usar

um pouco de Vicodin e Xanax agora.

Percebendo que me desviei muito do personagem, suspiro. — Desculpe. Exagerei, mas, falando sério, estou bem. Entendo que esteja com medo e que seus sentimentos são válidos, mas minha experiência também. Você está certa, mãe. Pedi um analgésico a alguém e pensei que me dariam um comprimido de qualidade hospitalar. Acabou saindo errado. Lição aprendida. Nunca mais.

Reconheço o silêncio que se segue. É o mesmo que deram a Daria toda vez que pensaram que ela estava sendo difícil e irracional. O que sempre foi. A garota da cidade quase arruinou a vida da irmã gêmea de seu agora marido. Fiquei de lado e observei o seu drama se desenrolar.

No entanto, eu não sou Daria. Sou responsável, inteligente e sensata. Poderia ter entrado em qualquer universidade da Ivy League que quisesse.

Decido fazer uma aposta.

— Olha, estou bem em fazer o programa ambulatorial até voltar para Juilliard, se isso te tranquilizar.

Como esperado, mamãe puxa o cartão — não deveria fazer isso por nós, deveria fazer isso por si mesma.

Sou a primeiro a admitir que me empolguei com as drogas nos últimos meses, mas não é como se eu tivesse deixado a bola cair. Minhas notas ainda são incríveis, faço trabalho de caridade como voluntária em um refeitório e nunca dobro as páginas dos meus livros. Ainda um ser humano civilizado, em suma.

— Farei o programa ambulatorial — repito. — E usar o resto do tempo para treinar para que eu possa refazer um exame do estúdio.

— Você falhou? — Mamãe agarra suas pérolas.

— Não! — Meu orgulho, assim como meu joelho, está sangrando no chão. Minha ansiedade é uma bola de veneno na minha garganta. — Eu só... quero uma nota melhor, sabe?

— A boa notícia é que terá muito tempo para praticar, porque com certeza não sairá de casa sem supervisão — papai anuncia em tom final de história.

— Você não pode me manter como refém!

— Quem está te mantendo como refém? — Papai fala lentamente. — Você é adulta e livre para ir. Vamos repassar suas opções, certo? — Ele diz em tom de conversa, levantando a mão e começando a apontar as pessoas com os dedos. — Sua irmã? Mais difícil que a escola militar. Forjada no inferno adolescente; também mora em São Francisco, por isso, boa sorte com o nevoeiro. Dean, Baron, Emilia, Trent e Edie? Vão mandá-la direto para casa depois que souberem o que a trouxe de volta à cidade. Knight, Luna, Vaughn?

Ele está em sua segunda rodada de apontar as pessoas com os dedos. — Tem filhos pequenos e – sem ofensa – não hospedam uma usuária de substâncias sob seu teto se pedir a eles. O que me leva ao meu último ponto: não pode pagar a eles ou a um hotel porque está falida.

Ele está certo, e eu odeio que esteja certo. Minha nova realidade se fecha sobre mim como quatro paredes que avançam lentamente uma em direção à outra.

— De agora em diante, você estará sob nosso olhar atento. Quando sair de casa, é comigo ou com a sua mãe. Nunca sozinha.

— Ou Lev — solto sem fôlego. — Lev também.

Não sei por que insisto, já que Lev não é mais meu príncipe na Bottega Veneta. Ele nunca chegou ao hospital, embora tenha prometido que o faria quando conversamos ao telefone. E mesmo que tenha enviado mensagens de texto esporadicamente nos últimos três dias, ele parecia mais chateado do que preocupado.

Ele desistiu de mim? De nós?

Mamãe suspira. — Esse garoto te ama demais.

— Concordo em discordar — murmuro, olhando pela janela.

— Lev não é burro e sabe o que acontecerá com ele se Bailey fizer alguma coisa sob sua supervisão — papai argumenta. — Ele pode ficar de olho nela.

— Certo. E Lev. — Mamãe esfrega o rosto, cansada. — Ele te salvou. Ah, e Bailey?

— Sim? — Bato meus cílios inocentemente. A perfeita Bailey ressurgue. Ou pelo menos estou tentando arrastá-la de volta para a luz, aos chutes e gritos.

— Pare de coçar o joelho. Está sangrando. Isso deve doer. Não consegue sentir isso?

Não consigo, na verdade. Estou entorpecida e com uma dor terrível ao mesmo tempo, o tempo todo.

— Desculpe, mãe. — Coloco as mãos sob a bunda para me conter. — Fico com essa laranja agora, pai.

Ele a joga por cima do ombro e observa no espelho enquanto a descasca metodicamente, de uma só vez, e depois cravo os dentes nela como se fosse uma maçã, em vez de parti-la em fatias. Um estrondo borbulha em seu peito. O riso enche o carro com ar condicionado.

— Amo você, Bails.

— Ao infinito e além, Capitão Random.

CAPÍTULO TRÊS

Lev

DEZOITO ANOS

Fato miserável nº 2.398: Aproximadamente 67,1 milhões de pessoas morrem no mundo todos os anos.

— Jogo ofensivo de lixo hoje, capitão. — Austin entra no vestiário com o peito nu, cuspidando o protetor bucal no chão. Tiro meu equipamento e jogo-o no banco. Entro no chuveiro nu, mesmo que a porta do campo esteja aberta e um bando de alunos do segundo ano provavelmente possam me ver durante a prática. Balanço minha cabeça. Austin não vale uma resposta. Grim se junta a mim em seu *hoverboard*²³, também com a bunda descoberta.

— Não pode andar com isso dentro do vestiário, seu filho da puta assustador. — Faço uma careta.

— Como um *hoverboard* é assustador? — Ele estoura chiclete de pipoca. Seu perfume característico cheira a piso pegajoso de AMC²⁴ e à primeira base no escuro. — Por favor me esclareça.

— Suas bolas estão balançando ao vento como uma bandeira em um navio de cruzeiro.

— É um país livre.

— O problema é que não é a única coisa que está livre.

Grim salta da prancha e a chuta para trás. Bate ruidosamente na parede. — Aye, Aye capitão.

O fato de eu ser o capitão do time de futebol americano All Saints High é um ponto de discórdia entre nós.

Não porque ele seja um jogador melhor, um líder melhor, uma

coisa melhor – ele não é nenhuma dessas coisas. Sou um presente de Deus dentro e fora de campo, e isso é indiscutível. Grim é o segundo melhor. Todo mundo sabe disso, mas porque não dou a mínima para o jogo e ele quer jogar futebol americano universitário, devo me curvar, me afastar e lhe dar toda a glória. Na sua mente distorcida, a fome supera o mérito.

Abro a torneira e enfio a cabeça na água, esfregando o rosto. Não tenho notícias de Bailey há quatro dias, o que é uma bagunça, considerando nosso último telefonema. Austin não está errado. Minha cabeça não está no jogo. Não está nem no mesmo maldito estado. Está em Nova Iorque.

Uma overdose. Que porra é essa? A Bailey que conheço não bebe bebidas com cafeína depois das duas da tarde.

Estou também me perguntando: por que me ligou se somos praticamente estranhos desde o dia em que ela partiu para Juilliard? Tenho vivido o último ano em coma desde que ela saiu e estava tudo bem com isso - se você ama alguém, deixe-o ir, certo? - mas e se amar alguém, e a idiota decidir se matar acidentalmente e chegar até você? Qual é o protocolo sobre isso?

Grim e Austin se juntam a mim em ambos os lados dos chuveiros. Ao nosso redor estão Finn, Mac, Antonio, Ballsy e o resto do time. O nome verdadeiro de Ballsy é Todd Ostrovsky, mas ele tem uma condição estranha que torna suas bolas gigantescas. Tipo, tão grande que seus tempos de execução são afetados.

Pego o sabonete e esfrego no corpo e no cabelo, deixando as bolhas deslizarem pelo meu abdômen. — Em vez de ficar chateado por não ser capitão, preocupe-se com nosso jogo contra o St. John Bosco na próxima semana.

— Que tal eu fazer as duas coisas? — Grim Kwon – um espertinho certificado, muito alto, muito moreno, muito bonito e ponto – pega a barra de sabonete da minha mão e enfia na bunda, esfregando. — Já ouviu falar em multitarefa?

— Já ouviu falar de limites? — Sibilo. — Esse era o meu

sabonete.

— Essa foi a minha capitania — ele retruca. — Você nem mesmo colocou seu nome. O treinador fez isso.

— Talvez porque ele não achou que seu traseiro idiota deveria liderar — provoco. Deixando a capitania de lado, somos bons amigos. Melhores amigos, na verdade, agora que Bails não está em cena.

Dizer que estou nervoso é dizer o mínimo. Estou no maldito penhasco, girando rapidamente em um abismo profundo e escuro.

Grim me oferece o sabonete de volta, e tiro um dos meus chinelos Versace e atiro nele em retaliação.

— Vou considerar isso um não. — Ele encolhe os ombros, jogando o sabonete para Finn, passando os dedos no queixo, pensativo. — Aí está, amigo. Eu tenho um sobressalente.

— Obrigado, mano. — Finn começa a esfregar o corpo com sabonete. Todo mundo engasga e ri.

— O quê? O que está acontecendo? — Ele olha para Grim nervosamente.

— Nada, cara. — Grim estala seu chiclete. — Você acabou de espalhar minhas marcas de derrapagem por todo o seu corpo. Estamos ligados para o resto da vida agora. Companheiros de sabonetes.

— Vejo que acordou e escolheu a violência hoje, Kwon. — Finn deixa cair o sabonete e ataca Grim. Lutam nus nos ladrilhos molhados enquanto a água borriфа seus corpos. Pena que não são gostosas. De qualquer forma, torço pelas baixas nessa luta.

Entendo por que conseguir uma carona completa para uma boa faculdade é importante para Grim.

Mesmo sendo rico, seus pais deixam bem claro a expectativa de que ele se torne advogado e assuma os negócios da família. Infelizmente para ele, mal tem notas para se formar, muito menos para ser aceito em uma boa universidade. Então ou ele entra através do futebol ou seu nome sai do testamento do avô.

— Termine com isso antes que quebre a coluna dele, Grim — ordeno sem emoção.

Apesar de odiar futebol, ainda me preocupo em ser um bom capitão. E Finn não vencerá essa luta. Grim é um atacante do tamanho de um trator.

— Ah, você não é meu pai verdadeiro, Levy.

— Foi isso que sua mãe disse? Vou pedir um teste de paternidade.

Todo mundo ri. Grim também, mas porque ele me conhece bem, pode ouvir o tom da minha voz.

Grim se desembaraça de Finn e volta para baixo do chuveiro ao meu lado. Além de ser um merdinha chato por causa da coisa de capitão – um título que conquistei no segundo ano – nos damos muito bem. Indo para o próximo tópico da nossa agenda – quais festas valem a pena ir neste fim de semana – quando ouço Austin dizendo a Ballsy — Confirmado, cara. Ontem vi seu Toyota surrado dirigindo pelo Spanish River, com sua mãe gostosa no banco do passageiro.

Há apenas uma pessoa na cidade com um Toyota Corolla mais antigo que a Bíblia – que também é roxo berinjela com uma porta amarela incompatível – e essa pessoa é Bailey Followhill.

No último ano, ela insistiu em economizar o dinheiro que ganhava trabalhando em acampamentos de verão e comprou seu próprio veículo. É financeiramente independente desde os dezoito anos e provavelmente a única pessoa em nosso CEP que dirige um carro não luxuoso. Tio Vicious uma vez ameaçou processar Jaime pela monstruosidade que é o veículo de sua filha estacionado em nossa rua sem saída, mas como Bailey deveria estar em Nova Iorque, trancada em alguma reabilitação, não pode ser dela que ele está falando. Talvez Mel tenha levado o carro para a loja?

Ballsy diz — Cara, impossível. Ela entrou na Juilliard ou algo assim.

Austin chupa os dentes. — Não, mano. Ela está de volta à cidade. Eu a vi com meus próprios olhos, pegando Froyo daquele lugar perto

do Planet Fitness. — *YoToGo*. O favorito de Bailey. Ela sempre compra café irlandês e bolo red velvet. Cada cabelo do meu corpo, da cabeça às bolas, fica em pé. Grim percebe a mudança, olhando para Austin e Ballsy com interesse repentino.

— Sempre pensei nela como uma sete de dez. — Ballsy puxa seu pau com força, ensaboando-o. — Menina boazinha demais para o meu gosto, mas aproveitaria isso porque ela é... sabe, um legado. Irmã de Daria Followhill.

Besteira. Ela é cem de dez, e todo mundo com um par de olhos funcionais sabe disso.

Bailey é uma lenda em All Saints High.

Suas notas. Seu pedigree. Seu status de presidente da equipe de debate que nos rendeu o campeonato nacional. Ela é gentil, organizada, inteligente como um demônio e fodível até a exaustão. Não conheço um cara que não queira um pedaço dela. O que, coincidentemente, me faz querer massacrar metade das pessoas da minha vida em pedaços microscópicos.

— Tem certeza que ela está de volta à cidade? — Finn se pergunta. O mesmo.

Austin assente. — Com certeza, cara. — Ele fecha a torneira e minha boca fica seca *pra* caralho.

Ele pega uma toalha e a coloca entre as coxas, movendo-a para frente e para trás para enxugar. — A filha do meu primo estuda na Juilliard. Sua queda da desgraça foi na porra de um arranha-céu, cara. Ela foi conduzida para fora do quarto em uma maca, espumando pela boca como um cachorro raivoso.

— Cale-se.

— Está em todas as redes sociais.

Ballsy ri incrédulo. — Bailey Followhill? Overdose? Você é muito ingênuo. Quem diabos compraria isso?

— Cara, vou te mandar um TikTok...

— Isso é o suficiente — grito.

Austin se vira para mim, com um sorriso torto e sádico no rosto. — Qual é o problema, capitão? Não é como se eu estivesse destruindo um companheiro de equipe. Você não pode fazer merda nenhuma.

— Posso fazer um monte de merda. — Dou um passo em sua direção.

— Sim? Como o quê?

— Fale de novo e descubra.

Com um sorriso de merda no rosto, Austin deixa cair a toalha no chão, caminha até o banco em frente aos nossos armários e pega o telefone, deslizando o polegar sobre a tela. — Precisam ver Bailey Followhill sendo levada pela emergência...

O vídeo começa a ser reproduzido e é aí que eu o enlouqueço.

Cada grama de autocontrole em mim se dissipa. Ela é meu lado cego. Meu ponto fraco. É meu calcanhar de Aquiles.

Corro em sua direção mais rápido que um F-22 Raptor e bato suas costas contra os armários. Meu nariz toca o dele quando chego em seu rosto. Estamos ambos nus e pingando água. Não é o ideal, mas quero que saiba que farei lasanha com seus órgãos internos se ele falar dela assim novamente. Não me pergunte por que, mas o hobby favorito de Austin é me irritar até que eu não consiga mais enxergar direito.

Ele dá um passo para trás, rindo. — Meu erro. — Ele levanta as palmas das mãos em sinal de rendição. — Talvez seja alguém que se parece com ela, estuda na Juilliard e dirige o mesmo carro.

— Sim. Talvez. — Arranco o telefone entre seus dedos, direciono-o para sua cara feia para desbloqueá-lo e relato o vídeo. — Pronto. — Enfio o telefone na sua boca, batendo-o deliberadamente contra seus dentes. — Agora está tudo bem, certo?

Prendo uma toalha em volta da cintura e pego minha mochila, procurando minhas roupas.

Ao contrário de Bailey, posso mentir descaradamente em

qualquer dia da semana. Não sou necessariamente uma boa pessoa. Sou apenas bom para as pessoas que amo. Moralmente fluido e muito orgulhoso disso.

— Então ela teve uma overdose ou não? — Finn, que eu juro que é mais lento que uma preguiça adormecida, cutuca.

A mentira sai da minha boca sem esforço. — Não, cara de merda. Ela foi levada ao pronto-socorro na semana passada.

No entanto, ela desmaiou, não teve uma overdose. Está tirando uma folga por causa de suas lesões esportivas.

— Certo, cara. Claro. Assim como estou tirando uma folga de Margot Robbie porque é muito exigente sexualmente para acompanhar.

Austin pega seu lixo, rindo. Esse é o segundo golpe e não estou esperando pelo terceiro. Ele se abaixa para pegar a camisa no banco de metal. Eu o agarro pela nuca e bato seu rosto contra os armários de metal azul com tanta força que deixo uma marca em forma de idiota na porra do metal.

— Vamos tentar de novo — provoco em seu ouvido. — Devemos?

— Você está lidando com toda essa situação tremendamente bem — Grim aponta secamente do banco, calçando as meias. — Doze de dez para autocontrole. Material de capitão supremo.

Ignorando-o, bato a cabeça de Austin contra o armário novamente. Ele cospe sangue.

Eu não ligo. Já não vejo mais o vermelho. Isso está em algum lugar entre o bordô e o preto. — Prometa-me que nunca mais contará essa besteira para alguém com ouvidos.

Austin luta, se debatendo enquanto tenta escapar do meu aperto, tentando dar um soco para salvar seu orgulho.

— Ei, ei! — Antonio e Finn correm para ficar entre nós, tentando acalmar a situação. Grim é o único que não se intromete. Ele adora tanto chá que estou surpreso que não tenha trazido biscoitos. Além

disso, se eu cair, ele será o próximo na fila para se colocar no meu lugar.

— O que está fazendo, Cole? — Antonio grita, mas não se esforça para me empurrar na direção oposta. Ele sabe que Austin ultrapassou os limites.

Austin gorgoleja com uma mistura de sangue e saliva, se debatendo contra meu aperto mortal. — Meu Deus, Cole. Esse seu ego ficou grande demais para o resto de você.

— Pare de espalhar mentiras sobre Bailey — repito, com a voz monótona e os olhos mortos.

— Só porque não consegue lidar com a verdade, isso não muda.

— Uma coisa que posso e vou mudar é a porra da sua cara se você falar sobre ela novamente.

Eu o agarro pelo pescoço e o jogo no chão. Ele cai com um baque alto, olhos brilhantes e fumegantes direcionados para mim.

Levantando meu dedo, sibilo — Este é seu último aviso. Da próxima vez que eu ouvir você dizer o nome dela, vou te alimentar com as bolas de Ballsy com uma colher.

— É uma condição médica! — Ballsy chuta minha mochila com raiva enquanto sai correndo porta afora.

— Isso não torna tudo menos engraçado, irmão. — Finn bate em seu ombro, seguindo-o.

Só quando Austin, Finn, Mac, Antonio e Ballsy vão embora é que Grim abre sua boca inteligente novamente. Ele está encostado na porta com os braços cruzados, parecendo presunçoso. — O Royal Canin²⁵ acabou.

— Huh? — Coloco minha jaqueta do time do colégio.

— Sua versão de petisco. Você sabe, porque está agindo como uma vadia agora.

Juro que esta é a versão dele de uma conversa estimulante.

— O filho da puta merecia.

— Ele te incitou para obter uma reação, e você caiu direto na armadilha dele. — Grim empurra a porta, caminhando em minha direção. Sei que ele está prestes a me atacar, e tem todo o direito de fazê-lo. — Bailey não é Deus.

— Nunca disse que ela era. — Coloco minha mochila no ombro.

— Ela nem te contou que está na cidade.

— Sim, bem, não sou a porra do pai dela, e na verdade não me importo muito.

Estou feliz por não haver um detector de mentiras preso a mim ou o gráfico saltaria tão alto que atingiria a porra da lua.

Grim passa a mão pelo cabelo crescido, parecendo um comercial de xampu de oitenta dólares. — Tudo o que estou dizendo é que ela não é sua para proteger. Toda vez que ela está perto, você se perde.

— E? — Escarneço.

— E neste momento? Você tem muito a perder.

Totalmente vestido agora, pego minha bolsa e saio sem olhar para ele.

Cupido estragou o trabalho. Só acertou em um de nós.

Aquela flecha? Perfurou meu coração e apunhalou minhas costas.

* * *

Algumas horas depois, entro no Great Hall.

Chamamos assim porque o All Saints High legítimo tem o melhor espaço de cafeteria de todo o SoCal. Provavelmente da Costa Oeste. Embora seja uma escola pública, fica no município mais rico do estado. Pais e doadores gastam dinheiro nisso, organizando bailes temáticos e eventos de caridade para subsidiar tudo o que seu aristocrata deseja.

Pessoalmente, acho que é a desculpa definitiva. Mandar seu filho para uma escola pública porque é um cidadão honesto que luta pela igualdade, mas paga caro para garantir que a escola continue boa *pra* caralho.

A merendeira coloca um hambúrguer Kobe com queijo suíço e salada de repolho, além de tortilhas com sabor de limão e pimenta na minha bandeja.

Grim vai comprar uma quesadilla de quatro queijos com batatas fritas trufadas e frutas. Um par de braços delgados me envolve por trás, abraçando minha cintura.

Uma boca quente com cheiro de pirulito se fixa na lateral do meu pescoço. — Hum. Cheira a espírito adolescente.

— Suor, coragem e expectativas esmagadoras? — Grim pergunta suavemente, abrindo sua lata de La Croix enquanto desliza sua bandeja ao longo da esteira da fila do almoço.

Thalia empurra seu pequeno corpo entre nós, sorrindo de orelha a orelha. — Oportunidade, juventude e ambição!

Chamo Thalia de minha garota, porque ela é mais que uma amiga, mas menos que uma namorada. Alguém com quem estou saindo casualmente para passar o tempo. Temos esse acordo tácito de que ela nunca poderá ter meu coração.

Meu pau é um assunto diferente, no entanto.

Thalia puxa o elástico que prende seu coque bagunçado para soltar seus longos cabelos loiros.

Grim me lança um olhar que diz, eu sei que você também vê isso, idiota.

E vejo. Eu vejo isso.

Thalia se parece um pouco com Bailey. Certo, tudo bem. Exatamente como Bailey, se olhar para ela por trás.

Que é minha posição preferida quando caímos na cama.

No ano passado, quando Bailey estava no último ano e Thalia no

terceiro ano, as pessoas as confundiam o tempo todo, mas não é por isso que estou ficando com Thalia. Estou ficando com Thalia porque ela é fofa, divertida e não se importa em brigar verbalmente com Grim sempre que ele está sendo um idiota.

E também porque ela é a única garota que foi persistente o suficiente quando recusei nas primeiras cem vezes.

— Está pegando alguma coisa? — Desenrolo meus dedos dos dela quando ela tenta segurar minha mão, meus pensamentos voltando para Bailey.

Bailey. Não tem ideia de que eu tenho uma garota. As coisas têm estado estranhas entre nós. Agora que ela está aqui inesperadamente, terá uma surpresa.

— *Ei, a propósito, estou ficando com Thalia Mulroney há dois meses. Sim, seu holograma com batimentos cardíacos.*

— Tenho o meu, obrigada. — Thalia levanta um saco de salgadinhos de couve e uma Diet Coke.

Suspeito que Thalia não tem muito dinheiro para almoçar todos os dias e não quero me oferecer para pagar por ela porque não quero envergonhá-la, então coloco suas batatas fritas de couve e refrigerante favoritas em seu armário algumas vezes por semana.

— Sabe, seu distúrbio alimentar realmente complementa seus olhos — Grim diz com um falso sotaque de garoto do Valley.

— Porque, obrigada. — Thalia coloca a mão no peito. — Mas isso combina tão bem com o chip no ombro e a necessidade desesperada de cortar o cabelo?

Todos nós giramos e nos sentamos. Uma aluna do segundo ano sentada a três bancos de nós grita — Meu tipo ideal é Grim Kwon e qualquer que seja o peso do seu edredom!

A sua amiga se levanta e nos mostra o sutiã. — Meu tipo ideal é três Lev Coles em cima de mim!

A cafeteria inteira explode em gargalhadas.

Thalia pouisa a bunda no meu colo, juntando-se às risadas. Ela se vira para Grim, parecendo um pouco irritada. — Como um almoço leve às quartas-feiras. Tenho treinos consecutivos de uma às três.

Thalia está no time universitário de ginástica que nos conquistou o campeonato distrital e o terceiro lugar no campeonato estadual no ano passado.

Grim olha para ela vagamente. — Merda. Ainda está aqui. — Ele boceja. — Eu silencieei você em algum lugar entre chips e ombros.

Ela se vira para mim. — Vai deixá-lo falar assim comigo?

— Ei, pelo menos ele fala com você. A maioria das pessoas, nem reconhece.

Ela ri e dá um tapa no meu peito. — Idiota. Tem muita sorte de ser gostoso. E um atleta.

Nem sempre odiei futebol. Na verdade, era uma vez, até gostei, mas então a competitividade, as expectativas e os adesivos da In Lev Cole I Trust²⁶ se tornaram uma coisa e ficaram fora de controle.

Agora faço isso por obrigação. Para a minha família. Para minha comunidade. Para minha viagem de culpa sem fim.

Thalia pega minha pulseira de pomba. Ou o que sobrou dela. — Quando vai me deixar comprar um novo barbante? A pomba cairá a qualquer momento.

Eu gentilmente me afasto. Ter os dedos nela parece errado. — Cuido disso.

— Então. Grim. Já encontrou um ceifadora para acasalar? — Thalia mexe as sobancelhas, voltando sua atenção para ele. Eu rio, terminando metade do meu hambúrguer com uma mordida.

— Não, por que? Conhece outra ginasta caçadora de ouro, alpinista social e semigostosa que precisa de um namorado rico? — Seus olhos se iluminam zombeteiramente. — Tudo que eu sempre quis foi alguém que me amasse pela minha conta bancária.

Chuto Grim por baixo da mesa. — Pare com isso.

Thalia cora, jogando um pedaço de couve nele, e ele o pega na mão sem tirar os olhos do prato, enfiando-o na boca. — Hum. Simplesmente adoro o sabor de nada.

Tendo o suficiente das besteiras de Grim, Thalia se vira para mim. — Ainda estamos de pé para hoje, baby? Jantar cedo na sua casa?

O olhar de Grim se desvia de sua comida, um sorriso zombeteiro em seu rosto. — Sim, baby, ainda estamos?

Um dia quebrarei seu lindo nariz. Minha miséria parece ser seu gênero de comédia favorito.

Passo a mão pela minha cabeça tonta. — Desculpe, T. Bailey está de volta à cidade. Preciso vê-la.

Discutir com ela, mais isso.

Se ela estiver aqui. Não confio na palavra de Austin, do mesmo jeito que é pouco menos confiável do que a de um príncipe-astronauta nigeriano preso no espaço com uma fortuna de quinze milhões de dólares que deseja compartilhar com completos estranhos.

— *OhmeuDeus*, está? — Os olhos de Thalia brilham de excitação. — Espere, ela está bem?

Sinos de alarme tocam na minha cabeça. — Por que não estaria?

— É só que... — Seus ombros se erguem. — Ouvi algumas coisas.

— De Austin? — Minhas sobrancelhas franzem.

Thalia morde o lábio inferior. — Não... de Lakshmi.

O vídeo está circulando. A escola inteira provavelmente sabe.

Bom trabalho, Bails. Arruinando uma reputação impecável de dezenove anos com uma farra de drogas.

Thalia alisa minha camisa sobre meus peitorais. — Pode me contar como ela está?

— Por que? — Pergunto. Elas não eram amigas nem nada.

— Porque ela quer saber com o que está competindo — Grim

tosse em seu punho.

— Porque sempre gostei dela. — Thalia encara Grim com uma carranca, balançando a cabeça como se ele fosse um caso perdido.

— Claro — digo, porque parece uma merda ainda mais fugir dela e não mantê-la informada. Especialmente porque a dispensei duas vezes esta semana para trabalhar em um carro antigo que meu pai comprou.

— Não. Vamos abrir o jogo. Por que gosta da garota por quem seu amigo de foda está apaixonado, Thalia? — Grim coloca uma batata frita na boca, olhando entre nós com um sorriso sinistro. — É porque ela é você, mas tem personalidade?

— Falando em personalidades, deveria usar todo esse dinheiro para comprar uma nova — Thalia responde.

A farpa não aterra. Grim não fica com raiva. Ele também não se vinga. Normalmente fica entediado.

— Você é capaz de dizer algo sem sarcasmo? — Brigo com ele.

— Espero que não. Isso pode convidar a uma conversa real e significativa. — Grim estremece.

— Ei, quer que eu vá com você? Para ver Bailey, quero dizer? — Thalia coloca a mão no meu ombro.

— Sim, Lev, quer? — Grim pisca esperançosamente.

Em vez de jogar uma tortilha nele, jogo a bandeja inteira e tudo que está nela.

Ele se esquiva rapidamente e minha comida acaba respingando nas costas de Raul Ortega. Um lutador universitário com gosto por travessuras.

Ele se vira, a morte em seus olhos.

— Luta de comidaaaaaa!

CAPÍTULO QUATRO

Lev

Fato miserável nº 2.993: A água-viva *Turritopsis dohrnii* é a única criatura imortal no mundo.

Dirijo rápido todo o caminho para casa no meu Bugatti Chiron Sport.

Adoro um bom motor monstruoso, por isso sou obcecado por aviões, entre outras coisas.

Nós, os Followhills, Spencers e Rexroths, todos vivemos na mesma rua sem saída.

É do tamanho de um campo de golfe, mas ainda assim é perto o suficiente para que sempre tenhamos o nariz na vida um do outro. Uma bênção e uma maldição.

Estaciono meu carro, bloqueando o Maybach do meu pai, e vou até a porta de Bailey. Não bato nem toco a campainha. Somos todos praticamente uma família. O que é uma ideia nojenta, considerando as coisas que venho fantasiando fazer com minha ex-melhor amiga nos últimos cinco anos. Digito o código da porta e a abro, chutando meus Nike Blazers contra a parede.

A voz de Mel me cumprimenta da cozinha. — Lev, querido, está com fome?

Ela deve ter me visto passando pelas câmeras do aplicativo do telefone.

— Sempre. — Paro na sua frente com meu sorriso de bom menino.

Ela se vira e vem me abraçar, segurando uma espátula. Está fazendo camarão e batatas fritas com abobrinha. O favorito de Bailey.

Em vez de agir de acordo com minha impaciência, passo vinte minutos conversando com ela. Bailey provavelmente sabe que estou aqui e isso a está deixando louca por não estar com pressa de vê-la. Bom. Só depois que Mel e eu abordamos todos os assuntos possíveis – clima, escola, planos de verão, inscrições para a faculdade – é que finalmente pergunto — Bails está lá em cima?

— É melhor que ela esteja. — O sorriso amigável de Mel se transforma em uma carranca. Ela parece ter envelhecido cinco anos nos últimos quatro dias.

— Ei, obrigada novamente por... — engole em seco, seus dedos agitando o ar para indicar, você sabe. Ela está perto de explodir em lágrimas.

Dou de ombros. — Bailey salvou minha vida todos os dias durante dois anos consecutivos depois que perdi minha mãe.

— Ela foi incrível — Mel concorda. Pretérito. *Caramba*. Bails está na casinha do cachorro de verdade.

— Ainda é — digo, baixo o suficiente para que Bailey não possa me ouvir lá de cima. — Ela está apenas passando pela adolescência que nunca teve, acho.

— Talvez — ela sussurra. — Não pensei que vocês se separariam, sabe.

Não nos separamos, porém, Bailey *se afastou*.

Ela mudou e eu permaneci o mesmo. Esticou as asas quando quis cortá-las para garantir que ela nunca fosse embora. O tiro saiu pela culatra. Grande momento.

— Não me deixe prendê-lo. — Ela dá um passo para trás, enxugando os olhos. — Por favor, diga a ela que a comida está pronta.

Eu me sinto mal por Mel. Ela tem boas intenções. Todo mundo sempre critica suas habilidades parentais, mas a verdade é que é muito difícil criar duas garotas inteligentes e independentes. E as mães sempre recebem o dobro da culpa por tudo. Ninguém dizia nada sobre o papai quando o hobby favorito de Knight era sexo e álcool.

Subo a escada curva de mármore, passando por retratos de toda a família, do chão ao teto. Daria está sorrindo maliciosamente neles, usando um vestido de lantejoulas douradas de Oscar de la Renta. Bailey está com um vestido azul escuro bordado com florezinhas. Seu sorriso é sereno, educado, contido, seus olhos são duas piscinas claras sob um céu sem nuvens.

Elas são tão diferentes que chega a ser cômico. Daria é uma demônio que adora festas e roupas de grife. Bailey é um anjo apaixonado por livros e instituições de caridade.

Meu estômago embrulha quando entro no corredor do segundo andar da casa dos Followhill. Muitas coisas aconteceram desde a última vez que vi Bailey. Tenho uma nova garota, e ela aparentemente tem um novo problema com drogas.

Sigo o rastro de baunilha quente e aroma de livro novo que leva até o seu quarto.

Bato na porta entreaberta e me lembro que ela é viciada e não precisa de privacidade agora.

Entro direto. — Bailey?

Alguém me ataca por trás. Pernas longas e musculosas envolvem minhas costas, seus braços circulam meus ombros.

Ela ri no meu ouvido, seu hálito torrado com canela e baunilha. Está em todos os lugares, porra, linda, viva e quente como um dia perfeito de agosto, e pela primeira vez na minha vida, quero destruí-la em vez de consertá-la, porque FODA-SE. ESSA. MERDA.

Ela partiu meu coração e quase matou a garota que amo. Quem faz isso com uma pessoa?

— Levy! — Ela cola os lábios na minha bochecha, alheia ao meu humor. Seu cabelo loiro cai no meu rosto, uma avalanche de amarelo e dourado. — Santo camarão. Não te vejo há alguns meses e está do tamanho de uma casa agora.

Ela está agindo como o antigo nós. Nossas famílias nos rotularam como #Bailev algum tempo antes de completarmos seis anos porque

éramos inseparáveis. As pessoas nos *shipavam*. Todos pensaram que nos tornaríamos um casal. Sem sorte.

Desviando meu olhar para o lado, pergunto secamente — Desculpe, eu te conheço?

— Gênia. Conhece seus segredos mais obscuros. Obcecada por listas. Sua melhor amiga. Diz algo? — Ela mordisca minha orelha e, de repente, toda a minha corrente sanguínea vai direto para o meu pau e fico tonto.

Ainda assim, faço o papel do idiota cansado. — Meus melhores amigos são problemas com a mamãe e um complexo de Deus. Tente novamente.

— Não. — Ela esfrega sua bochecha macia ao longo da minha barba por fazer. Meu pau está seriamente a um segundo de abrir o zíper do meu jeans rasgado Amiri e sair para dizer oi. — Esses são os melhores amigos da sua terapeuta e a razão pela qual ela possui uma casa de férias em Cancún.

Não tenho terapeuta, embora provavelmente devesse procurar um, considerando a quantidade de raiva que estou reprimindo hoje em dia.

— Saia de cima de mim, Bailey.

— Ou então? — Ela sorri, e quem diabos é essa garota?

Sentindo-me como se estivesse brincando com uma de minhas fãs e não com minha melhor amiga, chego para fazer cócegas em suas axilas e ela cai de costas no tapete de pele de carneiro, rindo e chutando as pernas no ar. Ela está vestindo um short branco e um moletom rosa do Nirvana. Algo barato do Walmart, aposto.

Sua risada em meu ouvido e seu corpo se contorcendo sob o meu me fazem sentir como se tivesse acordado de um sono longo e letárgico.

Como as pessoas podem achar Bailey e Thalia remotamente semelhantes? Thalia é uma margarida e Bailey é uma rosa.

Thalia é um livro aberto, o tipo de garota do “o que se vê é o que se tem”. Eu a descobri muito antes de colocar um dedo nela. Bailey é um presente bem embrulhado. Suas pétalas de veludo estão firmemente entrelaçadas, cada uma escondendo outra camada dela.

De joelhos, continuo fazendo cócegas em suas laterais, nos pontos sensíveis de seu pescoço, sem sequer abrir o menor sorriso. Ela se debate e finge lutar, mas na verdade apenas me puxa mais fundo, buscando mais contato. Fingimos lutar. Soltamos um pouco da tensão que se acumulou no ano passado.

Bailey pressiona os pés com meias no meu rosto, rindo sem fôlego.

Adoraria continuar este jogo, mas meu tesão está prestes a rasgar minha boxer e correr em direção ao banheiro para tomar um banho frio. Além disso, há alguns tópicos importantes na minha agenda. Paro abruptamente. Nossos olhos travam. Verde no azul. Estou em cima dela, meu peso prendendo-a.

Ela parece um pouco mais magra do que da última vez que a vi, mas ainda é a garota mais linda do planeta Terra. Abaixo meu rosto até que estejamos a poucos centímetros um do outro. Seu hálito quente arrepia os pelos do meu rosto.

— Argh. — Ela tenta me empurrar, mas sou mais forte, maior e tenho uma política de zero besteiras. — Você tem cílios de girafa — ela geme. — Meninos com cílios longos e curvados deveriam ser proibidos.

— Ouvi dizer que estão tentando legislar sobre isso no Congresso. Visite-me na prisão? — Lambo meus lábios.

Ela balança a cabeça lentamente. — Não. Jogue bem as suas cartas e eu recarregarei o seu iPay.

Não posso deixar de rir, pressionando minha testa contra a dela. — Você é um pé no saco, sabia disso?

Ela balança a cabeça, mas não diz nada. Está sóbria agora, e posso dizer que quer perguntar por que não fui vê-la no hospital, mas

não vai. Porque ela sabe. Está escrito na minha cara: não fui porque a odeio pela overdose e ela não está fora de perigo.

— Sinto muito — ela murmura. — Realmente sinto.

Tiro uma mecha de cabelo loiro de sua testa. — Está bem, Dove?

— Sim — sua voz é rouca. — Obrigada por... sabe.

Nossas bocas estão a centímetros de distância. Ela lambe os lábios, seu olhar baixando para minha boca. Um pequeno suspiro de saudade lhe escapa.

Há um momento em que me pergunto se ela quer que eu a beije. Houve muitos momentos em nosso passado em que pensei que ela queria que eu a beijasse. E assim como em todos os outros, seu corpo magro de bailarina desliza sob o meu, e ela se levanta num piscar de olhos, me evitando.

Ela entra em seu closet e examina fileiras e mais fileiras de vestidos de verão, organizados por cor para criar um arco-íris de parede a parede. — Por que demorou tanto?

Levantando-me de um salto, resmungo — Você chegou à cidade sem uma mensagem.

Bailey faz uma cara de surpresa. Pode ser uma ótima dançarina, mas tem a habilidade de atuação de uma meleca ocular. — Realmente? Achei que tinha mandado uma mensagem de volta para você.

— Não, não enviou. Posso lidar com você fazendo merda, mas não tolerarei mentiras.

Ela prende o cabelo em um longo rabo de cavalo e baixa o olhar para os pés. — Desculpe. Os últimos dias foram esmagadores. Estava criando coragem para te ligar. Tentando descobrir o que queria dizer.

Caminhando em sua direção, pergunto — E descobriu?

Ela morde o lábio inferior, balançando a cabeça.

— Certo. Então, eu falo. Tem um problema com drogas? — Apoio meu cotovelo no batente da porta, bloqueando sua saída do closet.

— Meu Deus, Lev! — Ela dá um tapa na coxa com o cardigã que segura. — Por que todo mundo fica tão chateado no momento em que começo a viver um pouco e a experimentar coisas novas?

— Isso não foi um sim ou um não. — Minha voz é uma lâmina de aço. Afiada. Fria. Cortante.

— Meu único problema com drogas é que todo mundo fica falando comigo sobre drogas.

— Você teve uma overdose.

— Não, usei analgésicos. Comprei algo alterado. Machuquei-me. Só fiz isso para manter a dor dos meus ferimentos sob controle, mas estou farta de tudo isso.

Quero acreditar nela porque a alternativa me deixará maluco.

Não quero também microgerenciá-la, mas se precisar de um cuidado rígido, ela está procurando alguns hematomas, porque farei o meu trabalho de segui-la e garantir que esteja limpa.

— Então por que está sendo tão difícil descobrir o que dizer? — Olho para ela.

— Porque o que aconteceu comigo foi constrangedor.

— Mesmo assim, naquele momento, você me ligou.

— Duh. — Olhar rabugento.

— Por que? — Pressiono.

Ela engole em seco. — Porque.

— Presidente da equipe de debate, senhoras e senhores. — Bato palmas lentamente, zombando dela.

— Porque foi o primeiro número que consegui encontrar! — Ela faz birra como uma criança. — Isso não significa nada, está bem? Não dê muita importância.

Estou dividido entre chamá-la de blefe e sair daqui.

Bailey suspira. — Olha, estou um pouco claustrofóbica. Posso dar

uma volta?

Claro que pode, Dove. Pode ir em três. No meu pau.

Veja, esses são os tipos de pensamentos que eu realmente deveria parar de pensar quando estou ao seu lado.

— Precisa de permissão agora? — Estalo os nós dos dedos, assobiando. — Como os poderosos caíram.

Ela franze os lábios. — Mamãe e papai disseram que só posso sair de casa acompanhada por eles ou por você.

Faço *tsk*. — Bem, ora, ora. O que vai realmente volta.

Foi ela quem me tratou como um *Tamagotchi*²⁷ enquanto crescia.

— Ninguém entrará nesse cenário entre nós dois. Não estou tão chapada. — Ela arranca o moletom rosa do Nirvana do corpo, enrola em uma bola e o joga em mim.

Pego e coloco no rosto, cabeça inclinada para cima, cheirando como um pervertido. — A piada é você. Isso vai para o meu banco de palmadas.

Coloco o moletom no bolso de trás, porque ela é tão pequena e eu sou tão grande.

Bailey resmunga exasperadamente em seu sutiã esportivo rosa, seu abdômen contraindo com o movimento. Ela realmente mudou. A antiga Bailey não resmunga, bufa, zomba ou qualquer uma dessas coisas. Ela sorri educadamente, se agita e sorri.

Passo meus olhos pela parte superior de seu corpo até pousar na fita adesiva em seu braço, as marcas roxas da intravenosa. Depois começo a notar o desgaste em sua carne. Seu corpo está marcado – pintado de roxo, preto e azul.

Já vi muitas lesões esportivas em minha vida. Isso é diferente. Pior. Muito pior.

Os nós no meu estômago se retorcem cada vez mais, crescem como uma bola de elástico e parece prestes a romper minha pele. Mesmo que ela não seja viciada em drogas, é uma ótima candidata

porque viver dentro de seu corpo deve ser doloroso. Enquanto ela coloca um vestido de cetim azul, digo — Talvez seja bom que Mel e Jaime estejam de olho em você. Não tem se cuidado.

Bailey revira os olhos. Bailey nunca revira os olhos. — E sabe disso porque...?

— Eu tenho olhos. Olhe para você. Está maltratada.

— Não, você está delirando — ela retruca.

Whoa.. Tudo bem. Não tenho a mínima ideia de quem é essa garota ou o que ela fez com minha melhor amiga.

— O que aconteceu com você? — Franzo a testa. Com quem diabos estou falando, afinal? — Você era uma garota incrivelmente bem-sucedida. O orgulho de Todos Santos.

— E você acha que só porque eu trabalho muito e isso mostra na minha pele não sou mais essa pessoa? — Ela diz. — Bem, novidade - ter sucesso em uma escola de elite tem um preço. Bem-vindo à vida fora da nossa bolha infantil, Cole.

Ela abre os braços teatralmente. — Você tem que sangrar para ter sucesso. Quando pratica esportes de forma competitiva, lesões acontecem. Claro que não saberia nada sobre isso. Nunca vi um quarterback que mal suasse. Qual foi a pior coisa que já suportou, um joelho arranhado?

Feche a porta da frente. Isto é um colapso de primeira linha.

Tipo, merda de reality show a cabo editada de forma amadora e mal escrita. Gostaria de saber se ela está passando por algum tipo de abstinência.

Quem quer que seja essa garota, segue em frente, sorrindo para mim de forma provocativa. — Encare isso, Lev. Mesmo que eu tenha treinado demais, você é a última pessoa que pode me dar um sermão sobre isso. Está vivendo a vida com muito medo de dizer ao querido papai que odeia futebol e quer ir para a escola de aviação. É um covarde. Apenas esconde bem. A propósito, quando vai contar a ele?

Estou pensando que nunca é um bom prazo.

Quando não respondo, ela faz uma careta. — Vai contar a ele, certo?

Minha mandíbula contrai. — Não estamos falando de mim agora.

Ela inclina a cabeça para trás e ri sem humor. — Oh. Wow.

Futebol é um assunto delicado para mim. Sou bom nisso, mas odeio. É como ser uma estrela pornô com um pau de 25 centímetros que aspira ser um padre celibatário. Só porque posso não significa que devo.

O problema é que sou a segunda geração da realeza do futebol no All Saints High.

Meu pai jogou. Meu irmão mais velho, Knight, jogou. No ano passado, minha jaqueta Letterman foi vendida por sete mil dólares em um leilão. É difícil jogar fora esse tipo de amor. A verdade é que estou viciado na glória.

Porra, me processe.

— Desculpe, estou no limite. — Bailey esfrega a testa, cansada.

Está tomando alguma coisa, tudo bem.

— Você parece... dispersa — digo gentilmente. Porque dizer a ela que é cem por cento estranha provavelmente não me levará muito longe. — Precisa de alguma coisa?

Ela balança a cabeça. — Só preciso de um pouco de ar fresco. Quer almoçar antes de sairmos?

— Camarão e batata frita com abobrinha acompanhando com a porra da sua merda? — Arqueio uma sobrancelha. — É um deixa para a próxima.

— Eu me comporto. — Ela me dá um pequeno sorriso desesperado. — Por favor? Eu apenas preciso...

— Uma viagem urgente para a reabilitação?

Ela me dá um sorriso exausto e acho que vejo a verdadeira Bailey

através das frestas. — Uma pausa.

Gemo, passando a mão pelo meu cabelo penteado. — Porra. Certo.

Nós dois descemos as escadas e comemos a comida de Melody. É boa, mas Bailey faz a melhor comida do mundo, sem dúvida. Principalmente porque nos meses anteriores à morte de mamãe, ela a visitava diariamente e rabiscava todas as suas receitas para que eu nunca ficasse sem meus pratos favoritos.

Ela aprendeu a fazer de tudo para meu conforto - waffles (com uma pitada de canela e silan²⁸), canja de frango com macarrão (aipo, cebola seca), bolo de chocolate (ovo extra).

Todas as receitas básicas de Rosie Cole. Ela empurrava a cadeira de rodas da mamãe para dentro da nossa cozinha e a fazia assistir enquanto preparava minha comida favorita e recebia dicas.

— *Mais uma gema.*

— *Generosa no sal.*

— *Um pouco de salsa nunca matou ninguém, Bails.*

Se assistir sua melhor amiga correndo contra o relógio para garantir que sabe fazer suas refeições caseiras favoritas não faz você se apaixonar por ela, então não sei o que faz.

Não admira que eu seja obcecado por essa garota. Toda a minha história, o que faço, está na palma da sua mão.

Uma vez, quando Bailey já estava na Juilliard e não éramos tecnicamente mais amigos, ela se sentou ao telefone comigo e conversamos pelo FaceTime por quarenta minutos às três da manhã, horário do leste, enquanto me ensinava a fazer os waffles da mamãe só porque eu me sentia nostálgico e não conseguia dormir. Ela tinha um exame importante na manhã seguinte, mas isso não a impediu. Esse sempre foi o problema entre Bails e eu. Éramos muito ruins em estabelecer limites um com o outro.

Olho do outro lado da mesa para a garota que passou seis meses

de sua vida acompanhando uma mulher moribunda para que eu ainda pudesse saborear os waffles da minha mãe e decido que não estou sendo razoável.

Só nos últimos seis meses, dois rapazes da equipe acordaram no pronto-socorro depois de festejar muito, e o treinador mal disse uma palavra. Contanto que tenham desempenho, são de ouro.

Bailey fez algumas escolhas erradas, mas não posso negar que viver em um pedestal muito alto deve ser muito chato, quanto mais solitário.

Eu deveria saber - ela e eu somos considerados os *perfeitos*.

Ela está machucada por causa do balé. E daí se experimentou um pouco de drogas? Quem diabos sou eu para julgar?

Movo minha mão por baixo da mesa e encontro a dela. Aperto. Ela passa o polegar pelos nós dos meus dedos. Um arrepio percorre minha espinha. Uma trégua silenciosa.

Depois de comermos, dirijo até o YoToGo e compro enormes copos de iogurte congelado, depois seguimos para nosso lugar secreto na floresta. Agora provavelmente é um bom momento para lhe contar sobre Thalia, mas algo me impede. Talvez o fato de não haver muito o que contar – é apenas uma ficante constante – ou talvez seja porque sei que se ela não se importar, morrerei um pouco por dentro.

Tudo bem, muito.

Bailey finalmente rompe o silêncio e pergunta — Eles ainda estão aí?

Ela está se referindo às pombas que encontramos anos atrás. Concordo. — Eles têm uma lata de comida naquela árvore. Eu reabasteço toda semana ou algo assim.

Bailey se recosta no banco do passageiro, beliscando o lábio inferior. — Por que você acha que nunca tiveram filhotes?

— Talvez eles sejam do mesmo sexo. Talvez um deles seja infértil. Talvez sejam platônicos. Talvez valorizem seu estilo de vida

independente e não se curvem a normas sociais ultrapassadas. Além disso, crianças são caras *pra* caralho.

Bailey ri, cobrindo o rosto com as mãos. — Esqueci como você é engraçado.

Deixo escapar um pequeno sorriso, mas me recuso a mostrar a ela como brilho de dentro para fora com suas palavras.

— Acho que ambas são fêmeas. — Ela faz beicinho. — As pombas.

— Isso seria minha culpa. — Coço a barba por fazer no meu queixo. — Eu provavelmente manifestei isso. Sabe que duas garotas são minha fantasia.

— Não pensei que seria tão literal.

Agora estamos ambos rindo, e o gelo pode não estar quebrado, mas com certeza está trincando.

Foi estranho a maneira como encontramos essas pombas. O dia em que encontramos essas pombas. Um presságio. Uma mensagem de cima. As pombas-tartaruga não são comuns na América do Norte, o que significa que eram fugitivas. Assim como éramos naquele dia.

Estacionamos e caminhamos até nosso canto na floresta.

Um tempo atrás, estendi um enorme pedaço de lona sobre quatro carvalhos do vale e amarrei-o em cada um dos troncos, por isso agora Bails e eu temos uma rede gigante levantada do chão para nos pendurarmos. Cerca de 4x4 metros. Está sempre cheio de folhas e sujeira, e é o único momento em que Bailey não se importa em parecer menos que completamente perfeita. Quando estamos aqui na natureza.

Subimos no topo da tela.

A língua de Bailey gira em torno de sua colher verde neon. — O que há de novo com você?

Tenho uma ficante constante e toda vez que estou dentro dela penso em você, o que é provavelmente a coisa mais merda que já fiz na minha

vida.

Papai e Knight estão me incentivando a jogar bola na faculdade.

E toda vez que penso que você pode não estar bem, tenho vontade de esfaquear o idiota sem rosto e nome que lhe vendeu aquelas drogas.

— A mesma merda de sempre. — Mastigo uma cereja congelada entre os dentes. — Como está Juilliard?

— Incrível. — Seus olhos são dois globos de neve brilhantes. — Há muito talento e inspiração lá. A cidade está cheia de cultura. Vou a uma exposição diferente todo fim de semana e dou aulas para um aluno do terceiro ano de baixa renda no Harlem, duas vezes por semana. E a comida, Lev! — Ela engasga. — Nova Iorque é o paraíso para os gourmets.

— Minha mãe me disse que Nova Iorque era sua cidade favorita — digo. — Meu pai e ela começaram a se ver lá. Acho que só se mudaram para cá porque ela queria ficar perto da tia Emília.

Bailey sorri e, pela primeira vez hoje, reconheço a garota que me ensinou a amarrar os sapatos e a pular no rio perto de nossa casa.

— Sempre penso sobre isso — ela murmura. — Lembra quando sua mãe nos contou que seu pai encomendou para ela todas as rosas de todas as floriculturas do quarteirão?

— Sim. — Meu sorriso está prestes a dividir meu rosto ao meio.

Bailey fica rosada, afundando os dentes brancos no lábio inferior.

— Há alguns meses fui até aquela rua para ver se as floristas ainda estavam lá. Quatro das cinco estavam. Comprei alguns buquês em cada loja e enviei para mamãe. Ela os colocou no túmulo de Rosie.

— Foi você? — Minhas sobrancelhas saltam. — Meu pai pensou que ela tinha uma admirador. Deveria ter visto o colapso.

Bailey ri loucamente. — Está brincando comigo, certo?

— Um pouco — eu rio.

— Caramba! Pensei ter lhe contado. Minhas habilidades

cognitivas deveriam atingir o pico aos dezenove.

Bailey faz coisas boas porque quer fazê-las, não porque quer reconhecimento.

Um ano atrás, eu teria explodido em confetes vermelhos em forma de coração com esta confissão, mas ela não é a mesma garota de um ano atrás.

— Obrigado, Dove. Esse foi um belo toque. — Pressiono meu punho em seu braço.

Ela bate o ombro no meu e rouba uma colherada do meu Froyo.
— Não seja um sap²⁹, Levy.

— Sabe ao menos o que significa sap? — Levanto uma sobrancelha.

— Duh. Sistemas, aplicações e produtos em processamento de dados. Uma das minhas aulas era ciência da computação, lembra? — Ela bate na têmpora.

— Nerd — sussurro alto.

— Atleta estúpido. — Ela sopra um beijinho.

Nós dois fingimos rir, embora prefira colocar a língua dela na minha boca e beijá-la até o fim.

Como se fosse uma deixa, nossos dois pombos-tartaruga descem do ninho e vêm até nós.

Perseu e Andrômeda.

Bailey escolheu os nomes. Algo sobre grande e incondicional amor e superação de obstáculos juntos. A piada é ela, porque essas vadias estão vivendo sem pagar aluguel em um ninho que eu literalmente fiz para elas. *Idiotas privilegiados*.

Andrômeda, sem penas azuis como Perseu, também não tem uma perna, então é fácil diferenciá-los. Pousam no canto mais distante da tela, perto de nós, mas não muito perto do conforto. Eles nos conhecem e ficam felizes em nos ver.

Para Bailey, digo — Quero ir para Nova Iorque antes da faculdade. Visitar todos os lugares que mamãe adorava. Seu antigo apartamento.

— Devíamos fazer isso juntos! — Ela se ilumina e parece tão estúpido. Fazendo planos com essa garota que nem é mais minha amiga e nem é mais ela mesma. — Fazer o *Tour de LeBlanc*. — Ela mexe as sobrancelhas, colocando um sotaque francês horrível. — *St. Paul's Chapel*³⁰, *Lady Liberty*³¹, *Battle of Brooklyn*³²... e aqui, senhoras e senhores, a dama Rosie LeBlanc devolveu ao Sr. Dean Cole sua bunda!

Eu rio apesar de tudo. Agora ela parece minha melhor amiga novamente. Fomos os últimos da ninhada. As crianças invisíveis. Sem problemas. Sem drama. Notas perfeitas. Nossos SATs são uma loucura - o meu é 1560 e o de Dove é um 1600 perfeito e brilhante.

— Como encontrou um traficante de drogas, afinal? — Não consigo dar um descanso a esta coisa.

Com a minha pergunta, o rosto de Bailey se afasta e suas narinas se dilatam. — Isso realmente importa?

— Essa é uma pergunta real? — Pisco lentamente. — O bastardo anda por aí vendendo analgésicos batizado às pessoas. Sim, acho que importa.

Ela encolhe visivelmente. — Não tenho o nome dele e, de qualquer maneira, não foi nas dependências da escola.

— E se ele vender para outras pessoas? E se...

— *Ohmeumax*, poderia calar a boca? — Ela diz, tirando um baseado do bolso e acendendo-o como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Não sou eu quem tem genes de abuso de substâncias aqui. Pare de projetar, Cole.

Ela voltou a ser uma vadia novamente.

Estou recebendo uma chicotada, mas estou começando a ver que esta é a sua nova versão.

Agradável e normal em um momento, e um maldito inferno no

seguinte. Ela está exibindo um comportamento de viciada. Além disso, é apenas um ano mais velha que eu. Não uma jovem de trinta e poucos anos com a chave para todas as verdades contundentes deste universo.

Minha mandíbula trava com força. — Seu humor muda mais do que um pau mole no vestiário hoje em dia. — Meus olhos descem para a ponta iluminada do baseado. — E desde quando você fuma?

— Desde que encontrei um baseado no quarto de Daria — provavelmente no de Penn — e decidi relaxar um pouco. Qual é o seu problema? — Ela torce o rosto como se eu estivesse fedendo. — Foi você quem me ofereceu meu primeiro quando estávamos na escola.

— Isso mesmo. — Dou a ela um olhar nivelado. — Antes de ser uma drogada.

Pronto. Eu disse isso. Está aberto e não voltarei atrás. Tudo que precisa é dar uma olhada nela para ver que ela definitivamente não é a mesma pessoa.

Ela enfia seu copo Froyo em um saco de lixo bufando. — Bem. Estou farta de ser interrogada.

— Quero que mijie em um copo — ouço-me dizer.

— Desculpa? — Suas sobrancelhas estão prestes a saltar da testa e me atacar.

— Problema com isso? — Falo lentamente. — Eu mijo em um copo a cada dois meses. Posso fazer isso enquanto durmo. E conheço um laboratório que libera resultados de testes em seis horas. Prove-me que não está usando. Deixe minha mente tranquila.

— Sua mente não é da minha conta. — Seu rosto tensiona. — Talvez eu devesse pedir *para você* mijar em um copo, considerando a história da família.

— Ser uma vadia não ganha nenhum ponto de sobriedade. — Balanço minha cabeça. A velha Bailey nunca foi tão espinhosa, tão irritada. E nunca fumaria um baseado. Chamava os cigarros de “bastões de câncer” e os baseados de “varinhas idiotas”.

O que parecia meio erótico, mas tanto faz.

— Ser um idiota arrogante também não faz de você meu melhor amigo.

Dove se separou oficialmente de suas faculdades. É assim que sei que ela é uma usuária. Não há como minha ex-melhor amiga dizer algo tão desagradável. Ela sabe que meu irmão mais velho teve uma overdose quando minha mãe estava morrendo. Foi a primeira pessoa em quem confiei depois que Luna me contou.

— Se você não tem nenhum problema — digo por entre os dentes — então porque tudo o que digo te faz pular fora de sua pele? Por que parece ter uma doença vitoriana debilitante? Por que suas pupilas são do tamanho de pratos?

— Bem, isso é porque quando tive alta eles me deram...

No entanto, não a deixo terminar. — Você tem duas opções - ou me deixa ajudá-la ou eu saio dessa confusão e voltamos a ser estranhos. Porque vê-la se destruir não é uma possibilidade. Vi a pessoa que mais amo no mundo morrer, e ela não teve escolha. Não fez isso consigo mesma. Não deixarei você se matar sob meu comando. Entendido?

— Belo discurso. — Bailey salta da tela, fazendo Andrômeda fugir por cima do ombro. Ela tira a poeira dos joelhos e olha em volta, com o nariz empinado. — Estou pronta para ir para casa agora, babaca.

* * *

Uma merda de baseado.

Ela puxou a porra de um baseado.

Meus pensamentos giram dentro da minha cabeça. Não trocamos nenhuma palavra no caminho de volta. Depois de deixar Bailey, vou para casa.

Eu me sinto um lixo.

Bailey está bem como se eu fosse um piloto de caça. O que, infelizmente, nunca serei, graças ao papai e ao Knight me incomodando em me tornar profissional e, sabe, em evitar ser morto.

Não é típico de Bailey se fazer de boba. Normalmente ela mijaria em uma maldita jarra de leite para provar que estou errado.

Abro a porta e deixo minha mochila na entrada. Papai está se arrastando no pátio. Seu telefone preso entre a orelha e o ombro. Sua voz é abafada pelas portas de vidro — Lev está em casa. Eu te ligo mais tarde, Dix.

Ele abre as portas de vidro e entra, com um pano de prato pendurado no ombro musculoso. Há uma pilha de bifes suculentos em um prato em sua mão. Papai é uma raposa prateada. E um gestor de fundos de investimento.

Ele poderia ter quem quisesse, mas o que quer, aparentemente, é colocar a mãe biológica de Knight, Dixie, na zona de amizade, no próximo século e viver como um monge.

Ele também a chama de Dix, o que é muito parecido com pau. Bem, não sou um grande romântico, mas nunca chamaria alguém com quem quisesse foder de Dicks³³.

Ou qualquer tipo de genitália, na verdade.

Talvez eu não saiba nada. Talvez ele tenha desligado com pressa porque estavam fazendo sexo por telefone e na verdade estou atrapalhando. Espero que seja esse o motivo, mas ele não parece estar pronto para seguir em frente.

Quando mamãe morreu, ele enterrou o seu coração junto com ela. Há um buraco enorme em seu peito. E a única coisa que parece preenchê-lo é o meu futebol.

— Por que tão secreto? — Roubo um pickles da salada e coloco na boca.

— Por que tão paranoico? — Ele deixa cair o prato cheio de bife na mesa de jantar. — Só queria cumprimentá-lo. Thalia não deveria vir jantar?

Papai vai até a cozinha chique, onde há uma salada fresquinha e pãezinhos havaianos esperando na mesa de cristal, junto com San Pellegrino.

Eu o sigo com os olhos enquanto lavo as mãos na pia. — Cancelei.

Ele produz um som do fundo da garganta. — Puxa. Não esperava por isso a uma centena de quilômetros de distância.

— Sarcasmo é a forma inferior de humor, pai.

— Ainda inteligente, no entanto. Tiro minhas vitórias onde posso encontrá-las. Como foi o treino?

Merda. — Bom.

— Sim? — Seus olhos permanecem na lateral do meu rosto. — Engraçado, porque vi o treinador Taylor no Whole Foods algumas horas atrás e ele disse que você estava de folga. Na verdade, disse que encontrou sinais de futebol ofensivo mais capazes do que você no treino de hoje.

Aquele maldito informante. Ele conhece papai desde seu auge jogando futebol, então sempre compartilha demais com ele.

— Bailey está de volta — resmungo.

— Foi o que ouvi. — Ele serve um lombo, uma salada e um pouco de pão para cada um de nós. Já comi na Mel, além do Froyo, mas estou morrendo de fome de novo.

— Como ela está lidando com as coisas? — Ele me olha do outro lado da mesa quando nos sentamos.

Para surpresa de ninguém, a casa permaneceu completamente intocada depois que mamãe morreu de fibrose cística, há quatro anos.

Nenhuma foto foi movida. Nenhuma parede pintada. Até mantivemos as lâmpadas velhas até começarmos a experimentar alguma merda paranormal de próximo nível. Luzes piscando, cortes de eletricidade, coisas explodindo; Papai não nega a morte de mamãe. Ele sabe que ela está morta; apenas decidiu matar qualquer chance de

amor ou companheirismo junto com ela. Um verdadeiro pombo-tartaruga.

Em resposta, resmungo em minha comida.

— Pode dizer isso com palavras? — Ele me estuda.

— Não seja ganancioso. — Meus utensílios tilintam no prato caro.

— A seguir, você pedirá frases inteiras com vírgulas e tudo o mais.

Ele me fixa com um olhar. Estou sendo difícil. Estou nervoso por causa de Bails e só queria que ele me contasse o que está acontecendo entre ele e Dixie.

Se ele tiver alguém além de Knight e eu... talvez não pareça uma traição me inscrever na Academia Air Force Academy antes da data limite. O tempo está passando. Não me resta muito tempo. Fico desconfortável porque todas as esperanças e sonhos do meu pai giram em torno da ideia de me tornar um jogador da NFL.

— Ela parece cansada, mas bem — digo.

— Fique de olho nela.

— Planejo fazer isso.

— O vício é um filho da puta durão.

— Ela diz que não é viciada. — Mastigo um succulento pedaço de bife, imerso em pensamentos.

— Eu também disse isso. — Ele suspira. — E Knight também.

— Obrigado, pai, por me lembrar que literalmente todas as pessoas com quem me importo tentaram se matar em algum momento.

Acho que é meu destino amar as pessoas que jogam roleta russa com suas vidas.

Muito obrigado, Karma. A propósito, endereço errado.

Encho a boca com um pãozinho, mastigando devagar.

— Mudança de assunto? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Essa é uma boa ideia.

— Você recebeu um panfleto pelo correio hoje. Academia Air Force Academy. — Ele revira os olhos como se eu tivesse sido convidado a participar de um culto satânico.

Meu coração acelera. Ele não tem ideia, não é? É assim que ele me conhece pouco. — Se você me perguntar, é ultrajante que eles ainda enviem essa propaganda para todos os estudantes do ensino médio que estão prestes a se formar. — Ele espeta um pouco de carne com o garfo, apontando para mim antes de dar uma mordida. — Gosto do meu filho vivo e inteiro.

Não é tudo sobre você, pai.

A Air Force Academy enviou aquele panfleto porque preenchi um formulário de interesse. Agora terei que vasculhar o lixo para encontrá-lo. Estou igualmente apavorado e animado. Eu quero ler. Mesmo que nada resulte disso.

— Todo mundo quer seu filho inteiro. Verifique seu privilégio, pai.

— Quando você está certo, está certo.

Há silêncio.

Nunca houve silêncio, mas então construí um simulador de voo avançado no sótão, completo com cabine, pedais TPR e monitor curvo e passei cinco horas por dia nele no máximo, e ele e Knight começaram a ficar desconfiados. Quando comecei a trabalhar como voluntário no aeroporto privado local e entrei em contato com o ATC, perderam a cabeça realmente. Eles sabiam que eu falava sério sobre me tornar um piloto de caça.

Papai ignora a tensão. — A próxima sexta-feira será difícil. St. John Bosco tem um excelente histórico. Está nervoso?

— A última vez que jogamos contra eles, o treinador deles atacou o quarterback e aqueceu o reserva antes mesmo de começarmos a suar. — Dou de ombros.

Se papai demorasse um segundo para tirar a cabeça da bunda, veria que não acho o futebol interessante ou divertido. A última vez

que assisti ao Super Bowl eu tinha uns doze anos. — Vai comer aquele pãozinho? — Empurro meu queixo em direção ao seu prato. Eu nem sei por que estou perguntando. Perdi todo o apetite.

Ele balança a cabeça. — Sirva-se.

Comemos o resto da refeição com papai distribuindo estatísticas de futebol e me dando dicas para o jogo que se aproxima. Quando terminamos, lavo a louça, pego o panfleto na lata de lixo, vou para o meu quarto e olho para a rua, para a janela de Bailey.

As luzes estão apagadas. Exatamente como seus olhos estavam hoje. Mesmo assim, abro a janela e grito para ela — Como está o céu esta noite, Dove?

Ela não responde.

Foda-se ela.

CAPÍTULO CINCO

Lev

QUATORZE ANOS

— Provavelmente deveríamos voltar. — As palavras finalmente saem da minha boca, depois que Bailey e eu estivemos nesta floresta pelo que parecem séculos.

Enterramos mamãe hoje. Depois fugimos para cá e fomos para a guerra contra a natureza. Estamos ambos sangrando, exaustos e confusos.

Bailey levanta meu braço e me arrasta de volta para nossa rua sem saída. Ela está suportando todo o meu peso sob seus ombros magros. Resmunga de dor a cada passo que dá, mas não facilito as coisas para ela porque estou muito ocupado sentindo pena de mim mesmo.

Quando chegamos a rua sem saída, ela vai para a casa dela, não para a minha. Tenho certeza que as pessoas estão nos procurando. Nossos telefones foram desligados desde que papai disse que nos mataria se ouvisse um toque durante a cerimônia.

Na sua casa, Bailey me traz roupas secas do armário do pai e me prepara um banho quente, jogando um monte de bombas de banho femininas para deixar a água rosada e com cheiro de marshmallow.

Quando saio, desço as escadas descalço e a encontro na cozinha. Suas roupas ainda estão úmidas e seu cabelo parece um fardo de feno. Um aroma delicioso de massa fresca e enroladinhos de carne condimentados saídos do forno. Ela fez a receita secreta da mamãe para minha refeição favorita. Burek. É uma torta com carne e é incrivelmente deliciosa. Comi-o pela primeira vez há seis anos, durante uma viagem em família à Turquia. Mamãe jurou que

aprenderia a fazer e acabou dando seu próprio toque – o dela não tinha apenas carne de cordeiro, mas também cogumelos cremosos e queijo derretido.

O burek de Bailey – fresco e quente – é uma réplica tanto na aparência quanto no sabor. Até o gergelim regado por cima, colado com gema de ovo, e molho de espinafre e batata ao lado.

A massa é crocante entre meus dentes. Os diferentes sabores se desenrolam na minha boca. Inclino a cabeça para trás, deixando minhas pálpebras caírem. — Como? — Gemo. — É estranho.

Bailey se senta à minha frente, com o rosto e o vestido ainda cobertos de lama. — Este demorou sete vezes para acertar. A massa tem que ser super fina.

— Diga-me o ingrediente secreto dela.

— E perder minha vantagem sobre você? — Ela curva uma sobrancelha, blasé. — Sonhe, Cole.

— Você deveria fazer o que peço. Minha mãe acabou de morrer. — Termino o resto com uma só mordida e lambo os dedos, soltando-os com um estalo.

— Cara, você não consegue nem ligar o forno. Certa vez, preparou um peru cru no micro-ondas no Dia de Ação de Graças.

— Papai nunca deveria ter me dado essa tarefa. — Pego um monte de toalhas de papel e limpo o óleo residual do rosto.

— Ele não fez isso. Pedi para você dar a Rosie! — Ela está prestes a rir, mas reprime. Acho que pensa que ficarei bravo se ela mostrar que está feliz novamente.

Olho para o meu relógio e, porra, são dez da noite. Há quanto tempo estamos fora? Jaime e Mel ainda estão em nossa casa?

Como se lesse minha mente, Bailey morde o lábio inferior. — Provavelmente todos estão nos procurando.

— Ainda não estou pronto para enfrentar o mundo — admito calmamente.

— Isso não é verdade. Está de frente para mim — ela ressalta.

— Você não é o mundo. — Balanço minha cabeça. — Quase oito bilhões de pessoas neste planeta, Bailey Followhill, e é sem dúvida a minha favorita.

— Posso ser a sua favorita. — Bailey desliza a mão pela superfície, entrelaçando os dedos nos meus. — Mas você é meu único. E isso me assusta, Levy. Bastante.

Estou prestes a perguntar o que ela quer dizer com isso quando a porta da frente se abre, batendo contra a parede. Jaime, Mel, Daria e Penn entram em uma explosão de conversas acaloradas e fungadas.

— Bailey? Lev? — A ansiedade de Mel suga o oxigênio da sala antes mesmo de ela entrar. — Estão aqui?

— Na cozinha, mãe. — Bailey fica de pé, impedindo que todos me acessem.

Neste momento, não consigo me imaginar deixando-a se apaixonar por outra pessoa. Sempre querei cada pedaço e átomo de Bailey Followhill. Cada célula e sorriso. Cada maldita respiração pertence a mim.

Isso me assusta, as coisas que sou capaz de fazer para mantê-la. Acho que não tenho limites. Nenhuma consciência saudável. Se for ela ou todo o destino da humanidade, ainda não pouparia um momento para pensar - foda-se o mundo. Eu a escolho.

— Oh meu Marx, matarei vocês! Você nos assustaram até a morte! — Daria ataca sua irmãzinha, balançando os ombros com as unhas de salão com pontas rosadas. — Vou te matar, Bails.

— Wow, Dar. Ótima escolha total de palavras. Muito sensível. Deveria escrever discursos para presidentes — Bailey resmunga enquanto educadamente se desembaraça das garras da irmã.

— Estou sentindo uma energia pesada de Peixes nesta sala agora. — Daria franze a testa, olhando entre nós. — Aconteceu alguma coisa ruim?

— Sim — digo categoricamente. — Minha mãe morreu.

— Eu quis dizer além disso. — Daria nem sequer cora; é uma vadia durona. — Rosie era pisciana?

— Acho que sim. — Daria é louca. Eu realmente quero o seu grupo genético para meus futuros filhos? Porra, por Bailey, sim, acho. — Por que?

Daria faz beicinho, balançando a cabeça, como se tudo fizesse sentido agora. — Ela está aqui conosco. Os piscianos têm dificuldade em se desapegar.

— Daria. — Jaime suspira e depois se vira para mim. — Desculpe, Lev, o mecanismo de enfrentamento dela é tentar melhorar o clima quando as coisas estão... — Ele para.

— Trágicas? — Eu termino por ele.

— Não, realmente. Sabe o que Richard Ramirez, Osama Bin Laden, Ottis Toole e John Wayne Gacy têm em comum? — Daria apoia a cintura na ilha da cozinha.

— Assassinos em massa deploráveis? — Bailey estremece.

Daria balança a cabeça. — Todos piscianos.

— Oh. — Bailey acena com seriedade. — Não posso acreditar que a ciência não tenha investigado isso. Podem simplesmente parar de desperdiçar todo o seu tempo e dinheiro na busca de uma cura para o câncer e superar isso o mais rápido possível?

E assim, sinto um estrondo borbulhando no meu peito. Risadas de verdade. Bailey me fez rir no dia em que enterrei minha mãe. Incrível. Quando todos terminam de nos contar o quão irresponsáveis fomos por termos desaparecido hoje, Jaime insiste que Bailey me leve para casa. Papai está esperando, e acho que nenhum deles confia em mim para não fugir novamente.

Quando vejo papai, peço desculpas e visto minha calça de moletom. Bailey ainda está por perto, ocupada, por isso vou até a cozinha pegar um pouco de água. Quando ligo o interruptor da luz,

está uma bagunça total. Restos de comida que as pessoas trouxeram e há uma garrafa de uísque com um copo meio cheio no balcão.

Engolindo em seco, vou até lá. Bebi algumas cervejas aqui e ali, mas nunca bebi. O problema é que Knight meio que prefere álcool, e papai e seus amigos também bebem, quando precisam de cabeça limpa. Talvez eu devesse tentar. Meus dedos envolvem o copo de uísque por vontade própria e o levo aos lábios.

Ouçou uma voz nas minhas costas — Não se atreva, Lev Cole.

Bailey.

Eu me viro para olhar para ela, sem sentir vergonha ou aborrecimento. Apenas exaustão. — Preciso que a dor vá embora.

— Assim não. — Ela dá um passo à frente. — Não se arruinando. Não deixarei você.

Ela pega o copo e o lava na pia, depois pega o uísque pelo gargalo e vai embora com ele, sabe Deus para onde, escondendo-o em algum lugar onde não consigo encontrar. Depois nós dois subimos e me sinto como um garotinho novamente.

Ela ainda está tremendo. Ainda não tomou banho. Ela se vira, prestes a sair pela porta, mas sou muito egoísta para deixá-la ir ainda. Agarro as pontas dos seu dedos antes que ela vá embora e aperto. Seus dedos imediatamente vibram sobre os meus.

— Fica? — Sussurro.

Seu rosto suaviza. — Nunca pensei em ir embora, bobo.

Ela fica sentada no meu quarto até eu adormecer. Literalmente.

Arrasta uma maldita cadeira de balanço da varanda dos meus pais, do outro lado do corredor, e se senta e me observa enquanto sucumbo à exaustão. Não apenas de hoje – de anos de preocupação e cuidado com a mamãe. De ir para a cama à noite orando e negociando com Deus que eu acordasse de manhã e ela ainda estivesse viva.

Quando acordo na manhã seguinte, mamãe não está lá, mas Bailey está. Sua cabeça repousa sobre o ombro e sua boca está aberta.

Está dormindo. A culpa dá uma facada no meu estômago. Merda. Ela deveria ter tomado banho. Algo para comer. Dormir na própria cama. Eu me movo na minha cama, prestes a me levantar e acordá-la, mas ao som dos meus lençóis farfalhando, seus olhos se abrem. Ela sorri assim que nossos olhos se encontram.

Porra, amo essa garota.

— Ei você. — Sua voz é pura fumaça e cascalho. Ela é tão sexy e tem apenas quinze anos. Foda-me, teremos longos anos de puberdade. — Não se preocupe em procurar aquele uísque porque eu escondi bem.

Eu balanço minha cabeça. — Não tentarei isso de novo. Obrigado por me parar.

— A qualquer momento.

— Acha que algum dia para de doer? — Pergunto.

— Não — ela diz suavemente. — Desculpe.

— Tudo bem. — *Que porra é essa?* Ela deveria dizer sim, mesmo que não seja sincero. Já assistiu um livro/filme/programa de TV antes? Os clichês foram inventados por uma razão, caramba.

— O luto é como um monstro. Esse monstro está com fome. Come tudo o que está dentro de você, mas um dia acordamos... e descobrimos que está cheio. Que está satisfeito.

— O que acontece quando está cheio?

— Ainda é um monstro, mas não é mais assustador.

— Parece terrível. — Eu torço o nariz.

Ela se recosta na cadeira de balanço, refletindo sobre o assunto.

— Parece vida para mim. Estamos fadados a nos machucar. A vida é uma jornada e nenhum caminho que valha a pena seguir é suave e sem solavancos. A vida é um empréstimo, não um presente, Levy. Aproveite enquanto tiver.

CAPÍTULO SEIS

Bailey

— Como foi? — Mamãe me espia por trás de seus óculos enormes de grife, segurando o volante.

Deslizo para o banco do passageiro e aperto o cinto, abaixando a cabeça. A última coisa que preciso é ser vista saindo de um centro de reabilitação.

— Ótimo. Podemos ir para casa agora?

— Está bem, tudo bem. — Ela sai da vaga de estacionamento e entra no trânsito enquanto eu deslizo mais para baixo no meu assento, desesperada para passar despercebida.

Minha consulta ambulatorial na reabilitação foi um monte de coisas: reveladora, deprimente, horrível... mas não foi ótima. A primeira parte foi uma reunião individual com um conselheiro que fez muitas perguntas invasivas sobre minha vida.

Continuei lhe explicando que não era uma viciada, nem de acordo com a definição do Merriam-Webster nem com a definição clínica, mas ele continuou balançando a cabeça e fazendo anotações. Foi a primeira vez que alguém não me levou a sério em uma década, e não gostei nem um pouco da sensação.

Depois havia o grupo de apoio. Não falei uma palavra. Eles nos chamavam de “sobreviventes”. Senti como se estivesse em um episódio de *The Last of Us*. Embora achasse as histórias de algumas pessoas comoventes, não conseguia me identificar com nenhuma delas. Eram verdadeiros viciados. Uma garota abortou enquanto consumia cocaína. Outro cara se embriagou e sua mãe, que estava no carro, perdeu um braço no acidente. Depois houve o veterano que bebeu até ficar em coma por três dias. Eu? Livre de drogas há quase uma semana e estou bem.

Quero dizer, meus ferimentos estão me matando, e não me colocaria em uma sala fechada com meus inimigos e objetos pontiagudos, mas fora isso, totalmente ótima.

— Vamos as compras! — Mamãe grita. — E antes que diga qualquer coisa, eu realmente vi ótimas promoções, por isso não terá que usar meu cartão de crédito. Todas coisas acessíveis, eu juro.

Verifico a hora no meu relógio. Lev deve sair da escola na próxima hora ou assim.

Ele provavelmente passará por aqui para me ver depois do desastre de ontem, e estou com vontade de vê-lo se humilhar um pouco por sua atitude de *superioridade* em relação a mim. — Obrigada, mãe, mas estou meio cansada.

— Cansada de quê? Ficou em casa o dia todo.

O que ela é, a polícia do tempo? — Do semestre.

— Tem trabalhado até os ossos... — Ela franziu os lábios, uma pequena carranca marcando sua testa.

— Falando nisso, ouviu alguma coisa da Juilliard?

Eu sei que mamãe está tentando me proteger de más notícias. De qualquer notícia, mas é da minha vida que estamos falando. Ou o que sobrou dela, pelo menos.

Ela levanta seus óculos Gucci até o nariz empinado. — Não, e de qualquer forma, você deveria se concentrar na sua recuperação.

— De quê? Da sua superproteção? — Tento aliviar meu tom, mas é óbvio que estou irritada.

— Não estou sendo superprotetora. Estou sendo cautelosa.

— Está lendo minhas mensagens de texto — respondo.

— Se você agir como uma criança, será tratada como tal. — Sua cabeça gira e ela me lança um olhar de desaprovação. — Só estou tentando mantê-la segura, tudo bem?

Não. Não está bem. O oposto de bem.

Foi ela que me fez me apaixonar pelo balé. O palco. Os figurinos. A destreza do corpo humano. Ela me vendeu seu sonho e eu o comprei com meu último centavo emocional, sem ler as letras miúdas.

Mamãe me colocou em um pedestal como uma bailarina talentosa, e desde então passei todos os momentos da minha vida tentando provar a ela que era um ótimo investimento. Era tudo muito bom e elegante quando trazia campeonatos, prêmios de honra e medalhas. Agora que as expectativas estão alcançando meu corpo, de repente, não posso mais ser confiável para ter um telefone. Isso é tão hipócrita.

— Foi você quem me incentivou a escolher a Juilliard. — Cruzo os braços sobre o peito. — Literalmente jogou fora todas as outras cartas de aceitação no minuto em que fomos aceita.

E foi um *nós*.

Minha jornada era dela. Não tive escolha. Ela queria que eu realizasse o sonho que escorregou entre seus dedos, e eu estava arrasada demais para fazer uma pirueta na direção de outro sonho. Enquanto Daria lutou para descobrir seu verdadeiro eu, fiquei contente em ser moldada pelo da minha mãe.

Até gostei. Sendo a escolhida. A garota que conseguiu.

— Bem, minhas prioridades mudaram. — Ela franze os lábios.

Minha ansiedade é uma maré que se espalha por todo o meu corpo, me varrendo até que minha cabeça esteja prestes a afundar. Estou me afogando em meu próprio medo, com falta de ar. Por alívio. Por drogas. Então as palavras enchem o ar e, horivelmente, parece que estão saindo da minha boca.

— Suas prioridades parecem tão inconstantes quanto sua moral. E você dormiu com um aluno seu, isso diz muito.

Coloco a mão na boca assim que as palavras saem. Mamãe estremece visivelmente, mas não responde.

O que diabos acabei de dizer a ela? Estou horrorizada e enojada comigo mesma, mas, honestamente, minha ansiedade é tão grande

que sinto como se estivesse presa no corpo de uma estranha, e esse corpo está em chamas. Mais ou menos como eu estava com Lev ontem.

Quando chegamos em casa, desço e fecho a porta. Nosso porão é um estúdio de dança improvisado e uma academia. Mamãe o converteu quando deu aulas particulares de balé para Daria e para mim.

Há uma barra de balé ao longo da parede espelhada. Pratico aqui, mas meu corpo está com uma dor terrível desde que parei de tomar analgésicos fortes. Ponho música clássica que sacode as paredes e me esforço ao limite, ignorando a razão, a lógica e meu corpo.

Verifico meu telefone e noto três chamadas perdidas da minha irmã, junto com algumas mensagens de texto.

Dária: Oi <3

Dária: Responda :/

Daria: Vadia, não finja que tem uma vida fora da escola/ caridade/ser assustadora, fadada a implodir um dia perfeita.

Daria: Ouvi dizer que passou de uma boa garota para uma menina má em menos de um ano letivo.

Daria: Ah, vamos lá, estou BRINCANDO.

Daria: ESTOU OFICIALMENTE ESCONDENDO DE VOCÊ FOTOS FOFAS DA SISSI ATÉ QUE RESPONDA.

Ela continua ligando e eu continuo me esquivando. Não estou pronta para a mudança na dinâmica em que ela é a adulta responsável e eu a filha rebelde que tem mais problemas do que a *Teen Vogue*.

Às três e meia, a campainha toca. Lev demorou, mas estou feliz por não ter mandado uma mensagem para ele primeiro.

Ele errou ao investigar o que aconteceu ontem.

Só quando abro a porta da frente é que me lembro que Lev nunca bate ou toca. Ele entra de rompante, como o carro esporte que usa para correr todo fim de semana.

Meu coração afunda. As pessoas não sabem que é falta de educação existir e chamar alguém quando esse alguém está

pateticamente apaixonado por outro alguém e esperando por ele? Cortesia comum, pessoal.

A princípio, acho que estou me olhando no espelho. Depois me lembro que estou usando calça de pijama xadrez, sutiã esportivo e tenho olheiras. Uma loira baixinha, extremamente musculosa e magra, com um suéter tricotado azul marinho, saia branca *tennis skirt* e tênis Air Force 1 combinando, está parada na minha frente.

Ela é minha cara-metade – estilo antiga Bailey, pelo menos – e me parece familiar, mas não consigo localizá-la em meu banco de memória.

— Bailey? — Ela sorri, empurrando um prato cheio de biscoitos de aveia no meu peito. — *OhmeuDeus*, oi! Thalia. Mulroney!

Não querendo parecer indelicada, pego o prato e sorrio de volta. Droga, por que não a reconheço? Eu já a conheci antes.

— Ei. Muito obrigada. Eu... fui sua mentora no acampamento de dança?

A resposta a essa pergunta é um não, porque a expressão esperançosa de Thalia desmorona como um dos biscoitos que acabou de me dar.

— Não. Eu estava no primeiro ano quando você estava no último ano na All Saints High. As pessoas sempre nos confundiram? — Ela tenta refrescar minha memória, rindo com uma estranheza adorável.

A fixa cai. — Thalia, claro! Sinto muito. Entre.

Abro mais a porta. Ela entra, me seguindo até a cozinha. Nunca fomos apresentadas formalmente, mas de vez em quando trocávamos sorrisos e revirar de olhos, quando outras pessoas nos diziam como éramos parecidas.

Não sei o que ela está fazendo aqui, mas estou grata por estar aqui, já que meus pais me colocaram em prisão domiciliar. Na verdade, nem tenho certeza se posso receber visitas, mas me farei de boba se meus pais me incomodarem com isso.

— Quer um café gelado? — Pergunto.

— Eu mataria por um pouco de cafeína agora.

— Então, é dose tripla.

— Aww, Bailey. Ainda um anjo.

Que está atualmente passando por um inferno, mas tanto faz.

Começo a fazer café, ignorando a sensação persistente de que estou apenas fingindo ser normal, viva e uma pessoa real. Não sei o que há com minha ansiedade, mas sinto como se desempenhasse um papel em um programa cafona sobre a maioridade, e não realmente vivenciando esse momento.

Mamãe está em uma chamada do Zoom lá em cima – ela faz parte de um comitê que concede bolsas de estudo para escolas de dança a estudantes de baixa renda – e papai está em Seattle a trabalho.

Daria mora em São Francisco com seu marido estrela dos 49ers³⁴, por isso estou mais sozinha do que uma batata frita sem sal.

— Então, hum, como estão as coisas na escola atualmente? — Pergunto, em vez de fazer a pergunta óbvia – *o que está fazendo aqui?* – enquanto coloco cubos de gelo em forma de coração em um frasco Mason e ligo nossa máquina Nespresso.

Normalmente tenho muito prazer em fazer as pessoas se sentirem em casa e fazer coisas boas para elas, mas agora, estou apenas marcando caixas.

Fazendo café – confere.

Conversando um pouco - confere.

Thalia apoia os cotovelos na ilha de tampo de madeira, estudando o que está ao seu redor com lábios franzidos e cheios de gloss. — Você sabe, o de sempre. As líderes de torcida são más, os atletas são estúpidos, as pessoas que não estão no auge do ensino médio estão odiando. E você? A Grande J! Estou tão ciumenta.

Adiciono agave azul e canela ao leite de aveia e cubro com chantilly sem gordura.

Sei por que ela está perguntando. Não sou idiota. As pessoas da minha antiga escola descobriram sobre a minha suposta overdose. Ouvi dizer que há um TikTok por aí, mas supostamente Daria relatou isso várias vezes para derrubá-lo. A culpa aperta meu coração. Eu realmente deveria ligar de volta para minha irmã.

— Na verdade, estou super bem.

— Aposto que está! — Thalia bate palmas alegremente. — Foi isso que eu disse a todo mundo: drogas? Bailey? Nuh-huh. Honestamente, as fofocas das pessoas estão fora de controle hoje em dia.

Sentindo-me validada, aceno. — Foi apenas um acidente. Tipo, você joga vôlei, certo? Sabe como é. Tomei um analgésico. E... acho que havia algo nisso.

— Ginástica — corrige, aceitando a bebida que preparei para ela. Nós duas chupamos no canudo de papel rosa. Ela pisca os cílios postiços. — E, meu Deus, entendo totalmente. Passei por uma fase intensa de Tylenol no ano passado. Rompei um ligamento e tinha que avançar para o campeonato estadual.

Estalo meus dedos. — Aí está.

— E, olhando para você agora, também discordo que esteja magra. Parece totalmente bem para mim. — As pessoas acham que estou magra? Thalia enrola seu cabelo. — Honestamente, a toxicidade na academia competitiva é insana. Espero que quando caírem – e todos caíremos um dia – também haja dezenas de câmeras gravando tudo.

Sorrindo cansada, digo — Espero que não. Só porque as pessoas são péssimas não significa que temos que descer ao nível delas.

— Você tem razão. — Thalia morde o lábio inferior, pensativa. — A verdade é que eu adoraria uma chance na Juilliard, mas não há como meus pais pagarem a conta por algo assim. Eles não são... sabe, como os seus.

— A Kovner Fellowship oferece uma oportunidade completa —

digo de forma encorajadora. — Conheço muitas pessoas que estão lá apenas por mérito.

Ela bufa. — Não faço uma história convincente o suficiente. Além disso, minhas notas são um lixo.

— Sempre há esperança.

— Ah, eu tenho esperança. *Com sorte*, me casarei. — Thalia balança os ombros e solto uma risada. Depois ela fica toda séria e se inclina sobre a ilha, com um sorriso conspiratório decorando seus lábios. — Olha, sei que deve ser uma pena ficar presa aqui, longe da faculdade. Se você quiser sair, estou aqui.

— Obrigada. — Pego um de seus biscoitos e mordisco. Baixo a guarda, embora não tenha muita certeza do que está acontecendo com essa garota. — Todos ao meu redor pensam que tenho um problema com drogas.

Ela finge bocejar. — Se julgar fosse um esporte, esta cidade teria um número recorde de atletas olímpicos.

— Certo? — Eu bufo.

Nossa, é bom finalmente conversar com alguém que não está olhando para mim como se eu tivesse escapado do elenco de Euphoria. — Meus pais estão sendo completamente autoritários. Trancaram todo o álcool e remédios no quarto deles... — Não acrescento que na verdade tentei colocar as mãos em algumas dessas coisas durante uma noite particularmente desesperadora e sem dormir. — E não me deixam sair desacompanhada.

— Você tem dezenove anos. Pode fazer o que quiser — ressalta Thalia. — E você me parece completamente saudável e normal.

— É por isso que veio aqui? — Pergunto. — Para verificar se estou bem? — Tenho que amar garotas que realmente querem consertar as coroas umas das outras.

Ela quebra um biscoito ao meio, colocando um pedaço na boca enquanto encolhe os ombros. — Quando soube do que aconteceu, fiquei meio impressionada. Sempre te admirei na escola. Se você tiver

problemas, que esperança há para o resto de nós?

— Muita esperança. — Sorrio tristemente. — Mesmo a maçã mais brilhante pode estar cheia de minhocas.

Penso na pessoa com quem fiz sexo. Sobre as drogas. Sobre a maneira como tenho tratado minha família e Lev desde que voltei. Continuo tentando fazer melhor, mas me sinto tão crua. Toda carne rosada e nervos expostos.

— Além disso... — Thalia baixa o olhar para o colo. — Você é super importante para alguém que é super importante para mim. Eu te quero saudável e próspera.

— Oh? — Isso chama minha atenção. Endireito minhas costas. — E quem é esse?

— Lev Cole.

Eu me inclino como se ela tivesse me chutado no estômago. Ela poderia muito bem ter me cortado com uma faca de açougueiro e derramado álcool em todos os meus órgãos internos.

Nem sei por que estou tão chateada com o que ela disse, mas estou.

Esperava que Lev não tivesse amigos? Ficar em casa depois da escola e ansiar por mim?

Quer dizer, foi isso que fiz na Juilliard, mas Lev e eu somos raças diferentes. Ele é uma réplica de seu irmão e pai. Dotado sem esforço, atlético insano, mais gostoso que o nono círculo do inferno e, honestamente, muito fora do meu alcance. Pode iluminar Las Vegas com um meio sorriso. As garotas enfiam suas calcinhas e cartas de amor em seu armário. Ele foi eleito o atleta mais fodível no blog de fofocas anônimas do All Saints High. O que eu pensei? Que ele ignoraria o sexo frágil pelo infinito e além?

Ele tinha que se parecer comigo?

— Lev. Claro. Sim. — Meu café desce pelo buraco errado e começo a tossir. — Estou tão feliz que sejam amigos. Ele é um cara

legal para se ter ao seu lado.

— Exato, garota. E os rapazes do All Saints High geralmente são nojentos.

— Muito — concordo com um suspiro. — Uma combinação letal de muito dinheiro e produtos para o cabelo. — Por que estou falando merda? Por que estou sendo horrível? Quem sou eu agora?

— Ah, e eu não sou amiga de Lev. — Thalia soa provocadora na sua última palavra.

— Ele é seu tutor? — Pergunto esperançosamente.

Ela balança a cabeça. — Namorado.

Aquele álcool que ela derramava em minhas entranhas? Sim. Acontece que é ácido de bateria.

— Ohhh, Lev é seu namorado! — Minha voz é tão aguda que tenho quase certeza de que me ouviram em Marte.

— Wow. Isso é... Wow. Tão... — *terrível. Deprimente. Destruidor de almas.* — Incrível! — Sem querer, jogo o prato de biscoitos no chão com um gesto selvagem e involuntário.

Uma vozinha dentro de mim vocifera: *Foi você quem o deixou. Mesmo que tenha prometido que não faria isso.*

— Oops! Desajeitada você. Deixe-me ajudar. — Thalia desliza de seu banco como uma criatura mítica erótica. Ajoelha-se – uma posição que tenho certeza que meu ex-melhor amigo conhece – e começa a recolher os biscoitos. Eu me junto a ela no chão.

Ela limpa a garganta. — Desculpe. Não queria, tipo, jogar isso em você. Eu acabei de...

— Não se desculpe! — Um grito que deveria ser uma risada sai da minha boca. Esqueci totalmente como ser um ser humano diante dessa notícia. O que são palavras? Minhas cordas vocais são uma entidade própria e perdi todo o controle sobre elas. — Eu não sou louca. Só estou um pouco surpresa por ele não ter mencionado você.

— Oh, ele não falou? — Parece que ela está prestes a chorar, e

agora me sinto uma vadia. Nós duas colocamos migalhas de biscoito de volta no prato. Nossas cabeças batem juntas. Nosso cabelo tem exatamente o mesmo tom de amarelo.

Vou vomitar.

Thalia diz — Suponho que ele queria te contar pessoalmente. É por isso que estou muito mortificada agora.

— Nunca fique mortificada por dizer a verdade.

— Não quero causar problemas.

— Confie em mim, não vai. Lev e eu nem somos tão unidos.

— Oh, não são? — Ela parece muito animada ouvindo isso. — Por quê?

Bem, eu quebrei seu coração e o transformei em um fantasma, quebrando todas as promessas que fiz a ele porque meus sentimentos por ele me dominaram.

— Sabe, nada de especial. A vida acontece, certo? — Eu rio.

Há cinco milhões de pensamentos passando pela minha cabeça. Agora estou pensando em como Thalia e eu parecemos iguais e como isso é assustador, e *ugh, ugh, ugh*, é como se Lev tivesse feito sexo comigo, mas eu não consegui fazer sexo com ele. Tão injusto.

Espere, eles com certeza fazem sexo juntos?

Claro que sim, Bails. Eles são veteranos. E gostosos. E com pulsos.

Isso é quase tão doloroso quanto assistir Vaughn, meu amigo de infância, tentar se misturar.

Não posso deixar Thalia ver o quanto estou magoada.

Não porque eu seja muito orgulhosa, mas porque não é culpa dessa pobre garota que eu tenha problemas profundos e não resolvidos com meu ex-melhor amigo. Não acredito que ele não disse nada ontem.

Estendo a mão para abraçá-la enquanto nós duas estamos de joelhos. Afago suas costas sem jeito. — Estou tão feliz por vocês dois.

— Yay. Obrigada. Ele é tão perfeito, sabe?

Confie em mim, eu sei.

Depois que fica claro que não vou soltá-la tão cedo (o que há de errado comigo?), ela gentilmente se separa do abraço e enxagua o prato na pia.

Observo do lado de fora, como se fosse a casa dela, não a minha. Ela lambe os lábios, secando o prato com um pano de prato e colocando-o em um escorredor de pratos. — Eu realmente quero me tornar sua amiga. Lev se preocupa muito com você. E... há algo mais.

— O quê? — Marx, por favor, não me diga que eles estão noivos e planejando um casamento. Eu me recuso a ser sua dama de honra. Juro, *The Show Must Go On* do Queen foi escrita sobre mim. Toda a minha vida consiste em fingir que está tudo bem. Conhece aquele cachorro sentado no fogo, isso é um bom GIF?

Olá, toda a minha personalidade. Prazer em conhecê-lo.

Thalia hesita na junção entre a cozinha e o corredor, seu rosto enrugado como um guardanapo de papel. — Às vezes me preocupo com Lev. Sinto... eu sinto que ele não está onde gostaria de estar na vida.

Minha alma desaba de alívio. Ufa. Sem casamento. Ainda.

Ela está certa. Lev está tentando agradar o pai jogando futebol americano universitário, embora sonhe em se tornar piloto desde que tínhamos cinco ou seis anos. Lev sempre foi um caçador de emoções que vive no limite.

Isso significa que ele se abriu com ela? Contou a ela sobre suas fraquezas, seus segredos? Isso é pior do que eles dormirem juntos?

Estou desmoronando como um castelo de cartas. O fato de ele compartilhar seu corpo com outra pessoa foi algo para o qual me preparei nos últimos anos, mas a sua alma, pensei, pertencia a mim. Ou pelo menos pertencia. Quando ele a recuperou? Como não percebi?

— Não fingirei que o conheço como você, mas isso não significa que não queira ajudá-lo. — Thalia me lança um sorriso triste. — Tudo bem se eu às vezes entrar em contato com você? Eu sei que eram melhores amigos enquanto cresciam e só quero ter certeza de que ambas estaremos lá para ajudá-lo.

Eu quero dizer não. É muito doloroso sair com a namorada de Lev.

Verdade seja dita, é demais compartilhar um estado com ela, mas essa garota se preocupa tanto com ele que fez uma visita a uma completa estranha. E me trouxe biscoitos. Só porque a situação é uma merda, não significa que ela seja. Ela está abrindo a porta para a amizade, e não baterei isso na sua cara por causa de ciúmes mesquinhos.

Forçando um sorriso que parece um elástico esticado em meu rosto, digo — Com certeza. Pode vir até mim a qualquer hora.

E para ser honesta, preciso de mais alguns aliados agora.

Em resposta, Thalia joga os braços sobre meus ombros e me dá um abraço. Ela cheira a jasmim, cerejas pretas e âmbar. E de repente odeio todas as flores e frutas vermelhas do mundo.

Ficamos ali por alguns momentos antes de eu me desvencilhar dela e ir até a porta. Ela entende a dica e vai embora. Depois de me despedir dela, observo pela janela da sala de jantar enquanto ela caminha até a casa de Lev. Dessa vez a dor é tão forte que nem consigo respirar.

Lev abre a porta para ela. Alto, largo, esculpido em todos os lugares. A definição de perfeição estética.

Pela primeira vez desde que o conheço, isso realmente me atinge. Não apenas a ideia de que ele é lindo – sempre soube que ele era lindo – mas agora estou deixando tudo penetrar. É como se eu sempre tivesse conhecido os ingredientes de um bolo delicioso, mas estou afundando meus dentes pela primeira vez. Tudo nele é atraente. Seus cílios pretos como fuligem — grossos, curvados e mal colocados nos

olhos de um menino.

Seus olhos parecem uma cápsula de florestas tropicais inteiras. Os planos cuidadosamente desenhados de sua mandíbula e maçãs do rosto. Estudo com os atletas mais talentosos do mundo e ainda não conheci um cara tão talentoso quanto Lev Cole.

Seus ombros – musculosos, bronzeados e lisos de Photoshop – estão envoltos em músculos. Uma tatuagem aparece em suas costelas. Aquela em que passei o dedo tantas vezes: uma rosa, feita de espinhos em vez de pétalas. Um lembrete de que as coisas mais bonitas precisam ser protegidas.

Tudo bem, Bails. É oficialmente uma voyeur. Não é uma boa aparência.

Ele dá um meio abraço nela, mas não se beijam.

Ele sorri para ela e parece que me deu um soco no estômago.

Desvie o olhar agora, psicopata.

Ela entra.

Foi ele quem a enviou para me verificar? Ele está me dando o mesmo tratamento silencioso que estou lhe dando? Eles farão sexo?

Eles fecham a porta. Definitivamente estão transando. Provavelmente agora. No piso da entrada. Na frente de Dean. Perversos. Odeio os dois. Eles não têm vergonha?

Lev tem namorada e não me contou.

Lev guarda segredos de mim.

Além do mais, guardo segredos dele. Pela primeira vez desde que deixamos de ser melhores amigos, as consequências do que aconteceu realmente me atingiram.

Preciso de algo para deixar tudo entorpecido. Cair nos braços macios e amorosos do entorpecimento e sentir como se flutuasse em meio a tudo isso.

Mamãe está no escritório, não no quarto. Posso escapar impune.

Vou na ponta dos pés até o quarto principal no andar de cima, abro a porta do banheiro e pego os remédios que eles colocaram no fundo do armário da mamãe, atrás de todas as máscaras que nunca usa. Coloco três Tylenols extra fortes na palma da mão e engulo com um pouco de água da torneira.

Sabe como está o céu hoje, Levy?

Como se fosse um maldito traidor.

* * *

Este é o ponto onde a maioria das pessoas pararia e se perguntaria por que Lev e eu nunca aconteceu.

Ele me quer. Eu o quero. Isso sempre esteve claro. Deve haver uma boa razão para a devastação que causei e ainda estou causando a nós dois. E há - Lev me ama, mas na verdade não está apaixonado por mim.

Ouçá-me: sou tudo o que Lev já conheceu. Segurei sua mão durante suas experiências mais traumáticas. Dividi a cama com ele durante a puberdade. Matei seus demônios por ele, cuidei dele até o esquecimento e voltei enquanto éramos crianças, e o ensinei a depender de mim a um ponto em que literalmente não conseguíamos dormir a menos que estivéssemos nos braços um do outro.

Esta não era a doce amizade de Knight e Luna. Esta era uma codependência que consumia tudo, ciumenta, possessiva e destrutiva.

Demorei algum tempo para perceber a quantidade de dano que causei a nós dois, mas finalmente consegui.

Em parte, é por isso que estou nesta situação. Desejo de drogas. Passei tanto tempo querendo saber quem eu era sem Lev Cole em minha vida que não levei em consideração que essa pessoa poderia ser uma adolescente fraca que não é boa o suficiente para se tornar uma bailarina.

Correr de volta para Lev agora seria como correr para um tipo diferente de droga. Iria atrasá-lo, e ele tem muitas pessoas em sua vida fazendo isso com ele. Sem falar que sou viciada em cuidar dele. Obcecada em fazê-lo precisar de mim. Por isso, mesmo que não haja nada que eu queira mais do que também estar com ele, tenho que virar as costas para isso. Para nós.

Ele merece um novo começo. Uma chance justa de um relacionamento saudável. Não uma mercadoria danificada com um lado de maus hábitos.

Dizem que se ama alguém, deixa-o ir. Se ele não retornar, é porque nunca foi seu.

Lev levou um semestre e alguns dias para encontrar uma namorada. Ele parecia feliz antes de eu chegar.

Empurrá-lo para os braços de Thalia será um favor para ele, e eu sempre fui do tipo caridosa.

Ele me agradecerá mais tarde e eu sorrirei apesar da dor. Afinal, é isso que as boas bailarinas fazem.

CAPÍTULO SETE

Lev

Fato miserável nº 357: Mais de 7.000 pessoas morrem anualmente devido à caligrafia incorreta de seus médicos.

Thalia: Esqueci de mencionar, falei com Bailey ontem e sem querer disse a ela que somos um casal, lol.

Lev:?!

Lev: 1. Por que falou com Bailey? 2. Como esse assunto surgiu? 3. Não somos.

Thalia: 1. Queria ver como ela estava. Você não é o seu dono, Lev. 2. Conversando sobre coisas. 3. Só porque não somos oficiais não significa que não seja uma coisa.

* * *

É o início do treino de futebol e, como capitão, estou liderando a parte de alongamento e condicionamento do aquecimento. Todo mundo está na grama, me observando enviar mensagens para minha alguma coisa, em vez de me preparar antes que o treinador apareça para nos dar uma nova ordem.

— Podemos trabalhar os isquiotibiais, não os dedos? — Mac sai de sua posição de um profundo alongamento 90/90.

— Sim. Ele já se masturba três vezes ao dia. Esses dedos treinam.
— Finn joga o polegar na direção de Mac.

— Não. Só tocando sua mãe.

— Ei, Ballsy, quando você fode em estilo cachorrinho com alguém e suas bolas batem na parte de trás da boceta dela, isso é considerado BDSM? — Mac bufa. Todo mundo ri.

Ballsy bate no peito. — Minhas bolas podem ser grandes, mas meu coração também. Além disso, qual é a alternativa? As passas cobertas de iogurte do Finn? — Mais risadas. Eu me pergunto se a Air Force Academy também está cheia de idiotas que pensam que Emily Dickinson é uma estrela pornô. Provavelmente não, mas como vou para uma faculdade tradicional de futebol, nunca descobrirei.

— Lembra quando ele os raspou antes de ficar com aquela garota de Las Juntas? Parecia que o pau dele estava impressado entre pães coreanos. — Gargalhadas estouram.

— Ei, ei! — Finn arranca um pedaço de grama e joga em Ballsy. — Até o David de Michelangelo era raspado. Meu pau tem o tamanho perfeito.

— Para um hamster, talvez.

— Muito bem, idiotas. É hora de entrar em forma. — Bato palmas uma vez. — Siga o meu comando. — Começo a caminhada pato³⁵ pelo campo. Todos se juntam a mim, resmungando que sou um desmancha-prazeres. Quanto menos contato visual tiver com esses filhos da puta, mais posso me concentrar no épico show de merda que Thalia provocou especialmente para mim.

Lev: Ela está passando por grandes mudanças. Não precisa de atualizações sobre minha vida sexual.

Observe como não chamei isso de minha vida amorosa. Porque só há uma pessoa nisso: Bailey.

Lev: Além disso, sabe o que fazer. Você e eu estamos apenas nos divertindo juntos.

Sou um idiota, mas agora estou mais preocupado com os sentimentos de Bailey do que com os de Thalia. Conteí a Thalia o que estava acontecendo antes de ficarmos juntos. Nunca menti sobre o que éramos.

Thalia: Ela aceitou bem. Você está surtando.

Thalia: Ela disse que está feliz por nós.

Thalia: Além disso, você disse que éramos exclusivos.
WTF³⁶???????????

Como se fosse uma deixa, Grim se junta a mim. Você pensaria que caminhada pato o faria parecer ridículo como o resto de nós. Não. O babaca é tão gracioso quanto um cisne.

— Thalia está cansada de ser uma substituta? — Meu melhor amigo resmunga.

Volto meu olhar para meu telefone, ignorando sua bunda.

Lev: Somos. Exclusivo, não sério. Pare de reagir exageradamente.

Thalia: Pare de gaslighting.

Lev: Pare de digitar erro ortográfico, é gaslighting³⁷.

Thalia: LOL, tem sorte de ser fofo.

Assim que chego ao fim do campo, me viro e rastejo como um urso. Todos gemem de frustração, mas seguem o exemplo.

Lev: Odeio ser esse idiota, mas serei esse idiota para evitar ser um idiota ainda MAIOR no futuro. Achei que tínhamos um acordo, isso seria casual. Tranquilo. Se isso não funcionar mais, talvez seja hora de seguirmos caminhos separados.

Ela responde depois de alguns minutos, quando o treinador sai do vestiário para o campo, com seus assistentes a reboque.

Thalia: Confie em mim, Lev, não estou enviando convites de casamento nem nada parecido. Gosto de Bailey e quero ser amiga dela. Isso é tudo.

Acho que Bailey poderia ter alguma companhia aqui para manter sua mente longe das coisas. Embora ainda me irrite saber que Bailey estava feliz por eu estar em um relacionamento. Que porra é essa? Se ela estivesse namorando outra pessoa, a única coisa que me faria feliz seria afogar a cabeça do idiota no banheiro.

Lev: Ok.

Thalia: Eu te amo.

Meus olhos quase saltam das órbitas.

Thalia: BRINCADEIRA.

Thalia: OMG, olhe para o seu rosto.

Lev: Não pode ver meu rosto.

Thalia: Mas posso sentar nele hoje 😊.

Thalia: Encontre-me no vestiário depois do treino.

Lev: Dia agitado.

Eu realmente deveria me aliviar. Minhas bolas estão prestes a explodir com a tensão sexual com Bailey no início desta semana.

Thalia: <enviou um anexo>

O anexo é uma selfie nua. Apago antes que alguém possa ver. Ou pelo menos acho que sim.

— Peça anal para ela, cara. E para amordaçá-la. A voz dela é horrível. — Grim faz uma careta, sua cabeça a centímetros do meu telefone.

Soco seu braço, vociferando. — Kwon, digo isso como amigo - é uma maldita ameaça.

— Aww. — Grim coloca a cabeça no meu ombro, olhando para mim. — Eu também te amo.

— Cole! — O treinador grita, vindo em minha direção, sua legião de assistentes correndo atrás dele. Tenho que odiar SoCal e sua mentalidade supercompetitiva de futebol americano escolar. — Encontrou algo divertido?

— Não, treinador.

— Tem certeza? Porque o preparo físico da nossa equipe me parece uma verdadeira piada. St. John Bosco nos aniquilará se não levarem isso a sério.

— Sim, treinador.

Ele está na minha cara agora, todo ex-jogador da NFL com um metro e noventa de altura. O que há com as pessoas mijando em todo o meu espaço pessoal? Nunca estive mais perto de socar alguém até virar polpa do que estou agora.

Feliz por mim, minha bunda. Bailey deve estar com ciúmes. Ela tem que estar.

O nariz do treinador Taylor toca o meu. — Faltou ao treino ontem.

Dou de ombros com indiferença. — Tive diarreia.

— Há muito mais merda no seu futuro quando eu tirá-lo do time. — Ele se afasta quando percebe que não recuo. — A cabeça limpa proporciona pernas mais firmes. Abandone o telefone ou tiro você do meu time.

Chupa-me, idiota. Sou o melhor que tem e ambos sabemos disso.

A pior parte é que eu gostaria que ele me expulsasse do time. Assim eu teria a desculpa perfeita para me candidatar à Força Aérea. Infelizmente, sou covarde demais para decepcionar papai e Knight.

— Sim, treinador.

O treinador começa a nos dividir em grupos para exercícios de agilidade. Antes de jogar meu telefone na mochila, envio uma mensagem para Bailey: ***Tudo bem. Você ganhou. Almoço?***

Não farei toda essa merda de tratamento de silêncio com minha ex-melhor amiga. Mesmo depois da confusão que foi o nosso reencontro.

Viro-me para me juntar à equipe para a qual o treinador me designou. Minha cabeça está tão confusa que caio de cara no chão, tropeçando nas próprias pernas. Eu me recupero rapidamente, fico de pé, mas as pessoas não são cegas.

— Ah Merda! — Austin explode. — O chão está bom? — A risada ressoa por todo o campo.

— Quer que sejamos alvo de todas as piadas ao sul de Huntington Beach? — O treinador ruge, pisando em minha direção. — Sinto falta do seu irmão. Ele era um idiota, ficava chapado como uma pipa na metade do tempo, mas pelo menos gostava de jogar bola.

— Sim, bem, sinta-se à vontade para brincar com minhas bolas se quiser — murmuro, saltando rapidamente e me juntando ao seu grupo.

— Vou fingir que não ouvi isso, garoto — diz o treinador Taylor.

Quando o dia escolar termina, Bailey ainda não respondeu.

* * *

Lev

No começo, aceito o desaparecimento descarado de Bailey. Entendo. Todo mundo merece um passe livre. E tecnicamente falando, ela tem todo o direito de me ignorar. Não sobre o interrogatório das drogas. Isso eu faria tudo de novo. A coisa com Thalia, entretanto... deve ter doído.

Nunca namoramos ninguém seriamente quando éramos bons amigos. Certa vez, espanquei um cara por convidá-la para sair. Ele estava no último ano enquanto eu era calouro. Por isso, estou me sentindo muito duvidoso agora.

Depois da escola, vou até a casa dos Followhills e entro. Bailey provavelmente está esperando que eu a pegue para comer algo como costumávamos fazer.

Sua falta de resposta foi um tipo geral de foda-se por dizer que ela é viciada. Só que, quando entro, Mel anuncia que Bailey foi com o pai ao Costco. Ela escolheu Costco em vez de mim. Costco. Bailey nem come as amostras grátis. Ela gosta de eletrônicos tanto quanto eu gosto de me masturbar usando óleo de cozinha quente como lubrificante.

— Tudo bem — digo entre dentes. — Eu ia trabalhar no Chiron lá fora de qualquer maneira. Vou encontrá-la quando ela voltar — ouço-me dizer a Mel. Saio e levo o Bugatti cromado azul-marinho para fora da nossa garagem, fingindo trocar o óleo.

Estou engolindo cada pedaço da torta humilde que ela está me servindo, inclusive as migalhas.

Feliz agora, Bails?

Finalmente, o Rover de Jaime estaciona na garagem do outro lado da rua e limpo as mãos com um pano sujo, andando em sua direção. Bailey desliza para fora do banco do passageiro.

Ela está vestindo uma saia xadrez verde, meias brancas até o joelho, Mary Janes e um top curto. Enfia o pano oleado no bolso de trás e dou uma olhada para ela enquanto paro na sua frente na garagem. — Vejamos só. Afinal, você está viva.

— Desapontado? — Um sorriso insolente aparece no canto de sua boca.

Vejo que estou recebendo a sua versão *Royal Bitchiness* hoje.

— Nunca. — Solto um sorriso encantador dos homens Cole.

— Vou embora — Jaime murmura, balançando a cabeça atrás de caixas cheias de comida e bebidas. Bailey projeta uma perna para fora, me mostrando que sua saia nova é cerca de quinze centímetros mais curta do que a que a antiga Bailey usava. Não vou mentir - a nova Bailey é um novo pesadelo gostoso.

— Recebi sua mensagem, Levy — ela ronrona. — Desculpe, estou muito ocupada. Vamos tentar nos encontrar ainda esta semana.

Ainda esta semana? Essa merdinha precisa da permissão dos pais para ir ao banheiro.

Passo a mão pelo meu couro cabeludo. — É assim que estamos jogando agora?

— Ah, Levy. — Ela joga a cabeça para trás, rindo. — Não estou jogando, mas se estivesse? Você seria o peão. Tchau, tchau, agora!

Ela me manda um beijo, depois me deixa enquanto corre para dentro. Seu tom é tão arejado, tão casual, tão diferente dela, que fico tentado a me virar e jogar a toalha. Ela é bonita, mas também horrível. Nenhuma boceta vale esse tipo de besteira, mas então me lembro que em algum lugar dentro dessa idiota está minha melhor amiga do mundo inteiro.

No caminho de volta para a garagem, me acalmo. Se eu descobrisse que ela tem um namorado secreto, cabeças rolariam. Claro, estou realmente apaixonado por ela, mas isso não vem ao caso.

Quando chego ao Bugatti, dou-lhe um pontapé tão forte que deixo um amassado no para-choque dianteiro.

Filho da puta.

Quem inventou o amor era um filho da puta sádico.

* * *

Na mesma noite, enviei para Bailey uma série de mensagens de texto confusas.

Lev: Se isso é sobre Thalia, posso te lembrar que me implorou para seguir em frente?

Lev: De joelhos e tudo.

Lev: Não foi como imaginei te ver de joelhos, aliás. Você me deve uma fantasia.

Lev: Algo me diz que esses textos não estão servindo ao seu propósito.

Bailey: Isso é como sua célula cerebral funciona normalmente?

Lev: Jesus, Bails. Em que é viciada? Poção de bruxa? É malvada quando está em abstinência.

Bailey: Essa conversa acabou.

E acabou, porque um segundo depois ouço um barulho na minha janela e vejo um ovo deslizando para baixo. Ela jogou a porra de um ovo na minha casa. A garota que costumava ficar irritada com jogar rolos de papel higiênico nas casas porque não é ecologicamente correto e pode fazer os esquilos engasgarem ou algo assim.

* * *

Guloso por castigo, visito-a no dia seguinte.

E no dia seguinte. E também no seguinte.

Não porque me importe com a sua versão distorcida que estou vendo, mas porque quero salvar a antiga Bailey da garota que sequestrou seu corpo.

Dove está cheia de desculpas. E besteira. Uma vez está praticando no porão; na outra, está dando aulas particulares on-line para crianças que têm dificuldades em matemática. Neste ponto, ela prefere comer um bolo feito com toda a sujeira sob as unhas postiças das Kardashians do que me dar atenção.

Quero agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Infelizmente, Mel e Jaime estão sempre por perto. E há outra coisa no meu caminho - não sou um idiota abusivo.

Não acho que ela esteja usando, mas a verdade é que não parece com ela mesma. Algo está errado. Seus olhos estão vidrados, sua pele cinza; ela é um som de rádio estático. Uma TV com tela difusa. Só porque está livre de drogas, não significa que não seja um viciado.

Bailey está numa espécie de limbo e quero ajudá-la, mas também estou ficando cansado de me sentir um cachorrinho patético. Na verdade, estou cansado de sentir, ponto final. Ela me faz sentir. E passei os últimos meses confortavelmente entorpecido.

O jogo de St. John Bosco vai e vem, e nós realmente vencemos, embora por pura sorte. O treinador ainda está irritado comigo. Falto aos treinos aqui e ali, trancado no sótão com meu simulador de aviação e trabalhando em meus carros com a porta da garagem aberta na tentativa de dar uma olhada na minha vizinha do outro lado da rua. Grim aproveita minha ausência e aparentemente lidera o aquecimento e age como o capitão.

Sinto que a morte de Bailey também será a minha, e me irrita que ela não tenha se mantido sob controle por nós dois.

Quatro dias depois de Thalia contar a Bailey que estou comendo o seu muffin, pego Bailey em uma posição comprometedoramente.

Infelizmente, uma parcialmente vestida. Avisto-a pela janela do meu quarto, tomando banho de sol de topless.

Como Bailey não tem o hábito de mostrar os seios para os pais, presumo que o seu pai está no trabalho e a mãe fora. Ao ver seus seios, meu pau fica tão duro que tenho de o apertar para aliviar a dor. Ela está sozinha e esta é à sua maneira de me convidar. Sei porque ela está jogando o jogo da gatinha sexy desde que chegou aqui. Eu obedeço, mesmo que não tenha certeza se a odeio ou a amo neste momento.

Passo pela porta da frente, destranco a cabana e saio para o quintal. Ela está esparramada em uma espreguiçadeira, com uma toalha de ginástica jogada sobre o rosto. Puta merda, os peitos dela são simplesmente insanos. Em forma de pera, com mamilos minúsculos e rosados.

Sentindo-me vingativo – para não mencionar um tesão implacável - pego a garrafa de água gelada ao seu lado e esguicho em seus seios.

Ela grita, levantando-se e arrancando a toalha do rosto. — Oh meu Marx! Lev, que diabos? — Ela está desnorreada, com a pele arrepiada.

— Minha culpa. Você parecia gostosa. — Eu a puxo para um abraço de um braço, seus mamilos duros como diamantes pressionando contra minha camisa. — Ainda parece.

— Saia de cima de mim! — Ela se contorce, me afastando, mas esta é a primeira vez que conversamos desde o fiasco de Thalia, e não vou deixá-la fugir.

Entro em seu espaço pessoal, apoiando-a na lateral de sua casa. Suas costas nuas batem em uma ampla janela. Estamos um contra o outro. Prendo meus braços em cada lado de seus ombros. Seus seios saltando com sua respiração difícil e não consigo decidir se quero devorá-la ou puni-la pelo que está fazendo a si mesma. Meus sentimentos por ela ficaram muito mais complicados.

— Esteve ocupada, Bails? — Minha boca está tão perto da dela

que quase posso sentir seu gosto. E quero. Porra, eu quero. A nova ela. A antiga. Aceitarei qualquer versão que ela esteja disposta a me dar.

— Não tanto quanto o seu pau, aparentemente. — Ela abre um sorriso sarcástico.

Se eu fosse otimista, pensaria que ela está com ciúmes. Por ser realista, sei que a razão pela qual Bailey está amargurada com Thalia é porque ela quer ser minha mãe até a morte e saber tudo sobre minha vida. Thalia a pegou desprevenida.

— Sério, Bails. Se você queria provar, bastava pedir.

Ela dá uma risada sufocada. — Não se você fosse o último homem no planeta Terra.

— Certeza sobre isso? — Meus olhos deslizam pela parte superior de seu corpo, parando em seus seios. Seus mamilos estão rosados e duros e implorando para serem puxados. Seus seios inchados, suas costas arqueadas para tentar tocar meus peitorais. — Poderia jurar que me deixaria chupar esse peito inteiro se eu quisesse.

Ela lambe os lábios, seu olhar desce para os pés. Se consegue vê-los por trás da minha ereção gigantesca cutucando sua barriga. Ela está desafiadora, mas também interessada. O problema é que acho que a sua versão que está interessada é também a versão que me chuparia por uma receita de Xanax. E isso está partindo a porra do meu coração.

— O que me diz, Bails? — Passo as costas dos dedos ao longo de suas costelas, indo para o norte.

Sua respiração acelera. Ela não dá um tapa na minha mão. Minha boca está seca. Quero isso, mas também sei que não deveria fazer isso. Paro quando meu mindinho está quase na curva de seu seio. Estamos nos encarando silenciosamente. Ela está lá em uma bandeja de prata. Tudo o que tenho que fazer é me satisfazer.

— Devo? — Sussurro.

O menor aceno de cabeça. Pouco visível, mas eu vejo isso.

É preciso tudo de mim para me afastar e balançar a cabeça. — Jesus, Dove.

Isso a deixa com raiva, e ela pisa no meu pé, com todos os seus cinquenta e dois quilos, tentando me empurrar. — Ah, vá se ferrar.

Não movo um centímetro. Sou enorme e ela é pequena. A física não é amiga dela.

— O que está fazendo, Dove?

— Nada, mas você está me irritando, por isso me deixe em paz.

— Precisa ir para a reabilitação. Só porque não está usando, não significa que é você mesma.

— Sou eu mesma. — Ela me empurra novamente, seus olhos brilhando de raiva. — É apenas um lado meu que guardei para ter certeza de que me encaixaria na vida de todos os outros. Bem, todo mundo pode se ferrar.

— Se você estivesse sóbria, não se importaria de ir para a reabilitação. — Bato meu peito contra o dela, perdendo a paciência. — Confesse ou juro por Deus, virarei esta casa inteira de cabeça para baixo para encontrar o seu esconderijo.

— Ew. Diga, não derrame uma chuva em mim, Lev.

Lev? Sou Lev agora?

Limpa a saliva imaginária do rosto. — Tirou uma folha do livro de Vaughn e Penn? Tentando ser um grande e mau valentão? — Ela me provoca, seus olhos, azuis como um lago congelado, estreitam-se nos meus. Estão cheios de desprezo. — Não quero sair com sua bunda. Lide com isso.

— Está realmente chateada com a coisa da Thalia, ou maluca porque está sempre chapada? — Eu a empurro para trás e ambos estamos perto da beira da piscina.

— Não estou! — É a sua vez me empurrar. — Eu não ligo.

— Não precisa se preocupar com Thalia.

Ela está frenética, mas isso parece prender sua atenção. — Por que?

— Porque ela não é você.

Ela balança a cabeça, parecendo cansada de repente. — Nunca fui boa o suficiente. É por isso que agora, quando não estou sendo nada perfeita, todo mundo fica tão chateado. Você incluso. Sério. Apenas... vá embora.

Odeio que ela pareça triste. Odeio que ela ainda esteja de topless e nem perceba isso. Ela perdeu o orgulho. Ou talvez seja outra coisa que não tem mais. De qualquer maneira, isso a tornou ela.

Suspirando, digo — Olha, não sei o que deu na sua bunda, mas se for tão importante, termino com ela. Problema resolvido.

Ela inclina a cabeça para trás e ri friamente. Meus intestinos se torcem em nós apertados.

Quando sua risada falsa diminui, ela dá de ombros. — Não quero que você termine com Thalia. Neste ponto, ela é sua única qualidade redentora.

— O que diabos isso significa? — Faço uma careta.

— Gosto dela. — Ela faz beicinho, estudando as unhas com os braços cruzados sobre o peito. — É uma trabalhadora.

— Vocês são melhores amigas agora ou algo assim?

— Por que? Está também microgerenciando a vida e as amizades dela? — Bailey passa por baixo do meu braço rapidamente, pegando seu top curto da MTV do chão e colocando-o.

— Não, Thalia não é da minha conta, mas você é. — E honestamente, isso parece uma porcária, mas não tenho certeza se quero que elas saiam juntos. Thalia conhece algumas pessoas duvidosas.

— Acabou de espalhar sua masculinidade tóxica como um cachorro mijando na mobília? — Ela marcha para dentro de casa.

— Ainda tenho o sofá e a mesa da cozinha — vocifero, seguindo-

a. A verdade é que estou trilhando o território do valentão e não quero ultrapassar essa linha.

Preciso descobrir uma maneira de cuidar dela e ainda lhe dar espaço, mas primeiro preciso saber se ela está sóbria e não consegue relaxar, a menos que... — Quero que mije em um copo, Dove.

Ela suspira. — Vá para casa, Lev.

Agarro a sua mão um segundo antes de ela subir, puxando nossos pingentes de pomba. Estalam e uma descarga de eletricidade passa por mim.

Meus dedos tremem quando os entrelaço nos dela. Estamos fazendo essa brincadeira com os dedos, o que costumava me acalmar quando éramos jovens. Ela ofega um pouco. Nossos olhos se encontram. O mundo cai ao nosso redor como paredes desabando. Por um breve momento, somos Bailev novamente.

— Você disse que nunca me recusaria. Que sempre estaria lá para mim. — Eu me sinto estúpido por lembrá-la disso. — Na floresta, lembra?

Seu lábio inferior treme. Ela está prestes a chorar. — E eu estarei lá para você, mas nunca disse nada sobre querer que você estivesse lá para mim. Não quero que me veja assim. Destroçada. Perdida. Desesperada. Eu te amo, Lev Cole, mas gostaria de poder deixar de te amar. Sua mera existência é demais para minha alma.

Suas palavras cortam pele e músculos, células e ossos. Bailey para no meio da escada, segurando a balaustrada. Ela parece uma rainha se dirigindo a seu humilde servo. — Se eu realmente fosse sua pomba, me deixaria voar para longe. Liberte-me, Lev. Você tem uma garota que se parece comigo e que te adora, e não posso me permitir esse drama na minha vida. Você é meu sol. Por mais adorável que seja, só posso admirá-lo de longe.

CAPÍTULO OITO

Bailey

Intenções altruístas à parte, não estou lidando muito bem com toda essa coisa de Lev-Thalia.

Na verdade, acho que seria justo dizer que não estou lidando com isso. Ignoro Lev a todo custo, embora sinta a falta como um membro.

Ele mudou, e só agora estou vendo o quanto se distanciou do garoto que mimei durante toda a minha vida. Lev não é mais o vizinho. Agora é o homem da mansão do outro lado da rua.

Um homem que está trabalhando em seus carros antigos ao ar livre, ao sol, sem camisa, com a graxa manchando seu tanquinho bronzado e suado, que flexiona deliciosamente cada vez que respira.

Pela primeira vez na minha vida, minhas emoções substituem minha lógica. Aquela cena de dois dias atrás no meu quintal continua passando pela minha cabeça.

Por que eu disse aquelas coisas dolorosas para ele? Bem, ele me incitou. Disse que eu estava com ciúmes da sua namorada. Desafiou-me a fazer sexo com ele. E posso ou não ter encontrado alguns analgésicos que sobraram naquela mesma manhã, então talvez estivesse um pouquinho chapada.

O problema é que tenho uma personalidade INFP. Sou a mediadora. A cuidadora. Evito conflitos a todo custo e normalmente acho fácil perdoar as pessoas, não que Lev me deva desculpas por namorar alguém. É que a notícia me atingiu com uma força surpreendente.

A ideia de Levy abraçar outra pessoa, beijar outra pessoa, amar outra pessoa...

O pior é que fico excitada com a atenção que ele me dá, mesmo quando é negativa. É por isso que estou sendo tão horrível com ele. A

maneira como me procura enquanto o ignoro, empurro e castigo... é uma emoção doentia e da qual não me orgulho, mas não consigo parar.

Um som me tira da minha posição, fazendo anjos de neve na minha cama. Está vindo de fora da minha janela e é um pouco familiar. Levanto-me da cama e abro a janela do quarto, colocando a parte superior do corpo para fora enquanto me inclino sobre o parapeito da janela.

Lev está aqui. Ele se posicionou do lado de fora da minha janela, sob a chuva torrencial, com um aparelho de som no ombro. *When Doves Cry* está tocando no máximo. Olho para ele com cara feia.

— As pessoas estão dormindo aqui! — Eu o repreendo. Não sei se rio ou choro.

Ele revira os olhos, reposicionando o aparelho de som no seu ombro enorme e forte. — Às nove da noite? Não acho. Desça, Dove.

— Não posso. — Mordo meu lábio inferior.

Ele balança a cabeça, batendo na têmpora. — Isso mesmo. Agora me lembro. Você é a única garota de dezenove anos que conheço que está de castigo.

Eu me abaixo da minha janela, encontro algo – uma caneta brilhante – e jogo nele em retaliação. É tão de primeira série que o riso entope minha garganta, mas é algo que nunca tinha me permitido fazer antes. Apenas ser boba.

— Estamos jogando assim, hein? — Suas sobrancelhas saltam para o céu e ele abaixa o aparelho de som, enfia a mão no bolso e procura munição.

Ele encontra um cartão de crédito preto. — Espero que esteja pronta para aquele recorte de papel, Followhill! — Ele joga em mim.

Ele tem um ótimo arremesso – para surpresa de ninguém – e me acerta bem na testa. Suspiro. Ele ri. Pego o livro que estou lendo - um livro sagrado, honesto para Marx - e jogo-o em seu peito.

Ele joga uma barra de granola em mim.

— Por que tem uma barra de granola no bolso? — Grito.

— Por que não? — Ainda está chovendo e ele parece uma bagunça. Uma linda bagunça. — Sou um menino em crescimento, está bem? Sempre faminto.

— Você já é grande demais para algumas casas.

— Tenho o tamanho certo para o seu corpo, no entanto. Prometo.

Algo se solta em meu peito. Minha ansiedade se desenrolando um pouco.

— Ei, pensei no que disse. — Ele chuta o aparelho de som para desligá-lo, porque mal conseguimos nos ouvir por causa da chuva e da música. — Talvez esteja certa. Talvez eu seja o sol, mas você é o céu e não posso viver sem você. Sabe como está o céu desde que se mudou para Juilliard? — Ele pergunta. Meu coração está amassado como um pedaço de papel descartado, um esboço inexpressivo, em meu peito.

Ele mantém meu olhar através da escuridão. — Está sempre escuro.

* * *

Quando Lev sugeriu que terminaria com Thalia, esperei secretamente que isso acontecesse, mas não aconteceu. Porque aqui está ela, três dias depois, no meu porão, usando um sutiã Alo Yoga rosa colado e shorts combinando e parecendo uma It Girl digna do Pinterest.

Thalia está prendendo o cabelo em um coque bagunçado e agarra a barra do balé, estendendo os braços e deixando cair a bunda no chão. — Tipo, como planejar os preparativos para a faculdade de Lev quando ele ainda não tem ideia de onde quer ir? — Ela arqueia as costas, exibindo uma destreza insana. — É como se ele nem quisesse falar sobre isso.

Minha tibia, coluna e músculos ainda estão doloridos e sensíveis, mas prossigo, trabalhando dia e noite no estúdio, dançando minha vida. Junto-me a Thalia e começo a me alongar, ignorando a dor persistente.

— Conversou com ele sobre isso? — Giro meus ombros.

— Tentei. Ele fica muito frustrado sempre que menciono a faculdade.

Isso porque não quer ir para a faculdade. Ele quer ir para a Air Force Academy no Colorado e se tornar piloto de caça. Eu não deveria me sentir feliz por saber coisas que ela não sabe sobre ele, mas estou. Katia, minha colega de faculdade, ficaria orgulhosa. Afinal, me transformei em uma coisa mesquinha e cruel.

— Precisa ser honesta com ele. Diga a ele que está preocupada com o que o futuro reserva para vocês dois. — Deslizo minhas mãos da barra, fazendo uma dobra completa para frente.

Thalia faz o mesmo. A sua amplitude de movimento é muito melhor que a minha. Ela também tem uma bunda mais redonda, pernas mais musculosas e seios mais cheios. Por que estou me comparando a ela? Porque Lev provavelmente visitou todos os buracos do corpo dela.

— Sim, talvez. — Ela suspira, descendo graciosamente em um alongamento de pigeon. — Mas acabei de receber uma carta de aceitação da LSU³⁸ e é uma oportunidade muito boa para mim.

— Você deveria aceitar — digo, e não porque queira separá-los, mas porque é realmente uma ótima faculdade. Tento fazer um alongamento de pigeon, mas meus músculos estão me matando. Pigeon minha bunda. Minha coluna está latejando. Thalia se inclina ainda mais em seu alongamento.

Ela é feita de massinha?

— Nosso amor é como um vício, no entanto. Sabe o que quero dizer?

Engulo punhais. — Na verdade não.

Ela me estuda atentamente. — Não nos cansamos um do outro.

A porta do porão bate de repente e a voz da minha irmã a atravessa como uma bala. — Apareça, Bailey!

Pressiono meu dedo na boca para fazer sinal para Thalia ficar quieta.

Ela parece um pouco confusa, mas não discute. Daria, no entanto, está com um clima de confronto terrível. — Vadia, vim de NorCal³⁹ porque sua bunda me envergonhou. É melhor aparecer ou teremos um problema.

Engulo, mas não respondo.

— Sabe que posso te vencer, Bailey, — Daria avisa. — Eu peso mais e esses pregos de caixão são afiados nas pontas. Não me teste.

Thalia e eu permanecemos imóveis por um minuto inteiro, sem sequer respirar. Eu me sinto tão horrível fazendo isso com minha irmã, mas, novamente, minha ansiedade não me deixa encará-la nem um minuto antes do necessário. Ver a decepção em seu rosto quando me ver... meus ferimentos... minhas cicatrizes... simplesmente não aguento.

— Ah, vá se ferrar, Bails. De verdade agora! — Ela chuta a porta em frustração. — De todas as coisas que poderia ter se tornado, escolheu se tornar uma covarde.

Posso praticamente imaginar Daria jogando as mãos para o alto e subindo as escadas. Meus olhos ardem com lágrimas não derramadas e parece que meus órgãos internos são feitos de chumbo, de tão pesados que são.

— Wow. Palavras duras. Daria realmente é tão ruim quanto todos disseram que ela era, hein? — Alheia ao meu colapso interno, Thalia faz uma ponte *backbend*, levantando os pés no ar em linha reta sem suporte, até uma parada apoiada perfeitamente em suas mãos.

Ela está em melhor forma do que a maioria das pessoas na Juilliard, e não consigo parar de olhar. Em comparação, sinto-me como uma pilha de ossos e tecidos celulares dispostos ao acaso.

— Não — digo calmamente. — Ela não é nada ruim. É a melhor.
— É incrível. É minha irmã.

— Desculpe. — Thalia inclina seu olhar em minha direção, nem mesmo suando. — E aí? Pareço inchada? Ugh, me sinto tão autoconsciente. Lev não me toca há mais de duas semanas.

Quero vomitar. Não, *preciso* vomitar. Não que eu não soubesse que eles estavam transando de antemão. Quero dizer, estão juntos. Talvez eu devesse estar feliz porque ele não fez isso com ela desde que voltei?

Minha cabeça está uma bagunça, nem sei mais o que estou sentindo. A única coisa que sei é que isso dói ainda mais do que meu corpo.

Thalia desliza para uma posição sentada, franzindo a testa. — Bailey, olhe para você, está verde. OhmeuDeus, sou tão estúpida. — Ela coloca a mão nas minhas costas, esfregando em círculos. — Esqueci totalmente que Lev é como um irmão para você. Provavelmente é tão nojento ouvir sobre ele fazendo coisas impertinentes com a namorada.

— Está bem. — Tento um sorriso.

— É como ouvir seus pais fazendo sexo no outro cômodo quando acham que não há ninguém em casa. Quero dizer, não chama o pai dele de tio Dean e essas coisas?

Seguro meu estômago, prestes a vomitar. — Sim. Ponto tomado. Podemos mudar de assunto agora.

— Daria?

Balanço a cabeça com mais força.

Ela olha em volta, impotente, tentando encontrar um assunto no qual cravar os dentes. — Este estúdio é enorme! Por favor, me diga que está aproveitando e praticando aqui até quebrar as pernas, ha-ha.

Ela pula, caminha até a borda da sala, ganha impulso e faz alguns movimentos Biles⁴⁰ na madeira. *Triple twisting, double back*, executado

perfeitamente. Ainda estou no chão, desnutrida e murcha. Em uma tentativa desesperada de não parecer completamente inútil, tento uma fenda frontal simples. Minha parte inferior das costas estala alto – merda, quebrei um osso pequeno? – e parece que alguém atirou em mim ali.

— Ugh — resmungo.

Thalia inclina a cabeça em confusão. — Tudo certo?

— Sim. — Coloco minhas pernas em posição de lótus. — É só que... Marx, a dor é tão persistente. Achei que já estaria muito melhor.

Thalia se aproxima de mim, preocupação inundando seu rosto. Ela coloca a mão no meu ombro. — Talvez devêssemos parar. Não vale a pena se matar por Juilliard. É uma ótima perspectiva, mas a que custo?

Concordo com a cabeça, respirando com dificuldade pelo nariz. — Sim. Você tem razão.

— Nem todo mundo está preparado para esportes competitivos. Quer dizer, Lev e eu somos parecidos no sentido de que não deixamos a pressão nos atingir. É preciso uma certa personalidade. Nem todo mundo tem uma.

Olho para ela sem expressão, sentindo calor e frio e com a cabeça turva, tudo ao mesmo tempo. Ela estala os dedos, seus olhos brilhando. — Ei, eu te contei sobre minha amiga Fern, que abandonou o programa de balé da *Texas Christian University*? Tornou-se instrutora de Zumba. Não posso te dizer o quão realizada ela está hoje!

Não quero, porém, me tornar instrutora de Zumba. Quero fazer balé. E Juilliard é onde se faz isso profissionalmente, por isso é um trampolim que não posso pular. É para isso que trabalho desde o dia em que nasci. Não tenho outra identidade. Ser bailarina é a única coisa que importa. Agarro o braço de Thalia justamente quando ela está prestes a se levantar.

— Não posso perder meu lugar — digo desesperadamente, como se ela tivesse algum peso na decisão. Thalia parece um pouco triste.

Tem pena de mim. Por que não teria? Ela tem o homem, o talento e a oportunidade. Eu não tenho nada.

— Bailey. — Ela sacode meu toque suavemente. — Não consegue nem se alongar direito. Acho que o treinamento está fora de questão agora.

— Oh, mas eu poderia treinar. Se ao menos eu tivesse analgésicos. — Respiro fundo. Analgésicos de verdade. E muitos deles. Não as coisas que encontrei em casa. Pareciam *Skittles*⁴¹.

Ela suspira, desviando o olhar de mim. Tenho a sensação de que ela quer dizer algo mais.

— O quê? Diga-me. — Enfio meus dedos em sua pele. — Conhece algum lugar onde eu possa conseguir alguns?

— Bailey, por favor. — Ela se dirige para sua garrafa de água, balançando levemente os quadris. — Essa é uma péssima ideia.

Eu a persigo, mancando com a perna ruim. — Vamos! — Imploro. — Eu tenho que sair daqui. Voltar para Juilliard...

Então uma ideia surge na minha cabeça. Uma ideia manipuladora e horrível, mas que pode empurrá-la na direção certa.

— Sabe que Lev ficará aqui se eu não estiver bem, certo? Sempre nos seguramos. Quando um de nós está em apuros, o outro para tudo e vai em seu socorro. É totalmente tóxico. Ele nunca sairá daqui enquanto eu estiver por perto.

Isso a faz parar. Ela fecha os olhos, tomando um gole de água. — Vocês são tão próximos assim?

— Cara! — Jogo minhas mãos para o alto. — Eu estava lá quando a mãe dele morreu. Você não tem chance.

Eu me odeio. Sinto-me mal do estômago. Estou usando a morte de Rosie para conseguir o que quero. Oficialmente me rebaixei à forma mais inferior de humano que poderia me tornar. Acho. O rosto de Thalia se contorce de horror.

— Olha, sei que você não é uma viciada. Lesões esportivas não

são algo novo para mim. Tive-as muitas vezes. Se você realmente quer voltar para Juilliard... — Ela para.

A esperança floresce em meu peito. — Sim?

Thalia pressiona os lábios por um momento e depois suspira. — Conheço alguém. Ele vende medicamentos prescritos. São legítimos, regulamentados; seu pai é dono do CVS na Avenida Soledad, mas se eu descobrir que está usando perigosamente, Bailey... — Ela balança a cabeça. — Contarei a Lev.

Há um momento fugaz de clareza em que percebo que tenho a oportunidade de largar o vício e virar as costas às drogas e que talvez devesse dizer a ela para esquecer tudo, mas então Thalia pega sua mochila, tira um caderno, arranca uma página e desbloqueia o telefone. Começa a rabiscar um número no pedaço de papel. — O seu nome é Sidney. Parece um idiota, mas acredite em mim, é conectado *pra caralho*.

Thalia valsa em minha direção, seus movimentos são ágeis e determinados.

Do jeito que os meus eram antes de eu acumular lesões suficientes para durar uma temporada inteira da NBA. Ela dobra o papel e o enfia no elástico da minha leggings. — Apenas me faça um favor?

— Não conte a Lev? — Luto para revirar os olhos.

Ela sorri. — Você sabe como ele é.

— Sim. — Nunca confie em uma pessoa que lhe diz para guardar segredos de pessoas que se preocupam com você.

Levo Thalia de volta até a porta da frente e fecho-a atrás dela. Minha irmã está lá em cima, pendurando a bolsa Hermes no ombro. Espreita pela janela, provavelmente esperando um Uber.

Coloquei a mão no ombro da minha irmã, sem sentir nada, e ela recuou, como se eu fosse uma estranha em uma estação de trem tentando apalpá-la.

Ela levanta a bolsa no ombro com uma carranca, e está tudo lá

em seus olhos. A dor. A rejeição. A confusão.

— Está realmente longe, não é? — Ela zomba. — Peguei um voo de emergência para ter uma conversa franca com você, e em vez disso se trancou no porão com esta cobra com uma peruca loira.

Meu queixo cai. — Thalia é legal.

Ela inclina a cabeça para trás e ri sem humor. — Thalia é uma manipuladora. Acredite em mim, é preciso uma para conhecer um. Ela provavelmente está planejando sua morte agora mesmo, enquanto conversamos.

— Como você...

— Ouvi o suficiente através da porta antes de desistir de você.

Minha cabeça está girando. Sei que mereço a sua ira, mas sinto muito por mim mesma porque ninguém está me dando uma folga.

— Você desistiu de mim? — Ofego.

Não importa o quão ruim foram as coisas com Daria quando ela era adolescente, ela sempre me amou. Eu tinha tanta certeza disso quanto o sol nascendo no Leste. Minha irmã sempre me protegeu.

Ela abre a boca justamente quando um luxuoso BMW entra na rua sem saída para levá-la ao aeroporto.

— Não, querida. Você fez isso consigo mesma. Se a vida me ensinou uma lição, é que precisa assumir a responsabilidade pelas situações em que se insere. Avise-me quando quiser ajuda. Por que aquele ingresso na primeira fila para a sua morte? Eu não quero.

* * *

Uma vida inteira se passa nos dias em que Lev e eu estamos na mesma cidade, na mesma rua, mas não na mesma página.

Os reinos surgem. Os impérios caem. De alguma forma, não ligo para Sydney. Também não jogo fora o pedaço de papel com o seu

número. Deixei-o queimar um buraco no fundo da gaveta da minha mesa de cabeceira enquanto penso em dar um mergulho no oceano e nunca mais voltar para a costa.

Estou deitada de bruços na cama quando mamãe entra no meu quarto. Parou de bater quando cheguei em casa vindo do hospital, e sei que é porque ela não confia em mim de forma alguma, muito menos para não tentar ficar chapada com alguns suprimentos caseiros inocentes.

— Olá mãe. — Minha voz está abafada pelo travesseiro.

— Querida. — Sua voz contém uma nota de exasperação. — Seu pai e eu deixaremos nossos papéis como seus guardas tirânicos e sedentos de sangue e iremos ao teatro esta noite.

Eles devem ter um de seus encontros quádruplos com Baron e Millie, Trent e Edie, e Dean e (às vezes) Dixie.

— O que vão assistir? — Levanto a cabeça, fingindo que isso importa e que não estou completamente entorpecida e morta por dentro.

Mamãe vê isso como um convite para sentar na beira da minha cama. Meu quarto, como o resto da minha vida pré-drogas, é impecável. Cama queen-size branca e estofada, paredes rosa pastel, luzes de fadas com fotos Polaroid de todos os meus amigos e familiares, uma penteadeira elaborada e uma estante com meus livros de poesia favoritos - todos de capa dura, bordas personalizadas e em perfeitas condições. Era uma vez, o mesmo poderia ser dito sobre sua dona.

— OKLAHOMA! — Mamãe diz. — Todas em maiúsculas, com um ponto de exclamação no final, caso esteja se perguntando.

— Parece... frenético — murmuro. — É sobre o quê?

— É um musical. Muito conhecido, na verdade. Posso te levar se quiser. — Mamãe está toda arrumada. Ocorre-me que ela e meu pai não saíram nenhuma vez desde que voltei. Eles geralmente saíam em encontros semanais. Eu matei a vida social deles e depois atirei em

suas cabeças, para garantir, caso ainda tivessem pulso. Eles devem me odiar.

Junte-se ao clube, pessoal.

— Por mais adorável que pareça, estou exausta. — Forço um sorriso. — Mas vá curtir OKLAHOMA! com todas as letras maiúsculas e um ponto de exclamação. Eu ficarei bem sozinha. Não se preocupe.

— Não estou preocupada — ela diz alegremente. — Lev ficará aqui enquanto estivermos fora para garantir que suas necessidades sejam atendidas.

Isso me faz levantar da cama como se estivesse pegando fogo e ficar na sua frente, um porco-espinho furioso, toda espetando e pronto para esfaquear alguém. — Minhas necessidades são não ver a cara daquele idiota agora.

— Oh. — Ela levanta um ombro. — Bem, essa necessidade específica não será atendida, acho.

— Está brincando comigo, certo?⁴²

Mamãe pisca lentamente e responde — Na verdade, tive você por via vaginal. Não que não tenha tentado vir por meio de uma cesariana. Você ficou sentada durante todo o último trimestre. O Dr. Shulman teve que te virar...

— Não é engraçado, mãe. — Passo os dedos pelo cabelo, tremendo toda. — Lev Cole não será minha babá. Fui eu quem cuidou dele, pelo amor de Deus!

— Você era diferente naquela época. E foram deixados juntos sem supervisão porque confiávamos que ambos não incendiariam a casa ou usariam drogas pesadas — ela diz laconicamente. — Apenas um de vocês ainda é confiável para não fazer essas coisas – e pensei que ainda fossem amigos.

Quero gritar. Para denunciar que Lev Cole não é tão perfeito.

Que, enquanto eu estava no último ano e ele no segundo, eu o levava das festas para casa muitas vezes porque era um merda bêbado

demais para reconhecer a cor do próprio carro. Que uma vez quebrou o nariz de Tyler Barrera porque beliscou minha bunda. Que quando descobriu que Travis Tran me deu meu primeiro beijo, Lev - então um calouro - pendurou o pobre rapaz no telhado do shopping e ameaçou usar a coluna de Travis como contas anais.

Que o Lev tem problemas de raiva, muito deles. Que faria *bungee jumping* sem corda se alguém deixasse e que adora participar de corridas ilegais de carros porque máquinas rápidas lhe dão emoção.

Lev não é um herói torturado. É explosivo, ciumento, possessivo e mais tóxico do que uma dose direta de sabão em pó. É ótimo em esconder isso e provavelmente pode se safar de muito mais porque é um menino. E meninos sempre serão meninos, certo?

Apontando o dedo para mamãe, aviso — Se você se importa um pouco com nosso relacionamento, cancele com Lev e me deixe ficar sozinha.

Mamãe se levanta, alisando o vestido Miu Miu com cinto branco e bainha de penas. — Preocupo-me profundamente com o nosso relacionamento, mas valorizo o seu bem-estar acima de tudo. Lev estará aqui a qualquer minuto. Não sei bem o que se passa entre vocês dois, mas uma coisa resistiu ao teste do tempo, Lev te ama muito mais do que a si mesmo e nunca deixará nada acontecer com você. Por isso vista suas calças de menina crescida... qualquer calça seria boa, na verdade.

Seus olhos descem para minhas pernas nuas. — Engula seu orgulho e comece a aceitar a ajuda que as pessoas lhe oferecem.

Ela se vira e sai do meu quarto. Vou atrás dela. Papai me embosca no corredor, bloqueando meu caminho. Ele preenche o espaço como um tanque.

Por que todos os homens da minha vida são ex-jogadores ou atuais? Não lido com humanos; lido com geladeiras industriais. Mamãe desce as escadas correndo enquanto grito que ela está arruinando minha vida. Durante toda a minha adolescência consegui evitar ser um clichê só para chegar a isso.

— Pai! — Sibilo, cerrando os punhos. — Que bobagem é essa sobre Lev ser minha babá?

— Lamento que nossa preocupação seja um inconveniente, mas você optou por não se internar na reabilitação, por isso trouxemos a reabilitação para você. — Ele abre os braços como um apresentador de game show, e quero estrangulá-lo, estou tão nervosa. — Parabéns.

Cruzando os braços sobre o peito, estreito os olhos para ele. — Está sendo um pai helicóptero⁴³.

— Bailey, querida, sou um pai Boeing 777 e tenho muito orgulho disso. Destruirei o mundo para manter minhas meninas seguras. Lev não tirará os olhos de você. Normalmente, isso me irrita, mas hoje em dia é uma coisa boa. Confio nele para cuidar de você. Fim de discussão.

Ele desce as escadas. Estou correndo atrás dele loucamente, descalça e vestindo apenas um moletom enorme para esconder minha calcinha. Paro bruscamente quando chego ao patamar. Lev já está aqui, de calça de moletom cinza e camisa preta, parecendo cinquenta tons de orgasmo. Sério?

Camisa colada e calça de moletom cinza?

Tenho que parar de achá-lo atraente. E ser cruel com ele sem motivo. E me perguntando como seria a ponta de sua língua se tocasse meu clitóris.

Ele olha para o telefone, recusando-se a me reconhecer. Passaram-se dias desde que veio com seu aparelho de som, e estou começando a me perguntar se não é porque está me dando espaço, mas porque ele realmente odeia a nova eu. Se ele odiar, não posso exatamente culpá-lo.

Meus pais se afastam. Papai vai à garagem para ligar o carro, mamãe para pegar a bolsa e o telefone. Bem, acho que é hora do show. E como não tenho mais ideia de quem sou, atuar deve ser fácil.

— Olha o que o gato trouxe. — Vou até ele, erguendo o queixo com orgulho.

Lev ainda não tira os olhos do telefone, os polegares voando pela tela. — Melhor ser um gato arrastado do que uma boceta drogada.

— Hum. Cuidando da garota da casa ao lado em uma noite de sexta-feira. Diga-me que é um perdedor sem me dizer que é um perdedor. — Faço beicinho.

Lev sorri, levantando os olhos do telefone momentaneamente. — Ah, gosto desse jogo – que tal uma garota que abandonou a faculdade e precisa de uma babá do ensino médio porque seus pais não confiam nela para permanecer sóbria? — Ele pisca. — A que distância isso está no medidor de perdedores?

Tudo bem. Isso dói. Como uma colisão entre um semirreboque e um avião.

— Não acredito que acabou de dizer isso — gemo. A ova Bailey definitivamente não é resiliente. — Retire o que disse — exijo.

— Mije em um copo. — Ele boceja. — E talvez eu retire.

Mamãe sai da sala segurando a bolsa Birkin na mão. — Divirtam-se, vocês dois. *Mwah!* — Ela beija minhas bochechas. — Muito obrigado, Levy. — Dá um tapinha na cabeça dele e uma vontade violenta de passar os dedos pelos seus cabelos me percorre. Eu também quero saber como é.

— A qualquer hora, Mel. — Ele beija suas bochechas. *Puxa saco.*

A porta se fecha atrás de nós e ficamos sozinhos.

— Estou pedindo um Pho⁴⁴. — Ele aponta para o telefone.

— Espero que engasgue com isso. — Eu sorrio, batendo os cílios.

— Com sopa? Improvável. Pedirei aqueles rolos de arroz com camarão. Com o molho de manteiga de amendoim. Isso é uma merda de engolir.

— Por favor, saia da minha linha de visão — resmungo, caminhando até o sofá. Poderia subir para o meu quarto, mas este é o meu território. Pego o controle remoto bufando.

Um sorriso desagradável corta seu lindo rosto. — Acredite em

mim, nenhuma parte de mim quer estar aqui mais do que você. Estou perdendo três festas agora. Infelizmente para nós dois, sinto-me obrigado a cuidar de você. Não confunda minha moral elevada com afeto.

— Moral elevada! — Gaguejo, apertando agressivamente os botões do controle remoto. — É isso que chama de enganar Thalia e pedir a sua melhor amiga para mijar em um copo?

— Quando pedi ao Grim para mijar em um copo? — Ele brinca.

Uma coisa é certa: Lev não é mais meu fã.

— Você não é engraçado — anuncio.

— E você não está vestida. — Ele fica na minha cara, pegando o controle remoto da minha mão. — Vá lá para cima e vista uma calça. Até mijar em um copo, você não será minha melhor amiga, a incrível Bailey Followhill.

— Então o que sou? — Pergunto, sustentando seu olhar, a esperança quase ressuscitada ao pensar nele me chamando de sua atual melhor amiga. Ou talvez queira dizer que eu posso ser sua futura namorada...

Há uma batida. Sinto como se ele engolisse todo o oxigênio da sala. Suas narinas se dilatam.

— É apenas uma estranha que, infelizmente, conhece todos os meus segredos.

* * *

Só para irritá-lo, acabo vestindo roupas de baixo tão curtas que Lev poderia me fazer um exame vaginal sem tirá-las.

Depois volto para baixo e ambos comemos nossa comida em silêncio. Bem, ele come. Não tenho apetite há meses. Lev coloca um programa de resumo de futebol na TV, mas sei que não está assistindo. Movo meu macarrão pelo caldo com meus pauzinhos.

— Então perdeu o jogo esta noite? — Pergunto com escárnio.

Ele não tira o olhar da TV. — Não. Ganhamos.

— Aww. Thalia usou sua jaqueta do time do colégio?

— Ninguém usa minha jaqueta do time do colégio.

— Caramba. Viagem de ego? — É claro, porém, que borboletas voam dentro do meu peito, me dizendo que há esperança.

Ele levanta os olhos da comida. — Dar a uma garota minha jaqueta é uma declaração de propriedade. Eu não possuo a bunda de Thalia.

A ideia de que Thalia me testou me dando o número de Sydney passa pela minha cabeça, mas decido que estou sendo paranoica, mesmo que Daria tenha dito que ela é manipuladora.

— Não precisamos ser inimigos. — Limpo minha garganta. — Posso ter sido... um pouco dura com o tratamento que dei a você.

Ele deixa cair a colher e os pauzinhos na tigela fazendo barulho, olhando para mim como se fosse o cano de uma arma. — Mije em um copo agora mesmo para restaurar a confiança, Bailey. Acabe com meu sofrimento e seremos melhores amigos novamente.

Em algum lugar no fundo da minha cabeça, há uma vozinha que me diz que Lev fez uma excelente observação e que ainda não estou pronta para admitir isso.

— Sabe o quê? Esqueça. Acho que nossa confiança um no outro foi irreparavelmente quebrada.

— Sim? — Lev se inclina contra a mesa. Marx, ele é lindo. O contorno de seus lábios parece desenhado a lápis, é tão perfeito. — E como exatamente perdi sua confiança? Não diga Thalia.

— Não me disse que tinha namorada.

— Eu não tenho a porra de uma namorada! — Ele bate na mesa, fazendo tudo voar alguns centímetros acima da superfície.

— Tenho uma garota com quem transo e saio. Ocasionalmente.

Ela sabe o seu lugar. Não somos sérios. E realmente, quais eram minhas opções aqui? — Ele pergunta calmamente. — Sentar e ansiar pela garota que eu amo, que me disse para não esperar por ela porque isso nunca acontecerá entre nós? Disse que não me queria, depois me puniu por estar com outra pessoa. Disse que nunca me esqueceria, e depois se afastou e cortou todos os laços. Você me ligou no meio da noite, morrendo, mas agora não fará exame de drogas. E espera que eu acredite que é parente da antiga Bailey? Você não se compara a ela. Nem mesmo a porra de um fósforo úmido.

Bato as palmas das mãos na mesa, levantando-me. — Ela se parece exatamente comigo!

Ele também se levanta. Suas maçãs do rosto salientes ficaram rosadas. — Um monte de besteira.

— Sim, parece! Eu...

— *Ela*. — Ele bate o punho na mesa.

— *Se*. — Bang.

— *Não*. — Bang.

— *Parece com você*. — Bang, bang, bang.

— Sua beleza é incomparável. Sempre será a garota mais linda em todos os cômodos, em todos os países, em todos os malditos continentes, em todos os planetas. Você é o fim do jogo, Bailey, por isso me mata que não queira ser. Ah, e não consigo parar de pensar em você, mesmo quando sei que seria melhor esquecer que existe.

Isso soa como uma declaração de amor, e a emoção que sinto com suas palavras é inconfundível.

— Talvez eu queira ser — deixo escapar, sem fôlego, do outro lado da mesa. — Beije-me e descubra.

Ele balança a cabeça, parecendo triste e um pouco desapontado. — Não. Não é minha melhor amiga que eu beijaria. A pessoa que você é agora? Gostosa *pra* caralho, mas não é meu estilo.

Talvez porque eu saiba que ele está certo, isso abre um buraco na

minha alma.

— Nunca estive apaixonado por mim, Lev — ofego. — Estava confuso porque estávamos sempre juntos.

Ele segura meu olhar com firmeza. — Estou com cada célula do seu corpo. Admita, Bailey. Você estragou tudo. Arruinou-nos por causa de suas inseguranças estúpidas. Poderíamos ter sido felizes. Agora olhe para nós.

— Você parece feliz — digo.

Ele balança a cabeça, suspirando.

A raiva toma conta do meu corpo. Jogo as costas da palma da mão na tigela de sopa e vejo como respinga no aparador. Macarrão grosso rasteja pela madeira cara. A porcelana fina quebra. Subo as escadas como uma criança tendo um ataque de raiva. Ouço Lev terminando calmamente sua refeição à mesa, sem se preocupar em correr atrás de mim, para negociar, para pedir desculpas.

O garoto que amo acabou de me dizer que também me ama e tudo que consigo sentir é fúria e desespero.

Porque talvez ele esteja certo. Talvez eu tenha estragado tudo por causa das minhas inseguranças. No fundo, sempre soube que não era tão bonita, charmosa ou envolvente quanto minha irmã mais velha. Tão talentosa quanto minha mãe. Tão durona quanto meu pai.

Entro no meu quarto e começo a abrir todas as minhas gavetas, jogando roupas, roupas íntimas e bugigangas até encontrar o que estou procurando.

No Natal passado, me receitaram alguns analgésicos fortes. Nunca os levei comigo para Nova Iorque porque resolvi tentar largar o hábito durante o semestre.

Agora? Agora é hora de relaxar. Enfio dois na garganta e engulo. Depois começo a andar.

Lev está apaixonado por mim. Estou apaixonada por ele. Deveríamos estar juntos. Nem sou uma viciada de verdade. Passei

semanas tomando nada além de analgésicos de baixa qualidade, pelo amor de Deus.

Meu telefone toca na minha cama com uma mensagem recebida. Eu o olho, pensando que é Lev, me pedindo para descer e conversar.

Thalia: Oi!!!!. E aí?

Gosto dela, gosto, mas também considero sua existência um desrespeito pessoal.

Bailey: Entediada. Você?

Thalia: Venha para a praia. Há uma festa!

Bailey: Não posso. #PrisãoDomiciliar, lembra?

Thalia: Achei que seus pais foram assistir uma peça ou algo assim???

Então Lev contou a ela. Ela sabe que ele está cuidando de mim. Agora estou determinada a ir encontrá-la na praia só para provar algo.

Bailey: Sim, mas seu namorado não me deixa sair de casa.

Thalia: Se eu distraí-lo por alguns minutos, consegue escapar?

Olhando pela janela do meu quarto, decido que sim, provavelmente poderia.

Fiz isso durante quatro anos, depois que Lev perdeu Rosie e entrei no meu quarto todas as noites. Além de alguns acampamentos de verão fora e alguns dias de licença médica, dormimos juntos durante todo o meu ensino médio.

Bailey: Faça o seu melhor, garota.

Thalia: 👍🐱

Alguns segundos depois, ouço o telefone de Lev tocando lá embaixo.

Ele atende. Posso dizer que está de péssimo humor pelo tom entrecortado de sua voz.

Abrindo minha janela, deslizo pelo telhado e caminho até o chão. Seja qual for o som que estou fazendo, é abafado pelas palavras cortantes de Lev para Thalia.

— ...perturbada se acha que deixarei Bailey e ir encontrá-la em alguma festa. O que há de errado com você, T?

Ela está encobrindo seus rastros, fazendo-o pensar que ela está em outro lugar, caso eu seja pega. As palavras de Daria dançam ao longo da minha pele. Ela é uma manipuladora. É preciso ser uma para conhecer outra. Daria costumava limpar o chão com outras garotas malvadas. Era incomparável no departamento de astúcia.

— ...não, não posso levá-la comigo. Ela é uma viciada. Haverá álcool. E drogas. É como levar um jogador para Las Vegas, um viciado em sexo para um bordel, uma garota branca e bêbada para um bar de karaokê – uma receita para o desastre.

O que quer que Thalia diga do outro lado da linha o acalma porque ele solta um suspiro. — Desculpe. Estou apenas... frustrado. Divirta-se, certo?

Meus tênis pousam suavemente na grama exuberante do gramado da frente da casa dos meus pais. Eu me viro e saio correndo da minha rua sem olhar para trás.

Quinze minutos depois, estou na praia. Tiro meu telefone do bolso, prestes a enviar uma mensagem para Thalia, quando a vejo correndo em minha direção vindo de uma enorme fogueira.

O som grave do baixo agita a areia solta abaixo de mim enquanto *I Want to Start a Religion With You* do Fireworks toca em um aparelho de som.

Thalia está usando um vestido minúsculo de algodão branco e tem adesivos de estrelas douradas no rosto bronzeado e sardento e quero morrer porque ela é muito, muito, muito mais bonita do que eu, e se Lev é o sol e eu o céu, ela é cada estrela brilhante, e talvez um dia ele acorde e perceba que uma noite estrelada é tão bonita quanto um dia claro de verão.

— Bailey! — Ela agarra minhas mãos, me puxando para a areia. — Estou tão feliz que conseguiu! Você não contou a Lev que eu te convidei, certo?

— O quê? Não. Não sou uma delatora. Não mais, de qualquer maneira.

Meu corpo está zumbindo com adrenalina por ter fugido. Está também tremendo de dor depois daquela corrida espontânea. Esses dois analgésicos devem ter sido placebo ou algo assim.

O médico lhe receitou placebo? Está ouvindo a si mesma? Em seguida, pensará que há um chip 5G em sua vacina anual contra a gripe.

Na areia tem um monte de gente bebendo e dançando.

Ela me apresenta alguns deles até chegar ao último. Um cara baixo, ruivo e com olhos astutos. — E este é Sydney — ela murmura, dando um beijo na sua bochecha.

Sidney. Sidney. Sidney.

Isso é uma armadilha? Se for assim, não quero admitir para mim mesma. Não só porque Thalia é minha única companhia atualmente, mas também porque eu realmente preciso de alguns analgésicos.

Uma coisa era evitar ligar para ele, mas agora está bem na minha frente, provavelmente carregando uma tonelada deles.

Sento-me na areia em frente ao fogo e aceito uma garrafa de cerveja destampada de Thalia sem intenção de beber. Deixando os analgésicos de lado, nunca consumo álcool a menos que eu mesma abra.

— Ouvi dizer que estuda na Juilliard. — Uma garota toca meu cotovelo. Ela parece completamente bêbada e algo protetor surge em mim. A antiga Bailey lhe arranjaria um táxi para casa. — Esse era meu maior sonho. Deve ser tão talentosa.

— Obrigada — murmuro.

— Ela é incrível! — Um músculo se contrai sob os olhos de Thalia. — Tive a honra de malhar com ela. Garota é fogo.

Fogo? Não. Enferrujada? Talvez, se alguém fosse burro o suficiente para me dar um emprego de dançarina...

Sei que fui péssima no tempo que treinamos juntas, mas é legal

da sua parte tentar me animar. A maioria das garotas com quem convivi são muito competitivas.

— Vou para Las Juntas. — A outra garota assente. — Mas saio com Thalia, esperando que Lev apareça e traga seu melhor amigo, Grim, para que eu possa agir.

Grim Kwon. Lembro dele. Um barco dos sonhos que fala sarcasmo fluentemente.

— Tenho certeza que ele aparecerá um dia — digo.

A garota inclina a cabeça para Thalia. — Nem mesmo Lev aparece para essa garota, por isso não prendo a respiração. — *Ouch*. A garota soluça e então começa a tombar e vomitar entre nós. Eu me afasto bem a tempo e coloco a mão nas suas costas. — Chamarei um Uber para você, garota. Hora de ir para casa.

— Não posso pagar por um.

— Por minha conta. — Sei que ela arruinará minha pontuação perfeita de cinco estrelas, mas não posso arriscar que algo aconteça com ela.

Levar a garota até o calçadão e vê-la entrar no carro do Uber demora cerca de dez minutos, e depois estou de volta ao lado de Thalia.

Thalia coloca a mão no ombro de Sydney e boceja. — Ugh. Tenho uma prova de história para estudar. Preciso passar a noite inteira.

— Era a melhor parte para mim — digo sem jeito.

Adorava estudar durante a noite. Havia algo romântico e saudável nisso. Se eu não estivesse destinada a ser bailarina, adoraria estudar história ou arte. Em algum lugar fresco e aconchegante na Nova Inglaterra. Suéteres grandes e longas noites na biblioteca. Havia tantos universos alternativos que nunca entretive por causa do balé. É por isso que preciso lutar ainda mais pelo que já conquistei.

Thalia e Sydney olham para mim como se eu tivesse soltado mais duas cabeças e um rabo.

Thalia se vira para Sydney, que parece drogado. — Tem algum Adderall?⁴⁵

Ele enfia a mão no bolso da frente e tira saquinho com dezenas de comprimidos. Meus olhos se arregalam. Agora tenho certeza de que isso é uma armadilha – também não é muito sutil.

Thalia me trazendo aqui. Cercar-me de pessoas muito mais jovens do que eu. Minha mãe os chamava de ralé. E, francamente, a antiga Bailey também não andava com eles. Não sei se está fazendo isso para me machucar ou como um esquema com Lev para me mostrar que sou realmente uma viciada – quero dizer, sou uma viciada? – mas isso não importa, pois não consigo me conter.

Acontece que outra coisa pode me impedir – nomeadamente, o capitalismo.

— Pegue mais três e coloque na minha conta, está bem? — Thalia coloca um Adderall na boca e bebe cerveja. O interesse amoroso de Lev pode ser mais bonita do que eu, mas com certeza está privando alguma vila da sua idiotice.

— Misturar álcool e Adderall é proibido. — Tiro a cerveja de seus dedos e a jogo em uma lata de lixo próxima.

— Wow, realmente é uma garota certinha. — Thalia ri e agarra meus ombros. — Acalme-se, Bailey.

— Alguma coisa que eu possa pegar para você? — Sydney olha em minha direção, seu sorriso amarelo de espiga de milho em plena exibição.

— Não trouxe minha carteira comigo — respondo brevemente, tremendo um pouco. Do frio, provavelmente.

Thalia revira os olhos. — Eu tenho você, amor. Pode me pagar na próxima vez que eu for treinar. O que deve ser em breve, certo? Disse que ainda tentava a Juilliard?

— Eu... não quero nada. Estou bem. — Engulo em seco. — Não quero confirmar a fofoca sobre mim de que sou viciada em drogas. Eu não sou.

Thalia me encara por alguns segundos e depois sorri. — Não, não é. Vamos. Deixe-me ajudar a parar a dor.

Minha voz é apenas um sussurro — Está bem.

— O que posso pegar para você? — Sydney se aproxima.

— Vicodin — ouço-me dizer. — E... e Xanax, se tiver.

Assim que ele coloca os comprimidos na palma da minha mão aberta, enfio um de cada na garganta e engulo-os a seco. O resto coloco nos meus tênis.

— É isso, querida. — Thalia dá um tapinha nas minhas costas, sorrindo de orelha a orelha, e agora sei com certeza que Daria estava certa sobre tudo. Essa garota é má. — Agora tudo está melhor, hein?

Não fico muito tempo por aqui por motivos óbvios.

Não tenho dúvidas de que Lev já sabe que eu escapei. As sessenta chamadas perdidas e as quinhentas mensagens de texto ameaçadoras são uma pequena pista.

Lev: Onde diabos está?

Lev: Saiu de casa?

Lev: VOCÊ SAIU DA PORRA DE CASA.

Lev: Juro por Deus, Bailey.

Lev: Quando te encontrar, e VOU te encontrar, as drogas serão o menor dos seus problemas.

Lev: Não há necessidade de mijar em um copo. Acabei de receber minha resposta.

CAPÍTULO NOVE

Bailey

Finalmente não estou mais com dor.

A sensação do Vicodin me faz sentir como se pisasse em algodão doce enquanto volto para casa a pé.

Há um enorme sorriso no meu rosto. Lev disse que está chateado e acredito nele, mas tenho uma ideia de como fazer com que ele me perdoe por essa recaída inconsequente.

Nem me sentirei mal por Thalia porque acabei de descobrir que ela é uma cobra.

Lev é um cara excepcionalmente engenhoso, por isso não fico nem um pouco surpresa quando seu Bugatti pisca as luzes nas minhas costas nem seis minutos depois de eu sair da festa da fogueira.

Ele acelera, faz uma curva agressiva à direita e bloqueia meu caminho com seu carro. Para horizontalmente no meio da rua. Os motoristas buzina e balançam os punhos nas janelas, criando uma longa fila no trânsito. Lev sai do carro, movendo-se como um demônio invocado.

— Jesus, está congelando — é a primeira coisa que ele diz.

Ele tira a jaqueta do time e a coloca sobre meus ombros nus.

Estou? Nem percebi a temperatura, o que deveria ser um mau sinal. E onde está meu moletom? Onde eu perdi isso? Não deveria se despir sem perceber, certo?

Ainda não gosto de fazer cena, porém, por isso digo — As pessoas estão olhando.

— Estão prestes a ter o show de suas vidas porque estou a dois segundos de bater na sua bunda. — Ele me agarra como se eu fosse um saco de batatas, me joga por cima do ombro e depois no banco do

passageiro.

Ele coloca o cinto de segurança em mim. Sua mandíbula está cerrada e seus olhos são uma tempestade de trovões e granizo.

Eu ficaria com medo se não estivesse mais alta que o *One World Trade Center* (que é o edifício mais alto de Nova Iorque, não o *Empire State Building*). As drogas, porém, me dão forças.

Ele começa a dirigir. Algo me ocorre. — Estou vestindo sua jaqueta do time.

Suas narinas se dilatam. — Só percebeu agora? Porra, está chapada.

— Não. — Balanço minha cabeça. — Você disse que é um sinal de propriedade.

Lev não diz nada. Isso é justo. Agora provavelmente não é o melhor momento para buscar elogios.

Enterro meu nariz em sua jaqueta, o seu cheiro singular atingindo minhas narinas. Ironicamente, Lev é a droga mais viciante de todas.

Quando chegamos a um sinal vermelho, ele se vira para mim e arranca meu telefone entre meus dedos – já esperava por isso – e sei que ele olhará minhas mensagens, mas não encontrará nada porque apaguei a conversa com Thalia.

— Se você pegar meu telefone, isso significa que posso pegar o seu? — Eu sorrio.

Ele me joga seu telefone, os olhos ainda na estrada. — Ao contrário de você, não tenho nada a esconder.

Trêmula, digito sua senha – meu aniversário – e imediatamente vou para suas mensagens de texto. Thalia é a quinta conversa, o que me deixa pateticamente feliz. Entro no chat deles.

Thalia: Sentindo sua falta seu idiota.

Lev: Cara, pela última vez a gramática é importante.

Não é exatamente O material de que Romeu e Julieta foram feitos. Tudo antes disso são apenas conversas áridas sobre onde

deveriam se encontrar e onde estão.

Minha próxima parada é o rolo da câmera. Se ele tiver fotos de pau ou fotos nuas de Thalia, provavelmente abrirei a porta do passageiro no meio do caminho e mergulharei para a morte.

Meu coração vira uma bola de ansiedade na garganta enquanto percorro suas imagens, mas na maior parte são coisas chatas de estratégia de futebol e... eu.

Há tantas fotos minhas. Tipo, centenas. A maioria delas nem reconheço. Não sabia quando foram tiradas. Tem um monte da minha festa de despedida, por exemplo. Lembro-me muito bem daquele dia, mas na minha cabeça foi diferente.

Estava desembulhando o presente que Daria me deu, uma bolsa Chanel, ou como ela chamava: *Uma BVM. Bolsa de Vadia Malvada. Todo mundo precisa de uma, Bails. Até garotas como você, que têm vergonha de serem bonitas e ricas.*

Foi depois do rompimento de Bailev. Lembro de Lev mexendo no telefone e fiquei magoada por ele nem olhar para mim quando as pessoas me ofereceram presentes de despedida.

Só que ele estava olhando. Documentando cada momento disso. Cada sorriso. Cada risada. Tirando fotos das minhas reações. Tudo ampliado, cortado e focado no meu rosto.

Oh, Marx. Isso é tão assustador. E adorável. E assustador. *De novo.*

Há outro conjunto de fotos minhas brincando com as crianças, Sissi e Den, e depois uma foto minha de costas para a câmera, encostada no balcão da cozinha, lambendo uma colherada de cobertura de bolo quando pensei que ninguém olhava, mas eu estava errada. Lev estava sempre observando. Há talvez mil fotos minhas só daquele dia.

— Terminou de bisbilhotar? — Lev fala lentamente, com os olhos fixos na estrada.

Meu coração desliza de volta ao peito e jogo seu telefone em seu colo. — Todas coisas chatas. Como esperado.

Não sei por que sou tão horrível com ele, quando ele é literalmente a única pessoa pela qual vale a pena lutar para permanecer neste mundo.

— Prefiro ser chato do que ser uma idiota.

— Sabe, realmente odeio você. — Uma risada enferrujada escapa dos meus lábios.

Sua mandíbula flexiona. — Não me surpreende. O ódio é apenas um substituto barato para o amor. — Ele pisa no acelerador, ansioso para chegar em casa. — E ambos sabemos por que está drogada e entorpecida agora, Dove. Você sempre teve medo de sentir.

* * *

Lev estaciona, abre a porta e entra sem me olhar. Respiro fundo e olho para minha casa. Isso não foi tão ruim.

Ele falou demais para alguém que decidiu discutir comigo levemente durante todo o trajeto para casa. Depois vejo a luz se acender no meu quarto no segundo andar e percebo, através da doce neblina da euforia, que chegamos à parte confusa da noite.

Porque Lev está no meu quarto e sei exatamente o que está fazendo lá.

Saio do seu carro e subo as escadas. Quando chego ao meu quarto, parece que o FBI o invadiu. Três vezes.

Lev destruiu todos os móveis em busca de drogas. Minha cômoda está de cabeça para baixo, todos os meus livros e roupas espalhados pelo chão, os lençóis estão rasgados e uma das minhas mesas de cabeceira está quebrada.

— Para, para, para! — Imploro, tentando agarrar seus braços quando começa a puxar meus travesseiros. Penas caem sobre nós dois, pintando tudo de branco. — Você não encontrará nada, juro.

No entanto, ele continua rasgando lençóis, virando gavetas de

cabeça para baixo e arrancando fotos Polaroid das minhas paredes. É como se ele estivesse na floresta no dia em que Rosie morreu, apenas cerca de cinquenta quilos mais forte e vinte e cinco centímetros mais alto agora.

Quando meu quarto está completamente destruído, Lev se vira para mim, ofegante. — Fique nua.

— O quê?

— Você me ouviu. Se houver drogas, vou encontrá-las.

— Oh sim? — Bufo. — Você verificará meu reto para ver se as escondi lá?

— Porra, sim. Os viciados fazem merdas estúpidas para evitar serem pegos. Tenho dois ex-drogados em casa, lembra? Não mentirá para sair dessa, Dove. — Ele se senta na beira da minha cama sem colchão, arrogantemente, ficando confortável. — Jogue jogos estúpidos, ganhe prêmios estúpidos. Comece tirando a camisa. Em seguida, desça a partir daí. Pode dançar um pouco se quiser.

Fico congelada, lançando a ele um olhar de nojo.

Suas sobrancelhas se erguem. — Precisa entrar no clima? — Ele desliza o polegar sobre o telefone e coloca *Milkshake* de Kelis. Uma música de stripper. — Aqui. Isso deve funcionar.

— Foda-se — grito.

Lev sorri presunçosamente. — Planejando isso. Um dia. Quando estiver totalmente sóbria, e nem um minuto antes. — Ele verifica a hora em seu telefone. — Tique-taque, Bailey. Não está ficando mais jovem, e realmente odiaria arrancar suas roupas... não, espere. Na verdade, eu gostaria muito disso.

Furiosa, me viro e saio do meu quarto, subindo as escadas de dois em dois para escapar dele. Ele me segue, os pés batendo no chão, fazendo a casa inteira tremer. A adrenalina bombeia em minhas veias, fazendo meu coração bater violentamente.

Abro as portas de trás. Temos uma piscina longa e estreita com

banheiras de hidromassagem redondas de cada lado. Lev diz que tem o formato de um pau com bolas e ele está certo.

Paro na beira da piscina e me viro para dar um sorriso sarcástico para o garoto que me deu seu binóculo GI Joe favorito para que eu pudesse ver o cometa Halley.

— Já que me ver nua será o auge da sua existência, e na verdade estou de bom humor pela primeira vez, aqui. Fique à vontade. — Agarro a barra da minha camisa e a tiro, jogando-a em uma espreguiçadeira. Estou usando um sutiã de cetim rosa.

Puxando meu elástico, solto meu cabelo. Ondas grossas de ouro caem em cascata até a parte inferior das minhas costas. Empurro meu short para baixo. Tiro o tênis, tomando cuidado para guardar o saco plástico com o Vicodin e o Xanax.

Estou usando calcinha rosa combinando. O cetim é tão fino que consegue ver a marca da minha fenda. E ele está olhando. Oh, ele não consegue tirar o olhar de mim.

— Devo tirar o sutiã e a calcinha? — Arqueio uma sobrancelha, me sentindo tão alta, tão poderosa, tão bem.

Está sou eu assumindo o controle. Deixando-o louco. Dando a ele um gostinho do prato que nunca havia preparado para ele, mas que tantas vezes quis. Eu.

Sua garganta balança ao engolir, mas não responde, hipnotizado. Posso ver, mesmo na noite escura, como cada célula de sua pele fica arrepiada. Seus olhos brilhando de desejo. Nunca me senti tão bonita por fora... e feia por dentro.

Deslizo meu olhar de seu rosto esculpido até sua virilha, e posso ver que ele está totalmente duro por trás da calça de moletom. Parece que enfiou uma mortadela inteira na cueca.

— Wow, Lev, está fazendo uma tenda. — Não acredito que estou dizendo isso ao garoto cujas lágrimas sequei todas as noites durante meses. Vicodin é muito potente. — Como Thalia reage?

— Ansiosamente — ele diz.

Pensar nela me enche de raiva renovada, e decido retaliar, abrindo meu sutiã e abaixando minha calcinha. Fico nua diante dele. Ele nunca me viu assim. Completamente nua. Dez segundos se passam. Depois trinta. Nenhum de nós diz nada. Seus olhos estão vagando.

— Procure drogas em mim — resmungo. Um desafio. — Apenas tente não gozar quando fizer isso.

Lev não se move. Parece algo entre assombrado e entediado. — Só porque estourei uma ereção, não significa que quero tocar na sua bunda.

Sento-me na beira da banheira de hidromassagem e abro bem as coxas. Ele não consegue parar de olhar. Com base na marca de sua protuberância na calça de moletom, o cara está tão grande que poderia encher um caminhão *U-Haul*⁴⁶ inteiro. Quero rastejar entre nós, deslizar seu pau para fora e chupá-lo. Seria a primeira vez para mim, mas acho que seria boa nisso.

— Aqui. — Faço um V com meus dedos indicador e médio, separando os lábios rosados entre minhas coxas, mostrando a ele o interior da minha boceta.

Sua boca está aberta. Seus olhos escurecem a tal ponto que não são mais verdes, mas ele não se aproxima. Não morde a isca. — Vê? Não há drogas lá dentro.

Sua mandíbula se contrai, suas sobrancelhas grossas se juntam. — Enfie um dedo, enrole e puxe lentamente.

— Não sabia que meu melhor amigo era um pervertido.

— Seu melhor amigo quer ver se sua boceta está tão vazia quanto seu cérebro agora.

Lentamente, enfio meu dedo indicador em mim e enrolo. Atingi meu ponto G e gemo alto.

Ouçó a respiração de Lev prender quando puxo meu dedo lentamente e o levanto no ar entre nós como prova. Está brilhando com meus sucos. — Feliz?

— Não tem ideia. — Ele está olhando sob os olhos semicerrados, suas maçãs do rosto afiadas agora estão vermelhas e brilhantes, combinando com as pontas de suas orelhas.

Nós dois estamos ofegantes e gemendo como se nossas mãos estivessem um sobre o outro, apesar de estarmos a pelo menos dois metros de distância. Acho que nunca estive tão molhada e excitada em toda a minha vida.

— Posso fazer isso de novo se ainda estiver cético. — Começo a me acariciar na sua frente, empurrando meu dedo para dentro e para fora, brincando comigo mesma.

Estou molhada. Tão molhada que ele pode ouvir os sons que meus dedos produzem. E a melhor parte é que estou chapada demais para ficar envergonhada. — Devo parar?

Ele não responde. Meus mamilos endurecem.

Estou quase gozando e é tão bom ser observada por ele. — Aww. — Faça beicinho. — Não é tão poderoso e santo agora, não é, Lev? O grande herói do futebol de todos gosta de ver seu amor não correspondido gozar.

Continuo acariciando, ficando cada vez mais molhada na sua frente. Ele lambe os lábios e posso dizer que quer se aproximar. Dar uma olhada melhor. Sei que estou me aproveitando do fato de ele me querer, mas não consigo evitar. Deslizo um dedo e gemo. Vou gozar se não parar logo.

— A boceta está limpa — Lev diz de repente, seu tom ameaçador. — A boca está cheia de sujeira, mas não de drogas. Agora se vire e me mostre sua bunda.

Marx, adoro quando ele é mau e mandão. O oposto de sua aura sensata habitual. Provavelmente ficarei mortificada quando a sensação passar, mas agora parece que sou uma pomba cortando as nuvens com suas asas, beijando a borda do universo.

— Por drogas, certo? — Bufo, criticando-o por suas besteiras.

— Não, quero ver se está escondendo o Voo 19 aí — ele diz

secamente, reorganizando seu pau na calça de moletom.

— Sarcasmo não combina com você — murmuro.

— O vício em drogas não combina com você — ele retruca.

— Como quer fazer isso? — Bufo.

— Incline-se sobre a banheira de hidromassagem e abra bem as nádegas para mim.

Santo Inferno. Ele está falando sério sobre isso.

Faço o que ele diz, apoiando os seios sobre a pedra fria. Minha bunda está bem aberta, minha pele esticada firmemente ao redor do meu buraco apertado.

Consigo ouvi-lo atrás de mim vindo na minha direção, e a minha boceta está a latejando, a pingando pelas minhas coxas, estou tão excitada. Lev e eu ficaremos juntos agora. Ele confessará seu amor por mim. É forte, mas não desumano. Vem fantasiando sobre isso há anos.

Nós dois dançamos à beira do sexo explosivo desde que chegamos à puberdade.

Ele vai largar Thalia e ficaremos juntos. Continuarei tomando os comprimidos até melhorar. Voltar para Juilliard. Um relacionamento de longa distância – o que deveríamos ter feito em primeiro lugar. Ele sempre foi o único.

Minha pomba.

Meu destino. Meu destino final.

Posso sentir o calor de seu corpo sobre minha pele por trás agora.

As ondulações das bolhas da banheira de hidromassagem e os grilos são os únicos sons que nos envolvem. Eu me viro para olhar para ele, mas ele agarra minha nuca e vira minha cabeça de volta para a água. — Não te dei permissão para olhar para mim, dei?

— Ainda precisa verificar se tenho drogas aí — gemo.

Posso realmente ouvi-lo engolir. — Acredito em você.

— Por que? Sou apenas uma viciada, lembra? — Estou implorando agora, arqueando as costas, esfregando minha bunda nua contra sua ereção. Quem sou eu? O que estou fazendo? Não me reconheço neste momento. — Tão confiável quanto uma bússola quebrada. Poderia estar mentindo. Você mesmo disse isso.

— Está mentindo?

— Talvez sim, talvez não. Sou um mistério envolto em um enigma. Melhor verificar.

— Maldição, Bailey — sua voz fraqueja, e ele também está prestes a fraquejar. Posso sentir isso.

— Vamos, Levy. Ouse. — Nunca pulamos nossos desafios. Caramba, Lev uma vez lambeu uma bola de queimada na educação física só porque o desafiei.

Ele cospe nos dedos e cada centímetro da minha pele fica arrepiado. Coloca a palma da mão contra a parte inferior das minhas costas e coloca um dedo molhado entre as bochechas da minha bunda suavemente, balançando-o alguns centímetros. Um gemido me escapa. Meu clitóris está inchado e tento tocá-lo, mas ele dá um tapa na minha mão. — Isso não é uma pegação.

— Mas poderia ser.

— Não, não pode. Estou com outra garota e apaixonado por uma versão sua que me odiaria se eu ficasse com essa versão.

Ele, porém, está apenas se alimentando de mais mentiras porque escorrega mais um centímetro. Então outro.

Minha bunda está cheia do dedo do meu melhor amigo. Meus joelhos tremendo. Quando os nós dos seus dedos atingem minha bunda e está totalmente dentro, meus gemidos se transformam em gemidos suaves de euforia.

Estou gozando. Estou gozando. Estou gozando.

Ele sabe que estou gozando, por isso está me fazendo um favor ao não se afastar imediatamente. Deixa-me montar seu dedo, me

empurrando para trás enquanto as ondas quentes de um orgasmo me atingem.

— Sem drogas. — Ele sai de mim tão rápido quanto humanamente possível.

A umidade entre minhas pernas desliza das coxas até os joelhos. Lev percebe porque envolve meus cabelos com os dedos, puxando minha cabeça para cima até que seus lábios estejam na minha orelha. — Se estivesse sóbria, foderia essa bundinha apertada com meu pau grande e depois gozaria na sua boca, fazendo você beber cada gota. Quero que se lembre deste momento, Dove.

Sua outra mão encontra meu quadril e ele agarra minha cintura para me impedir de cair.

— O momento em que roubei um orgasmo de você? — Ronrono astuciosamente.

— Roubou? — Ele ri sombriamente no meu ouvido. — Baby, perdeu o melhor pau que já conheceu por um mero dedo porque está chapada, mas descerá deste ponto alto em que está. Depois de fazer isso, quero que se lembre de como a Bailey Followhill perfeita, eleita a mais provável de se tornar a primeira mulher presidente, ofereceu a um cara que ela supostamente odeia, foder sua bunda sem camisinha. Como gozou quando enfiei o dedo na sua bunda para verificar se havia drogas, como uma putinha desesperada. Quero que se lembre que te rejeitei. Quero que se lembre da ardência. E quero que se lembre de queimar por mim, sabendo que só me terá, tudo de mim, quando estiver sóbria.

Sua voz é baixa e rouca. Sua respiração deixa pequenos terremotos por toda a minha pele. — Agora, Dove, é hora de um banho frio.

Com um empurrão preguiçoso, ele me joga no fundo da nossa piscina.

Volto à superfície rapidamente, ofegante por causa da temperatura. Bato na água com raiva. — Quer que eu pegue

pneumonia?

Ele está parado na beira da piscina, o rosto mais gelado que a água. — Não particularmente, mas já que não dá a mínima para sua saúde, por que eu deveria?

Estou tentada a contar a ele que sua preciosa Thalia me deu as drogas, mas não quero queimar esta ponte caso precise de mais.

— Que bom que não fiquei com você esta noite. — Sopro um beijinho. Porque... aparentemente tenho cinco anos agora?

— Que bom que está reescrevendo a história do que aconteceu. — Ele pega da pequena geladeira de bebidas um refrigerante e o abre, apoiando o ombro lânguido no tronco de uma palmeira.

— Não se preocupe, Bails. Pretendo foder cada buraco do seu corpo até que fique do tamanho e formato do meu pau, mas não assim. Quero que seja com minha melhor amiga. Não a volátil qualquer que sequestra seu corpo sempre que está chapada.

— Pare de dizer isso. Ainda sou eu. Eu só... Sinto câibras nos pés e não consigo mais nadar.

Meu corpo se curva, dobrando-se ao meio, e a dor é tanta que parece que algo quebrou como um osso da sorte no meu pé. Começo a afundar como uma pedra no fundo da piscina. Minha cabeça afunda. Engulo um copo cheio de água com cloro. Meus pés – pesados de analgésicos – tocam o fundo da piscina. O pânico atinge meus ossos. Estou me afogando e não posso contar a ele.

Então vejo através dos olhos úmidos e doloridos um respingo forte. Lev atravessa a água como uma flecha. Nada em minha direção, me agarra pela cintura e me puxa para cima. Leva-me até a beira da piscina, pula para fora e depois me leva para a cabana. Ele ainda está pingando água quando me empurra para um banho quente.

Sob o jato de água, agarro minha nuca e começo a chorar histericamente. A ansiedade está de volta, e com intensidade. Mal consigo respirar.

Levsem dizer nada pega uma esponja, esguicha sabão nela e

ensaboa minhas costas. Seus movimentos são circulares e profundos. Está massageando cada centímetro de mim, acalmando, suavizando, fazendo cócegas.

Meus soluços ficam mais altos, rasgando meu peito de forma selvagem.

— Por que está chorando? — Ele pergunta muito suavemente.

— Estava com medo de me afogar — fungo. — E estava... você sabe.

— Diga-me.

— Sob. — A influência. Água. Tudo.

— Tudo bem — diz ele, terno novamente. — O que tomou?

— Analgésicos. Xanax. — Bufo. — Marx, sou uma perdedora.

— Sinto muito, Dove. — Ele afasta mechas molhadas de cabelo dos meus olhos. — Desculpe por não estar lá para protegê-la quando isso aconteceu. Lamento que esteja doendo. Desculpe, por estar neste ciclo de merda confuso, mas precisa de ajuda. Não posso vê-la se matando. Cada vez que se envenena, você também me envenena. A única diferença é que não consigo aproveitar o barato. Para mim, são apenas os pontos baixos.

Estou muito chateada para dizer qualquer palavra, então o deixo cuidar de mim.

Depois que ele termina o banho, me seca com uma toalha, me veste um pijama limpo e escova meu cabelo. Estamos de volta ao meu quarto, ou ao quarto da pessoa que eu era antes de mudar completamente.

Enquanto ele arruma o colchão, tenta tirar minha mente do que aconteceu esta noite. — Lembra quando costumávamos fazer fantoches de sombra e eu estrangulava sua sombra e você pisava na minha? — Ele sorri.

Eu sorrio cansada. — As coisas eram tão simples quando éramos crianças, não é?

Ele acena com a cabeça, ficando sombrio. — Mas algumas coisas ainda são.

— Sim? — Fungo. — Como o quê?

— Como o que sinto por você e o que você sente por mim.

Lev me deita na cama e massageia meu pé para relaxar o músculo distendido. Meus pés estão em sua coxa dura como aço enquanto ele enfia o polegar no centro do pé com cãibra.

Choramingo em um travesseiro que abraço, soluçando enquanto desço o Olimpo da euforia para a terra mortal da minha realidade desastrosa.

Lev estava certo. Agora que não estou mais chapada, estou sentindo tudo isso. Humilhação. Embaraço. Mortificação.

É por isso que amo tanto o Xanax. Isso me tira dos meus pensamentos, dos meus medos, das minhas preocupações. Não é uma busca hedonista de prazer. Mantém a dor sob controle.

— Levy?

— Sim, Dove?

— Eu realmente te deixei enfiar seu... sabe na minha... você sabe?

— Até os nós dos dedos — ele confirma. — Tipo, acho que senti seu pâncreas.

Engolindo em seco, penso em matá-lo. Prós: ele não se lembraria do que aconteceu. Contras: sou meio apegada a ele.

— Não se preocupe, vamos limpar você. — Lev dá um tapinha no meu joelho como um treinador paternal de basquete.

— Vou procurar clínicas de reabilitação para você amanhã. Posso perguntar a Knight as que...

— Você teria... — me contaminado como uma estrela pornô? Enrugo meu nariz enquanto olho para ele. — ...sabe, se eu estivesse sóbria?

— Num piscar de olhos. — Ele pressiona a ponta do polegar em

meu músculo e sinto o nó se desenrolando. — Se você estivesse sóbria, teria agarrado seus quadris por trás e alternado entre foder sua bunda e sua boceta até gozar em ambos.

Sinto-me corar. — Seria muito anti-higiênico para minha saúde vaginal. Uma infecção urinária esperando para acontecer. Apenas... — limpo minha garganta. — Para referência futura.

— ...então eu lamperia tudo e chuparia seu clitóris até desmaiar — ele continua, me ignorando.

Suas palavras me deixam tão alta e excitada que paro de soluçar. Ele lança um olhar para mim e ri. — Você é tão fofa, poderia comê-la inteira.

— Vejo que pensou um pouco.

— Comê-la toda? Não. Talvez uma vez a cada segundo ou mais. — Ele dá de ombros.

Eu derreto com seu toque, embalada pela felicidade de tê-lo aqui.

— Você é tudo em que penso — ele admite. — Além de me tornar um piloto. E *MH370*⁴⁷. Tipo, simplesmente desapareceu do radar, Bails. As pessoas ainda não conseguem decidir se foi para o Mar da China Meridional, para o Estreito de Malaca ou para o maldito Cazaquistão. Sei que já faz mais de uma década, mas...

— Não acredito que tem namorada. — Viro de bruços e enterro o rosto no travesseiro.

— Uma ficante. — Ele beija a sola do meu pé, colocando-o debaixo do cobertor quando estou massageada e sem câibras. — Só porque me disse que eu nunca teria chance e que precisava perder minha virgindade de alguma forma.

— Poderia ter ficado com ela uma ou duas vezes.

Ele me dá um sorriso triste. — Acho que não sou do tipo que brinca.

— Sempre teve uma chance — choramingo. — Eu estava apenas... confusa.

— Ainda não estamos mortos, Bails. — Ele beija a parte de trás da minha cabeça, deslizando o cobertor pelo meu corpo. — E ainda não terminei de tentar fazê-la minha.

Não sei por que dói tanto saber que ele deu a virgindade a Thalia. Especialmente considerando que entreguei minha própria para um cara que nem merecia ser membro do *Sam's Club*. Um cara que me viu lutando com meu desempenho e lesões e optou por explorar isso.

— Bem, agora sabe que tem uma chance. — Eu, mal-humorada, dou-lhe as costas.

— Não, agora você sabe que tem uma chance. — Ele se levanta. — Se você ficar limpa. Boa noite, Dove.

— Boa noite, grande traidor.

Ele ri enquanto pressiona seus lábios macios contra minha testa. Os beijos na testa de Lev são os melhores. Ele apaga a luz, pairando sobre a soleira do meu quarto.

— Levy?

— Sim?

— Sabe o que eu mais amo nas pombas?

Pausa. — Sim? — Posso ouvir o sorriso em sua voz.

Meus olhos se fecham. — Elas são como corações humanos. Não importa o quão perdidas fiquem, sempre encontrarão o caminho de volta para casa.

CAPÍTULO DEZ

Lev

DEZESSETE ANOS

Fato miserável nº 9.492: Pessoas canhotas morrem três anos antes dos destros.

Falta uma semana para Bailey ir para Juilliard, e estaria cagando tijolos se tivesse apetite.

O termo *agora ou nunca*, nunca foi tão preciso porque se ela me recusar agora, isso nunca acontecerá entre nós.

Ela irá para sua escola de dança chique e conhecerá dançarinos chiques e todos farão sexo acrobático chique, e agora quero quebrar as pernas de pessoas hipotéticas sem rosto com pequenos chapéus-coco. Incrível.

Buzino na frente da casa de Bailey, que também fica em frente à minha casa, que também fica em frente à casa do tio Trent. Ele está lá fora com seu filho, Racer, jogando bola.

— Ei, Lev, tem pernas? — Trent pergunta do gramado da frente, jogando uma bola de futebol para Racer, que a pega sem esforço.

Coloco um braço sobre minha janela. — Não do tipo que gosta. Por que?

— Use-as e bata na porta de Bailey da próxima vez. — Ele faz uma pausa, mantendo contato visual direto. — E não se rebaixe, garoto. Suas pernas são fantásticas.

Uma risada borbulha em meu peito. — Cara, você trocou minhas fraldas.

— Não nos últimos dezesseis anos. — Ele pisca deliberadamente

para mim e acho que minha alma explodiu.

— Marcado para o resto da vida. — Finjo engasgar.

Trent sorri, jogando a bola de volta para Racer. — Não duvide. Seu pai é Dean Cole. Você nunca teve chance.

— Olá, tio Trent! — Bailey sai correndo pela porta, acenando para ele.

— Ei, Bails.

Ela pula no banco do passageiro e dá um beijo com brilho labial na minha bochecha.

— Levy! Fiz uma raspadinha para nós. Provavelmente estraguei tudo, mas sei que uvas verdes são suas favoritas, por isso tentei. — Ela me passa um copo de isopor. Eu apenas fico olhando para ela.

Gostaria que ela parasse de fazer minhas raspadinhas favoritas, meus biscoitos favoritos, meu tudo favorito. Agradeço por ela cuidar de mim, mas não gosto de como me trata como se eu fosse seu filho.

Como seguirei em frente se ela me rejeitar? No entanto, já sei a resposta: não vou.

Serei um eremita. Morrerei sozinho. Com uns doze cachorros para me fazer companhia. Não gosto de gatos. São verdadeiros idiotas egoístas certificados. A ciência diz isso.

Cara, pegar cocô de cachorro doze vezes multiplicado por três vezes ao dia significa trinta e seis vezes. Isso é muita bosta. O futuro fede se ela não estiver a fim de mim.

Sem pressão, no entanto.

Para deixar a coisa ainda mais estranha, desde A Noite Sobre a Qual Não Falamos, ela tem estado bastante longe de mim. Não fria, por si só, mas definitivamente mantendo distância. Como se estivesse praticando como não ser mais amiga. Parte disso é minha culpa pelo que aconteceu, mas nunca pensei que ser um merda com ela uma noite resultaria em um colapso total de #Bailev.

Pego a raspadinha sem palavras.

— Está tudo bem? — Ela esfrega meu ombro, com um sorriso encorajador no rosto.

Ela está vestindo um par de shorts jeans e uma pequena camiseta branca da *Frente de Libertação da Terra: Você não pode controlar o que é selvagem*, que mostra seu abdômen bronzeado.

Ocorre-me que se ela se casar com alguém que não seja eu, posso ir para a prisão por homicídio em primeiro grau. Pelo menos a Califórnia não aplica a pena de morte. Porra, odeio agulhas.

Dirigimos até nossa casa na floresta. Nenhum de nós fala. Não nos falamos desde A Noite Sobre a Qual Não Falamos, e não por minha falta de tentativa. Bailey desistiu completamente de nós como amigos e, em vez disso, apenas me trata como se eu fosse seu projeto de flores ou algo assim.

Chegamos à floresta. Estaciono. Bebemos nossas raspadinhas na rede. Silenciosamente. O tempo está se esgotando. Minha paciência também. Minha pulsação martela contra meu pescoço.

Bailey está me contando com orgulho como guardou todos os seus cadernos e folhas de dicas do último ano para que eu possa usá-los (nós dois ganhamos um zilhão de APs⁴⁸ como créditos) quando decidir fazer isso. Não há maneira certa ou errada de confessar seu amor eterno a alguém que conhece desde antes de aprender a usar o penico.

— Eu tenho algo para te dizer.

Ela franze os lábios de cereja em confusão. — Não se trata de querer abandonar a Geografia Humana, certo? Levy, precisa dela para sua inscrição na Air Force Academy...

— Eu te amo.

Silêncio.

O canto dos pássaros. Um rio ondulando ao fundo.

Seu rosto se abre em um sorriso e, por um segundo, fico tão feliz que não consigo respirar.

Então ela dá um tapinha no meu ombro e diz — Eu também te amo, seu bobo! Despedidas são tão difíceis, mas estarei aqui todos os feriados. E se tiver alguma dúvida sobre como eu lavo sua roupa...

Ótimo. Conversa sobre lavanderia quando estou tentando ser o homem dos seus sonhos. Isso está indo bem.

— Certo. Não. Vamos lá. — Balanço minha cabeça. — Estou apaixonado por você. — E depois, para deixar claro, acrescento habilmente — Tipo, amo você como pessoa, como minha melhor amiga, como minha alma gêmea, mas também quero chupar sua língua. E enfiar meu pau em você. — Pausa. — Basicamente. — Pausa. — Obviamente, quando estiver pronta. Se estiver pronta. Em algum momento no futuro próximo... ou distante.

Sim, isso não é considerado a confissão de amor mais suave do planeta Terra, mas veio direto do coração. Em minha defesa, nunca tive que falar para cair nas boas graças do sexo frágil.

As meninas geralmente se jogam em mim. Não passa uma semana sem que uma garota seminua me embosque no vestiário, no laboratório ou em uma festa.

Infelizmente para todas as envolvidas, sou Bailsexual. Significa que não acho garotas ou garotos atraentes. Apenas Dove. O que restringe significativamente minhas opções de conexão.

Ela pisca rapidamente. — Eu... Lev, obrigada.

Obrigada? Ah, porra. Obrigado é o oposto do que eu queria ouvir.

Esperava um *eu também te amo*, mas teria me conformado com *também quero seu pau enfiado dentro de mim*.

— De nada. — Eu me esparramo na tela, morrendo por dentro. — Agora me tire do meu sofrimento e me diga o que isso significa para nós?

Bailey prende o cabelo claro atrás das orelhas levemente pontudas - e sim, é a coisa mais adorável de todas, sem dúvida - tirando o esmalte rosa das unhas dos pés distraidamente.

Ela parece angustiada. — Eu te amo. Tanto que às vezes é difícil respirar, mas... acho que está apenas confuso. Você me olha como uma mãe, como uma irmã. Você sempre fez isso.

Arqueio uma sobrancelha, evitando lembrá-la sobre A Noite Sobre a Qual Não Falamos, quando ela fez coisas muito desagradáveis comigo. A menos que seja da Virgínia Ocidental.

— Está bem, não como irmã-irmão. — Ela revira os olhos, corando. — Mas fiz uma promessa a Rosie de estar sempre ao seu lado, e dificilmente poderei cumpri-la se for para a faculdade e um de nós trair o outro e terminarmos.

Essa é a desculpa mais idiota que já ouvi em toda a minha vida para não estar com alguém.

— Essa pessoa não serei eu, então, a menos que esteja planejando fazer um arabesco no beliche de outra pessoa, não vejo problema. — Sinto minhas narinas dilatarem. — Além disso, nos últimos meses, não sobrou muito da nossa amizade, não concorda?

Ela esfrega o rosto, parecendo cansada e frustrada, e não era assim que eu esperava que acontecesse. Deveríamos estar transando neste momento. Seu mamilo deveria estar na minha boca, pelo amor de Deus.

— Olha, não importa como nos sentimos. Nossas famílias nos veem como irmãos. Tratam-nos como se fôssemos gêmeos ou algo assim. — Ela se contorce.

— Fodam-se nossas famílias — levanto a voz e acrescento — Não literalmente. Não temos parentesco de sangue de forma alguma. Nossos pais são amigos e somos vizinhos. Isso é estúpido.

— Lev, tenho cuidado de você desde que era bebê. — Seu tom é suplicante agora.

Não posso forçá-la a ficar comigo. Ela parece tão abalada quanto eu, encolhendo-se na lona suja do nosso forte na floresta, e estou dividido entre pressioná-la por uma resposta real e dar-lhe alguma misericórdia.

Ela agarra minhas mãos e ambos estamos com tanto frio, embora seja verão. — Cuidei de suas feridas, enxuguei suas lágrimas, dormi em sua cama. Se ficarmos juntos e você mudar de ideia... se acordar um dia e decidir que não me quer mais...

— Não vou.

— Você se sente assim agora, mas eu disse a Rosie...

— Não envolva mamãe nisso. Se ela soubesse o que sinto por você, ela nos quereria juntos.

A boca de Dove se fecha. Sinto que estou perdendo-a. Entrelaçando meus dedos nos dela e tocando-os como um piano, observo seu rosto. — Esqueça nossas famílias. Minha mãe. O que outras pessoas pensam. Esqueça A Noite Sobre a Qual Não Falamos. Sobre o mundo. Sobre expectativas. O que você sente por mim?

E posso sentir que ela quer me dizer a verdade. Está na ponta da sua língua.

Nossos dedos se enrolam e se torcem. É nossa coisa. Sempre tocamos um ao outro como piano.

— Eu... eu te amo — ela ofega.

Ela já disse isso, porém, e preciso de mais. — Ama-me ou está apaixonada por mim?

— Não sei.

NÃO, BAILEY. A RESPOSTA CORRETA É “AMBOS”.

— Quer tentar descobrir isso? — Meu olhar se agarra ao seu rosto desesperadamente.

Ela olha para cima, balançando a cabeça com lágrimas nos olhos. — Sinto muito — ela sussurra. — Acho que sou o problema. Eu te tratei como um irmão por muito tempo para fazer de você meu namorado. Desculpe.

Fecho os olhos e inspiro pelo nariz.

Porra. Doze cães.

Trinta e seis merdas por dia.

Isso será uma merda.

CAPÍTULO ONZE

Lev

ALGUNS MESES DEPOIS

— Você teria um ataque se eu ficasse com Declan Abela? — Grim toma um gole de sua cerveja enquanto nos sentamos na beira da piscina de Austin.

Dizer que a festa é estranha é o eufemismo do século. *Victim in Pain* do Agnostic Front se espalha pelo sistema de som, fazendo o chão tremer. Austin está profundamente envolvido com essa garota anarco-punk⁴⁹ atualmente. Ele a colocou no comando da playlist, e é tudo Dead Kennedys e Anti-Flag e ninguém está dançando e todo mundo está chapado, por isso ele apenas nos dá mais álcool e maconha para esquecermos a música.

Nem sei por que estou aqui. Eu odeio Austin. Talvez porque tudo não tenha gosto de nada desde que Bailey foi embora. Pelo menos quando estou rodeado de pessoas, posso fingir que não estou sozinho.

Acho que estou na terceira garrafa, o que é demais para mim, mas é isso que acontece quando seu coração está partido e a garota que ama não é mais sua namorada nem sua amiga.

— Pare de flertar comigo — murmuro em minha garrafa de cerveja, sem expressão.

Grim bufa. — Como desejar. Responda à pergunta, idiota.

— Por que eu ficaria bravo? — Falo lentamente, bebendo o resto da minha cerveja e aceitando o que sobrou da garrafa de Grim. Grim saiu do armário para mim há duas semanas.

Não, isso não é verdade. Ele não saiu de lugar nenhum. Fui eu quem invadi sua merda com a delicadeza de um palhaço de circo. Tinha passado na sua casa para lhe entregar a carteira que ele

esqueceu no meu carro. Quando entrei no seu quarto, encontrei-o tentando arrancar as amígdalas de um cara com seu piercing na língua.

— Não vi nada. — Joguei a carteira dele na cômoda, sem saber se era aberto para falar sobre sua sexualidade ou não.

— Isso é porque ainda não baixei as calças. Você sabe que meu pau é monstruoso. — Grim riu do beijo com o cara. — Não estou no armário.

— Oh. — *Arquivo em: merda estúpida que sai da minha boca.*

Acho que tecnicamente não estava, já que sempre fazia comentários sobre caras e garotas. E eu pensei que ele estava sendo... não sei, progressista? Arrojado?

— Não sou gay. — Sua mão deslizou sob a camisa do cara e era óbvio que ele não dava a mínima para ser pego.

Mudei meu peso de um pé para o outro. — Claramente.

Ele riu. — Sou bissexual. E você está olhando. Então, por favor, dê o fora.

Agora está me perguntando se eu me importo de ele ficar com Declan como se eu fosse a polícia sexual.

Grim explica — Porque você nunca come bunda. Não por falta de tentativa da população de All Saints High.

Meses depois da forte rejeição de Bailey, e continuo totalmente abstinente. Ninguém faz isso comigo como ela, então por que tentar?

Dou um tapa na coxa de Grim. — Vivo indiretamente através de você.

Grim franze a testa para mim. — Precisa colocar um band-aid nessa merda, Cole.

Colocando sua cerveja em meus lábios, eu também a bebo.

— Quero dizer. Está mentalmente bloqueado. Apenas acabe com isso. Foda outra pessoa. O sexo é um desejo carnal, não uma proposta

de casamento. Só porque escolheu jogar, não significa que seu objetivo final não seja Bailey. — Ele se levanta e caminha em direção a Declan.

Eu os vejo conversando e flertando e fazendo todas as coisas que eu deveria estar fazendo agora.

Tiro meu telefone do bolso e envio uma mensagem para Bailey enquanto alguém milagrosamente coloca uma quarta cerveja gelada em minha mão.

Quase não nos falamos hoje em dia. Ela se comunica comigo principalmente mandando comida e vitaminas por delivery. Eu envio mensagens semanalmente para ela para verificar se está viva. Ela às vezes responde, mas na maioria das vezes não.

Lev: Fazendo algo divertido esta noite?

Surpreendentemente, ela responde depois de alguns minutos.

Bailey: Mergulhada profundamente na política comparativa do Norte da África. Você?

Lev: Até as bolas em uma festa chata.

Estou um pouco bêbado e muito desequilibrado, então tiro uma foto da festa na piscina e mando para ela junto com: ***Já saiu aí?***

Bailey: Claro. Manter uma vida social saudável é uma grande parte do bem-estar mental de uma pessoa.

Ela é tão fluente em conversas nerds; é tão fofo.

Lev: Sim? Vai a festas?

Bailey: Sim.

Lev: E fica com pessoas?

Ela digita e apaga e digita e apaga e digita e apaga e meu coração está na boca, apertado entre os dentes, e realmente não deveria ter feito uma pergunta para a qual não estou preparado para ouvir a resposta. Tarde demais agora.

Bailey: Sim.

Sim. Ela fica.

E talvez esteja mentindo, mas mesmo que esteja, isso é um claro

empurrão para eu seguir em frente e parar de me apegar a essa esperança estúpida e improvável de que um dia ficaremos juntos.

Estou sendo injusto conosco. Olho para cima e de repente percebo que todos estão em pares.

Gente se deliciando na piscina, se pegando na espreguiçadeira, de mãos dadas, se beijando, se esfregando. Olho para Grim. Ele tem uma cerveja gelada na mão e está passando a garrafa fria e suada sobre o braço de Declan enquanto sussurra em seu ouvido.

Estou prestes a me levantar e encerrar a noite – ver os outros gozando é muito deprimente, - mas então minha mente decide derreter em mijo porquê de repente vejo a Bailey.

Ela está de costas para mim, conversando com um monte de gente da equipe de atletismo. Esfrego os olhos, piscando para afastar a confusão, mas ainda está lá. Pernas atléticas, cabelos compridos e ensolarados, minúsculo biquíni roxo.

Estou tendo alucinações agora. Perfeito.

Ela gira a cabeça em câmera lenta e meu coração afunda. É uma garota chamada Thalia que está me chateando por lhe dar aulas particulares, embora não tenhamos aulas juntos. É meio cruel dizer, mas a considero uma *fangirl*.

Ela me pega olhando. Seus olhos brilham de surpresa e atravessa a multidão, avançando em minha direção.

Ótimo. Agora tenho que ser social e essa merda. Ela se senta ao meu lado e limpa a sujeira invisível do meu ombro nu. Sua pele não parece horrível na minha, e talvez Grim tenha razão. Talvez seja hora de tirar o Band-Aid de Bailey do meu sistema.

— Olá, Lev! E aí?

— Tudo certo. Thalia, certo?

— Aww, que gentileza sua lembrar! — Ela sorri.

Fale sobre ter uma preferência baixa.

Meus olhos mergulham em seu decote. Maior que o de Bailey,

mas não melhor. Definitivamente não é melhor. — Está gostando da festa até agora?

— Amando! Tipo de música diferente, com certeza, mas gosto de experimentar coisas novas!

Caramba, ela não consegue terminar uma frase sem um ponto de exclamação, mas também se parece com Bailey. Minha melhor amiga tem um tipo de brilho semelhante, embora com Thalia seja mais evidente do que caloroso.

— Aww, pulseira incrível. — Ela toca o pingente de pomba.

Eu me afasto instantaneamente. — Obrigado.

— Desculpe! — Ela morde o lábio, parecendo mortificada. — Isso é... tipo... caro?

Massageio o fio frágil, me perguntando o quanto devo contar a ela – se é que devo contar – e então decido que provavelmente é melhor se ela souber a verdade. Não há melhor repelente de garotas do que confessar meu amor a outra pessoa, e realmente não estou com disposição para bate-papo. — Eu e minha melhor amiga temos pulseiras combinando. Gosto de pensar nisso como algo que nos conecta. Como se as duas pessoas que usam esses pingentes neste mundo tivessem uma discagem rápida para o coração uma da outra. — Enquanto me ouço, começo a rir da bobagem de tudo isso. — Como pode ver, estou bêbado agora.

— Quanto bebeu? — Ela ri também e, em vez de encher meu estômago com algo quente e confuso, sinto frio.

— O suficiente para afogar o Titanic.

— Essa amiga é Bailey Followhill, certo?

Concordo. Não creio que haja uma pessoa neste planeta que não esteja ciente do quanto eu a amo.

— Todo mundo diz que eu pareço com ela — ressalta Thalia.

— Não vejo isso.

— Talvez devesse dar uma olhada mais de perto. — Ela pisca.

— Minha visão está boa. — Droga, sou um saco de merda. Geralmente sou legal, mas não agora. Não depois de Bailey me contar que ela fica com outras pessoas.

A conversa é interrompida antes que Thalia a reabasteça.

— Ei! — Ela se ilumina. — Ouvi dizer que os pais de Austin têm uma banheira de hidromassagem com cascata.

Sutil, ela não é. É basicamente um sinônimo de *Quer gozar na minha cara ou na minha boca enquanto te chupo*?

Pela primeira vez na minha vida, considero brincar com alguém que não seja Bailey. O que estou provando esperando aqui? Bailey não me quer. *Quero morrer virgem*?

— Sim? — Tomo um gole lento da minha cerveja. — Aposto que há pessoas fazendo coisas desagradáveis lá enquanto conversamos.

Thalia balança a cabeça, sorrindo de orelha a orelha. Tira uma pequena chave da parte superior do biquíni. — Austin me deu.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Por que?

— Fiz uma aposta com ele.

— Que poderia deixá-lo de castigo até os trinta anos?

Ela ri, e sua risada parece tão errada aos meus ouvidos. — Que eu poderia ficar com você.

Isso é definitivamente é broxante. — Passo. Estou um pouco embriagado.

— Estou completamente sóbria — diz ela. — Por isso, estou tomando a decisão por nós dois. Devíamos dar uma olhada na jacuzzi.

Olho para ela, inseguro. Ela franze os lábios e balança os ombros. — Eu tenho um novo piercing no mamilo e preciso que me diga se fica bem em mim. Você será o primeiro a ver.

Jesus.

Há um limite para o que um cara pode aguentar. E de alguma forma, o fato de ser tão diferente de Bailey – e, tudo bem, ela se

parece muito com Bailey – a torna subitamente mais atraente.

Nós dois nos levantamos e subimos as escadas até o quarto dos pais de Austin. Vendo que eles sobrecarregaram o mundo com a resposta humana a um animal de estimação chia, não estou me sentindo tão mal com a perspectiva de ter minha porra circulando em sua banheira de hidromassagem de duzentos mil dólares.

Thalia destranca a porta de vidro da banheira com cascata. É uma coisa grande e branca, cercada por azulejos creme, com uma cascata de LED azul que faz com que pareça um vaso sanitário gigante.

Thalia pula para dentro. Deslizo atrás dela. Ela nada em minha direção e começa a me beijar e eu deixo. Com o seu cabelo emoldurando nossos rostos e os olhos fechados, imagino que ela é a Bailey, e talvez seja a cerveja e talvez seja porque tenho fantasiado com minha melhor amiga desde os treze anos, mas de alguma forma, é fácil fingir.

Ela envolve as pernas em volta da minha cintura e passa a língua pelo meu pescoço.

— Não tenho camisinha — resmungo. Uma última tentativa para acabar com isto.

— Eu tenho.

— Por que? — Talvez eu seja a polícia sexual, porque o que me importa se ela anda por aí com um pacote enorme de camisinhas da marca Costco? Mais poder para ela.

Ela continua beijando meu peito. Fico me lembrando que Bailey está ficando com outras pessoas. Esse estúpido sim assombra meu cérebro.

— Porque há dois anos que espero ficar com você.

— Não queria me mostrar seu piercing no mamilo?

— Oh, eu menti só para trazer você aqui.

Ela me empurra para trás e puxa meu calção para baixo. Sento-me na borda e a deixo me chupar.

Sou mais suave que o coração de Madre Teresa. Na minha cabeça, ouço Bailey dizer — Madre Teresa era uma oportunista cujas missões estavam em condições tão precárias que as pessoas as comparavam a campos de concentração. O seu coração não era tão suave.

Que maneira de matar o clima, Dove.

Os lábios apertam minhas bolas e sou sugado por uma boca molhada.

Passo os dedos pelos cabelos dourados. — Bailey — resmungo. — É isso, Dove. Bem desse jeito. Passe os dentes neles.

Ela congela por um nanossegundo. Respiro fundo.

Merda, eu sou um idiota.

Um pedido de desculpas apressado, seguido de tirar meu pau da boca de Thalia, quase me escapa, mas então ela contrai os lábios e faz o que lhe foi dito, movendo os dentes sobre minhas bolas. Estou prestes a vomitar, mas também não consigo fazê-la parar. Estou infeliz, vingativo, irritado e ficando excitado de uma só vez.

Thalia me trabalha até eu ficar meio duro, então se levanta, pega sua bolsinha e tira uma camisinha.

Coloquei minha mão em seu pulso antes que ela rolasse no meu pau. — Não estou procurando um relacionamento — digo rispidamente.

Thalia olha para cima, e quanto mais vejo que ela não é Bailey, mais rápido meu pau murcha.

— Relaxe, ninguém está esperando uma aliança de casamento. — Ela arranca a embalagem da camisinha com os dentes. — Não estou atrás de um namorado, Lev. Tenho objetivos, sonhos; Estou saindo do bairro de merda em que cresci. Nenhum garoto me atrasará.

— Podemos foder, mas sem corações e rosas — acrescento. Melhor ser um idiota agora do que um idiota depois. — Falo sério.

Ela revira os olhos. — Tentarei sobreviver ao desgosto, Cole.

Coloco meus cotovelos na beira da banheira de hidromassagem,

pronto para ela montar em meu pau.

— Tenho uma condição. — Ela pressiona o dedo contra meu peito.

A palavra não está na ponta da minha língua, mas como já estamos envolvidos no que quer que seja, digo — Sim?

— Exclusividade. — Ela pisca os cílios postiços. — Quero que todas as garotas da escola saibam que a única garota com quem você transa é Thalia Mulroney.

Não há problema aí. Duvido que vá mergulhar nela duas vezes.

— Palavra — aceno.

Ela rola a camisinha em mim e coloca um joelho em cada lado da minha cintura na superfície da água, querendo me montar no estilo *cowgirl*, mas o seu rosto está na frente do meu e é difícil imaginar minha melhor amiga quando os olhos que olham para mim não guardam todos os meus segredos, memórias e desejos mais sombrios.

Sei que ela não é virgem porque conheço pelo menos dois caras que estiveram com ela. O que está bem, mas isso significa que não preciso necessariamente ser extremamente cuidadoso.

Thalia se inclina para um beijo, mas me afasto, pego sua cintura fina e a viro para que tudo que possa ver seja seu cabelo. Depois a penetro de uma só vez, sibilando quando estou com coragem.

— Bailey.

Impulso.

— Bailey.

Impulso.

— Bailey.

A partir deste momento, entramos na rotina.

Eu, fingindo que ela é Bailey.

E Thalia, fingindo que não somos uma bagunça completa e

absoluta no resto do tempo que estamos juntos.

CAPÍTULO DOZE

Lev

PRESENTE

Fato miserável nº 1.188: As pirâmides egípcias foram criadas para evitar que ladrões de túmulos roubassem joias e tesouros que foram enterrados com a realeza.

Depois que Mel e Jaime voltam do teatro, vou direto para a casa de Thalia para terminar com ela. Para começar, não havia muita coisa acontecendo, mas não sou nenhum trapaceiro e fiz uma promessa a T de que seríamos exclusivos.

E mesmo que eu adorasse contar tudo para os pais de Bailey, ainda estou segurando a estúpida esperança de que ela e eu possamos resolver isso juntos antes que me torne um dedo duro.

Cada vez que penso em meu dedo na bunda de Bailey – o que acontece a cada segundo desde que saí de lá - meu corpo estremece e o pré-goço escorre do meu pau duro como pedra.

Acho que tive sete miniorgasmos entre aquele momento e agora. Dou um puxão forte no meu pau, tentando tirá-lo disso. Para baixo, garoto.

Quando Bailey disse que ela e eu temos uma chance juntos, quis acreditar nela, mas ela estava tão fora de si que eu sabia que eram as drogas falando.

Além disso, entrar em um relacionamento com uma viciada em espiral é um grande e gordo não. Ela precisa priorizar sua sobriedade e, por mais que eu queira estar com ela, quero que melhore ainda mais.

Cara, o amor é uma merda. Odeio que as pessoas exagerem como se fosse uma combinação de frango e waffles. Falando em merdas que são uma droga, por que as pessoas inteligentes são tão propensas a criar um vício?

Tipo, eu sei. O lixo da vida. A maioria dos humanos são idiotas dicotômicos, com QI de um dígito. Entendo, mas de verdade. O vício de Bailey, me levando a esperar que ela gostasse de brincadeiras anais, é mais cruel do que o abuso de animais.

Estaciono em frente à casa de Thalia e caminho até a sua porta da frente.

Ela mora em um apartamento estilo rancho entre Encinitas e Poway. Não é de forma alguma chamativo como Todos Santos ou mesmo Carlsbad. Uma pequena cidade do interior, sem glamour nem frescuras.

Sei que os seus pais não estarão em casa porque a sua mãe é enfermeira e trabalha no turno da noite e o seu pai é motorista de caminhão que tira fins de semana para ganhar dinheiro extra. A irmã mais velha de Thalia, Tiff, teve câncer ósseo quando era mais nova, por isso seus pais contraíram dívidas médicas loucas para pagar por um tratamento experimental e bem-sucedido. Estão pagando há mais de uma década. Tiff está no segundo ano da faculdade agora, por isso obviamente valeu a pena, mas entendo por que Thalia é tão confusa com dinheiro. Ela cresceu com pessoas que tinham muito, enquanto ela não tinha nenhuma.

Bato na porta. Quando ela abre, meu queixo cai, caramba.

Ela se parece exatamente com Bailey.

Está com a mesma maquiagem de Dove hoje (sombra pêssego, rímel, brilho labial rosa). E as mesmas roupas (saia Burberry, cardigã branco e um grande laço no cabelo). Até usa o mesmo perfume.

— Ei, gostoso! — Ela aperta a gola da minha camisa com o punho e me puxa para dentro. — Pensei que nunca viria.

— O que te fez pensar que eu apareceria?

— Oh, só tenho a sensação de que precisaria de um pouco de carinho esta noite. — Ela pisca.

Porque estava na casa de Bailey, a voz de Grim zomba na minha cabeça. E ela imaginou que você estaria com muito tesão para não poder agora.

Oh, bem. O mínimo que Thalia merece é uma conversa sobre o rompimento.

Caminhamos até o seu quintal, que é basicamente um pedaço de grama e móveis de plástico, e ela acende um baseado e abre duas long neck. Ela mesma parece um pouco alta.

— Precisamos conversar.

Ela inclina a cabeça, lambendo um caminho até o lado da minha garganta. — Legal. Podemos transar primeiro?

Definitivamente não.

Coloco minha cerveja intocada entre nós, desenhando uma linha invisível. — Acho que nosso tempo acabou.

— O quê? Por que? — Seus olhos são duas poças de dor. Embora tenhamos concordado que seria casual, me sinto um idiota. Chamam isso de sensação de captura porque as emoções são como uma gripe. Ninguém nunca pede por elas e aparecem na hora mais inconveniente.

Em vez de afirmar o óbvio, digo — As coisas estão um pouco complicadas para mim agora.

— Isso é por causa da Bailey? — Seu lábio inferior treme.

Sim, mas me orgulho de não ser um idiota, por isso balanço a cabeça. — Não só ela. Tenho que descobrir para onde vou depois de me formar e definir um plano. — Isso não é mentira. Thalia agarra minha camiseta, me puxando para ela desesperadamente.

— Ela não te quer. E está em uma situação muito ruim agora. Não é como se pudesse ficar com ela neste estado.

Gentilmente, tiro as suas mãos da minha camisa. — Thalia.

— É verdade. — Ela joga o baseado no chão, pisando nele, olhando para mim com os olhos avermelhados. — Não está cansado de ser enganado? De perder tempo perseguindo uma garota que não te entende? Eu, eu te entendo. Aceito você como é. Nunca te causarei problemas.

O que aconteceu com amigos de foda exclusivos? Isso desviou da rota e atualmente nem está no mesmo estado de casual.

— Ela se drogou hoje. Tenho que me concentrar em conseguir ajuda para ela. — Pego a cerveja entre nós e bebo em frustração.

— C-como sabe? Sabe quem vendeu para ela? — Thalia balbucia, parecendo em pânico. — OhmeuDeus, isso é uma loucura!

Encolho os ombros, impotente, suavizando o fato de Thalia também se importar com Bails.

Não tenho ideia de como Bailey conseguiu drogas em Todos Santos. Deve ser alguém que não me conhece, já que ninguém é estúpido o suficiente para me contrariar tanto.

— Mas não se trata de sua espiral. Não entendo — Thalia grita, parecendo menosprezada. — Fui feita sob medida para você. Ela não é nada! Apenas uma *nepo baby*50 que não consegue nem se controlar.

Eu me levanto, pronto para sair. Ela agarra meu braço e cai de joelhos, envolvendo as mãos em volta do meu tornozelo. Honesto o suficiente para reconhecer que tudo isso é culpa minha, poupo-a das palavras duras por falar merda sobre Bailey.

— Olha, não é você. Você é incrível. Gostosa, fácil de conviver, doce. Encontrará outra pessoa. Você merece outra pessoa. — Eu a sacudo do meu tornozelo como se ela fosse um gato de rua. — É impossível não se apaixonar por você — minto.

— Mas você ainda conseguiu se apaixonar. — Ela enterra o rosto na minha calça de moletom, ainda segurando com força. — Porque já está apaixonado, não é?

Inclino minha cabeça, admitindo isso sem palavras.

— Ugh. Odeio ter me apaixonado por você. — Ela funga, esfregando os braços. — Não adianta te pedir para tentar fazer o mesmo, hein? — Ela rola para trás e se senta no deque do quintal, recuperando a compostura.

— Não escolhemos por quem nos apaixonamos. É isso que torna o amor tão bom, T. É como um presente. A surpresa é a melhor parte.

Ela morde o lábio, sacudindo o pé com impaciência, pensando em tudo isso.

— O que está pensando? — Pergunto.

— Agora estou apenas preocupada com minha reputação. Vai parecer estranho, Lev. — Esfrega o queixo, franzindo a testa. — As pessoas sabem que Bailey está na cidade. Será ainda mais humilhante para mim quando a notícia se espalhar. Todo mundo especulou que me abandonaria assim que ela voltasse a Todos Santos. — Ela limpa o nariz vermelho. — Deixa para lá. Este é um problema meu, não um problema seu.

Ela não está errada. Sou louco por Bailey Followhill, e esse é o segredo mais mal guardado do SoCal.

— Direi a eles que você me largou — ofereço. Egos grandes são para pessoas com pau pequeno.

Ela bufa, balançando a cabeça. — Como se alguém fosse acreditar nisso.

Uma ideia surge na minha cabeça. O problema é que na verdade não é uma má ideia Bailey pensar que ainda estou ligado a Thalia. Isso a faria se concentrar em sua sobriedade e menos em manipular minha bunda chicoteada para ser sua parceira no crime.

Torço meu nariz. — E se não contarmos a ninguém que terminamos?

— O que quer dizer? — Ela se anima, parecendo intrigada.

Encolhendo os ombros, explico — E se esquecermos de contar às pessoas que terminamos por um mês ou dois e presumirem que ainda

estamos juntos? Você pode preparar o terreno. Diga às pessoas que sou um idiota egocêntrico ou algo assim – não é uma mentira – para quando me largar. — E assim Bailey não terá nenhuma ideia e eu não ficarei tentado a aceitar suas ofertas obscenas.

— Oh, Levy. — Thalia se levanta e joga os braços sobre meus ombros. Enterra o rosto no meu ombro. — Obrigada, isso significa muito para mim. Você é tão atencioso.

Dou um tapinha nas suas costas sem jeito, me perguntando se acabei de fazer um acordo com o diabo. Ela se afasta.

— Apenas me diga uma coisa. — Seus dedos se enrolam nas lapelas da minha jaqueta do time, que ainda cheira a Bails. — Se Bailey nunca existisse, acha que teríamos uma chance?

E como minha vida é uma lembrança de mentiras inocentes unidas por boas intenções, digo a ela o que quer ouvir, e não nada remotamente verdadeiro.

— Sim.

CAPÍTULO TREZE

Lev

Acordo com um torpor da cena da noite passada com Bailey e uma dor de cabeça por causa da minha barganha com Thalia. Coloco meu telefone na mesa de cabeceira e verifico minhas mensagens de texto.

Thalia: Obrigada por concordar em fazer o que conversamos ontem à noite. <3

Thalia: Quando quer sair?

Bailey: Eu sei o que quero de aniversário.

Este último de Bails me faz sorrir. O seu aniversário é só em dezembro. Imediatamente tiro meu telefone do carregador e envio uma mensagem para ela. ***O que quer?***

Bailey: Que passe por supressão seletiva de memória para esquecer a noite passada.

Uma risada borbulha em meu peito.

Bailey: Ouça-me.

Bailey: O procedimento foi experimentado e testado. Calculei a taxa de sucesso e é de apenas 28%, mas 28% ainda é melhor que nada.

Bailey: Terá que sofrer de amnésia induzida por drogas, onde basicamente fritam seus neurônios, e pode haver danos permanentes.

Bailey: Comprou a ideia?

Lev: Surpreendentemente, na verdade não.

Bailey: É o grande 2-0, por isso acho fortemente que deveria melhorar seu jogo.

Não consigo parar de rir porque ela voltou a ser Bailey Normal e Bailey Normal é minha coisa favorita no mundo inteiro.

Lev: Nunca me livrarei dessa imagem. Está trancada no meu banco de punheta, em um cofre de 22 toneladas, com guardas

empunhando metralhadoras, artilharia armada e câmeras de vigilância.

Bailey: Espero que saiba que o contato visual está fora de questão para nós.

Bailey: Para a eternidade e além.

Lev: Por que eu precisaria olhar nos seus olhos quando sua bunda é tão boa?

Estou flertando com ela porque posso. Porque Thalia não é mais minha garota. E porque ontem ficou claro que Bailey e eu deixamos de ser platônicos. Para sempre.

Bailey: Estou falando que se algum dia nos encontrarmos no céu, fingirei que não te conheço.

Lev: Não era você.

Bailey: É tarde demais para dizer que tenho uma irmã gêmea malvada?

Lev: Sua irmã gêmea malvada é divertida.

Lev: Importa-se se eu ficar com ela?

Bailey: Lol. O que há com você?

Lev: Problemas com a mamãe, problemas de separação, problemas de confiança e acho que gosto muito de agradar as pessoas. Sua vez?

Bailey: Sou demais.

Bailey: Fique longe da minha irmã, Cole.

Lev: Vamos. Daria não é tão ruim assim.

Guardo meu telefone, ajusto minha ereção e vou ao banheiro escovar os dentes e lavar o rosto.

Faminto, desço as escadas. A casa é um cemitério total pela manhã, já que somos apenas papai e eu, e papai corre dezesseis quilômetros todos os dias. É por isso que fico surpreso ao ver uma silhueta de cabelos longos e saia lápis parada na cozinha, tomando café.

Dixie? Ela passou a noite aqui?

Não me interpretem mal, estou adorando a ideia de que meu pai

está entrando em ação. Já se passaram quatro malditos anos. Amo minha mãe e sinto falta dela todos os dias, mas meu pai precisa seguir em frente. Mamãe estava empenhada na ideia de que papai se casasse novamente. Ela disse que ele era muito jovem e muito gostoso para ficar solteiro. Não sei por que ele mantém Dixie em segredo.

Não é como se eles não fossem a restaurantes e cinema juntos, ou passassem férias juntos. Dixie é como uma família. Família ridiculamente fodível.

Estou prestes a entrar na cozinha e me fazer presente quando ela verifica o Cartier em seu pulso (um presente de aniversário do meu pai), respira fundo e bebe o café em um só gole. Meu Deus, Dixie. Controle-se.

Ela pega a jaqueta do encosto do banco e sai correndo pela porta, fechando-a com um clique suave. Dixie passou a noite aqui. Droga. Com que frequência isso tem acontecido?

Contavam que eu nunca descobrisse porque nos finais de semana costumo acordar ao pôr do sol, mas, de alguma forma, ainda não consigo imaginar papai seguindo em frente depois de mamãe.

Tiro meu telefone do bolso e ligo para Knight. Ele responde, sonolento e irritado. — É melhor que isso seja bom ou chutarei sua bunda.

— Problemas de raiva. — Reviro os olhos. — Está falando comigo no meio do sexo? Porque é nojento.

— Sexo matinal é um luxo que pessoas com crianças pequenas não têm. Den finalmente nos deixou dormir hoje pela primeira vez desde que nasceu. — Den – ou Cayden – é o filho de três anos de Knight e Luna. Tem mais energia do que uma arma nuclear. Causa aproximadamente também a mesma quantidade de dano.

— Bem, isso é realmente bom. Ou talvez apenas estranho. Não sei ainda. — Abro a geladeira e pego um pouco de leite, bebendo direto da caixa.

— Conte-me.

— Esse será pesado, então prepare suas bolas.

— Pode mandar, filho da puta.

— Dixie passou a noite aqui.

Batida. Silêncio.

— Quando eu disse filho da puta, não estava sendo literal. É a minha mãe biológica. Que tipo de piada pensa que está fazendo?

— Com o papai, seu idiota. — Bato a porta da geladeira.

Uma risada insensível escapa da boca de Knight. — Fala sério.

— Sim. — Meus olhos pegam a mancha de batom na caneca que Dixie deixou para trás. Não imaginei isso. Ela realmente estava aqui.

— Acha que eles estão se pegando? — Posso ouvir Knight coçando a barba por fazer.

— Por que mais ela passaria a noite aqui? — Devoro uma barra de granola com uma só mordida. — Mas então por que papai não confessa? Não é como se fôssemos ficar bravos com ele.

— Não, mas ele ficará bravo consigo mesmo. — Posso ouvir Knight gorgolejando pasta de dente e água ao fundo. — Odeio dizer isso, mas acho que há uma explicação inocente para a estadia dela.

— Ele precisa seguir em frente — murmuro.

— Sim, como outra pessoa que conheço. — Touché. — A propósito, como está Bails? Ouvi dizer que ela voltou à cidade, mas Mel disse que não aceita visitas.

Soltando um suspiro, admito — Acho que você também sabe por quê.

Ele geme. — Analgésicos, certo? Essa merda é a pior. Fácil também de colocar as mãos.

A porta se abre e papai entra, tirando os AirPods dos ouvidos.

Ele está sem camisa e suado, vestindo apenas shorts de corrida.

— O café da manhã deve ser entregue em cerca de cinco minutos.

Abra a porta, sim, Levy?

Ele passa por mim, mas não antes de roçar deliberadamente seu ombro suado no meu. Fecho a geladeira e grito — Pai! Nojento.

— Isso é maravilhoso, vindo de alguém que é literalmente uma evolução da minha coragem. — Ele ri maliciosamente enquanto sobe as escadas.

— Falamos mais tarde. Tenho que vomitar e depois encontrar uma nova família — murmuro para o meu telefone.

— Tarde demais! — Papai grita, seus pés batendo na escada. — Você tem dezoito anos e não é mais tão fofo.

Knight gargalha do outro lado da linha. — Nunca estive tão feliz em ser adotado... — Mas ele não termina a frase porque desligo na sua cara.

Dez minutos depois, papai já tomou banho e nós dois estamos desfazendo os pacotes do café da manhã que comemos todos os sábados na padaria da mesma rua. Eles têm o melhor café, sem dúvida. A mesa está repleta de doces e suco de kiwi fresco quando papai inicia uma conversa sobre seu assunto favorito no mundo inteiro além da mamãe: futebol.

— Vi meu amigo Jim enquanto estava fora ontem à noite. Adivinha? Ele diz que Nebraska está desesperado por QBs de qualidade para o próximo ano. Acho que eles terão uma oferta para você, junto com Notre Dame e Michigan, provavelmente.

— Pai, não me mudarei para Nebraska.

— Não seja esnobe. É uma boa equipe.

— Está em *Nebraska*.

O que me deixa louco é que sou uma das poucas pessoas neste país com capacidade física, GPA e pontuações no SAT para entrar na Air Force Academy.

Claro, papai se ficará furioso se eu mencionar que quero entrar para as forças. Deus proíba um Cole de seguir uma profissão de

“colarinho azul” – ou pior ainda, correr o risco de derramar sangue azul ao morrer prematuramente.

Mesmo que Dean Cole negue isso abertamente, sei que é isso que ele pensa. Ninguém na escola está pensando em se inscrever. É o que os outros fazem.

Aqueles sem fundos fiduciários confortáveis e compartilhando tempo no St. Regis Residence Club.

Papai acha que posso chegar à NFL. Knight quase conseguiu, e eu sou sua última chance de realizar aquele sonho que duas gerações de homens Cole não conseguiram realizar.

— Estou surpreso que não tenha recebido nenhuma carta de aceitação até agora. — Papai range os dentes, interpretando isso como um desprezo pessoal.

Encolhendo os ombros, dou uma mordida no meu bacon e no croissant recheado com ovos mexidos e coberto com queijo brie. — All Saints High está em quinto lugar no país. Provavelmente estão fazendo ofertas primeiro para as crianças de Bosco.

— Está em melhor forma do que todos eles juntos. Ganhamos deles, lembra? — Papai se inclina sobre a mesa, fogo dançando em seus olhos. — Não há “ver” sobre isso. Está em uma liga própria. Qualquer time universitário teria sorte de tê-lo.

— É por isso que eu deveria me inscrever na Air Force Academy — não consigo segurar e deixo escapar.

Quero engolir as palavras de volta.

Papai levanta os olhos do croissant, o rosto mais branco do que o de um membro de uma boy band dos anos 90. Está com medo. E é aí que me lembro que não é realmente com meu sangue azul que meu pai está preocupado – é com seu próprio coração azul. Ele perdeu a esposa. Com certeza não quer também perder um filho.

E ser piloto de caça garante que estaria colocando minha vida em risco no regimento.

Só abordei esse assunto com ele uma vez antes, e basicamente descartou como um sonho infantil, como se eu dissesse a ele que queria ser um astronauta caubói.

Ele me disse para cair na real e levar minha vida a sério, e planejar coisas que fizessem sentido, depois passou para o próximo assunto. Nunca me pergunta sobre meu simulador de aviação. Sobre o voluntariado no aeroporto. Qualquer uma daquelas coisas que trazem fogo aos meus olhos.

— Isso de novo não, Lev. — O queixo de papai quase salta do corpo, e seus olhos esmeralda escurecem. — Olha, entendo o apelo, mas, além dos passeios supersônicos e do fato de que a bunda de Cole definitivamente parece um estouro em um traje de voo, a vida militar é difícil. Carregado de estresse, sendo jogado de um lugar para outro a cada dois anos, sem residência permanente, agenda maluca, família em movimento. Sem mencionar o envio para zonas de guerra. Diga-me quando parar.

— Agora é uma boa hora. — Apunhalo violentamente minha comida com o garfo. — Entendo, ser piloto de caça é uma droga.

— Sem mencionar que, como eu disse, ter um ataque cardíaco atrapalha minha agenda.

— Nada acontecerá comigo — resmungo, mas não posso realmente prometer isso a ele, posso?

— É verdade, porque não se alistará.

— Não pode me dizer o que fazer.

— Você está certo, não posso, mas posso lhe dizer o que me mataria. Faça o que quiser.

Como eu disse, a pressão está aumentando.

Qualquer outra pessoa provavelmente diria ao pai para fazer uma caminhada até o sétimo círculo do inferno de Dante. Fiz dezoito anos em fevereiro, por isso não preciso da sua permissão para me inscrever na Academia, mas tenho esse intenso senso de responsabilidade. Sobras de ser o Bom Garoto.

O vício de Knight quase arruinou esta família. Mamãe morrendo, enterrou-a sob os escombros de uma depressão sufocante.

Não serei eu quem dará o golpe final. Knight me implorou para não me inscrever. E minha inclinação é colocar minha felicidade atrás da felicidade de papai, mesmo que isso me mate.

Knight me mataria e depois me ressuscitaria só para me matar de novo se eu dissesse ao meu pai que estou pensando em me candidatar, muito menos me candidatar de fato, por isso decido mudar de assunto. — Knight e eu votamos para você começar a namorar novamente.

— Oh sim? — Papai abre o jornal com uma carranca profunda e decide deixar o assunto militar de lado, por enquanto. — Bem, eu voto para que fiquem fora da minha vida. Na verdade, veto essa merda.

— Tudo bem em frente em frente. Mamãe ficaria chateada se soubesse que você está sentado aqui regenerando seu hímen.

— Isso não é... Espere, o que estão te ensinando em educação sexual? — Ele faz uma careta.

Jogo uma uva na boca. — Quer dizer, além do truque do boquete do Pop Rocks?

Papai ri e pega seu jornal novamente. — Sua mãe não está aqui para me dar um tapa por ter crescido meu hímen novamente, então, a menos que conheça um médium para contatá-la no céu, nenhum dano será causado.

— Não quer fazer sexo de novo? Ir em encontros? Não sei, viver?

Ele balança a cabeça. — Viver é um convite que as pessoas sem emprego fazem para justificar a sua existência.

— Fale sério por um segundo — gemo.

Papai abaixa o Financial Times e me encara com irritação. — Olha, essa provavelmente é uma lição de vida terrível para passar para seus filhos, mas não acontecerá, está bem? Não superarei Rosie LeBlanc magicamente. Nunca vou superá-la, nunca seguirei em frente. Não haverá um segundo capítulo porque no minuto em que conheci

essa mulher, meu epílogo já estava escrito. Aceitei meu destino e encontro meus prazeres em outro lugar. Tenho você. Knight. Cayden. Futebol. Muitos amigos. Tenho grandes férias em família. Amo meu trabalho. Viver um dia de cada vez é administrável para mim.

— Vou me mudar no final do ano, quando me formar — lembro a ele. Só de pensar em ir para alguma faculdade para quebrar as costas jogando bola, me dá vontade de dar um soco na própria cara.

— Eu sei. — Ele mexe a mandíbula, tocando-a como se eu tivesse dado um tapa nele com minhas palavras. — Vou sobreviver.

— Olha. — Sento, bufando. — Pode cortar a porcaria. Sei que Dixie passou a noite aqui. Eu a vi saindo esta manhã. Knight e eu estamos felizes por você estar recebendo atenção.

Papai engasga com seu pudim de sementes de chia, pega seu café – quatro doses de pó torrado escuro, basicamente alcatrão com um pouco de Stevia – abre a tampa e bebe. — Acha que estou ficando com Dix?

— Por que mais ela passaria a noite? — Cruzo os braços sobre o peito. — E você pode, por favor, parar de chamá-la assim? Cada vez que faz isso, imagino um buquê de paus espremidos em uma saia lápis.

— Em primeiro lugar, ótimas imagens. — Papai limpa a boca com as costas da mão. — Realmente me vendendo toda a ideia da Dixie. Em segundo lugar, namorar não está no meu cardápio.

— Está ficando com ela? — Olho para ele, surpreso. — Olha, se quer jogar, talvez não faça isso com sua melhor amiga? Uma espécie de movimento filho da puta. Vou te apresentar o Tinder. É um...

— Sente-se, garoto. Governei o Tinder quando você ainda nadava em minhas bolas. — Papai enrola um guardanapo e joga em mim. — Sou viúvo, não um *boomer*⁵¹. E não estou fodendo com a Dix...Dixie. Ou qualquer outra pessoa.

— E o amor próprio?

— Raramente — ele resmunga enquanto come.

— Cara, não tem circulação de esperma. Sua porra deve ser arcaica.

Ele inclina a cabeça, franzindo a testa. — Você parece um pouco rabugento.

— Estou me emancipando — engasgo dramaticamente.

Ele estende a mão para roubar meu café, e eu ficaria bravo se não estivesse triste por ele. Não fazer sexo por quatro anos seguidos parece brutal. — Dixie ficou aqui porque o apartamento dela está sendo repintado. Está vendendo. Ela também ficar aqui esta noite. Amanhã ela volta para sua casa. Onde pertence.

— Você não gosta dela? — Pressiono.

— Amo. — Papai dá grandes mordidas na comida para manter a boca cheia. — Eu também gosto desse pudim de chia e não quero foder com ele.

— A temperatura está um pouco desanimadora — concordo.

Ele não diz nada.

Suspiro. — Tenho que ser honesto, estou desapontado.

— Por que?

Não quero deixar as coisas ainda mais desagradáveis para ele. Ele tem permissão para levar sua vida no caminho que escolher, mesmo que seja direto para os braços das bolas azuis, então alivio o clima abaixando os ombros. — Eu só...

— Só o quê? — Papai franze a testa, aproximando-se.

— Eu...

— Fale de uma vez, Lev.

— Eu realmente queria uma nova mãe.

Ele me encara confuso, antes de ver o sorriso rastejando em meu rosto.

— Seu merdinha. — Ele se recosta, me chutando por baixo da

mesa. Gargalho. — Quase tive um ataque cardíaco por falhar com você de uma maneira totalmente diferente. — Isso só me faz rir ainda mais.

— Então. Já largou Thalia? — Papai coloca um morango na boca.

— Sou tão óbvio? — Minha risada morre.

Papai dá de ombros. — Era uma questão de quando, e não de se, quando Bailey atravessasse a rua. É a maldição dos Cole.

— Estar apaixonado por mulheres que não querem nossas bundas?

— Tentar substituir o desejo do nosso coração antes de cansá-lo.

— Acho que nunca cansarei de Bailey.

— Pode sempre usar a pele dela, então. Parece obcecado o suficiente para fazer isso. — Quando ele vê que não estou com disposição para piadas, porém, inclina o queixo para baixo. — Olha, nossas férias em Jackson Hole na próxima semana serão uma boa oportunidade para vocês dois se reconectarem.

— Ela me odeia agora — falo. — Quero dizer, Bailey sóbria ainda gosta de mim, mas aquela viciada em analgésicos pensa que sou um idiota.

— Ela não odeia você. Odeia o que as drogas estão fazendo com ela. Os desejos. A falta de controle. Ela é uma boa criança, Lev. Ela descobrirá, mas pode ser uma longa jornada, e desaconselho fortemente a busca pelo amor de alguém que está lutando para amar a si mesmo agora. Mantenha-a segura. Não tire vantagem da sua situação – e não a deixe escapar. Se alguém pode ajudá-la, é você.

Não sei se posso, mas sei que devo. Bailey me salvou quando mais precisei dela.

Morrerei antes de decepcioná-la.

CAPÍTULO QUATORZE

Bailey

A queda é brutal.

Não fingirei que estou lidando bem com nada disso. Não quando o efeito do Vicodin e do Xanax passa, ou a névoa sobre a memória do que fiz quando Lev tomou conta de mim.

Que, aliás, é sem dúvida uma péssima babá.

As memórias inundando meu cérebro me fazem querer rastejar para debaixo de uma pedra e hibernar até que todos em minha vida morram.

Não acredito que meu melhor amigo enfiou o dedo na minha bunda. A pedido. Que tentei seduzi-lo. E falhei. Aquele Lev, que normalmente me olha como se eu tivesse as respostas para todos os mistérios do mundo na palma da minha mão, terminou a noite me lavando no chuveiro com dor e pena nos olhos.

É por isso que me recuso a vê-lo, apesar da nossa conversa amigável. Ele me visita todos os dias, deixando meu Froyo favorito do lado de fora da porta do estúdio, no porão, e caixinhas cheias de... nada.

Não sei qual é o sentido por trás das caixas, mas as guardo. Parece errado me livrar de algo que Lev me deu. Mesmo que seja tecnicamente... bem, nada.

— Bailey, abra a boca. — Ele bate na porta, que chacoalha como a coisa dentro do meu peito.

— Ocupada — gemo.

— Ocupada sendo cheio de merda?

— Isso também.

— Dove. — Eu o ouço colocar a testa na porta do meu porão,

gemendo de dor. — Por favor.

— Não sou problema seu.

— Tem razão. Você é minha solução. Minha salvação. Por isso abra.

Nunca o deixei entrar. Não consigo olhar nos seus olhos depois da dedada, também conhecida como *Buttmageddon*.⁵²

Mesmo que eu quisesse olhá-lo nos olhos, não conseguiria, pois minhas pupilas atualmente são do tamanho de uma tigela. Estou tomando Xanax como se fossem Mentos.

A única razão pela qual meus pais não percebem os sinais é que estou em prisão domiciliar com as drogas escondidas, então, tecnicamente, eles acham que não há nada aqui para ficar chapada e não estão olhando... de jeito nenhum.

Não faz sentido negar o que é totalmente óbvio neste momento: sou uma viciada. Sou dependente de analgésicos e deixo minha confiança comandar o show, mas isso não muda o fato de que ainda preciso treinar se quiser continuar na Juilliard.

Só preciso provar aos meus professores que posso fazer isso.

Depois de garantir que minha vaga esteja segura para o próximo ano, posso parar de tomar os comprimidos e realmente começar a cuidar de mim mesma. Vou me desintoxicar. Beber muita água. Meditar. Avançar de forma mais sustentável.

Como não aceito visitas, tenho bastante tempo para malhar. Eu me alongo, danço, ensaio e mantenho minha agenda acadêmica em dia.

Para todos os efeitos, ainda sou aluna da Juilliard. Não é como se eles tivessem me expulsado oficialmente.

Mamãe é a definição da doente preocupada. Está literalmente tossindo e espirrando sem parar. Psicossomático, meu pai diz a ela quando pensa que não estou ouvindo. Ela lança olhares criteriosos em minha direção quando vou ao porão todos os dias, empurrando pratos

de comida contra meu peito, implorando para que eu pare.

— Não entendo por que se esforça ainda mais quando está de folga. — Isto vem da mulher que me fez treinar no estúdio cinco dias por semana desde os seis anos de idade.

— Em primeiro lugar, é para a minha saúde mental. — Prendo meu cabelo em um coque e desço as escadas correndo, mamãe em meu encalço, segurando uma tigela de comida vegana com maracujá extra. — Em segundo lugar, se sou uma suposta viciada em analgésicos, o exercício é, na verdade, uma das melhores maneiras de desintoxicar. Eliminar a hidrocodona e o paracetamol do meu sistema.

— Sabe o que é melhor do que se exercitar? Ir às reuniões todos os dias. — Mamãe abre a porta com os ombros quando tento bater na cara dela. Estamos no estúdio agora, uma diante da outra, como se estivéssemos em um duelo. A sua arma é um café da manhã orgânico e a minha é um olhar irado.

— Três vezes por semana é suficiente. — Reviro os olhos.

— Três vezes por semana não é nada quando se teve uma overdose há menos de um mês. Agora *coma*. — Ela empurra a tigela no meu peito.

— Tenho que começar a trabalhar. — Cruzo os braços, dando um passo para trás. As pílulas estão matando meu apetite. Vivo de um punhado de nozes ou bebidas energéticas com alto teor calórico ao longo do dia.

— Em quê? — Minha mãe adentra no estúdio e sou só eu ou ela está consumindo todo o oxigênio da sala? — Tudo o que você faz é se prejudicar ainda mais. Não pense que não ouvi quando lhe contaram no hospital sobre seus ferimentos na tíbia e na coluna.

— É claro que estava ouvindo. — Balanço minha cabeça. — Não é como se você tivesse uma vida própria para se concentrar.

Estou sendo super cruel agora.

Mamãe dedicou toda a sua vida a Daria e a mim. Virar isso contra ela é nojento, mas o Vicodin está comandando o show agora.

Estou tão ferida que sinto que o menor corte de papel poderia me fazer sangrar. Estou exposta. Uma mentira contada e detectada. Uma fraude. Uma ninguém que merece ficar sozinha, por isso estou afastando-a.

— Eles provavelmente nem te aceitarão de volta! — Ela diz.

Isso cai como um punho de ferro direto nas minhas entranhas. Estremeço com suas palavras, e mamãe tapa a boca com a mão, soltando a tigela com um suspiro, que se despedaça entre nós, assim como nossa confiança. Posso sentir os cacos na minha boca. Todas as palavras não ditas que ficaram entre nós por semanas, meses e anos.

Bailey é diferente.

Bailey é tão talentosa.

Ela tem o que é preciso.

— Não quis dizer isso. — Mamãe balança a cabeça, lágrimas escorrendo pelos cantos de seus olhos claros. — Bails. Eu... eu...

— Você o quê? — Minha voz está irreconhecível para mim.

Fria como os arrepios florescendo ao longo da minha pele cinzenta.

— Só quero minha filha de volta. — Agora as lágrimas estão por todo o seu rosto, pelo pescoço, escorrendo pela gola do vestido de tênis.

Uma raiva incandescente passa por mim. Ela deve estar brincando comigo. É por ela que estou fazendo tudo isso. É por ela que continuo superando a dor.

— Sou sua filha. — Respondo, abrindo bem os braços, me exibindo.

Cada centímetro de pele marcada, cicatrizes de batalha e hematomas conquistados com muito esforço. Sou um caleidoscópio de roxos e azuis, de dor e sofrimento. — Tudo que sempre quis foi deixá-la orgulhosa. Eu ainda quero, mãe. Pateticamente, tudo que me importa é fazer a você e ao papai felizes.

Agarro uma sapatilha de ponta e a jogo contra a parede. Cai alguns centímetros acima de sua cabeça, mas ela nem se mexe. É como se estivesse hipnotizada comigo.

— Sou sua pequena bailarina, lembra? — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. A ansiedade está de volta, como raízes profundas e grossas de uma árvore me prendendo no lugar. — Apenas talentosa o suficiente para fazer isso, ao contrário de Daria. Tudo o que tenho que fazer é trabalhar um pouco mais, ficar um pouco mais ereta, ser um pouco mais parecida com você.

Mamãe fica boquiaberta. — Pensei que queria isso. Você me perguntou se eu poderia colocá-la no balé, e achei...

Isso. É por isso que preciso dos comprimidos. Assim, posso controlar o medo avassalador do fracasso. A dor de não estar à altura. Antes que ela possa terminar a frase, pego meu outro sapato e também jogo nela. Desta vez ela se esquivava.

— Claro, eu queria fazer balé! Corre em suas veias e você corre nas minhas. Apenas admita, Melody. Você me jogou aos lobos. Lamentou sua curta carreira na Juilliard, sua própria lesão que matou sua carreira quando era estudante. Nunca se recuperou. Não por causa da perna quebrada – e não por causa do sonho desfeito. Lembra como me disse que seus pais nunca apoiaram seu sonho, e era por isso que se certificaria de que eu conseguisse? — Ofego como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— Bem, seu apoio excessivo significava que eu sabia que não poderia falhar. No começo pensei que Daria realizaria seus sonhos, mas ela era selvagem como ervas daninhas. Indisciplinada e desinteressada em ser espremida e transformada em sua filha perfeita. Agora eu? Eu era seu bilhete premiado. Obediente e esforçada. Tornei-me a filha premiada. A menina dos seus olhos astutos. Você me apresentou a este mundo cruel. Inseriu-me voluntariamente em uma vida de audições sem fim, trabalho físico extenuante, lesões, desgosto, sacrifício e rejeição. Agora precisa conviver com as consequências de suas próprias ações. Mesmo que incluam uma criança drogada cuja

droga preferida é subir no palco, fazendo *pas de deux* com um bailarino aclamado.

As palavras a atingiram com tanta força que ela cambaleia para trás. Seus joelhos tremendo, sua cabeça caindo. Bati onde doeu. No alvo.

— Por favor, pare. — Suas palavras saem ofegante. — Você tem razão. Pressionei com muita força, mas mudei de ideia. Não vale a pena. O balé. A escola.

Uma risada enferrujada brota de mim. — Não é mais sobre você. Isso é quem sou. Quer eu queira ou não, estou viciada para o resto da vida.

Eu me viro para sair do estúdio. Só quando meu pé paira sobre os restos de vidro abaixo de mim é que me lembro que mamãe deixou a tigela cair.

Minha boca se abre enquanto meu pé desce. Os instintos assassinos da mãe a colocam em ação. Ela avança, me empurrando para fora do caminho para que eu não pise no vidro. Os cacos sob seus pés fazem um barulho terrível.

Nós duas estremeçemos, olhando para baixo. Ela está descalça.

O sangue se espalha sob seus pés, acumulando-se como um lago sem fim.

Ah, porra. Porra, porra, porra.

— Mãe! — Corro em volta do vidro e a pego no colo, embora ela seja cerca de dez quilos mais pesada que eu. Subo correndo, tremendo, chorando, gritando.

— Pai, ajuda! Mamãe está machucada!

Meu corpo se esforça para levá-la até as escadas. Ela chora em meu pescoço, desossada e sem esperança.

Escorrego sobre o sangue dela na escada e grito. Meus ferimentos estão queimando, me lembrando de como também estou machucada.

Ouçó o barulho de pés batendo na madeira enquanto papai corre

para me encontrar no meio do caminho na escada do porão. Ele pega mamãe com uma facilidade assustadora. O vermelho pinta nossos pés como beijos de batom. Parece uma cena de crime.

Ela me salvou, mesmo depois de todas as coisas horríveis que lhe disse.

— Puta merda, o que aconteceu? Ela está bem? — Acho que nunca vi papai tão pálido como está agora. Seu rosto é uma máscara de terror.

— Ela tem vidro nos pés. — Corro atrás dele. — Ela precisa ir para atendimento de urgência. Eles vão retirar.

— O que você fez? — Ele vocifera, e nunca ouvi esse tom dele antes.

— Não! Eu... quero dizer, estraguei tudo, mas ela deixou cair uma tigela. Foi... não realmente...

Seu olhar mortal me faz calar a boca.

Ele me estuda por uma fração de segundo antes de dizer — Fique aqui. Não se atreva a sair desta casa, Bailey.

Eu o sigo até a porta da frente. Mamãe ainda chorando. Não sei quanto disso é o vidro e quanto somos nós. Nunca brigamos antes.

A porta bate atrás de papai. Estou sozinha. São oito e meia da manhã e meus pais me deixaram sozinha pela primeira vez desde que voltei.

Muito sangue para limpar. Preciso de um estímulo. Preciso parar de me sentir um fracasso, por que agora? Respirar é uma tarefa muito difícil.

Desço e tiro o saquinho de drogas de trás do espelho.

Só mais um Xanax. Merda.

Hesito apenas por um momento antes de puxar o bilhete amassado com o número de Sydney das entranhas da minha gaveta e fazer a ligação.

— Sydney? É Bailey. Quer vir?

Claro que ele diz que sim.

Não há cliente mais estável do que um viciado.

CAPÍTULO QUINZE

Bailey

Três horas depois, meus pais voltam do atendimento de urgência.

O pé da mãe está bem enfaixado. Parece cansada e infeliz, bebendo *Jamba Juice*. Espero por eles na cozinha, com a cabeça baixa e as mãos no colo.

Depois que Sydney apareceu para me vender mais drogas, limpei toda a bagunça no porão e nas escadas. Fiz o almoço, salmão com ervas e brócolis, dobrei a roupa lavada e coloquei flores frescas no escritório da mamãe, no andar de cima.

Estou doente de culpa e tão alta quanto uma pipa. Meu corpo está frouxo, relaxado e sem dor.

Minha mente está clara, como se meus pensamentos estivessem navegando por nuvens brancas e fofas no céu.

Assim que papai coloca mamãe em um assento à mesa de jantar, ajoelho e pego a sua mão. Não consigo nem sentir o piso de madeira sob meus joelhos machucados, o que significa que os comprimidos estão fazendo seu trabalho.

— Desculpe-me mamãe. Eu não queria...

— Você está se internando na reabilitação. — Papai interrompe minhas palavras, pressionando a mão sobre o ombro de mamãe atrás dela. Como se eu fosse machucá-la ou algo assim. — Já paguei a entrada.

Minha cabeça se levanta. — Por quê? Por que mamãe e eu brigamos?

— Porque você está agindo como uma estranha e alguém que não quero sob meu teto — ele diz com naturalidade. — E porque convidou outro estranho quando estávamos no hospital, o que significa que

cancelarei todas as minhas reuniões pelo resto do dia para poder brincar de esconde-esconde com um saco de comprimidos.

Fico em pé, pressiono meus lábios e sorrio com desdém. — Sydney é um amigo do colégio.

— Dissemos que não haveria convidados quando não estivéssemos por perto — papai vocifera.

Papai não encontrará nada. Sou inteligente o suficiente para não esconder drogas onde possam olhar.

Escondo-as no estúdio do porão, onde me tranco. Na fenda de dois centímetros e meio entre o espelho do chão ao teto.

Mamãe agarra meus dedos, levando-os aos lábios. Meus olhos seguem até onde sua boca roça meus dedos. — Desculpe-me por ter pressionado você para se tornar uma bailarina. Parece que estou cheia de boas intenções e más decisões no que diz respeito às minhas filhas. Sei que um pedido de desculpas não é uma borracha mágica para tudo o que aconteceu, mas farei o possível para te compensar. Por favor, estou te implorando, vá para a reabilitação. Você não é você agora e é uma das minhas pessoas favoritas. Juilliard não é importante. Isso é...

— Não vou. — Levo as mãos dela à minha boca. Beije-as. Lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Não posso perder Juilliard. Não posso passar da Bailey Perfeita para Bailey Patética. — Se você quiser que eu vá morar em outro lugar, respeitarei sua vontade. Posso dormir na casa de um amigo. Você e eu sabemos que se eu for para a reabilitação agora, meu sonho na Juilliard acabará. Nunca conseguirei. A faculdade não esperará por mim. Teria que desistir. Diga-me que não é verdade, mãe. Diga-me que estou exagerando.

O silêncio enrola seus dedos frios em volta do meu pescoço, cortando meu suprimento de oxigênio.

Meu maior medo foi confirmado. Se eu entrar na reabilitação – o que, vamos admitir, provavelmente deveria – é fim de jogo.

O beijo da morte naquilo que vivi durante toda a minha vida: o

balé.

Deixo cair minha testa no colo de mamãe, fechando os olhos com força.

Quero melhorar, mas terei que ficar limpa sem ir para a reabilitação.

— Bailey, eu... — O telefone do papai começa a tocar. Ele franze a testa para a tela. — Porra. É Vicious. Acabei de perder uma grande apresentação.

Papai amaldiçoou.

Papai nunca xinga.

Esta casa está desmoronando, tudo por minha causa.

Ele sai da sala e ficamos sozinhas.

Mamãe e eu. Um *tour de force*⁵³ que virou um tour de merda.

— Então é assim que minha filha fica quando está chapada. — Ela olha para o meu rosto, mas ela não sabe. Não realmente. Só presume porque um estranho estava na casa.

Vou convencê-la do contrário. Mentir descaradamente, se necessário. — Não sabia que pareceria tão... feliz. — Seu rosto quase se desfaz antes de ficar em branco.

Desvio o olhar instintivamente, minhas bochechas queimando de vergonha. Meus olhos encaram a porta com firmeza e desejo que Lev passe por ela e me salve.

Ele não vem.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Bailey

O dia continua atingindo todos os marcos para se tornar o pior do mundo.

Thalia aparece na minha porta. Cheirando a Miss Dior e usa um minivestido xadrez verde, um grande laço no cabelo e uma pulseira com uma pomba. Sutil.

Parece que ela está fantasiada de mim.

Gosto muito das peças usadas pela Daria e das imitações de alta costura que encontro em brechós.

— Entre. — Eu sorrio, não tenho mais certeza de como me sinto por ela.

Por um lado, ela me conectou com Sydney sabendo – ou suspeitando muito – que eu tenho um problema.

Por outro lado, deve se sentir como uma terceira roda, o que é terrível.

Ela nunca pediu que eu voltasse para a cidade. Apareci e arruinei tudo pelo que ela trabalhou.

— Bailey, está radiante! — Ela me observa por trás dos óculos de sol laranja opala.

Mentirosa. Estou tão apresentável quanto um saco de batata. Provavelmente tão viva quanto.

— Agora é uma boa hora?

Nunca seria um bom momento, mas teremos que conversar mais cedo ou mais tarde.

— Sim. Que tal ficarmos na piscina? — Sugiro.

— Totalmente, se puder me dar um biquíni?

Claro. Você levou o garoto que eu amo. Por que parar aí?

— Siga-me.

Subimos as escadas e entrego a ela meu biquíni floral com borda de babado. Coloco uma saída de praia, tentando não olhar para seu corpo nauseantemente impecável.

Eu toco minha pulseira de pomba. Thalia percebe o gesto, soltando um suspiro. — Estou tão chateada que não posso ir com todos vocês para Jackson Hole.

Todos os anos, nossas famílias esquiam juntas. Tio Vicious tem uma mansão lá. Thalia está insinuando que Lev a convidou – e esse convite está ativo... mas isso não pode ser verdade.

Ele ia terminar com ela. Eu oficialmente dei a ele luz verde para ir atrás de mim. Sabe, logo antes de eu começar a ignorá-lo novamente.

— Por que não vai? — Engulo em seco, tentando me recuperar da surpresa.

— Meu horário de ginástica é brutal. — Ela faz beicinho. — Além disso, não seremos capazes de tirar as mãos um do outro, o que seria muito estranho. — Ela ri.

— Ha, ha, que engraçado — digo secamente. Literalmente me mate agora.

Ela torce o nariz. — Oh meu Deus, que cheiro é esse? Não consigo respirar.

— Sálvia. — *E isso é porque você é uma súcubo.*

— Ah. Acho que não sou fã.

Na verdade, estou queimando sálvia para que mamãe não sinta o cheiro de que não lavo os lençóis há dias, talvez semanas. — Mantereí isso em mente na próxima vez que vier.

Não vou, mas meus malditos modos não me deixam dizer mais nada. Descemos até a piscina e ocupamos duas espreguiçadeiras.

— Estava tão preocupada com você quando saiu da fogueira outro dia. Chegou em casa bem? — Thalia esfrega as pernas com óleo de bebê suficiente para afogar uma pessoa.

A pergunta é tão indireta e manipuladora que não posso deixar de permitir minha Daria interior falar por um segundo — Oh, sim. Lev me procurou por toda a cidade, mas me encontrou muito rapidamente.

— Ele é ótimo, não é? — Thalia sorri brilhantemente, estendendo a mão para dar um tapinha no meu braço. Parece uma picada de cobra. — Ele veio para minha casa logo depois.

O quê?

Minha raiva é tão potente que parece que há bolhas de lava queimando em minhas veias.

Ele deveria terminar com ela. Se ele está supostamente apaixonado por mim, por que Regina George⁵⁴ aqui acha que tem um convite para nossas férias em família?

Há tanta raiva, frustração e desespero em mim, e não tenho nada a fazer com isso. Nada além de esperar ela sair para que eu possa tomar mais Xanax.

Thalia percebe que estremeço. Solta um gemido sonhador. — Ah, não fique nervosa, Bailey! Mantive totalmente nosso segredinho. — Ela pisca. — Digamos apenas que encontrei uma maneira de distraí-lo, se você me entende.

Vômito enche minha boca e o forço garganta abaixo. De jeito nenhum vou deixá-la ver o quanto dói. Inclinando meu olhar em sua direção, pergunto — Você já falou com ele sobre a faculdade? Vocês ficarão juntos?

Lev pode estar batendo botas com Margarida aqui, mas não a está levando a sério.

Sei por que ele é todo coração e ela é toda venenosa, mas Thalia parece serena enquanto dobra a parte inferior do biquíni alguns centímetros para permitir que o sol bronzeie sua virilha por igual. —

Ainda não, mas as coisas estão melhorando. Estou começando a ver que ele realmente se importa comigo. Acho que estamos superunidos pelo fato de ele ter perdido a mãe e eu quase ter perdido minha irmã para o câncer, sabe? Nós nos apegamos. Obrigada pelo conselho, Bailey. Você é uma boa amiga!

Isso dói. Dói tanto que não consigo respirar.

Dói não poder tomar uma boa decisão ultimamente.

Dói que eu seja viciada. Dói que estou ferida.

Dói que eu esteja machucando os outros.

Todo o meu universo parece ser uma dor e, pela primeira vez na minha vida, me pergunto se o mundo será melhor se eu simplesmente... deixá-lo.

— De nada. — Eu sorrio.

— Namorados do ensino médio! Imagine se acabássemos casados!

— Ela grita.

Obrigada, prefiro imaginar ser devorada por tubarões famintos em mar aberto.

Jogo uma toalha sobre a cabeça para sinalizar que a conversa acabou.

* * *

Empurro Thalia porta afora assim que o decoro permite e desço até o porão para tomar alguns comprimidos.

Só depois que meu humor melhorou um pouco, decido lançar a Operação Fazer Lev Lagar Thalia. Não é o título mais cativante, mas é seguro dizer que não estou no meu auge agora. Estou fazendo isso por razões puramente altruístas. Ela é obviamente uma influência terrível.

Ela me deu *drogas* quando tentei largar o vício. Lev merece algo

melhor, mesmo que esse melhor não seja a bailarina viciada em drogas da casa ao lado.

Se ele terminar com ela sem perceber que foi ela quem me arranhou drogas, posso conseguir minhas drogas e ter um final feliz com meu melhor amigo.

De pé, de costas para o espelho do estúdio, pego meu telefone, coloco minha bunda para o alto e abaixo a parte de baixo do biquíni, tirando uma foto minha seminua e enviando para Lev.

Não tenho certeza do que espero receber dele, mas não é o silêncio ensurdecedor que me saúda, por isso decido dar-lhe outra cutucada.

Sexting⁵⁵ é o dia a dia da civilização do século XXI – quão difícil pode ser?

Deito no chão, abaixando a parte de cima do biquíni, e tiro uma selfie minha em topless, nadando no brilho dourado do meu cabelo. Meus mamilos estão tensos, meus lábios rosados e separados, e agora isso não é mais uma sugestão. É um convite aberto.

A velha Bailey diria dez milhões de Ave Marias só por brincar com a ideia de enviar uma foto nua, mas meu eu normal não está em casa agora.

Desta vez, envio com legenda:

Ainda se contentando com a imitação ou está pronto para a coisa real?

Um minuto se passa. Depois cinco.

O medo escorre pelas minhas entranhas como ácido, *drip, drip, drip*.

E se ele já estiver farto das minhas mudanças de humor? E se odiar essa nova eu? Bailey normal envia mensagens de texto para ele com fatos divertidos sobre balé e aviação, não com fotos de seus mamilos. Por quanto tempo ele poderá ser gentil e compreensivo antes de finalmente explodir?

A porta do andar de cima se abre, batendo violentamente contra a parede. Pulo de surpresa.

Lá em cima, papai está vociferando — Que diabos, Lev? Mandarei para o seu pai uma conta pela moldura da porta.

— Onde ela está? — Lev exige selvagememente, ignorando a ameaça do meu pai.

Não soa excitado. Ele também não parece feliz. Parece... *assassino*.

Sim. Definitivamente há espaço para crescimento no departamento de sexting para mim.

Rapidamente, coloco meu biquíni de volta e amarro a parte de baixo em meus quadris.

— Praticando lá embaixo. — A voz da minha mãe é apenas um sussurro. — Ela teve um dia.

— Sim? Bem, não é nada comparado com a noite que tenho reservada para ela.

Corro até o espelho e belisco as bochechas para parecer meio viva, notando que meus olhos estão vidrados, vazios, nada meus.

Não só não pareço bonita, como também não pareço comigo mesma, ponto final. Estava hiperfocada no meu corpo nas selfies, não no meu rosto.

Lev entra ainda em seu equipamento. Suas calças brancas de futebol estão enlameadas, seu corte de cabelo sujo, manchas de suor e lama contornando seu rosto divino. Está desarrumado com perfeição, toda a pele bronzeada e brilhante e cheira a grama recém-cortada, noites quentes de verão e sexo.

— Está, porra, tão morta, Bailey Followhill — ele zomba, ficando bem na minha cara.

Dou um passo involuntário para trás, minha bunda batendo na barra do balé. Meus dedos trêmulos se enrolam em torno dela. Minha instabilidade é resultado da adrenalina e do desejo, não do medo. Lev nunca me machucaria. Se ele me fizer gritar, será de puro prazer.

— Ignorando minha bunda por dias e semanas, me deixando doente de preocupação com você, e depois me enviando nudes. — Seu rugido ricocheteia nas paredes. — Onde estão as drogas?

Sua respiração desliza ao longo da coluna do meu pescoço, quente e cítrica. Calafrios beliscam minha pele e minha respiração se torna superficial e rápida.

— Que drogas? — Bato meus cílios inocentemente. — Eu só quero me divertir. — Empurro meus quadris para frente, rolando-os sobre sua pélvis. Um pequeno gemido me escapa.

— Procurei em seu quarto novamente quando foi ao seu grupo de apoio ontem, já que não me deixou vê-la. — Sua mandíbula treme de fúria.

Quero abrir um caminho através de sua parede. — Examinei todos os banheiros e também o antigo quarto de Daria. Deveria saber que faria um bom trabalho. Você é esperta. Fodida, mas ainda é a pessoa mais inteligente que conheço.

Santo Inferno. Ele vasculhou todo o meu quarto e nem percebi? Quão alta eu estava? Pela primeira vez estou questionando meu controle da realidade.

A velha Bailey saberia se alguém movesse seus marcadores um centímetro.

— Talvez eu esteja sóbria. — Passo uma unha por seu peito.

— A velha Bailey nunca me enviaria nudes.

— A velha Bailey parece uma chata.

— Ei. — Ele enrola os dedos na frente do meu pescoço, inclinando o queixo para baixo. — Não se atreva a falar mal da garota que eu amo.

— Se você me ama tanto, foda-me! — Jogo minhas mãos para o alto.

Put. Merda.

O que acabei de dizer? Estranhamente, não consigo voltar atrás.

Preciso que ele me foda. Para me tratar como o objeto de seus desejos mais sombrios, e não como uma freira sagrada.

Lev não é nenhum traidor. Se ele me tocar de forma inadequada agora, ele terminaria com Thalia. A sua consciência não o deixaria nos enganar.

— Nunca disse nada sobre te amar. — Seus olhos percorrem meu corpo com um tédio perceptível.

Esfrego-me descaradamente em sua pélvis. A fricção do tecido da parte inferior do meu biquíni contra sua protuberância dura deixa meu clitóris inchado e sensível. O calor gira em meu estômago.

Lev mostra os dentes. — Sinta-se à vontade para parar de transar com meu *jockstrap*⁵⁶ quando estiver pronta. Não consigo sentir nada com isso.

Suas palavras são como água gelada sobre meu humor.

Em seguida, ele acrescenta — Mesmo que estivesse duro, não transaria com você.

Abro um sorriso e ronrono — Que pena. Poderia realmente cooperar se você me tocasse. Diria onde estão todas essas drogas ruins.

Uma faísca de algo sinistro acende atrás de suas pupilas. Há um elemento dominador em Lev, e não sei como não percebi isso antes. Talvez porque sempre me considerei seu cobertor de segurança, sua pessoa, sua casa. Agora, quando claramente não sou todas essas coisas para ele, tenho dificuldade em encontrar um homem mais alfa e controlador.

— Então é assim? — Sua mão livre agarra meu quadril e, com um puxão sem esforço, puxa uma das minhas pernas para envolver sua cintura.

A pomba em sua pulseira esfarrapada roça minha coxa e um grunhido estrangulado passa pelos meus lábios. Sua língua passa pelo lábio inferior carnudo e seus olhos se aprofundam ainda mais.

— É exatamente assim. — Aperto minhas omoplatas para exibir

meu peito. — O que estamos fazendo agora, Lev?

— Preliminares. — Sua mão desce mais pela minha cintura, puxando o cordão, que mantém no lugar a parte inferior do meu biquíni, deliciosamente devagar.

Suspiro de prazer. — Meus pais podem entrar a qualquer segundo.

Ou talvez não? É difícil dizer, ultimamente, eles não têm confiado nada em mim, mas confiam em Lev. Confiam que ele sempre tomaria a decisão certa para nós dois.

— Deixe-os ver — ele responde, seus lábios traçando os meus, e não é exatamente um beijo, mas também não é exatamente um não beijo.

Quero que ele devore minha boca até que eu não consiga respirar. *Jockstrap* ou não, ele está afetado.

Ele geme em minha boca e, por um momento, não estou mais chapada. Sou a antiga Bailey, e ele é meu Lev, e estamos apertando os lábios como crianças praticando o que vimos na TV, respirando um no outro. Nossos corações batem no mesmo ritmo. Nossos dedos se entrelaçam. É calmo. É romântico. É tudo.

Meus olhos se fecham e meus lábios se prendem aos dele tão perfeitamente que somos como uma fechadura e uma chave. Uma combinação feita de paraíso *kismet*⁵⁷.

— Lev...

— Não. Cale-se. Deixe-me fingir que é ela. — Meu coração aperta por um segundo e não consigo respirar. Ela? Ela quem? Tália? Então ele acrescenta entrecortado — Minha Bailey.

Ele desliza a mão do meu pescoço até meu queixo e aperta, abrindo minha boca com força.

Congratulo-me com a sua língua que persegue a minha, lambendo, sacudindo, explorando.

Ele engole minhas ofegantes palavras de agradecimento com

avidez. Com a parte de baixo do meu biquíni meio aberta, pressiona a palma da mão quente contra minha boceta até atingir osso. Meus mamilos enrugam e eu estremeço, girando meus quadris implacavelmente, à procura do seu toque.

Quero que ele me incline sobre a barra do balé e me foda. Quero que me diga que ficarei bem, que superaremos isso juntos.

Quero que ele goze dentro de mim e me veja escorrer.

Lamber o interior das minhas coxas por trás e sussurrar palavras doces que penetrariam na minha pele.

Abro mais as pernas, dando-lhe acesso a mim.

Lev faz *tk*s na minha boca, sua língua acariciando a minha habilmente. — Você terá que usar suas palavras, Dove.

— Coloque seu dedo em mim — choramingo. — Por favor.

Sua boca se separa da minha, e arrasta o nariz pela lateral do meu pescoço, deixando beijos quentes e sensuais em todos os lugares em que seus lábios pousam. Esses beijos são uma droga mais poderosa do que qualquer coisa que possam criar em laboratório.

— Onde estão as drogas? — Ele repete.

Não respondo, pego sua mão e a puxo desesperadamente entre minhas pernas.

O idiota ri na minha clavícula, com a mão mole entre nós, enquanto sua língua desenha círculos preguiçosos na ponta do meu ombro. — Responda-me.

— Foda-me com os dedos primeiro — gemo. — Não finja que não está curioso para saber como me sinto por dentro.

Lev sussurra em minha pele, uma mistura de dor e culpa nadando em sua expressão torturada quando sinto seu dedo roçando minha fenda. Estou tão molhada que a ponta do dedo escorrega instantaneamente. Nós dois paramos tudo e por um momento para tremer nos braços um do outro.

Nossas cabeças caem para frente e observamos enquanto seu dedo

acaricia minha entrada. Meus seios parecem cheios e pesados, e minha barriga desce.

Nossos olhos se encontram e Lev encosta a testa na minha, fechando os olhos. — Onde está escondendo essas pílulas, baby?

Baby. Ah, Marx. Adoro esse apelido na sua boca dele.

Eu balanço minha cabeça. Nunca contarei a ele. Não posso. — Por favor, me dê algum alívio. Por favor, Lev, preciso disso.

— É errado.

— Então faça algo errado de qualquer maneira. Mesmo que não goste. Por mim. Uma vez.

Ele enterra o rosto no meu ombro enquanto empurra o dedo profundamente dentro de mim. Eu o aperto instantaneamente, tão molhada e excitada que ele não encontra resistência do meu corpo.

— Oh, porra. Você é tão apertada. Vai ordenhar meu pau até secar quando eu te foder.

Quando. Ele disse quando.

— Agora parece um momento tão bom como qualquer outro. — Giro meus quadris, montando seu dedo como uma *cowgirl* quando adiciona mais dois à festa.

Estou tão perto que posso praticamente sentir a beira de um orgasmo antes que me domine.

Ele desliza para dentro e para fora de mim, seus dedos sujos e suados ainda cheirando a couro e grama do treino de futebol.

Com três dedos dentro de mim, massageia meu clitóris com o polegar, sacudindo-o provocativamente.

Meus joelhos estão tremendo e deixo cair a cabeça para trás. Poeira de estrelas no teto, mil pequenas supernovas, enquanto minha visão fica embaçada e meu clímax sobe da ponta dos pés até as pernas. O calor se espalha pelos meus membros.

Está acontecendo. Estou gozando.

— Onde estão as drogas, Bailey? — Lev repete, seus dentes roçando a ponta do meu queixo.

— Não tenho drogas. — Eu aperto seus dedos.

— Você é uma mentirosa. — Ele continua enfiando os dedos em mim, enlouquecido, faminto, alimentado pelo desejo.

Sua outra mão está me segurando pela frente do pescoço para me impedir de cair. Estou pressionada contra o espelho. Ele está me tratando rudemente, exatamente como quero que ele faça.

E não consigo me cansar disso.

— E você ainda me ama —provoco.

— Diga-me onde.

— Continue sonhando, Levy.

— Porra, Bailey! — Ele se afasta, passando a mão que estava dentro de mim pelo couro cabeludo.

Meu orgasmo é interrompido bruscamente e minha bunda bate no chão agora que ele não está lá para me segurar. Olho para ele do meu lugar no parquet, meus membros entrelaçados como um cervo recém-nascido.

Ele anda de um lado para outro, passando a mão na boca em frustração. Para. — Última chance, Bail. Onde estão as drogas?

— Dane-se. Acabou de interromper meu orgasmo. — Alcanço entre minhas coxas para brincar comigo mesmo.

O momento, porém, passou e também a promessa de clímax. A umidade dentro de mim parece fria e vazia.

Tenho um momento de clareza onde me vejo de fora. Através dos seus olhos. Esta criatura miserável e de membros longos tentando reacender algo que está morto há muito tempo.

Como se confirmasse minha suspeita, Lev se ajoelha ao meu lado.

— Olhe para você. — Ele amarra meu biquíni apressadamente. — Porra, Dove. O que seria necessário para que consiga ajuda?

Sorrindo, tento engolir a bola de lágrimas que se forma em minha garganta. — Só porque não sou mais perfeita, não significa que não sou perfeitamente eu. Alguém já lhe disse que é um amigo só para os bons momentos?

E então, algo terrível acontece.

Ele para de me ajudar. Levanta-se. Mostra-me seu sorriso torto megawatt de galã dos anos 90. Aquela que o vejo dando aos seus rivais em campo antes de eliminá-los e terminar a temporada. Lev não tem olhos de quarto. Tem olhos do tipo *dobrá-la contra o balcão da cozinha enquanto seus pais estão literalmente no quarto ao lado e foder seus miolos*.

E agora, esse olhar sonolento, sexy e de cílios longos está me olhando como se estivesse tentando me avaliar.

Qual parte de mim quer destruir primeiro. A propósito, a resposta é clara: o coração.

— Certo. Quer agir como uma perdedora, Bailey? Vou tratá-la como uma perdedora. Divirta-se com suas drogas.

Ele avança até a porta e o persigo, agarrando sua camisa. — Você simplesmente vai se afastar da conversa?

— O que mais há para dizer?

— Termine com sua namorada. Por mim.

Sempre pensei que se fosse canalizar uma música da Ariana Grande, seria *Dangerous Woman*. Este definitivamente não é o meu mês.

Lev se vira para me encarar. Nunca pensei que veria o dia em que ele me olhasse como se eu fosse um inseto que quer esmagar sob o sapato.

— Por você? — Ele arqueia uma sobrancelha, me dando uma olhada lenta e condescendente. — Não. Avise-me quando minha melhor amiga voltar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Lev

Fato miserável nº 2.200: Depois de ser decapitada, a maioria das pessoas permanecem conscientes por mais 15 a 20 segundos.

Saio da residência de Followhill sem me despedir, com os sucos da filha deles ainda em minha mão.

Atravesso a rua correndo até minha casa, abrindo a porta. Papai e Dixie estão sentados na sala assistindo *Parks e Rec* como o casal mais saudável do planeta Terra.

Eles precisam seriamente transar.

— Ei, Lev. — Dixie vira a cabeça, sorrindo para mim do sofá. — Fiz alguns rolinhos de ovo cozidos no vapor, se você...

— Sim. Obrigado. Mais tarde. — Subo as escadas até meu banheiro como se tivesse acabado de tomar um frasco de laxante.

— Maneiras! — Papai grita do sofá. Como se ele se importasse com isso quando Dixie não está por perto.

No meu banheiro, começo a jogar meu equipamento de futebol no chão. Chego ao meu jockstrap. Eu o tiro e faço uma careta enquanto olho para dentro. Sim. Gozei nas calças como um maldito novato.

Meu jockstrap está colado ao meu pau por porra.

Com um silvo, jogo o suporte atlético no lixo e aperto as bordas do balcão de granito, me olhando no espelho.

Eu me senti um idiota tocando Dove. Não porque não fosse bom. Foi fantástico, mas porque ela estava sob influência e eu realmente pensei que ela me diria onde estavam as drogas se a levasse ao ponto de gozar e negasse a ela.

Meu pau está duro de novo - *foda-se essa merda e foda-se ser um garoto de dezoito anos.*

Baixo meu olhar para a mão que ainda está coberta pelos sucos de Bailey.

Está tudo pegajoso e seco agora, mas ainda posso sentir o seu cheiro. Prová-la, se eu passar a língua na palma da mão, mas não posso. Não posso me masturbar usando seus sucos.

Seria errado. A culpa me mataria.

Inclinando-me para frente, fecho os olhos e bato minha testa contra o espelho, me esforçando para não dar uma cabeçada nele e fazê-lo quebrar.

Amo Bailey Followhill até a morte.

No entanto, a garota que ela se torna quando está chapada...

Odeio aquela garota. Com paixão.

* * *

— Então, de qualquer forma, muito obrigado por me dar uma bronca, mãe. — Sento-me ao lado do túmulo de mamãe, quebrando galhos distraidamente. — Bailey disse que não queria começar algo juntos porque você a fez prometer que sempre estaria lá para mim. Ela entendeu que isso significava que tinha que colocar minha bunda na friendzone. Agora está com problemas e não sei como ajudá-la.

Como você ajuda alguém que não quer ser ajudado?

Aposto que mamãe teria palavras sábias sobre isso.

— Está bem, justo — gemo. — Não é sua culpa que as coisas estejam bagunçadas, mas posso desabafar, certo?

Balançando a cabeça, enfio a mão em um balde com água morna e detergente, pego uma esponja e começo a lavar seu túmulo.

Papai, Knight e eu todos os domingos passamos um tempo com ela e nos revezamos limpando sua lápide e decorando-a com flores frescas.

Depois contamos a ela sobre nossa semana. É provavelmente o único lugar onde papai não traz Dixie.

Hoje é minha vez de limpar e colocar flores.

Papai e Knight disseram que estavam um pouco atrasados.

Depois de secar a lápide com uma toalha de microfibra, coloco as flores no vaso que está em cima dela. Rosas para Rosie. Rosas e brancas. Suas favoritas.

— Pronto, mãe. Parecendo um milhão de dólares, como sempre.
— Fico na frente da pedra, piscando para ela.

— Pare de dar em cima da mamãe, Lev. Ela é comprometida — ouço Knight repreendendo de brincadeira atrás de mim, o cascalho rangendo sob suas botas.

Sinto-o bater a palma da mão nas minhas costas, me puxando para um abraço de irmão, e ouço o som do carro do meu pai trancando quando se junta a nós. Knight beija minha cabeça para me irritar, porque me faz sentir como uma criança. — Você parece bem, maninho.

— Sim? Bem, eu me sinto um lixo.

— Cheira também assim. — O nariz de Knight se contrai, mas ele está apenas brincando comigo. — Bailey ainda está lhe causando problemas?

Antes que eu possa responder, papai se agacha na lápide e reorganiza as rosas com a testa franzida. Ele é tão metódico e singular com tudo relacionado a mamãe.

Talvez seja melhor que Bailey e eu nos separemos. Não há nada mais triste do que viver seu coração partido todos os dias depois de perder alguém que se ama.

— Meninos, podem dar uma voltinha? Preciso falar com sua mãe.

— Uh-huh. — Knight pressiona dois dedos nos lábios. — Alguém terá a bunda chutada. O que você fez? Mãe, não pegue leve com ele!

Papai o fixa com um olhar de *sério*? Balança a cabeça e puxo Knight pelos gramados verdes em direção a um monte de bancos de granito caiados.

Knight passa um braço por cima do meu ombro e inclina o queixo para papai. — Do que você acha que se trata?

— Dixie, provavelmente.

— Você já descobriu se ele está dando a ela o velho bastão de selfie?

— Jesus, Knight. O que a língua inglesa fez com você para que abusasse tanto dela? — Afasto seu toque. — Irritantemente, papai afirma que eles são apenas amigos.

— Talvez ele esteja pedindo permissão à mamãe para seguir em frente? — Knight levanta as sobrancelhas esperançosamente, olhando por cima do ombro para papai conversando seriamente com a lápide.

— Espero que sim, porque aparentemente nosso pai não come ninguém há quatro anos.

— Oof. Conversas divertidas acontecem na casa dos Cole atualmente. — Knight puxa seus óculos aviadores no nariz. — Bem, isso é triste. — Faz uma pausa. — Não tão triste quanto você ainda ser virgem, mas perto.

— Não sou virgem. — Não sei por que estou carrancudo. Talvez porque mesmo que Knight seja cronologicamente meu irmão mais velho, geralmente sou o responsável e maduro.

— Certo. Thalia. — Ele estala os dedos. — A versão imitação de Bailey. Mailey. — Ele ri. — Você já terminou com ela?

— Mais ou menos, sim. — Chupo os dentes, novamente me perguntando o que diabos estava pensando com todo esse ato de fingimento. Agora Bailey acha que foi fodida com os dedos por um cara que está com alguém. Não quero que nenhuma versão dela pense

que sou um idiota. — Então deixe-me fazer uma pergunta. Como ex-viciado... — começo.

Ele me interrompe. — Viciado, apenas viciado. Serei sempre um viciado. Manter as coisas sob controle é uma luta diária. Ainda participo de reuniões semanalmente, sabe.

— Como viciado, diga-me como posso ajudá-la. Falar com ela. Ela não quer admitir que está usando analgésicos, mas deve estar usando muito porque está sempre chapada.

— Isso não é uma coisa. — Ele massageia meu ombro. — Não pode forçar alguém a melhorar. Primeiro tem que chegar ao fundo do poço e depois tirar uma soneca naquela vadia por algumas semanas ou meses. Não é como nos filmes, onde ela tem um momento de luz e boom, está tudo bem. Ela ainda tem muito a perder, e meu conselho? Deixe-a levar esses golpes. Só não desista, está bem? Esteja lá assim que ela estiver pronta e não antes disso.

Ele inclina o queixo para baixo, sustentando meu olhar. — Eu teria ficado tão fodido se Luna tivesse decidido que eu dava muito trabalho e fosse embora.

— Eu nunca desistirei — digo.

Ainda coloco uma caixa vazia na porta do seu quarto todos os dias. Infalivelmente.

Espero que ela entenda o significado disso. Caso contrário, pareço apenas um esquisito com tesão por papelão. — Não posso simplesmente deixá-la perder tudo.

Ela trabalhou tanto para isso. Nunca apenas sentarei e assistirei enquanto o seu mundo queima. E havia outra coisa: uma necessidade egoísta de provar a mim mesmo que poderia salvá-la como ela me salvou.

— Ótimo Bom. Ei. — Knight me envolve em uma chave de braço fraterna. — Como vai o futebol? Ainda arrasando? Espero que me peça para ser seu agente quando se tornar profissional, certo?

Estou prestes a responder que não me profissionalizarei, mas,

felizmente, me distraio.

— Tudo bem, rapazes. Pronto para almoçar? — Papai vem até nós. Seus olhos estão vermelhos, mas na verdade parece que tiveram uma boa conversa. Uma coisa que a morte da minha mãe me ensinou é que as pessoas morrem, mas o amor que sente por elas permanece vivo. E esse amor? É a memória mais preciosa que se pode ter. Mais do que fotos, vídeos ou qualquer tipo de herança.

— Vamos encontrar Dixie lá? — Knight cutuca enquanto todos nos dirigimos para nossos carros.

— Não. — Papai faz uma careta. — Ela nem sempre vem.

— É por isso que deve sempre começar com preliminares e oral⁵⁸.
— Knight pisca.

Papai dá um tapinha nas costas de Knight. — Aquela mulher deu à luz a você. Não tem limites morais?

— Claramente não. — Knight faz uma careta. — Não, mas falando sério, Dixie vem?

— Não — papai geme.

— Aww, mas eu quero minha nova mamãe. — Knight faz beicinho.

Papai e eu o empurramos para frente em uníssono, o que só nos faz rir ainda mais.

Às vezes, não faz mal não estar bem.

* * *

Fato miserável nº 98: A maioria das pessoas morre num raio de oito quilômetros do local onde nasceram.

Fecho meu armário e a cabeça de Grim aparece do outro lado,

com um sorriso de merda no rosto.

— Pare de parecer tão feliz. Isso está arruinando meu dia. — Coloco minha mochila por cima do ombro e caminho porta afora.

Ele me segue, balançando as sobrancelhas.

— Como poderia não estar quando Thalia está por aí dizendo às pessoas que vocês sentirão muita falta um do outro quando forem para Jackson Hole? — Ele gargalha. — Que, aliás, é provavelmente o único buraco⁵⁹ que desfrutará no futuro próximo, conhecendo seu histórico com a senhorita Followhill.

Idiota.

Além disso, que negócio a Thalia ganha dizendo coisas assim? Deveríamos ser um namoro falso. Isso é muito chato.

— Não estamos mais juntos — murmuro baixinho, valsando pelas portas em direção ao estacionamento. — Apenas salvando a aparência para que as pessoas fiquem de boca fechada.

— Chocante. — Grim me acompanha.

— Fique de boca fechada sobre isso, sim?

— Espere um momento, preciso cancelar a coletiva de imprensa.

Juro por Deus, esse cara é feito de puro sarcasmo. Provavelmente sangra frases curtas. Chego até meu carro e o destranco, jogando minha mochila no banco do passageiro, me preparando para entrar.

Grim bloqueia meu caminho. — Não tão rápido. Precisamos conversar.

Sinos de alarme tocam na minha cabeça. Grim não é o tipo de pessoa que fala abertamente, por isso deve ser sério. Cruzo os braços, lentamente passando os olhos por seu rosto. — Faça rápido.

— Quero que role outra votação para capitão do time — diz ele com naturalidade. — Você está escorregando, sua mente não está no jogo e está perdendo treinos a torto e a direito.

— A equipe já votou — digo suavemente. Infelizmente. Não

queria isso, mas também não posso fugir disso.

Não desisto e ser um herói do futebol do All Saints é o legado da minha família.

— Eu era o próximo na fila por dois votos.

— Bem, merda, Grim. Esqueci que as regras mudaram e o segundo lugar agora fica com o bolo.

— Você já é o presidente do clube de debate, tem mil aulas de AP e três períodos de voluntariado. Seu currículo é péssimo.

— Trabalhei duro para todas essas coisas. — Cerro os dentes. — Cuspi sangue, lembre-se.

— Olha. — Grim passa a mão pelo cabelo. — Você nem vai a todos os treinos. Sua mente está fora do jogo. Na verdade, eu quero isso. Meus pais me forçarão a uma vida de horas faturáveis e discussões intermináveis em nome dos ricos. Ainda não recebi nenhuma oferta. Eu preciso desse tempo. Faça-me esse favor, Cole.

Quero. Porra, não há nada que eu queira mais do que largar essa merda de futebol e seguir meu caminho alegre, mas meu pai. É a única coisa que lhe dá alegria atualmente.

E também há outra coisa: a sensação que sinto por ser o melhor. O melhor da escola. No código postal, na verdade.

Este é o único lugar real onde estou obtendo alguma validação atualmente, mesmo que seja ainda mais narcisista.

Grim vê a resposta no meu rosto. Suga as bochechas e cospe no chão ao meu lado. — Este é o meu sonho — ele resmunga, e nunca o vi mais sério em minha vida.

Suas narinas se dilatam e parece estar prendendo a respiração. — Não estou pedindo para entregar isso, cara. Deixe a equipe votar novamente.

Gostaria de poder virar as costas aos sonhos do meu pai. As expectativas de Knight, mas eles são tudo que tenho, e isso é importante para eles, então tenho que fazer com que essa capitania

seja importante para mim. De alguma forma.

— Cara, me desculpe — gemo, entrando no meu carro.

* * *

Volto da escola e encontro um envelope em nossa caixa de correio.

Isso é muito raro, já que pagamos nossas contas on-line e todo o lixo é jogado fora pela nossa governanta.

Tiro a carta da caixa e levo-a para dentro, virando-a.

Minha garganta está seca.

É da Universidade de Michigan.

Merda. Merda. Porra.

Rasgando o envelope, consigo distinguir as palavras que não quero ver.

Comitê de Admissões e aceitação e parabéns e conquista extraordinária.

A bile bate no fundo da minha garganta porque acabei de entrar oficialmente em uma faculdade de futebol muito boa, e se papai descobrir, meu sonho da Academia Air Force Academy será tão alcançável quanto jantar com Marilyn Monroe e Jesus Cristo.

Olho para o meu telefone. Papai estará em casa em breve. Ele não pode ver isso. Não pode descobrir que entrei.

Balançando a cabeça, subo para o meu quarto. Lá, vou até a única coisa que ninguém toca - nem a faxineira, nem nossa governanta, nem meu pai - o retrato da minha mãe, que está pendurado na minha parede.

Movo-o ligeiramente para a esquerda e prendo a carta de aceitação em um elástico, junto com as outras cartas de aceitação que

ignorei. Cinco até agora. Todos das principais faculdades.

Duke incluída.

Devolvo a foto da mamãe à posição original e dou um passo para trás, observando-a olhando para mim, imaginando o que teria pensado sobre o que eu fiz se ela estivesse aqui.

Provavelmente que me tornei um mentiroso.

Uma fraude. Uma desculpa.

O mesmo farsante que Bailey se tornou.

Ceder à pressão e deixar as pessoas infelizes no processo.

Talvez Bailey não seja mais perfeita.

Eu também não, no entanto.

CAPÍTULO DEZOITO

Bailey

Estamos todos amontoados dentro de um Bombardier Global⁶⁰ a caminho de Jackson Hole.

Papai é coproprietário de uma empresa de fundos de hedge, a Fiscal Heights Holdings, com seus amigos.

A empresa é proprietária do jato, que é tão ecologicamente correto quanto atear fogo em lixeiras em uma floresta tropical, mas estou cansada demais para iniciar um discurso de salve o planeta agora.

É a primeira vez que vejo todo o clã da rua sem saída desde que voltei de Nova Iorque, e estou constrangida, para dizer o mínimo.

Minha pele está cinza, meus olhos fundos e estou escondendo meu corpo frágil sob um pijama Costco enorme. Não é exatamente o símbolo de beleza e sofisticação.

Embora todos estejam tentando agir normalmente, sei que estão curiosos. Por que não estariam? Bailey Followhill – o padrão de todos – teve uma overdose e agora parece que passou o último ano tirando férias prolongadas no inferno.

Tio Dean e Dixie estão sentados em uma poltrona, numa conversa intensa.

Tio Vicious e tia Emilia estão se beijando, o que seria estranho se ainda não estivessem supergostosos.

Tio Trent e tia Edie estão bebendo sucos orgânicos, olhando em minha direção com puro interesse.

Racer, o filho deles, está brincando com Cayden. Knight e Luna também estão me estudando, esperando que uma agulha de heroína caia da minha manga ou algo assim.

Depois, há Vaughn, Lenny e seus gêmeos recém-nascidos, Auggie e Maggie.

Lenny os alimenta enquanto Vaughn lança olhares violentos e demoníacos para todos, como se toda a viagem fosse uma manobra para ter a chance de olhar os seios de sua esposa.

Daria, minha irmã, também está aqui com o marido, Penn, e a filha de quase dois anos, Cressida.

Não nos falamos desde que ela tentou me ver naquele dia com Thalia. Não por falta de tentativa. E agora que ela está bem na minha frente, a culpa é tanta que mal consigo respirar.

Lev está na cabine e não me disse uma palavra durante toda a viagem de avião.

Fico mexendo na pulseira de pomba, tentando me convencer de que superaremos isso, mas não tenho mais certeza.

Daria é a primeira a perceber a tensão no ar. Joga a mão, revirando os olhos cor de safira. — Será que todo mundo fingirá que Bailey não é a atual ruína da nossa existência? Pelo amor de Marx, ela ainda é uma Selena, mesmo que tenha agido com uma Hailey⁶¹!

— Isso foi dito em inglês? — Tio Trent se volta para tia Edie.

Edie suspira. — Referência da cultura pop.

— Daria — sussurro, horrorizada. — Sinto muito por... você sabe.

Daria sorri. — Desculpas aceitas. É hora de quebrar o gelo. Senti sua falta, irmãzinha! — Ela avança em minha direção, se chocando contra meu assento estreito.

Eu me enrolo, pressionando o nariz no meu livro de *Rupi Kaur*⁶². Meus pés com meias cavam no couro creme macio.

— Aqui! Gelo quebrado. — Daria me abraça com tanta paixão e força com que costuma guardar rancor. O que quer dizer que estou sendo sufocada até a morte agora.

— É mais como se tivesses caído do Titanic em direção ao iceberg. — Knight chupa sua bebida Smoothie King. Ele literalmente

nos fez parar em Utah para comprá-la. — Belos carros alegóricos, a propósito.

— Farei *kirigami*⁶³ na sua bunda usando a faca de charcutaria se fizer outra piada sexual sobre minha esposa — Penn anuncia alegremente. — Farei com que seja ainda mais sangrento.

— Cuidado com o tapete bege — sibila tio Vicious.

— Gente, podemos nos concentrar em como Bails dominou a RBF? Nunca pensei que veria esse dia. — Daria funga.

— O que é RBF? — Mamãe franze a testa. Meu interior vira do avesso porque minha irmã só tem filtros quando carrega uma foto no Instagram.

— Resting Bitch Face⁶⁴ — Knight fornece, ao mesmo tempo, que a doce Luna solta — Running Barefoot Foundation⁶⁵!

Abençoada seja ela.

— Você se importa? Estou lendo. — Faço uma careta para minha irmã mais velha. Odeio que Lev esteja na cabine. Sempre me sinto mais calma quando ele está por perto. Eu também odeio isso, agora.

— Tanto faz, vadia. É poesia. Não precisa seguir o enredo. — Daria revira os olhos. — Além disso, Sissi quer dizer oi.

Cressida, sua arma não tão secreta, tropeça em meu colo, destruindo minhas barreiras mentais. Adoro minha sobrinha de quase dois anos. Uma massa de cachos loiros faz cócegas em meu queixo. Sissi sobe pelo meu corpo, dedos rechonchudos e bochechas rosadas me puxando para perto.

Ela tenta agarrar meu nariz com a mão cheia de covinhas. — Bayblee! Roubei seu nariz.

— Oh não! Agora não consigo respirar! — Coloquei o livro de lado e aconcheguei-a ao meu peito.

Ela ri, fingindo enroscar meu nariz de volta no meu rosto. Não sei como algo tão inocente saiu de alguém tão ardilosa.

Minha irmã é o epítome da vilã do show. De rosto fresco e pernas

longas, seu corpo bombástico está envolto em um vestido de tênis rosa, seu cabelo brilhante preso em um rabo de cavalo alto e elegante. Sempre parece que acabou de fotografar uma página dupla para a Vogue e nunca se desculpa por quem é e pelo que deseja.

— Como vai, Bails? Está fugindo de mim como se eu fosse um encontro de aplicativo de namoro que pediu para você dividir a conta depois de uma bebida. — Daria envolve um braço delicado em volta do meu ombro e uno meus lábios para evitar chorar. No mínimo, ela não guarda rancor pela forma como a tratei nas últimas semanas.

— Eu realmente sinto muito, Dar. — Começo a trançar os cachos descontrolados de Sissi só para manter as mãos ocupadas. — Estou sobrecarregada.

— Fazendo o quê, reorganizando todos os seus livros de poesia em ordem alfabética? — Daria arqueia uma sobrancelha fofa e de formato perfeito.

— Não. — Já estão organizados por cor da lombada, autor e data de publicação. Duh. — Tenho uma tonelada de trabalhos escolares para colocar em dia.

E aí está de novo – o olhar de pena e preocupação.

Ela balança a cabeça. — Não importa, não estou aqui para te atacar. Tenho certeza de que mamãe e papai vêm com novidades para você todos os dias.

— O que está fazendo aqui, então? — Não quero, porém, saber. Porque já sei. Está escrito em todo o seu rosto. Atado em suas feições elegantes.

— Não quer ir para a reabilitação, e eu entendo totalmente. Não quer desistir da Juilliard — ela diz com naturalidade. — É por isso que tive uma ideia melhor.

Sento-me mais ereta, um lampejo de esperança brilhando como uma lanterna quebrada dentro do meu peito.

A perspectiva de ser tratada sem sair do radar me tenta. — Sim?

— Um conselheiro! — Ela abre bem os braços.

Termo de trançar os cabelos de Cressida e a mando embora para mostrar a Cayden.

Daria pega meu livro de poesia e o usa como leque, radiante. — Alguém para mantê-la no caminho certo e no estreito, esteja com você vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Falei com uma amiga da faculdade – era uma drogada total; poderia fazer um boneco de neve com a quantidade que cheirava por dia – e ela me disse que seus pais se recusaram a mandá-la para algum lugar na época porque seu pai concorria ao Senado ou algo assim. — Daria revira os olhos azuis. — De qualquer forma, me perdi – honestamente, pessoas que levam mais de vinte minutos para contar sua história de vida são exigentes demais. Olá, você não é Jennette McCurdy; ninguém quer ler sua autobiografia – mas ela mencionou que tinha um conselheiro e que trabalham com médicos e cardiologistas e outros para garantir que não enlouqueça enquanto estiver em abstinência. São profissionais. Com diplomas e tudo o mais.

Estou digerindo suas palavras, que continuam chegando na velocidade da luz. — Não é barato, mas Penn e eu decidimos te dar um presente de aniversário bem antecipado. Ou talvez possa chamar isso de extensão do presente do seu último aniversário. Aquela saia da Miu Miu não fez nada pelos seus joelhos nodosos, querida. — Ela dá um tapinha em um deles com um sorriso paciente.

— Aquela saia da Miu Miu não a fazia parecer uma estudante de inglês prestes a fugir da escola preparatória para ingressar em uma academia de magia negra? — Ela vira a cabeça para olhar para o marido.

— Uh-huh, com certeza — Penn concorda. Ele concordaria se ela dissesse que eu parecia o Monstro do Lago Ness.

— Daria, eu...

— Não, não rejeite ainda. Será muito divertido, prometo. Uma reabilitação agradável e fácil. Seria como ter uma *au pair*, mas para... — Ela afunda os dentes no lábio inferior.

— Viciados? — Ergo uma sobranceira.

Daria bufa, me dando um olhar exasperado. — Pessoas que precisam de ajuda para superar o vício. De qualquer forma, a maioria das agências contrata pessoal do exterior. Podemos conseguir um garanhão italiano para você, Bails! Um Magic Mike. *Ohmeumarx* ou podemos conseguir alguém da Coreia do Sul. Eles têm os homens mais gostosos. — Ela mexe as sobranceiras.

— Tenho certeza de que não deveria dançar tango horizontal com seu conselheiro. — Borboletas batem suas asas delicadas dentro da minha barriga.

É *uma* boa ideia. Quero melhorar, realmente quero. Só não quero o estigma e o revés da reabilitação. — Quero dizer, por que não? Posso tentar fazer em casa.

Ter algum tipo de plano me faz sentir melhor. Além disso, se eu disser sim a um conselheiro, terei que tomar todos os comprimidos que empacotei para esta viagem para me livrar deles.

É claro que mamãe e papai verificaram minuciosamente minha mala. Virou de cabeça para baixo e balançaram com força. E, claro, escondi-os em um pequeno bolso interno que costurei com minhas próprias mãos. Cresci sendo muito engenhosa para o meu próprio bem.

— Realmente? — O fogo acende nos olhos da minha irmã, e posso ver meus pais olhando em nossa direção, esperançosos, em alerta máximo.

Isto não é uma intervenção; este é um golpe completo. Todos eles planejaram isso. Concorro com a cabeça de qualquer maneira, tentando me sentir grata em vez de coagida e presa.

— Temos luz verde, pessoal. — Daria se levanta, enviando dois polegares para cima na direção dos meus pais. — Com licença, vou encontrar o conselheiro mais atraente possível para que possam começar na próxima semana! — Ela bate palmas animadamente.

— Não sei por que está tão feliz, já que garantirei que você nunca

o conheça. — Penn a fixa com um olhar.

— Aww, alguém com ciúmes. — Daria caminha em direção ao marido, sentando-se nos joelhos dele com uma risadinha.

— Posso estar com ciúmes, mas ele virará um líquido se olhar para você do jeito errado.

— Por favor, escolha uma mulher. — Esfrego meu rosto com cansaço. — Uma calma, controlada e de aparência amigável.

— Desmancha-prazeres. — Ela faz beicinho. — Tanto faz, o funeral é seu.

Depois que Daria sai para começar a pesquisa em seu laptop, levanto-me e vou até o banheiro. Puxo meu pijama para baixo para fazer xixi. Quando termino meu trabalho e me levanto, uma dor aguda atravessa minha espinha.

Merda. Lágrimas brotam em meus olhos. Minha lesão na coluna está piorando porque continuo dançando e usando analgésicos, me esforçando ao máximo e não me alongando nem me recuperando. Terei que tirar uma folga séria se quiser melhorar.

Cambaleio até a pia, mentalmente feliz, me convencendo dessa nova ideia de conselheiro. Quer dizer, tenho que começar de algum lugar, certo?

Quando termino de lavar as mãos, meu telefone toca. Olho para baixo e minha respiração fica presa na garganta. Um e-mail.

Da Juilliard.

Abro tão rápido que nem consigo entender as palavras a princípio, mas então se tornam novamente em sentenças coerentes, informando-me que fui formalmente convidada a refazer meu exame prático daqui a quatro semanas.

Estou tendo uma segunda chance. Isso é destino, certo? Um sinal vindo de cima.

Estou tão feliz que coloco o cotovelo no rosto e grito de alegria dentro do moletom.

Vou arrasar no palco. Reivindicar o controle. Estou de volta ao jogo, baby.

Como exatamente? Uma voz pergunta na minha cabeça. Você conseguirá um conselheiro e parará de tomar analgésicos, lembra?

Talvez, porém, aceitar este tipo de ajuda tenha sido prematuro. O que são mais quatro semanas no grande esquema das coisas?

Sobreviverei. Analgésicos não são crack. Não é nem oxy. E Xanax é uma droga recreativa que literalmente todas as pessoas famosas que conheço usaram.

Só preciso sobreviver. E depois, conseguir um conselheiro. Na verdade, mudar do meu dormitório para um apartamento com um conselheiro no próximo ano parece um plano perfeito. Por isso não é como se eu estivesse rejeitando a ideia de Daria; estou simplesmente adiando.

Com um sorriso arrebatador no rosto, saio do banheiro e volto para o meu lugar.

— Cara, o que fez aí por vinte minutos? — Knight estreita os olhos para mim. Marx. Ele acha que eu usei drogas?

— Número dois. — Sorrio docemente, determinada a não os deixar me afetar quando na verdade não fiz nada.

— Besteira. — Ele ri.

Dou de ombros.

— Obrigado por acabar com o clima — Penn murmura nos lábios da minha irmã, tentando dar uns pega nela enquanto ela está em seu MacBook.

Todos poderiam pegar um quarto aqui? E algumas maneiras com isso?

Vaughn torce o nariz em desgosto, o braço pendurado sobre Lenora. Ela segura Auggie adormecido, e ele abraça Maggie meio acordada. — Falando em merda, Knight, como está seu time de futebol?

Knight treina futebol no ensino médio e também é modelo. Alerta de spoiler: ele e Luna acabaram de comprar uma casa de praia de cinco quartos com uma unidade particular e piscina por causa de seus contratos com a Armani, não por causa de seu trabalho como treinador.

— Na verdade, acabamos de ganhar um jogo fora de casa, obrigado por perguntar. E você, irmão? Ainda enfiando agulhas em massinha e chamando isso de arte? — Knight murmura.

Parece que consegui escapar de uma conversa pública sobre meus movimentos intestinais. Vou na ponta dos pés até meu assento, agradecendo silenciosamente às minhas estrelas da sorte.

Minha irmã decide desgrudar os lábios dos do marido e grita — Bails, encontrei um conselheiro residente para você! Ela é uma mulher, de meia-idade, com vários diplomas e parece tão divertida quanto preencher sua declaração de imposto de renda. Vai amá-la! — Ela pisca, tentando parecer irreverente quando, na verdade, o jeito que seu tique no olho direito se contrai me diz que está nervosa. — Ah, e adivinhe? Está disponível para começar nesta segunda-feira, assim que chegarmos em casa.

Todos me parabenizam, menos Lev, que ainda está na cabine. Coloco um fim nisso antes que tivessem muitas esperanças.

— Na verdade, acho que esperarei mais algumas semanas. Acabei de receber um e-mail da Juilliard. Tenho um monte de trabalhos acadêmicos para colocar em dia e a configuração na casa da mamãe e do papai me confundirá. Estaria muito ocupada. Ela só estará no meu caminho.

O avião inteiro fica em silêncio. Tio Vicious me dá uma carranca para não fazer besteira. Quero me esconder debaixo do assento e me esconder pelo resto da viagem. Mamãe pisca rapidamente e sei que ela está tentando não chorar. Papai nem consegue olhar para mim.

A propósito, todos estão olhando para todos, sei que o que aconteceu aqui foi uma intervenção orquestrada.

Mamãe diz — Juilliard mandou um e-mail para você?

— Sim, enviaram.

— Eles geralmente enviam cartas.

Não há nada que eu possa dizer sobre isso, por isso encolho os ombros fracamente enquanto meu próprio plano parece desmoronar sob o peso de seus olhares.

— Mas um conselheiro... uma pessoa só... — Edie pigarreia.

— Acho que Jaime e Mel provavelmente deveriam abordar isso com Bails em particular assim que pousarmos, não é? — Tia Emilia murmura em simpatia. — Isso é muito para absorver, em um ambiente público.

No entanto, não mudarei de ideia. Não perderei essa chance.

Então ouço uma voz familiar nas minhas costas. Uma linda voz que agora parece uma lâmina lambendo minha espinha.

— Ela ainda está na fase de contemplação. — Lev. Está falando sobre os cinco estágios da recuperação. — Cem dólares que ela não cagou porque ainda está cheia de merda. Não se preocupe, Dove. — Meu apelido soa como uma blasfêmia saindo de sua língua, e sinto seu braço em volta do meu pescoço.

Seus lábios roçam minha orelha e sei que todos estão olhando, por isso tento não mostrar o quanto seu toque me afeta. — Vou me certificar de que abandone seu vício nesta viagem, quer queira ou não. Você me salvou, Bailey Followhill. Minha vez de retribuir um favor. Prepare-se para umas férias fodidas porque não deixarei você ter uma recaída novamente.

CAPÍTULO DEZENOVE

Bailey

Lev não estava brincando.

Ele tem me seguido por toda parte desde que saímos do avião.

Loja de equipamentos de esqui.

As pistas.

A cabine.

Até ao banheiro.

Nenhum dos adultos gosta dele no comando, mas ele dá vibrações de cortar a cabeça de alguém quando alguém tenta afastá-lo de mim.

Ele estava lá quando eu desfiz as malas, depois me arrastou até seu quarto para vê-lo desfazer as malas, depois me deu tapinhas de cima a baixo antes e depois de eu vestir meu equipamento de esqui.

Ele também me faz beber água suficiente para encher um lago. Cada vez que termino uma garrafa, outra aparece magicamente em minhas mãos.

Acho que fiz xixi cinquenta vezes desde que pousamos.

Minha bexiga está a uma garrafa de água de entrar com uma ordem de restrição contra ele.

Meus pais parecem concordar com o espetáculo de Lev como um prisioneiro soviético, o que significa que não posso dispensá-lo e passar férias íntimas e românticas com meu Vicodin e Xanax.

Sou intimidada a esquiar. Além de não ser uma boa esquiadora, meu corpo está machucado, o que significa que minhas lesões estão me incomodando ainda mais.

No final do primeiro dia, estou tão exausta que meu corpo parece que foi atropelado por uma motoniveladora. Três vezes.

— Lembre-me de como devo tentar o número dois com você sempre na minha cola? — Murmuro enquanto saio de um banho quente, apertando meu cabelo para secar acima da pia.

— Sempre que a natureza chamar, Dove. — Lev está relaxado na beira da banheira, assistindo pornografia em seu telefone, então não penso que sua ereção é por causa da minha nudez geral. — Troquei as fraldas de Cayden dezenas de vezes. Nada que possa fazer que já não tenha visto e cheirado.

— Não sou um bebê. — Escovo meu cabelo agressivamente.

— Discutível. — Ele não levanta a cabeça da tela do telefone.

— E quando vai tomar banho? — Deixo cair minha toalha e começo a me cobrir com loção corporal.

Sua garganta balança enquanto ele aumenta o volume do telefone, enchendo o banheiro com gemidos e grunhidos.

— A qualquer momento. Sua mãe me substituirá enquanto me lavo e bato uma, depois todo mundo sairá para tomar uma bebida e eu ficarei de babá. — Ele finalmente tira os olhos do telefone e fecha-o.

— Obrigada. Realmente precisava ouvir que vai se masturbar.

— Não finja que não queria durante todo o tempo em que tomava banho. Temos esse efeito um no outro.

Lev se levanta, balançando até ficar cara a cara comigo. Estou nua. Ele... não está. Encaramo-nos. Ele parece predatório, ameaçador e, infelizmente, delicioso.

Não estou chapada, mas irritada e nervosa o suficiente para irritá-lo.

— Vá em frente. Dê uma olhada. — Eu sorrio docemente, recuando para permitir uma visão melhor. — Veja o que está perdendo. Aquilo que nunca conseguirá.

— Grandes palavras de alguém que me implorou para foder a sua bunda com os dedos há menos de duas semanas.

Bufando, murmuro — Estava chapada. Agora estou sóbria, então

todas as suas falhas estão à mostra. E há muitas, Lev Cole.

Em vez de discutir verbalmente comigo, ele se inclina para trás, se fartando. Suas íris de jade descem lentamente pelo meu corpo, parando onde quer que pousem.

Quase posso senti-lo apertando os dentes sobre meus mamilos tensos, roçando-os ao longo da minha barriga. A maneira como sua língua gira em torno do meu umbigo e mergulha para o sul, até o triângulo sagrado entre minhas coxas.

Estou tremendo toda e sei que ele percebe. Finalmente, abre a boca e diz — Seu corpo está cheio de azuis e roxos.

Meu coração dá uma cambalhota até a boca do estômago. Foi isso que ele percebeu?

Bufando, respondo — Bem-vindo aos esportes universitários. É assim que será a sua realidade, a menos que tenha coragem de se inscrever na *Air Force Academy*.

Ele não diz nada. Apenas engole. E agora estou envergonhada porque a eu sobrea lembra que Lev tem um grande problema nas mãos – seu futuro – e em vez de ajudá-lo, tudo que faço é ficar de mal-humorada lhe e dar uma chicotada.

Nossas mãos se encontram – as minhas molhadas, as dele secas e ásperas – e nossos dedos se entrelaçam e brincam um com o outro, fazendo a coisa calmante que costumávamos fazer quando éramos melhores amigos. Em algum lugar entre uma guerra de polegares e tocar piano.

— Vamos — sussurro, acariciando seu polegar com o meu. — Se não contar ao tio Dean que ele está exagerando, eu direi. Você nasceu para se tornar um piloto. Seu currículo é impecável.

Mais olhares. Não sei o que ele está pensando, e isso me assusta porque sempre sei o que Lev está pensando. Costumava, de qualquer maneira.

— Marx, ponto entendido. Pareço asquerosa. — Desconecto nossas mãos, pego a toalha da pia e a enrolo contra meu corpo para

escondê-los. — De qualquer forma, sobre a Air Force Academy...

— Não parece asquerosa. — Sua voz sai grossa e rouca. Mel encharcado.

Minha garganta dança com um engolir. — Não?

Ele balança a cabeça.

— Como eu pareço, então?

— Você parece o amor da minha vida, que estou morrendo de medo de perder.

Meu coração. Meu maldito coração mutilado está prestes a ser vomitado da minha boca e jogado no chão.

Lev está me dizendo que está apaixonado por mim.

Abro a boca para confessar a verdade. Que sempre fui apaixonada por ele.

Que quero melhorar, mas assim que a primeira sílaba sai da minha boca, estrondos encham o banheiro. A porta balança nas dobradiças com a força de um punho.

— Bailev! — É meu pai, e ele soa exatamente como um pai deveria soar quando sabe que sua filha nua está trancada em um banheiro com um capitão de futebol sexy que passa vinte e cinco por cento de seu tempo acordado assistindo pornografia. — Saiam daí, imediatamente. Achei que Mel estava vigiando Bailey.

— Não. Ela está cuidando de Sissi enquanto Penn e Daria mostram o local para a babá — grito de volta.

— Bem, evidentemente. — Papai parece chateado. — Abra a maldita porta antes que eu a quebre e a use como arma contra Lev.

Apressadamente, coloquei uma calcinha, uma legging Lululemons e um moletom com capuz.

Lev ajusta sua ereção antes de abrir a porta. Suas maçãs do rosto estão manchadas de rosa e seu pomo de adão está rosado.

Papai está com um olhar mortal, parado do outro lado da soleira

com os punhos cerrados.

— Bails, ele agiu de forma inadequada? — Ele está me perguntando, mas olhando para Lev.

Eu suspiro. — Infelizmente não.

Lev me dá um olhar de *sério*? Respondo com um sorriso privado que só ele pode ver.

— Deu uma olhada? — Papai vocifera com Lev.

— Não, senhor.

— Está mentindo para mim agora? — As sobrancelhas do papai se erguem.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor. — Não é minha culpa que fizeram filhas bonitas.

Papai balança a cabeça com um suspiro. — Ela está bem?

— Ela está bem aqui — digo com os dentes cerrados. — Ainda sou capaz de responder a uma pergunta, muito obrigada.

— Reclamando e queixando, mas sóbria. — Lev me ignora.

— Bom. Aproveite seu banho bem frio, Lev.

— De nada, Jaime.

— Aparentemente, de nada — papai responde atrás das costas de Lev. — Além disso, o que aconteceu com o tio Jaime?

— Com as coisas que quero fazer com sua filha, posso dizer que não somos uma família.

Então ele sussurra, quase inaudível, “ainda”, e novamente, quero beijar esse cara com força.

Papai vai atrás de Lev com toda a intenção de sacudi-lo, mas depois pensa melhor quando percebe que eu ficaria sozinha por alguns minutos.

Eu reorganizo o moletom para cobrir meu cabelo molhado e saio do banheiro.

Papai me segue. Parece elegante em um terno azul-marinho listrado, seu cabelo louro-acinzentado preso em um coque.

— Para onde estão indo? — Jogo as roupas de hoje no cesto de roupa suja, incrivelmente consciente de quão perto estou da minha mala – e das drogas lá dentro.

— Bebidas nesse lugar do tipo Yellowstone⁶⁶. — Ele bloqueia meu caminho até o armário.

Meus dedos coçam para rasgar a costura da minha mala e tirar meus comprimidos. Marx, não posso ter um momento para mim?

— Quer que eu fique e lhe faça companhia? — Papai sugere. — Podemos assistir a um filme. Vegetar na frente da TV como costumávamos fazer.

— Lev e eu temos algumas coisas para conversar. — Balanço minha cabeça. — Obrigada, no entanto.

— Você tem certeza de que ele não está exagerando? — Papai me estuda atentamente. — Só porque cresceram juntos e ele tem boas intenções, não significa que o garoto tenha ideia do que está fazendo.

— Sim, pai, tenho certeza. Se ele fosse ruim para minha psique, eu diria a você.

— Eu te amo, Bails.

— Eu também te amo, Capitão Rando.

— Vai superar isso. — Sua voz é firme e solene. — Impossível é basicamente possível com algumas letras redundantes.

— Hum, não é assim que a linguagem funciona. — E então, porque minha cabeça está uma bagunça e realmente me sinto perdida nesses ossos em que cresci, digo — Parece tão estúpido ter chegado até aqui sem problemas, e aos dezenove anos estou prestes a perder tudo pelo que trabalhei.

— Não são os anos que nos envelhecem, baby. É a experiência que vem com eles. — O olhar que ele me dá é desarmante. — Você está evoluindo, querida. E toda subida tem uma descida. Pessoas

inteligentes transformam essas mudanças em curvas de aprendizado.

Papai me estuda por um momento, depois balança a cabeça. Ele tira o telefone do bolso e coloca *Be Alright* de Dean Lewis para tocar, e agora eu realmente quero chorar porque ele se lembra. Lembra que essa foi a primeira música lenta que dancei. Com ele.

Ele era meu acompanhante de um baile de calouros e a música começou e eu adorei, mas nenhum garoto queria me convidar para dançar na frente do meu pai... então ele o fez. Papai também fez direito. Sem atalhos. Aproximou-se. Perguntou-me cautelosamente. Timidamente.

Todas as minhas amigas desmaiaram. Ele me girou na pista de dança, me abaixou, me fazendo rir, e me disse que eu era a garota mais linda do lugar.

E eu acreditei nele.

Porque para ele, eu sabia que era.

Papai abre a palma da mão em minha direção, com um sorriso humilde no rosto. — Sei que você é uma dançarina profissional e eu sou apenas um velho com o coração na manga, mas me daria a honra?

Sem palavras, coloco minha palma na dele. Ele deixa cair o telefone na cama e pressiona minha cabeça em seu peito, me enterrando em seu calor. Fecho os olhos e me movo no ritmo da música, me sentindo tão carregada de emoções, o momento tão agridoce que me tira o fôlego.

— Está bravo por eu ter roubado sua primeira dança? — Sua respiração faz cócegas no cabelo sobre minha testa.

— Está brincando comigo? — Eu o aperto com força. — Que privilégio ter sua primeira dança com o garoto que mais amará.

— E Lev? — Ele pergunta depois de um instante.

Penso no meu primeiro beijo. Minha primeira vez. Tudo com pessoas que não eram Lev. — Acho que meu destino é que Lev seja meu segundo em tudo. — Suspiro.

— Segundo — diz papai. — E se quer saber minha previsão, o último.

Por um momento – apenas um breve – não existem analgésicos.

Sem dor.

Sem Juilliard.

Sem Thalia.

Sem ansiedade, ataques de pânico, expectativas paralisantes e confusão.

Somos apenas papai e eu.

E a promessa silenciosa de que tudo ficará bem.

CAPÍTULO VINTE

Bailey

Não está tudo bem.

Tudo está longe de estar bem.

Na verdade, bem atualmente nem está no mesmo universo.

Toda a minha existência está sofrendo, minha boca está seca e deve estar cem mil graus neste lugar.

— Sou só eu ou está muito quente aqui? — Estou atravessando a mansão do Tio Vicious em Jackson Hole.

Cayden, Sissi e os gêmeos estão lá em cima com suas babás.

Somos só Lev e eu, e Lev está tentando me fazer assistir ao filme *Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo*, mas continuo me afastando do sofá.

Só queria que ele me desse um momento a sós para que eu pudesse tomar alguns comprimidos e respirar normalmente novamente. Estou à beira de um ataque de pânico devido às emoções avassaladoras que me atingem de uma só vez, agora que o Xanax e o Vicodin estão fora de alcance.

Lev se levanta lentamente, apoiando o quadril na parede, os olhos semicerrados.

Ele está sério vestido com uma blusa em decote em V branco e calça de moletom preta. — Está vinte graus de acordo com o termostato. — Ele passa a língua pelos dentes superiores. — Bom número, não concorda?

— Estou assando. — Tiro meu moletom e fico na frente dele com nada além de um sutiã esportivo e leggings.

Lá fora, a neve cai em montes brancos. Parece que estamos aninhados dentro de um saco de marshmallow.

Descarto meu moletom, enxugando meu rosto suado. — O termostato deve estar quebrado. Sinto que estou dentro da tanga de um maratonista.

— Sim, Bails. Chama-se abstinência — diz ele com tristeza.

Revirando os olhos, vou até a cozinha, abro a porta de vidro da geladeira Sub-Zero e enfio a cabeça lá dentro, gemendo. Estou queimando viva aqui.

— Isso nem está ajudando. — Bato minha testa contra uma das prateleiras.

Os braços de Lev me envolvem por trás, seu queixo apoiado no topo da minha cabeça. — Vamos, Dove. Vou preparar um banho frio para você e pode mergulhar nele. Farei também uma limonada para você, está bem?

— Hum. — Eu me viro para abraçá-lo, e ele me aperta, dando beijos na minha testa como um namorado de livro de primeira linha. — Isso soa bem. Você enche a banheira, e eu farei limonada para nós.

Seu peito ronca contra meu ouvido. — Boa tentativa. Não deixarei você nem por um segundo, porra.

— Ugh, eu te odeio.

— Eu te amo.

— Você diz muito isso.

— Estou falando sério. — Ele fica parado, me estudando sob um espesso leque de cílios. — Foda-se, estou desligando o termostato. Os bebês estão enfaixados ou como chamam.

— Embrulhado — corrijo. — Sim.

— Eles sobreviverão — ele murmura, depois faz uma careta. — Sobreviverão, certo? Baby Killer é um ótimo nome de rap, mas não é tanto um título que eu queira adquirir para mim.

Suspirando, me afasto dele. — Eles estão bem embrulhados. Além disso, uma das causas suspeitas de *SMSL*⁶⁷ é o superaquecimento.

— Porra. Vou desligar, mas só no primeiro andar. — Ele desliga o aparelho e começa a preparar limonada para nós, tudo isso enquanto fica de olho em mim.

Ele está fazendo isso de maneira elaborada e superestimada. À maneira de Lev. Espremer limões, misturar açúcar, triturar cubos de gelo. Eu ando de um lado para o outro.

O suor escorre pela ponta do meu nariz no chão.

Drip, drip, drip.

Está quente. Muito quente.

Quente o suficiente para fazer algo imprudente.

A selvageria se apodera de mim. Tiro a legging, solto a faixa do cabelo, abro a porta e corro direto para um monte de neve. Mergulho nele. A neve derrete ao meu redor, penetrando minha carne febril.

Esfrego meu rosto contra ela, abrindo minha boca, minhas pernas, meus braços – deixando-a entrar no meu sutiã e na minha calcinha. Gemo, rio, choro e prometo a mim mesma que, se algum dia largar o vício, nunca mais usarei um analgésico.

Nem mesmo se eu for operada, ou uma cesariana, ou ambos. Ao mesmo tempo.

Braços musculosos envolvem minha cintura por trás. Eles me arrancam da colina de neve onde estou empoleirada. A neve cai em todas as dobras do meu corpo.

Gemo em protesto quando Lev me joga por cima do ombro como se eu pesasse menos que um relógio de pulso e volta para casa, exalando energia sombria.

Suas costas são um triângulo de músculos salientes, e passo meus dedos ao longo das encostas da sua grande dorsal. Sua pele endurece onde quer que esteja exposta – cotovelos, antebraços e até mesmo os dedos.

— Deixe-me descer. Eu disse que estou pegando fogo.

— Não precisa dizer isso — ele murmura, chutando a porta e

fazendo muito barulho. — Eu tenho olhos e meu pau está totalmente de acordo.

— Estou assando, Lev. Preciso da neve.

— Você pegará pneumonia. — Ele está subindo as escadas, abandonando a limonada pela metade. Meu rosto está perigosamente perto de sua bunda agora, e estou tentada a cravar os dentes para dar uma mordida atrevida.

— Na verdade, não há provas científicas que liguem o tempo frio e úmido a infecções respiratórias. É um mito — aponto.

— Um mito, hein? — Seus dedos cavam mais fundo na parte de trás das minhas coxas e meu interior aperta deliciosamente. — Considere-me um *helenista*⁶⁸, então.

Lev me deixa cair na beira da minha cama de dossel. Vira as costas para mim e abre meu armário, vasculhando minhas coisas.

Eu o observo, o pavor me enchendo. Ele está procurando drogas de novo? Espero que não vá pegar minha mala, mas volta alguns segundos depois segurando minhas... sapatilhas de ponta?

— Planejando trabalhar no seu *rond de jambe*⁶⁹? — Digo sarcasticamente.

Aparentemente, voltei a ser uma merda novamente. É difícil acompanhar, no entanto.

— Por que trouxe isso? — Ele pergunta, separando as fitas dos sapatos insensivelmente.

Suspiro. — O que está fazendo? É tão difícil refazer...

— Responda-me — ele interrompe, e não sei por que, mas estou com um pouco de medo dele agora.

— Pensei em fazer um ou dois treinos! — Estalo. — Isso é um crime?

Com as fitas arrancadas das sapatilhas, ele vem até mim com a morte nos olhos. — Braços para cima, Dove.

— Quer me amarrar? — Se meus olhos estão tão grandes quanto parecem agora, devem estar dominando todo o estado de Wyoming.

— Tenho que te deixar sozinha por alguns minutos e não confio em você — diz ele secamente.

— E se houver um incêndio?

— Não demorarei o suficiente para que isso aconteça.

— Vamos abrir a caixa de Pandora das questões de confiança? — Eu rio friamente. — Porquê da última vez que verifiquei, foi você quem...

— Braços para cima — ele diz novamente.

— Foda-se!

— Confie em mim, baby, está na minha agenda. Sua boca inteligente será a primeira a se encher de mim. Sua boceta será a próxima e, finalmente, aquela bunda perfeita. Não pense que esqueci daquela cena na piscina. Vou foder você toda e logo, mas primeiro, ficará sóbria, disposta e com a mente sã.

Ele segura meus pulsos e os bate acima da minha cabeça, usando as fitas de cetim para me amarrar a uma das colunas.

Tio Vicious comprou uma daquelas camas de dossel vintage do século XIX de madeira, então não tenho como me esquivar ou arrastar a cama comigo. Além disso, sou só eu ou Lev é assustadoramente bom em restringir as pessoas?

— É por isso que está mergulhando seu lixo em uma imitação barata? — Eu cuspo enquanto Lev amarra duas e três vezes o cetim em volta dos meus pulsos conforme sua mandíbula flexiona com irritação.

— Pensei que gostasse de Thalia.

— Bem, não gosto.

— O que te fez mudar de ideia?

— Ela transando com o garoto que amo! — Eu recuo e tento

chutá-lo.

Ele dá um passo atrás para admirar seu trabalho. Seu rosto inexpressivo e sereno, como se minha declaração de amor não tivesse sido registrada.

Lev enfia o dedo no cetim para soltá-lo um pouco em volta da minha pele e sai do quarto. Alguns momentos depois, retorna com uma tigela cheia de neve.

Isso me lembra que ainda me sinto tão quente quanto um peru de Ação de Graças e choramingo de autopiedade.

— Passarei um pano com um pouco de neve pelo seu corpo para cuidar dessa quentura, está bem? — Ele se agacha ao nível dos meus olhos.

Eu concordo. Engulo. — Lev?

— Sim, Dove?

— Preciso de uma distração.

— Leo Tolstói [70](#) levou seis anos para escrever Guerra e Paz. — Ele move o pano para cima e para baixo no meu corpo. — E a mesma quantidade de tempo para eu ler.

Gemo de frustração. Não consigo me concentrar em nada nem rir.

— Vamos ver o que mais... ah! — Lev diz. — Abraham Lincoln também foi um lutador profissional. Tinha um recorde de 299 e 1. Apenas uma derrota.

— *Armph.*

— Além disso, Reagan ajudou Barry Manilow a escrever *Copacabana*.

— Está inventando todas essas coisas? — Irrito-me.

— Não! Pesquise no Google. — Lev levanta dois dedos em juramento de escoteiro. — Tudo bem, não procure esse último no Google, mas todo o resto é legítimo.

— Desamarre-me — exijo.

— Não, isso torna meu trabalho mais fácil.

— A fita machuca meus pulsos — minto.

— Oh. — Lev, sendo o homem mais atencioso do planeta Terra, solta rapidamente o laço, jogando-o no chão.

Deixo meus braços caírem no colo e massajeio a parte sensível com um estremecimento.

Lev pega uma cadeira de uma mesa próxima e se senta na frente da minha cama, redirecionando sua atenção para o pano estúpido coberto de neve e acariciando minha barriga como uma parteira em um filme dos anos 50.

Estou apenas de sutiã e calcinha e gostaria de ser tratada como uma irresistível *femme fatale*, não como uma senhora que está prestes a morrer durante o parto.

— Mais curiosidades? — Ele sugere encantadoramente.

Produzo um som no fundo da minha garganta.

— Como é isso? — Ele pergunta, focando em meu rosto enquanto passa o pano para cima e para baixo em meu torso. Caio para trás sobre os cotovelos, abrindo as pernas a sua frente.

— Como se estivéssemos reencenando *Jersey Girl*⁷¹. Pode colocar também um pouco de neve aqui?

— Bailey. — Ele me lança um olhar de súplica: por favor, não faça isso comigo.

Sua ereção pode ser vista em planetas vizinhos. Ele obviamente está excitado e quer fazer a coisa certa por mim.

— Oh, vamos lá. Nós dois sabemos que você e eu vamos foder um ao outro agora que não sou mais certinha e você não é mais meu amigo apaixonado. Talvez seja melhor aproveitar nosso tempo juntos antes de eu ir para Juilliard e você ir jogar futebol americano na faculdade, porque é muito bundão para enfrentar seu pai.

Wow. A Bailey, que sofre de abstinência, é uma vadia.

Lev não deixa de perceber isso.

Ele agarra meu pé e o coloca em sua coxa dura, passando o pano frio pela parte interna da minha coxa, me provocando. — Em primeiro lugar, nunca fui seu amigo apaixonado. Você queria alguém para cuidar, alguém para praticar sua natureza carinhosa, então agradei sua bunda. — Ele para bem na junção entre minha coxa e minha virilha, sabendo que está me deixando louca de necessidade. — Em segundo lugar, está chapada se pensa que voltará para aquela escola. Já que você e eu sabemos que está sóbria, é melhor admitir que é hora de um plano B.

— O quê! — Grito. — Claro que voltarei. Tenho um exame prático em quatro semanas.

— Uh-huh.

— Eu tenho! — Bato e chuto seu peito.

Ele pega meu tornozelo e aperta. — Pare de se mexer.

— Não, pare de falar! Por que você disse isso? — E então, porque aparentemente deixei minhas faculdades mentais na Califórnia e não tenho autocontrole, começo a soluçar incontrolavelmente. Eu me afasto dele, rolo na cama, enterro o rosto no cotovelo e choro.

Também não estou calada sobre isso. Estou chorando e uivando, e tenho certeza de que as crianças que dormem nos outros quartos podem me ouvir.

Lev confirma minha suspeita quando sinto sua mão esfregando minhas costas. — Shhh. Bails, vai acordar Den e Sissi.

Os gêmeos estão no corredor, mas meus pulmões também mostram boa capacidade de acordá-los. Não importa o quão baixo tenha descido, ainda me importo com essas crianças.

Por isso sufoco meus soluços mordendo um travesseiro. Estou chorando ainda mais agora, mas o linho engole minhas lágrimas, meu ranho e minha saliva. Eu me pergunto se finalmente cheguei ao fundo do poço.

— Bailey. Como posso fazer você se sentir melhor? — Lev pergunta desesperado em algum lugar acima da minha cabeça, ainda acariciando minhas costas com o pano úmido. — Diga-me o que fazer.

No entanto, estou muito presa na minha própria cabeça. Na minha paranoia de falhar.

Nos braços ardentes e torturantes da abstinência. Tenho tentado manter sob controle todos esses sentimentos.

Eu me envolvo em um nó humano de emoções, todo o meu corpo tremendo.

De repente, sinto algo estranho acontecendo. Engulo um soluço antes de conseguir decifrar o que é, meu rosto ainda grudado no travesseiro.

Ele acabou de...?

Sim. Lev enfiou neve na minha calcinha.

Pegou um punhado de neve branca e esfregou em meu núcleo. Meus gemidos param e soluço uma vez. A tentadora sensação de umidade e frio entre minhas pernas está se espalhando para outras regiões e meus mamilos endurecem.

— É disso que precisa agora, Dove? — Seu tenor rouco lambe minha espinha.

Dedos confiantes acariciam a fenda da minha bunda até minha boceta, por trás, através da minha calcinha molhada.

Quando chega ao meu clitóris, ele empurra o tecido para o lado e aperta o feixe de nervos com uma camada de neve nas pontas dos dedos. Empino minha bunda para trás. — Isso ajuda?

Minha única resposta é um gemido alto e desesperado.

Lev está me distraindo. Está fazendo o que pedi. Tirando minha mente da abstinência, embora ambos saibamos que isso é uma tortura para ele.

Ele não queria me reivindicar esta noite. Queria que fizéssemos isso de forma diferente. Uma parte de mim quer parar com isso por

ele.

Para que ele tenha a chance de fazer isso direito, mas sou muito egoísta agora. Muito carente.

De joelhos e de costas para ele, eu me viro, concedendo-lhe acesso.

— Não — o ouço falar lentamente como um rei brusco. — Use suas malditas palavras. Não sou seu amigo apaixonado. — Bem. Pagarei por isso por toda a eternidade.

— Quer minhas palavras? — Olho para ele por cima do ombro, fixando meu olhar no dele.

Há uma chama por trás dessas esmeraldas. Promete queimar tudo e todos em seu caminho para me ter. — Tudo bem, vou dizê-las a você. Estou sóbria agora – infeliz, mesmo assim sóbria – e não há nada que eu queira mais do que você me provar, me foder, me usar e gozar dentro de mim. Tem razão. Nunca foi meu amigo apaixonado. Era o garoto de quem eu morria de medo porque sabia que tinha o poder de destruir tudo pelo que trabalhei. E quando entrei na Juilliard... — hesito, prendendo a respiração. — Estava com muito medo de escolher ficar para poder estar perto de você, então, em vez disso, quebrei nossos corações. Feliz agora que a verdade foi revelada? Que tal isso como palavras?

— Suficiente — ele interrompe.

Ele nunca esteve mais bonito do que está agora. Erótico e poderoso, com músculos tensos e olhos famintos. Lev me vira de costas, agarra meus joelhos e me arrasta pelo colchão. Para quando minha bunda está na beira da cama, pairando no ar, e abre bem minhas pernas. Ouço o som da sua cadeira raspando no assoalho.

Ele levanta minhas pernas sobre seus ombros. Estou nua diante dele e consegue ver toda a minha boceta, apenas o tecido da minha calcinha entre meus lábios. Lev tira um pouco de neve da tigela e enfia em um dos bojos do meu sutiã.

Deixo cair a cabeça para trás e sibilo, o frio delicioso na minha

pele quente envia tremores pela minha espinha. Estou vazando na roupa toda e nem me importo.

— Lev — digo, empurrando meu sutiã para baixo para expor meus mamilos. — Por favor eu...

— Cale a boca, Bails. Se não falar, pelo menos posso fingir que é uma fantasia e que não estou realmente fazendo isso com você. — Ele agarra meu queixo e empurra neve em minha boca – muita neve – para mantê-la fechada. Poderia cuspir, mas gemo, meus dentes sensíveis ao frio, quando ele agarra o sutiã esportivo enrolado e me puxa para frente.

Ele envolve sua boca em volta do meu mamilo coberto de neve, sugando o frio com sua boca quente.

Eu me desfaço em um trilhão de pedaços com a sensação. Ele pega mais neve e começa a brincar com meu mamilo. Num momento esfrega neve, no outro lambe. Subo no ar enquanto ele trabalha em meus seios.

— Eu me sinto tão vazia — gemo.

Ele enfia neve na minha boceta.

Estou tremendo toda, prestes a experimentar o orgasmo mais violento já registrado no planeta Terra.

Um som diferente da nossa respiração ofegante penetra no ar, e quando abro os olhos, percebo que a cadeira em que Lev estava sentado está torta no chão, e ele subindo na cama em cima de mim, cobrindo meu corpo com seu enorme corpo.

Seus lábios batem nos meus. Um rosnado desenfreado saindo de seu peito. — Bailey.

— Lev.

Ele agarra minha nuca e fode minha boca com a língua de um jeito que é muito sujo para o garoto que me ajudou a descobrir como limpar meu aparelho quando eu era mais jovem.

A ponta da língua está fria, mas o resto da boca está quente. E

com esse beijo, ele suga meu coração – inteiro, limpo, incluindo as artérias – de modo que tudo o que resta em mim seja o espaço vazio e as informações inúteis que nos ensinaram na aula de química.

— Daria guardou para Penn todos os seus primeiros... mas você, quero que tenha todos os meus segundos. Todos os meus últimos. Tudo meu.

— Eles são meus — ele vocifera.

Quase engasgo quando ele enfia a língua profundamente na minha boca, rolando os quadris entre as minhas pernas, deixando-me sentir o que faço com ele. É grosso, duro e enorme, e mal posso esperar para foder meu rosto.

— Já está distraída? — Ele fala em nosso beijo, puxando meu sutiã totalmente para baixo.

Isso empurra meus seios para cima, e ele faz uma pausa na minha boca para passar a língua ao longo do contorno de cada um dos meus mamilos. Morde minha carne pálida, deixando uma marca de seus dentes perfeitos.

— Muito. — Tiro sua camisa branca e coloco minhas coxas em volta de sua cintura, virando-nos para que ele fique deitado de costas e eu monte nele. Abro meus dedos sobre seu peito.

Por cima da tatuagem de Rosie nas costelas. E a bússola no peito – uma homenagem ao seu amor pela aviação – quando noto algo que nunca vi antes. Bem em cima de seu coração.

— O que é isso? — Passo meu dedo indicador pela tinta. Ele sibila, como se ainda estivesse fresco, depois desvia o olhar, corando.

— Você sabe o que é isso — ele resmunga.

— Duas pombas — ofego. — Nós?

Há um breve silêncio antes que ele incline a cabeça. — Nós.

— Quando você a fez?

— No dia em que me recusou. — Nossos dedos se encontram. — E sabia que isso não importava porque eu ainda seria sempre seu.

Seu pau ainda está latejando e se contorcendo entre as minhas pernas.

— Bem, adorei. — Eu me inclino e passo minha língua sobre ela de forma sedutora. — Thalia viu isso?

Suas narinas se dilatam. — Viu. Mesmo que ela não tivesse visto, acha mesmo que ela precisava saber o que eu sinto por você?

Não. Porque Lev e eu sempre fomos o fim do jogo.

Nós dois éramos muito orgulhosos, muito assustados, muito perfeccionistas para estragar tudo.

Nós dois sabemos que cada pessoa com quem mexemos não passava de um peão. Uma perda de tempo colateral.

Ele alcança entre minhas pernas, puxando minha calcinha para que desapareça dentro da minha fenda. A dor é deliciosa e meus dedos dos pés se enrolam nos lençóis macios. — Cada segundo dentro dela, pensei em você.

Ele solta minha calcinha e ela *thwack!* sobre minha pele.

— Agora, goze em meus dedos e me diga o quanto me quer.

Ele enfia dois dedos em mim e, como solicitado, começo a ter convulsões e espasmos, apertando-o dentro de mim com força.

— Esse é a minha boa amiga apaixonada — ele sibila. — Já se cansou de mim?

Nem de longe o suficiente.

Ajoelho-me entre suas coxas e começo a trabalhar.

CAPÍTULO VINTE E UM

Lev

Fato Miserá... ah, dane-se. Nada é miserável sobre o que está acontecendo agora.

Deveria parar com isso. Eu sei que deveria.

Não porque Bailey não saiba o que está fazendo – ela sabe; está completamente sóbria – mas porque está em uma posição vulnerável e eu faria qualquer coisa para distraí-la da desintoxicação das drogas.

A tentação foi projetada para ser cedida, especialmente quando se trata da mulher que amo.

Especialmente quando a mulher que amo está de joelhos entre as minhas pernas, com os seios para fora e pressionados pelo sutiã enrolado, olhando para mim como um cordeiro esperando para ser abatido.

— Não deveria fazer isso se parecer errado. — Minha voz é grossa, rouca e mentirosa. Quero ser um cavalheiro, mas também quero que essa garota sugue meu pau na boca como se o bem-estar do país dependesse disso.

Felizmente para mim, Bailey não me dá tempo para bancar o herói.

Ela enrola seus dedos graciosos em volta do meu pulso e enfia minha mão em sua calcinha. Está escorregadia com sucos e neve, ainda pulsando ao meu redor.

— Parece que não tenho certeza?

Meu domínio da língua inglesa evapora, junto com meu QI, quando ela abaixa minha calça de moletom.

Eu a ajudo, levantando minha bunda, e meu pau sai do elástico. É

dolorosamente escuro e duro. A coroa é arroxeadada, a haste ingurgitada.

Sou tão grosso quanto a porra de uma garrafa de *Smartwater*. Foda-se minha vida e boa sorte para Bailey. Porque assim que ela me receber em sua boca, foderei até que ela possa me provar nos próximos anos.

Bailey estende a mão para me segurar pela raiz antes que seus olhos azuis se arregalem comicamente. — Um *Prince Albert*⁷²? — Ela olha para cima, sua boca doce se abrindo. — Reviravolta na trama!

Dou de ombros, murmurando — Você gosta de coisas brilhantes.

— Fez isso por mim? — Ela para.

Quem mais? Outras garotas nem estavam no cardápio até recentemente. E a que conseguiu virar lanche foi jogada fora prontamente.

— Bem... — me mexo desconfortavelmente. — Sim. Lembra daquela vez que você disse que adora joias no corpo?

— Eu tinha quatorze anos!

— Tenho boa memória.

Ela abaixa a cabeça e passa a língua pelo pré-sêmen que decora minha coroa. É uma argola simples com um pequeno diamante. Na verdade, vi Bailey usando brincos semelhantes – e sim, estou ciente de que tudo isso é completamente distorcido.

— Isso é bom? — Ela balança a língua para frente e para trás, jogando o piercing de um lado para o outro na ponta do meu pau.

Pego seu lindo rosto em minhas mãos ásperas.

— Baby, poderia morder essa merda e ainda assim seria bom. Eu sou um caso perdido para você.

Ela sorri com a ponta do meu pau dentro da boca, e juro que é o sorriso mais lindo que já vi.

Se eu pudesse tirar uma foto desse momento e colocá-lo como

protetor de tela, morreria feliz.

Infelizmente, também morreria jovem, assim que Jaime descobrisse.

— Tudo bem, agora, querida. — Acaricio seu cabelo e é tão bom estar aqui, com ela. O objeto de todos os meus desejos. — Não se preocupe com o comprimento. Apenas chupe um pouco a ponta, certo?

Ela chupa. Apenas chupa a coroa, piscando para mim, mordiscando como a boa menina que é. Não espero que o boquete que ela está me dando seja alucinante.

Para ser justo, nem me importo com o que ela faz, desde que faça isso comigo.

Aparentemente, porém, não sou o único com reviravoltas na trama.

Ela embainha a base em seu punho e lentamente coloca meu pau em sua boca, um centímetro de cada vez, até que eu sinta a textura quente no fundo de sua garganta.

Minhas bolas imediatamente apertam e solto um silvo. Ela lentamente tensiona os lábios em volta do meu pau, medindo a respiração para controlar seu reflexo de vômito.

Deus, ela é tão incrível. Tão certa. Tão *Bailey*.

Não sei se é a nova ou a antiga, mas sei que é ela e, por enquanto, isso é o suficiente.

— Não precisa fazer isso se não... — me assusto quando vejo lágrimas escorrendo de seus olhos, mas me contenho, porque ela olha para cima, uma expressão de cale a porra da sua boca estampada em seu rosto angelical.

Está bem, então.

Começo a empurrar preguiçosamente em sua boca, perigosamente perto de gozar.

Em uma irônica reviravolta do destino, talvez eu devesse estar

imaginando outra pessoa para não explodir antes mesmo que ela se acostumassem com o tamanho do meu pau.

— Marx, Lev. Com o que eles te alimentaram? Por que é tão grande? — Bailey reclama quando começa a me masturbar e me chupar ao mesmo tempo. — Existe a energia do pau grande e depois existe isso. Este é o território de gigante.

Engasgo com o seu nome, concentrando-me em não explodir minha carga. Ela é tão boa nisso. Está fazendo sexo oral em mim como se fosse sua coisa favorita, cuspindo e deslizando a mão para cima e para baixo no meu pau, depois me levando em sua boca novamente e me deixando atingir o fim de sua garganta.

— Dove — gemo, passando meus dedos por seus cabelos dourados. — De quem é o pau que está chupando, baby?

— Seu.

— Isso mesmo. Sua boca inteligente de QI 152 está enrolada em meu pau. Quantas mãos tem?

— Duas.

— Pegue a outra e brinque com seus mamilos para mim.

Ela faz. Posso pedir o que quiser dela e ela fará. E talvez esta seja a hora e o lugar errados, e definitivamente me arrependerei do jeito que aconteceu pela manhã, mas ela precisa de uma distração e, porra, eu preciso dela.

Bailey inclina a boca para o lado para que meu pau atinja a parte interna de sua bochecha, depois com tanta força que inclino minha cabeça para trás, estrelas explodindo sobre minhas pálpebras.

Minha coroa está formigando, e juro que estou prestes a explodir em sua boca antes mesmo de conseguir fodê-la direito.

— Quem te ensinou a fazer isso, baby?

Você realmente quer saber, filho da puta?

— Acha que é a única pessoa no mundo que assiste pornografia? — Ela geme. — Já vi isso ser feito antes – on-line.

Deveria saber que ela faria do sexo sua vadia, assim como todos os outros aspectos de sua vida: pesquisar, praticar e acertar.

— Vou gozar, por isso se não quiser que eu... — Paro, esperando que não seja tarde demais e ainda tenha tempo de sair.

— Goze na minha boca — ela solicita.

Meu estômago chega ao fundo, o clímax aperta minhas bolas, e sinto as grossas cordas de esperma cobrindo sua boca. O linho debaixo de mim está úmido e tudo que consigo ver é Bailey, sugando cada gota de mim como uma profissional.

Puta merda.

Ela não para de chupar por vinte segundos depois que gozo, certificando-se de que estou totalmente estimulado. Depois inclina a cabeça para trás e sorri para mim.

— Engoliu tudo? — Pergunto roucamente, acariciando suavemente o cabelo de seu rosto.

Ela abre a boca, e é rosa e limpa. — Pode me foder agora?

— Gostaria de poder — minha voz falha. Odeio negar a ela. Negar a mim mesmo. Negar-nos. — Nunca me perdoarei, porém, mas tenho outra maneira de distraí-la.

Ela sorri. — Desde que não sejam curiosidades, estou dentro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lev

Fato miserável nº 611: Algumas sociedades pré-históricas limpavam a carne dos ossos de seus mortos.

Acordo com o gosto de Bailey ainda na boca.

Ontem à noite descobri que a boceta da minha melhor amiga é minha sobremesa favorita.

Dane-se os cupcakes de red velvet – quero Bailey na minha língua no café da manhã, almoço e jantar.

Nossa passagem só de ida para *Orgasmville* ontem à noite parou abruptamente quando ouvimos todo mundo voltando para casa bem no momento em que ela montava em meu rosto, com a bunda batendo na cabeceira da cama enquanto me masturbava.

Nós dois nos vestimos na hora certa. Quando Jaime e Mel entraram sem bater, imediatamente perguntaram por que a sua cama estava encharcada – felizmente, Bailey e seu cabelo também estavam.

Expliquei sobre as abstinências e, felizmente, estavam em pânico demais com a condição dela para suspeitar de alguma coisa. Mesmo assim, Jaime agarrou a ponta da minha orelha e me arrastou pelo corredor até o meu quarto, com um sorriso falso estampado nos lábios. Ele falou com os dentes cerrados.

— Minha filha está passando por muita coisa, por isso se você complicar as coisas para ela, ficarei extremamente infeliz. Depositei muita confiança até agora... já ouviu histórias sobre o que acontece quando fico extremamente infeliz, garoto Levy? É raro, mas bastante visível.

— Sim. — Eu me absteve de limpar a testa. Todo mundo tinha ouvido a história do que ele fez ao ex-diretor da All Saints High, Sr.

Prichard, por seu relacionamento inadequado com Daria, embora nunca tenha conseguido os detalhes exatos. — Acredite em mim, se alguém aqui quebrará um coração, será sua filha quebrando o meu.

— Não me importo com isso. — Ele me jogou no meu quarto, tirando a poeira das mãos para garantir. Bom para Jaime, cara. Para um homem velho, ele certamente tinha um pouco de energia.

Agora, aqui estou, com ereção matinal do tamanho de uma baguete francesa e um sorriso estúpido no rosto, ansioso para começar o dia.

Mel passou a noite no quarto de Bailey, então sei que ela está no segundo dia sem usar.

Por um momento, permito-me me entregar a um otimismo cauteloso.

Escovo os dentes, penteio o cabelo e visto uma calça preta com isolamento térmico e uma camisa cáqui. No caminho para a sala de café da manhã, paro no quarto da Bailey.

Ouçó o chuveiro ligado na suíte e abro a porta para surpreendê-la. Não só vi essa garota nua, como também posso escrever uma dissertação sobre cada pedaço bonito e mancha em seu corpo.

O que não espero é ver Mel encostada na penteadeira, lixando as unhas enquanto Bailey está no chuveiro.

— Oh, desculpe. — Tenho a educação de baixar o olhar e fazer um movimento para fechar a porta.

Mel se afasta da penteadeira, nada impressionada. — Estou lhe dando cinco minutos. Gaste-os com sabedoria. De preferência totalmente vestido.

— Preferencialmente? Mãe! Não deveria me deixar substituir um vício por outro — Bailey grita, e por um momento perfeito, é a velha Bailey.

— Você não ficará viciada em sexo, querida. Infecção urinária ocorrem em nossa família.

Melody sai e me viro para olhar para minha melhor amiga através do vidro, arqueando as sobrancelhas. — Não tenho certeza se isso foi feito para meus ouvidos.

— Definitivamente foi, principalmente para me envergonhar. — Ela esfrega uma barra de sabão de carvão nos braços. — Isso é desanimador para você?

— Poderia nadar em vômito todas as manhãs e ainda não acharia você desanimadora.

Bailey desliga a água e eu abro a porta de vidro do chuveiro e ela está em meus braços. Estamos nos beijando, a água doce em seus lábios.

Na verdade, Mel não estava longe de estar certa. Espero que, se eu der prazer suficiente a Bails, ela esqueça as drogas e se contente comigo.

Agarro seus quadris e beijo seu pescoço, lambendo seus seios, seus mamilos, chupando seu seio lateral em minha boca.

As panquecas e bacon podem se foder. Esta é a coisa mais saborosa do mundo.

— Dormiu bem? — Beijo seu corpo, e ela engancha a perna por cima do meu ombro quando estou de joelhos, encostando as costas na parede e se abrindo para mim enquanto minha língua se espalha sobre sua boceta e começo a descer sobre ela.

— Uh-huh. — Ela segura meu cabelo com a palma da mão, me puxando aqui e ali quando começo a lambar, chupar e adicionar dedos. — Depois que parei de me sentir como se estivesse em uma fôrnalha, tudo melhorou.

— Orgulho de você, Dove.

Então dou a ela um presente de sobriedade, ao terminar o que comecei ontem à noite, e a faço gozar na minha língua.

Vinte minutos depois, estamos sentados à mesa com todo o clã da rua sem saída, e todo mundo, e quero dizer, todo mundo – incluindo a maldita equipe do bufê, as governantas, as crianças e as plantas decorativas – parece saber o que Bailey e eu fizemos no quarto dela.

A primeira pista foi que estávamos quinze minutos atrasados. A segunda foi aquele brilho orgástico em nossos rostos quando assumimos os dois lugares vazios à mesa.

Agora, todos os adultos estão olhando para nós, enquanto as crianças atiram miniwaffles umas nas outras.

Sei que estão me julgando, mas considerando que cada filho da puta nesta sala tem sua própria história nada imaculada de felizes para sempre, não estou disposto a me preocupar com o que as pessoas pensam.

— Tomou um bom banho, irmã? — Daria manda beijo na direção de Bailey, colocando uma uva vermelha entre seus lábios brilhantes. — Parece super revigorada.

Bailey mexe pedacinhos de ovo mexido em seu prato com o garfo, seu rosto parecendo a imagem da inocência. — Tive que escolher o que vestir com cuidado. Estou com calor ultimamente por causa da minha, hum, abstinência.

O sorriso presunçoso de Daria desaparece. Disfarço minha risada com uma tosse.

— Tente não arrancar os dedos dos pés com esse pé na boca — diz Vaughn. A única razão pela qual Penn não saiu em defesa de sua esposa é porque ele perdeu a provocação de Vaughn ao tentar extrair pedaços de framboesa do cabelo de Sissi.

— E você, Lev? — Vicious me ataca porque deixar as pessoas desconfortáveis é sua paixão de toda a vida. — Também anda com calor ou apenas com tesão?

Todos riem, exceto Cayden e Sissi, que levantam a cabeça com curiosidade. — Quem é teseu?

— Teseu — Racer corrige, inexpressivo. — Filho de Zeus.

— Wow.. — Knight dá uma mordida em seu doce e se recosta. — Isso não é nada desconfortável. Continuem, pessoal.

— Então agora estou sendo zoadado por ficar para trás e cuidar da minha melhor amiga enquanto todo mundo saiu e ficou bêbado? — Arqueio uma sobrancelha.

— Você não tem idade suficiente para ficar bêbado — papai ressalta.

— Racer também não tem idade suficiente para ficar bêbado, e foi — brinco de volta.

— Todos podem, por favor, parar de usar essa palavra na frente das crianças? — Tia Emilia estremece.

— Desculpe. — Daria suspira. — Velho é uma palavra desencadeadora. É por isso que comecei com Botox e Juvéderm. Mínimo, mas faz muita diferença. — Ela pisca.

Nossas famílias são loucas. Não é à toa que todos acabamos nos unindo.

— Ouviram minha esposa. O próximo merdinha a dizer a palavra com B será expulso — anuncia Vicious.

— Merdinha! — Sissi joga pepinos em formato de estrela para o alto, arrulhando ansiosamente. — Merdinha, merdinha, merdinha!

— Bem, isso foi ótimo. — Knight dá um sinal de positivo para Vicious.

— Mamãe e papai são merdinha — diz Cayden.

— Melhores — Luna murmura. — Mamãe e papai são os melhores.

Tio Vicious atira adagas através de seus olhos azuis claros para todos na mesa, incluindo crianças. — Todos nesta sala estão prestes a

ser mandados embora. Se isso deixa minha esposa desconfortável, vão embora.

— Deveria ter dado o mesmo conselho ao seu eu de dezessete anos. — Jaime bebe suco de laranja e bate o punho com Trent.

Daria ri e pega uma Sissi agitada em sua cadeira alta. Trent liga a TV e muda para o canal de esportes, alegando que “precisamos mais de uma transição do que de uma bebida forte.”

Segue-se uma conversa fiada sobre draft e futebol universitário.

É claro que Penn, papai e Knight se viram para olhar para mim, com Trent e Racer entrando ansiosamente.

Não demora muito para que a conversa mude do futebol para o meu futebol. Afinal, Penn é uma estrela do 49ers, e todos na mesa estão ansiosos para saber se terão outro herói da NFL na gangue.

— Então, já recebeu alguma oferta, Lev? — Penn se recosta, mastigando um pedaço de bacon entre os dentes brancos e retos.

— Não — minto, sentindo meu peito se contrair. Estou apenas atrasando o inevitável.

Vou para a faculdade e jogarei futebol. É isso que papai quer e quero que ele seja feliz. — Claro que virão em breve.

— Isso é estranho. Tinha certeza de que Michigan faria uma oferta por você. — O cabelo de Penn cai sobre sua testa. Ele dá a Leo DiCaprio em Titanic uma corrida pelo seu dinheiro. — Falei com um amigo meu que conhece o treinador. Ele anseia por você desde o primeiro ano. Disse que era um negócio fechado.

Foda-se minha vida de lado com uma tesoura.

— Talvez devêssemos ligar para a escola. Descubra qual é a situação do lado deles. O serviço postal não é confiável atualmente — diz Dixie.

Em primeiro lugar, é uma maneira de culpar os correios por minhas próprias ações.

Em segundo lugar, agora Dixie está brincando de mamãe? Dane-

se isso.

Papai estala os dedos. — Dixie está certa.

— Dixie não é minha mãe, não importa o quanto queira ser, então não aceitarei sugestões dela — anúncio alegremente.

Todos viram suas cabeças em minha direção. Rostos atordoados examinam o meu. Nunca falei assim com ninguém antes, muito menos com Dixie, que é uma garota incrível, mas não quero ser pego mentindo.

Se papai descobrir sobre a oferta de Michigan, estou frito.

E ainda não preenchi a inscrição para a Air Force Academy, embora o prazo esteja se aproximando rapidamente. Meus níveis de oxigênio parecem cair quando penso nisso.

— *Whoa*. O que subiu na sua bunda? — Papai faz uma careta.

— Olha a boca! — Mel joga as mãos para o alto.

— Meu negócio é meu e não quero que seja discutido na mesa do café da manhã. — Deixo cair meus utensílios.

— Estamos falando sobre seus planos para a faculdade, não sobre sua higiene anal — ressalta Penn. — Calma, cara.

Bailey bate a coxa na minha, sinalizando que agora é um bom momento para confessar meus planos de me inscrever na Air Force Academy.

E eu deveria, realmente deveria, mas não posso. Não com os olhos de Knight fixos nos meus do outro lado da mesa.

Eu conheço esse olhar. É um olhar que diz: Papai já passou por tanta coisa e mal conseguiu. *Não pode fazer isso com ele. Não deixarei você fazer isso com ele.*

No geral, Knight está feliz com sua vida, mas há um ponto de discórdia entre nós: ele diz que eu sempre procuro maneiras criativas de morrer, entre carros velozes e sonhos de piloto, e digo que isso não é da conta dele.

Espero que meu rosto possa transmitir minha resposta a ele, que é: *Parte da razão pela qual papai está tão fodido é porque você estava chapado com tudo que poderia transformar em pó enquanto mamãe respirava pela última vez, portanto, não me obrigue a redimir seus pecados, amigo.*

Alguém disse momentos divertidos? Se esta é a minha tribo, quero ser um lobo solitário.

— Não, está tudo bem. Lev está certo. Cuidarei da minha vida. — Dixie sorri se desculpando, colocando a mão sobre a do papai para acalmá-lo. — Não tive a intenção de exagerar. Espero que saiba disso, Levy.

— Não, foda-se isso. — Knight bufa, levantando-se, sua cadeira raspando no chão. — Não peça desculpas a ele. Estava apenas tentando ajudar.

— Linguagem — canta Edie.

— Estou prestes a expulsar todo mundo, menos minha esposa. — Vicious parece tão sério quanto um ataque cardíaco.

— As crianças podem ser colocadas com cuidado do lado de fora da nossa porta — sugere Emilia. — Eles não fizeram nada.

Eu me levanto. Bailey fica de pé num instante, ao meu lado.

Mudo meu peso para os nós dos dedos, que estão apoiados na mesa. — Sugiro que cale a boca, Knight, já que o motivo pelo qual estamos todos tendo essa conversa é porque você não era bom o suficiente para a NFL.

— Eu optei por não participar. — Ele boceja, fingindo tédio.

— Sim. — Bufo. — Mas não me deixará fazer o mesmo, certo? Alguém tem que apaziguar o querido papai, e nós dois sabemos que não será você.

Isso irrita Knight. — Não se trata de futebol, idiota. Pelo que me importa, pode se formar em artes liberais em tricô e nunca mais jogar bola. É sobre os perigos.

Papai franze a testa, olhando entre nós. — Que perigos?

— Lev quer se tornar um piloto de caça — Bailey diz, e eu não deveria me sentir envergonhado e constrangido, mas estou.

— Lev não pode ser um piloto de caça — diz Knight decisivamente.

— Por que não? — Vocifero. — Por que tudo o que pode fazer é treinar um time da liga infantil e tirar fotos com calcinhas masculinas?

— Em primeiro lugar, são chamados de *thonginis*. — A indignação de Knight com o erro está claramente estampada em seu rosto. — Em segundo lugar, como afirmado anteriormente, não dou a mínima para o seu futebol...

— Sim — papai interrompe. — Ele tem talento. Por que não usá-lo?

— Porque eu não quero! — Jogo minhas mãos no ar.

Papai parece surpreso. Ofendido. Seus olhos de laser apontados para mim. — O que está falando? Achei que você adorasse futebol.

— Isso é porque está tão ocupado lamentando a morte de sua esposa que não olha para cima e vê o que está bem na sua frente!

Tio Trent suspira e toma um gole de suco de laranja, olhando de soslaio para a esposa. — Eu disse que deveríamos ter ido para as Ilhas Canárias, só nós e as crianças.

— Knight, precisa se acalmar. — Luna coloca um braço sobre meu irmão, e ele imediatamente se senta, como o idiota em um laço que é. — Este não é o momento nem o lugar.

— Desculpe, *Moonshine*.

Os olhos do papai ainda estão nos meus. — Tem algo a me dizer?

Deixe-me tomar minhas próprias decisões.

Pare de depositar suas esperanças, sonhos e felicidade em mim.

No entanto, as palavras não saem.

Estão presas no mesmo buraco negro dentro de mim onde guardo todos os meus segredos.

Em vez de soltá-las suavemente, me viro e saio furioso como uma vadia.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Bailey

Ver Lev castigado e infeliz me dá vontade de explodir o mundo inteiro. Para misturar azida de hidrogênio⁷³ e clorato de potássio e fazer um péssimo uso dos meus estudos de química.

Sou a Bailey, contudo.

Legal. Doce. Não confrontadora.

Só que recentemente essa garota é uma total estranha para mim. Como tirei a pele de cobra e joguei fora quando embarquei no avião de volta de Nova Iorque para San Diego.

Desde que parei com o Xanax e o Vicodin, comecei a sentir. O tempo todo. Tristeza. Confusão. Raiva. Ciúmes. Amor.

Tento fingir que estou focada em esqui e não em Lev parecendo um cachorrinho que levou um chute, mas é difícil. Ele é a pessoa mais talentosa, capaz, engraçada e inteligente que conheço. Seu único crime é amar demais o pai e o irmão. Deixando sua família controlar a narrativa de sua vida. Mais ou menos como deixei a minha fazer comigo.

Sei que Knight e Dean têm boas intenções. São boas pessoas, tentando cuidar dos seus. Dean está petrificado em perder seus filhos, e Knight quer compensar os anos de colocar seus pais e irmão no inferno. Ambos levariam um tiro por ele num piscar de olhos. O problema é que atualmente é Lev quem está sangrando por eles.

Depois de alguns aquecimentos nas pistas verdes, Tio Vicious anuncia que ele e Emilia pegarão o teleférico para as pistas profissionais.

Toda a turma decide se juntar a eles. No Natal passado, Vicious comprou para sua esposa um presente pouco ortodoxo. Entre as pistas de esqui negras e avançadas da montanha, comprou uma pista que

pertence apenas a ela. A pista Rosa. Rosa para seu preto, acho.

Todo mundo que conheço é um esquiador incrível, incluindo Lev.

Ao longo dos anos, quando estavam ansiosos pelas montanhas nevadas, eu estava ocupada lendo um bom livro na mansão, durante uma pausa no balé competitivo – e isso foi antes da lesão e da overdose.

Então, quando anuncio que ficarei de fora, ninguém fica surpreso ou suspeita de nada.

— Levo Bailey para casa — Lev se oferece como voluntário, dando um passo à frente.

— Não, posso fazer isso. — Daria levanta os óculos de esqui, embrulhados em seu enorme traje rosa. — Tenho certeza que precisa de um tempo livre.

— Dela? — Lev desliza o olhar pelo meu corpo com um sorriso que não alcança seus olhos. — Nunca. Vamos, Dove.

— Vi o olhar que lançou para minha filha — papai grita quando nos viramos para pegar a estrada principal de volta à saída do resort. — Você deveria cuidar dela, não tomando liberdades.

A mandíbula de Lev aperta. — Ela significa mais para mim do que seu corpo.

— O corpo dela não deveria ser algo em que sequer devia pensar com o que ela está passando.

Descemos pela entrada, onde o motorista do Tio Vicious nos espera em um Escalade.

— Obrigado por se voluntariar como tributo. — Dou uma cotovelada em Lev, iniciando o contato para que ele finalmente ataque e me cubra de beijos.

— Sim, claro — responde laconicamente. Ele parece imerso em pensamentos.

Quero ajudá-lo a resolver o que está acontecendo em sua cabeça, por isso digo — Primeiro tem que resolver seu problema com Knight,

explicar a ele que suas aspirações e objetivos de vida são uma necessidade, não um desejo, e depois dar a notícia aos seu pai.

— Não quero falar sobre isso. — Lev balança a cabeça.

Sou uma solucionadora de problemas, contudo. Aquela com todas as respostas. Por isso acrescento — Ou pode pular toda a coisa com o Knight e ir direto para...

— Chega! — Lev grita, parando seus passos. — Eu disse que não quero falar sobre isso.

— Ei, eu só...

— Você é a última pessoa a quem pedirei conselhos, é isso que é.

Passando os lábios sobre os dentes, mantenho a cabeça baixa pelo resto da viagem até o carro.

A dor se transforma em uma queimadura total. Como ele ousa falar assim comigo quando tudo que tentei fazer foi ajudar? Em algum lugar na minha cabeça, a velha Bailey aponta que Lev ainda está ferido por causa do confronto do café da manhã, mas a Bailey atual – aquela que ainda apresenta alterações de humor e sintomas de abstinência – exige garantias constantes.

Provavelmente é por isso que ouço as próximas palavras saírem da minha boca traidora — É melhor terminar com Thalia quando voltarmos para casa.

Esta foi a coisa errada a dizer. Lev não é capacho. Ele retoma seus passos em direção ao Escalade, que aparece em silhueta, com montanhas de pontas brancas e pousadas de madeira atrás dele.

— Ou então o quê? — Há um tom perigoso em sua voz.

Ele, porém, não é o único que está cru neste momento. Se ele quiser brigar, eu lhe darei com o quê.

— Tem uma maneira criativa de explicar a ela por que passou esta viagem oferecendo seu rosto como meu cavalo de rodeio? — Desvio o olhar para que ele não veja o vermelho em minhas bochechas ou as lágrimas em meus olhos.

Lev zomba. — Quem disse que contarei a ela?

— Se você não contar, eu conto — respondo. Se ela significa tão pouco para ele quanto afirma, por que não pode deixá-la ir?

Lev encolhe os ombros na minha visão periferia. — Posso foder o bairro inteiro e Thalia ainda diria *obrigada* quando lhe desse uma DST no Dia dos Namorados.

A náusea atinge o fundo da minha garganta. — Wow. É nojento.

— Você é quem está fodendo com um homem comprometido.

Wow. Alguém precisa segurar meus brincos. — Quem é você, mesmo?

— Sou o produto de muitas expectativas e de pouca atenção para dar — ele responde amargamente, antes de acrescentar — Este não é o começo de algo, Bailey. Não até você entrar em um programa de reabilitação sério. Não acorrentarei meu destino voluntariamente ao de uma viciada.

— Não sou uma...

— Sim, é. Uma viciada. Uma mentirosa. Uma boceta boa e apertada, com certeza, mas não boa o suficiente para arruinar minha vida.

E é isso. O trem maluco saiu oficialmente da plataforma.

Agite seus lenços e jogue suas flores. As luvas foram tirada e estou prestes a matá-lo com minhas próprias mãos.

— Pelo menos fui atrás do meu sonho. Lutei pelo que me importa. É um covarde, Lev. Um covarde e um medroso. Vai morrer miserável e insatisfeito só porque está com muito medo de enfrentar seu pai. Só está com ciúmes porque eu fiz o que você nunca conseguiu: fui atrás do que eu queria.

Sua mandíbula flexiona sob sua pele tensa e dourada. — Deveria se concentrar na sua sobriedade, não em curtir.

— Não tinha percebido que tudo o que fizemos neste fim de semana foi uma curtição casual. — Deixei escapar uma risada sem

humor e sem alegria.

— Sim, bem, foi.

Ele está mentindo, não está?

Geralmente sou muito boa em ler as pessoas, principalmente Lev, mas não confio mais em meu próprio julgamento. Não quando se trata de nós, e não quando ainda parece que estou flutuando em uma nuvem de ácido.

— Por que não volta a esquiar com todo mundo? Sei o caminho de casa — sugiro. Bem a tempo, já que estamos bem na frente do Escalade.

Espero que Lev rejeite a ideia, canalize seu homem das cavernas interior e me diga que nunca me deixaria em paz agora, mas ele me surpreende ao erguer o ombro descuidadamente, olhando para o relógio.

— Sim, boa ideia. Vejo você por aí. Ou sabe, não.

Com um sorriso gelado e comportamento impecável, ele se vira e vai embora.

Demoro cinco minutos inteiros para me descolar da calçada e entrar no carro. Estou muito chocada e em território atordoado.

Passo a viagem de carro fervendo de raiva. O cheiro avassalador e amargo da traição cobre minha língua.

Lev não vai terminar com Thalia. Talvez nunca tenha pretendido.

Ele é um jogador e eu fui enganada.

Ele não apenas fez um número comigo. Um livro de cálculo inteiro é mais parecido.

Quando entro na mansão, as únicas pessoas presentes são as babás e as crianças. Nenhuma delas pode me julgar ou me impedir.

E é aí que me ocorre.

Estou sozinha.

Verdadeira e fantasticamente sozinha. Deixada por conta própria.

Subo as escadas de dois em dois degraus, voando como uma bala em direção ao meu quarto.

Minhas mãos estão tremendo quando viro minha mala Dior e bato no tecido preto ao longo do zíper horizontal. Costurei um bolso secreto no lado direito.

Procuro o ponto, ansiosa para rasgá-lo, apenas para descobrir que já está solto. Não é comum eu fazer um trabalho meio ruim, mas talvez minha costura esteja um pouco enferrujada.

Empurro meus dedos indicador e médio para dentro, procurando os comprimidos. Em vez disso, algo mais atinge meus dedos. Algum tipo de... papel? Eu o retiro lentamente, encontrando uma nota amarela. Desdobro-a, meus olhos arregalados enquanto examinam seu conteúdo.

VÁ PARA A REABILITAÇÃO, BAILEY.

L

Lev encontrou minhas drogas.

Ele as encontrou e se livrou delas.

Quero gritar. Correção – eu *grito*.

Chuto e rasgo as coisas. Abro a tampa do vaso sanitário para ver se consigo recuperar alguns comprimidos – deve tê-los jogado lá; quando ele fez isso? – e percebo que duas coisas são verdadeiras ao mesmo tempo:

1. Ele está certo. A reabilitação não está apenas me chamando – está gritando meu nome em letras maiúsculas. E;
2. Eu morreria antes de me tornar ele. Antes de desistir do meu sonho para apaziguar a minha família. Juilliard não é a Air Force Academy. Não é trocável.

Desço para a cozinha. Encontro uma garrafa perdida de uísque e bebo. É horrível e nada parecido com analgésicos. Acabo vomitando a

maior parte.

Os minutos passam, transformando-se em horas. O álcool penetra no meu sistema. Morrer não parece uma ideia horrível agora.

Então – reviravolta na história! – enquanto me deito de cabeça para baixo no sofá, com a cabeça girando, sinto uma mão fria nas minhas costas suadas. — Ah, Bailey.

É Lenora. Ela ficou para trás. Está amamentando os gêmeos. *Duh.*

Ela pensa que estou dormindo – ou talvez saiba que definitivamente não quero falar sobre isso – porque tudo o que diz é — Não há problema em ter demônios. Todos temos, mas não é certo deixá-los vencer.

* * *

O dia escurece e a casa se enche de uma luz amarela e quente.

Todo mundo começa a entrar depois de um dia esquiando. De alguma forma, consegui me arrastar até o chuveiro e escovar os dentes duas vezes antes de eles chegarem, por isso acho que ninguém pode perceber que estive bebendo.

Talvez apenas Lev, que tem minha alma na discagem rápida e consegue me ler como um livro aberto.

Felizmente – e uso o termo vagamente – ele não está prestando atenção em mim. Passa por mim como se eu fosse ar, a caminho de seu quarto.

Jantamos. Conversamos fiado. Fingimos que tudo está ótimo.

Dean, Lev e Knight discutem acaloradamente filmes que são tão ruins que são bons, funções corporais e a NFL. Agem como se não tivessem tido um confronto nuclear há apenas algumas horas sobre waffles de farinha de amêndoa e bacon.

Então, vamos todos para nossos quartos. Mamãe está de vigília

noturna comigo. Ela não me diz nada quando vê como destruí o quarto. Apenas murmura algo sobre como o tio Vicious deve alguns favores ao meu pai e é melhor que ele não tenha um acesso de raiva por causa disso.

Espero que Lev entre em contato comigo. Não entra. Não durante a noite ou na manhã seguinte.

Não quando sou arrastada para uma das trilhas verdes por Racer, Knight e Luna, que tentam me ensinar a esquiar. E não quando todos nos sentamos para outro jantar.

Na noite anterior ao embarque no avião de volta para casa, faço o primeiro movimento e rompo o silêncio. Envio uma mensagem para ele sob as cobertas quando mamãe está dormindo.

Bailey: Parabéns por encontrá-las.

Bailey: As pílulas, não suas bolas. Essas ainda estão desaparecidas, como sua família pode atestar.

Eeeee chegamos à parte da bomba da verdade da noite, senhoras e senhores.

Lev: Parecia saber exatamente onde elas estavam quando as chupou muito bem outro dia.

Bailey: Isso foi antes de eu saber que era um traidor, um canalha e um narcisista.

Lev: Vá para a reabilitação, Bailey.

Bailey: Na verdade, estou feliz que não se inscreveu na Air Force Academy. Nosso país precisa de pessoas com coragem REAL. Não um garoto mimado que quer brincar de Top Gun.

Lev: Vá para a reabilitação, Bailey.

Bailey: Não se preocupe em entrar em contato comigo nunca mais. Terminamos.

Lev: Boa noite.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Bailey

DEZESSETE ANOS

Passaram-se setecentos e quarenta e seis dias desde que Rosie morreu.

Setecentos e quarenta e seis dias desde que Lev e eu começamos a dormir no mesmo quarto. Na mesma cama. Nos braços um do outro.

Setecentos e quarenta e seis dias desde que nossos aromas começaram a se misturar em um perfume chamado amor.

Setecentos e quarenta e seis dias desde que prometi nunca ir embora, nunca o trair, nunca desaparecer.

Os humanos são criaturas adaptáveis.

Projetado para se moldar mesmo nas condições mais adversas. Pensaria que as coisas ficariam mais fáceis para mim. Estaria errado.

As complicações continuam se acumulando. A ereção matinal quente e convidativa que continua esbarrando em minha carne sob os cobertores.

A maneira como noto coisas sobre ele para as quais era cega antes. Como as maçãs do rosto, que recentemente foram esculpidas com perfeição.

A maneira como seu cabelo passou de liso e sedoso para grosso e solto no verão passado.

A forma como seu corpo inchou em todos os lugares – bíceps, abdominais, ombros, costas. A biologia está me prejudicando.

Cale a boca, psicologia evolucionista. Estou tentando fazer a coisa certa aqui.

No entanto, é assustador. Ver um homem gostoso saindo do seu melhor amigo fofo e desprezível.

Vejo o jeito que ele olha para mim. Com uma fome sem remorso. Eu quero que ele me coma inteira. Devorar seu fruto proibido, com sementes e tudo.

No entanto, estou presa nesse papel estúpido e chato. Sou sua melhor amiga, sua santa, sua salvação.

Preparo suas refeições favoritas, abraço-o até dormir e lhe envio lembretes de jogos importantes e trabalhos de casa que precisam ser feitos.

Como agora, estou sentada na arquibancada, torcendo por ele enquanto vence o campeonato estadual contra o St. John Bosco, fazendo história para o All Saints High.

O jogo acabou. A multidão está de pé, aplaudindo.

Eu pulo mais alto e grito mais alto. Tio Dean me agarra pela jaqueta e me puxa para um abraço, em êxtase. Tenho lágrimas de alegria nos olhos quando seu irmão aponta para Lev e grita — Aquele ali é meu irmão! Que lenda maldita!

A felicidade se transforma em frustração sexual reprimida conforme Dean, Knight e eu descemos as arquibancadas e vejo Lev tirando a camisa, expondo seu abdômen, cada gominho e curva tão definidas que ele parece feito no Photoshop.

Sua pele é dourada, brilhante e exige ser lambida até o último centímetro.

O seu cabelo está uma bagunça e quero penteá-lo com os dedos. Paro a poucos centímetros dele e espero pacientemente enquanto cospe o protetor bucal e abraça o irmão e o pai.

Há uma garrafa do seu chá gelado favorito na minha mão. Então ele se vira para mim.

— Estou tão orgulhosa de você! — Exclamo, abrindo bem os braços, esperando um abraço.

— Dane-se seus abraços educados. Acabamos de ganhar o campeonato estadual!

Ele me pega pela parte de trás das coxas e me levanta no ar, girando. Eu rio e grito enquanto ele me faz cócegas, exultante, e há uma boa chance de eu nunca ter sido tão feliz em toda a minha vida. Nem mesmo durante minhas próprias vitórias.

— Lev! — Grito quando ele me joga no ar como se eu fosse uma criança, sorrindo, com os olhos cobertos de lágrimas.

Sei que essas lágrimas estão lá não só porque ele trouxe felicidade ao pai, mas também porque a sua mãe não pôde estar aqui para ver isso.

Lev mantém as mãos firmemente na minha cintura quando me coloca para baixo, colocando minha cabeça sob seu queixo, me aconchegando. — Não teria conseguido sem você. Obrigado por ser o chão sob meus pés... ou, sabe, merda assim. — Ele pisca.

— Está me chamando de chão? — Eu torço o nariz.

— Estou te chamando de gravidade.

— Parece nome de stripper.

Ele ri tanto que seu pai pensa que está sufocando.

Recomendo que ele vá comemorar com os amigos e prometo mil vezes que estou bem, que não me importo de não passarmos um tempo juntos, que tenho lição de casa para fazer de qualquer maneira.

Enquanto dirijo para casa, porém, pela primeira vez, um pensamento egoísta surge na minha cabeça.

A ideia de ele festejando com garotas gostosas agora me deixa enjoada.

E o fato de isso me incomodar é uma grande bandeira vermelha. Não posso me dar ao luxo de ficar com ciúmes. O ciúme leva à impulsividade. Impulsividade ao caos.

Faço minha lição de casa, limpo meu quarto, leio um livro e olho meu relógio a cada dois segundos. Faço isso até as duas da manhã,

que também é quando verifico meu telefone.

Nenhuma mensagem de Lev. Ainda fora, festejando.

Não tenho certeza se estou mais preocupada ou com ciúmes disso.

Deixe-o em paz. Ele literalmente acabou de ganhar o campeonato estadual.

Tentando me manter ocupada, saio para pegar a correspondência.

Tiro um envelope grosso, com o coração disparado no peito.

Poderia ser? Há quanto tempo está parado ali?

Santa melhor notícia de todas.

Abro-o na escuridão total, apontando a lanterna do meu telefone para as palavras.

E aí está. A carta de aceitação que estou esperando desde que aprendi a andar.

Juilliard.

Estou dentro. Um dos sete por cento dos candidatos que realmente são aceitos. Contra as pessoas mais talentosas do mundo.

Um monte de emoções explode dentro de mim. Quero anunciar a novidade, mas mamãe e papai estão dormindo e Daria e Penn estão em Paris, fazendo merda de casal.

Poderia ligar para um dos meus amigos, mas parece errado compartilhar esta notícia importante com alguém aleatório.

Meus dedos tremem quando digito a mensagem de texto.

Bailey: Adivinha?

Lev: Bunda de frango.

Lev: Então, aparentemente, transformei Benjamin Button em uma criança de seis anos depois de algumas cervejas. Desculpe por isso. E aí, B?

Bailey: Posso ligar?

Lev: Quer dizer, está muito barulhento aqui no Finn. Estou prestes a voltar para casa em cerca de uma hora, se isso puder

esperar.

Bailey: Não pode.

Lev: Uh-huh. O que é?

Bailey: FUI ACEITA NA JUILLIARD!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Meu grande anúncio é seguido por um grande e gordo nada.

Um minuto se transforma em quatro, que se transforma em quinze. Nenhuma resposta.

Volto ao nosso bate-papo para ver se talvez minha última mensagem não tenha sido enviada. Foi.

Fico olhando para a tela até morrer. Depois pisco, percebendo pela primeira vez que ainda estou fora de casa, envolvida pela noite.

Coisas estranhas estão acontecendo no meu corpo agora.

O monte que explodiu dentro de mim? Estava cheio de pregos enferrujados.

Um século e meio depois, finalmente surge uma resposta.

Lev: Isso é uma ótima notícia. Orgulho de você, B.

Não sei por que, mas a sua mensagem penetra na minha pele e se espalha como uma injeção letal.

Depois do meu apoio eterno, da minha atenção total, servindo como seu despertador humano todas as manhãs para que nunca perdesse o treino, cozinhando seu peito de frango do jeito que gostava porque era supersticioso em comê-lo antes dos grandes jogos, quando era hora de ser feliz por mim... ele não estava. Não está.

Minha grande notícia de vida, minha comemoração nem vale um FaceTime...

Subo as escadas de volta para o meu quarto e me enrolo na cama, de frente para a parede fechando os olhos. Eu realmente não estou com vontade de esperar por ele em sua cama esta noite.

Lágrimas quentes rolam pelo meu rosto e chegam à minha boca. Eu choro até dormir.

Alguns tempos depois, sinto meu colchão afundar sob o peso familiar.

Um corpo musculoso pressiona o meu por trás. É quentinho e delicioso e tem cheirinho de casa. Aquele aroma único de Bailev que ambos carregamos, misturado com um toque de álcool.

Seus braços me envolvem e fico indefesa contra seu puxão. Amaldiçoo minha incapacidade de resistir a ele quando Lev encosta o rosto na curva do meu ombro.

Lágrimas ardem na parte de trás dos meus olhos. Existe algo como amar demais alguém? Suspeito que exista. Acho que ele rouba meu sol. Engole minha luz.

Posso estar me alimentando de histórias maldosas para me convencer a partir para Nova Iorque e não ficar aqui com ele, mas sério?

Talvez nós dois precisemos descobrir quem somos um sem o outro.

— Dove. — Ele se enterra em meu crânio, provocando arrepios na minha espinha. — Porra. O que farei sem você? Preciso de você. Não deveria ir embora. Deveria... eu não sei. Seja uma boa menina e fique por perto por mim. Coloque-me em primeiro lugar.

Está bêbado e eu estou com o coração partido e esta não é uma boa combinação para nenhum de nós. Ele também acha que estou dormindo, e é a única vez que a verdade sai de sua boca com tanta facilidade.

— Eu deveria estar feliz por você, entrando na Juilliard. Sempre soube que conseguiria, mas minha bunda egoísta não consegue enxergar além da ideia de que não estará mais perto de mim.

Ele engole audivelmente e me pergunto se o universo esqueceu que somos jovens e estúpidos e decidiu lançar sobre nós todos os castigos irados que Deus tem reservado.

— Eu costumava ficar acordado com você em meus braços por semanas, meses e anos, rezando para que quebrasse uma perna.

Rompesse um ligamento. Que se machucasse, então teria que ficar aqui. — Lev engasga com a admissão, falando no meu cabelo. — Sou horrível, mas ainda esperava isso. Esperava que algo a impedisse. Porque esse algo não pode ser eu. Não posso fazer isso com você.

Uma tempestade se forma dentro do meu corpo. Ele continua falando, ficando duro em sua cueca entre minhas nádegas, que estão cobertas com um short masculino. E posso admitir isso para mim mesma agora. Que não somos amigos platônicos há muito tempo.

O sexo tem pairado sobre nosso relacionamento nos últimos anos.

Temos percorrido a linha da transa seca sem palavras todas as noites. Roçar acidentalmente o abdômen, os mamilos e tudo mais um do outro.

Ele chegou perto da borda algumas vezes. Eu também. E nunca falamos sobre isso. Brincamos há meses. Agora? Estamos encharcados de gasolina. Encharcado até os ossos.

É hora de colocar fogo nessa mentira entre nós.

Ficamos ali deitados por um longo tempo, até ter certeza de que ele está dormindo. Por um lado, ele para de falar.

Contando todos os seus segredos, sobre todas as vezes em que ele não tão acidentalmente esbarrou em mim enquanto estávamos na cama juntos. Como assustou todos os meus pretendentes em potencial na escola, como uma vez espancou um cara de Las Juntas por me seguir até em casa quando não prestei atenção.

Sua respiração se estabiliza. Reflito sobre suas palavras em minha cabeça a noite toda.

Bailev.

Os melhores amigos.

Unha e carne.

Sempre protegendo um ao outro.

E é tudo besteira. Não somos amigos. Somos duas pessoas obcecadas uma pela outra, tentando conter uma à outra.

Ele não quer que eu me torne uma bailarina e não quero que ele encontre o amor verdadeiro.

Se ficarmos juntos, acabaremos nos ressentindo e depois nos odiando...

Sei o que preciso fazer e como farei.

O sol surge entre nuvens fofas de marshmallow. O céu está pintado de rosa e azul, e a lua é tão fina quanto uma unha amassada.

Reúno minha coragem como a bainha de um vestido de baile, me viro da parede e faço um movimento para beijar Lev. Para estragar tudo.

Assusto-me quando vejo que ele está acordado, bem acordado e olhando para mim.

Pelas teias de aranha vermelhas em seus olhos, posso dizer que ele não dormiu nada.

— Fique. — Sua garganta balança quando diz — Por favor, Dove. Apenas... apenas fique aqui. Mais um ano. Depois poderemos ir juntos para Nova Iorque quando eu me formar. Por favor, não me deixe.

— Lev — digo. — Você não... você quer ir estudar no Colorado.

O que eu realmente quero dizer, porém, é *como ousa?*

O que realmente quero dizer é que *nunca lhe pediria algo assim. Como pode fazer isso comigo? Sabe o quanto levo a sério minha promessa a Rosie de sempre cuidar de você.*

— Sim. Eu sei. Você tem razão. — Ele lambe os lábios. — Olha, trouxe uma coisa para você.

Ele se vira e vasculha a calça jeans no chão. Ouço um farfalhar, meus olhos focados em suas costas musculosas e fortes.

Em alguns momentos, vou nos arruinar, se é que ele ainda não o fez. Lev se vira para mim, coloca algo em meu punho, depois leva o punho à boca e o beija. — Quando estiver pronta, Dove.

Desenrolo meus dedos para encontrar... uma pulseira? Não, duas.

Com pequenos pingentes de pomba de madeira. São idênticas, com um simples cordão de couro preto.

— Esculpi eu mesmo na festa. É por isso que demorei tanto tempo — ele admite, com o rubor subindo por suas bochechas. Achei que estivesse pegando garotas... quando foi isso que ele fez? Estou sem palavras. — Dessa forma, nunca se esquecerá de nós em Nova Iorque quando se tornar uma estrela. — Ele pisca.

O sorriso no meu rosto parece vazio. Descanso delicadamente as pulseiras no travesseiro entre nós.

— Onde conseguiu a madeira?

— Agora é uma boa hora para fazer uma piada sexual?

— Não.

— Nesse caso, digamos apenas que a casa de Finn tem um aparador que precisa ser substituído.

— Bem, obrigada — digo afetadamente. — É linda.

— É? — Ele levanta uma sobrancelha. Está acostumado com meus constantes arrulhos e elogios.

— Não, isso não é tudo. — Estamos tão próximos que posso sentir cada centímetro dele e tenho vontade de rir por ter dito a mim mesma que sempre fomos apenas amigos.

— O que mais?

Engulo em seco. — Beije-me.

A boca de Lev fica aberta. — Beijar você?

Balançando a cabeça, passo a ponta da unha ao longo de seu pescoço. Meus dedos tremendo.

Estou nos arruinando juntos, para nos salvar individualmente. Para nos dar a chance de florescer separados, não apenas juntos. — Não foi isso que sempre quis?

— Sim. — Suas pupilas dançam freneticamente, examinando meu rosto. — Mas tenho a sensação de que isso é um castigo, não uma

recompensa. É por eu ter pedido para ficar?

É sobre todo o nosso relacionamento. É uma questão de sacrifício. Redenção. Sobre descobrirmos quem somos sem estarmos presos pelo quadril.

— É só um beijo, Levy. Não dê muito importância. Só quero me sentir bem.

Ele desliza seus dedos longos pelo meu cabelo, aproximando meu rosto do dele, e é incrivelmente lindo – sempre foi, mas agora especialmente. — Nasci para te fazer se sentir bem, Bailey Followhill. — Sua respiração é lenta, seus batimentos cardíacos acelerados. — Mas não aceitarei um beijo seu. Não agora.

— Por que não? — Meus lábios se curvam em aborrecimento. Parece que ele é muito bom em me negar tudo que quero.

— Porque não quero que nosso primeiro beijo seja assim.

— Assim como?

— Banhado pela minha ansiedade e sua raiva. — Ele roça a ponta do nariz no meu, segurando meus ombros com suas grandes mãos de urso. — Quando eu te beijar, acreditará em cada palavra não dita que o beijo dirá. Acreditará no eu te amo, no sempre foi você. Verá que quero dizer que você e eu somos para sempre. Não haverá dúvidas.

Seus lábios se inclinam para a borda do meu queixo, depois descem para roçar a coluna do meu pescoço.

O toque inicial é um choque elétrico e o mundo fica fora de foco.

A sala inteira prende a respiração: paredes, móveis, teto.

Então seus lábios voltam para cima e se aproximam dos meus. É uma combinação perfeita.

Seus lábios têm um sabor divino, mas não são eles que fazem do nosso beijo um acontecimento único na vida.

É o fato de simbolizar a destruição completa do que fomos até agora. Os melhores amigos.

— Bailey? — Papai chama por detrás da porta do meu quarto.

Eu suspiro na boca de Lev, em pânico, mas tudo o que ele faz é abrir minha boca e deslizar a língua em minha boca, explorando lento e sensualmente a área.

Papai pressiona. — Ouvi barulhos vindos do seu quarto.

Lev está rindo em nosso beijo. Tento mordê-lo, mas isso só o faz rir ainda mais.

Desgraçado.

— Hum, sim, pai! — Digo, a voz abafada. — Está tudo bem! — Mais do que bem, para ser honesta.

— Tudo certo? — Marx, tão rude. Por que não posso ter uma família negligente que me deixa sozinha quando ouve choramings aleatórios vindos do meu quarto?

— Eu... estava... chorando?

Trabalho incrível, Bails. Nada grita mais certeza do que terminar uma frase com um ponto de interrogação.

Lev está mordiscando meu lábio inferior vagarosamente antes de voltar sua atenção para o interior da minha boca.

— Por que estava chorando?

Quem morreu e fez de você a Inquisição Espanhola, pai?

— São... lágrimas de felicidade.

— Pode apostar — Lev murmura no canto da minha boca, beijando, mordendo e provocando. Enquanto meu pai fala que sua paciência está se esgotando com minhas travessuras, me concentro na magia que se desenrola entre mim e meu melhor amigo. A maneira como me segura em seus braços.

— Por quê? — Papai insiste.

— Eu te conto quando sair. — Obrigado, Juilliard, por me dar notícias para ele e, inadvertidamente, salvar a vida de Lev. — Apenas me dê alguns minutos.

— Tudo bem baby.

Lev para de beliscar minha pele e levanta a cabeça o suficiente para que nos olhemos nos olhos. Está pressionado em cima de mim. Nós dois estamos sorrindo como lunáticos. Depois me lembro do que causou tudo isso e meu coração desaba.

— Pensei que disse que não aceitaria um beijo meu?

— Isso não foi um beijo. — Ele balança a cabeça. — Esta é uma preliminar para um beijo. Uma declaração de intenção. Quando beijar você, sim, apenas beijar, nada mais, você não conseguirá pensar direito por semanas.

Nós dois sorrimos como dois idiotas.

— Pode parar de me esmagar até a morte agora — sussurro, dando um tapinha em seu ombro sem jeito.

— Não antes de me dizer que isso não muda nada.

— Isso não muda nada — minto.

— Por que não acredito em você? — Seus olhos – verdes com uma gota de avelã ao redor de cada pupila – me examinam.

— Por que é paranoico? — Ofereço com um sorriso doce.

— Não quis dizer o que disse sobre Juilliard. Eu quero que você vá.

— Bom, porque eu vou.

Relutantemente, ele sai de cima de mim.

Coloco a pulseira. Ele também coloca a dele.

— Como está o céu, Dove?

— Claro como o dia.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Lev

Fato miserável nº 2.016: O corpo humano é reduzido entre 1 e 4 quilos depois de ser cremado.

A briga com papai e Knight em Jackson Hole mudou algo em mim.

Fez-me sair da minha existência no piloto automático.

É hora de fazer o que é certo pelas pessoas que amo.

Comecei com Dove, redirecionando sua atenção para ficar sóbria, em vez de sexo.

Sim, erramos um pouco brincando, mas ela conseguiu se sair muito bem. Não quero que ela troque uma obsessão por outra, por isso estou dando espaço a ela.

E Bailey estava certa. Tenho ciúmes da sua paixão pelo que faz.

Estou desviando.

Jogo bola e não me inscrevo na Air Force Academy por causa do meu pai e do Knight. Não sigo em frente por causa de Bailey. Finjo um relacionamento com Thalia porque não quero que ela se sinta envergonhada ou usada.

Ao tentar agradar a todos, acabo não agradando a ninguém, por isso talvez a resposta seja fazer o que é certo para mim.

Talvez ser autenticamente você mesmo poupe a todos ao seu redor um monte de dor.

A próxima pessoa na minha lista de tarefas é Grim Kwon.

Ele quer ser capitão. E eu quero... ficar em paz. E isso inclui nunca mais jogar futebol depois do ensino médio. Esta é a única

resolução que decidi fazer por mim mesmo. Grim está certo: não sou o homem certo para o trabalho. Nunca fui. Paixão é mérito.

Talvez não consiga realizar meu sonho de me tornar um piloto de caça, mas também não machucarei minhas costas jogando futebol só para que meu pai possa ter algo para conversar com seus amigos em seu clube de campo.

E eu certamente não impedirei o sonho de Grim de fazer isso.

Portanto, aqui estou eu, no vestiário depois do treino, pronto para encurralar o técnico Taylor e dizer a ele que estou deixando o cargo de capitão, mas que ainda cumprirei meus compromissos como jogador pelo resto do ano.

Todo mundo ainda está no chuveiro.

— Cara, espaço pessoal — ouço Mac dizer a Ballsy no chuveiro enquanto ensaboa a própria bunda. Estou limpo, vestido e pronto para sair.

Minha mochila está pendurada no ombro. Aposto que todos pensam que já fui embora. — Se eu consigo ver cada fio de cabelo do seu saco, isso significa que está muito perto.

— Ou no caso de Ballsy, na mesma cidade — Finn brinca.

Eu provavelmente deveria lhes dar mais um aviso sobre serem idiotas com Todd antes de passar o título de capitão adiante.

Estou prestes a sair de trás da fileira de armários e fazer exatamente isso quando a voz de Austin me faz congelar no lugar.

— Vi Bailey Followhill na praia ontem.

O que ela estava fazendo na praia? Com quem estava? Como conseguiu sair de casa?

— Sim? — Finn pergunta. — Ela ainda é gostosa?

— Mano, gostosa é um eufemismo. A vadia deve estar mijando lava ou algo assim, é tão gostosa. Ela usava um biquíni amarelo minúsculo e parecia tirada do catálogo da Victoria's Secret. Está mais incrível do que nunca.

— E igualmente inatingível, tenho certeza — Grim fala lentamente. Isso *mesmo garoto*. — Ela não percebeu sua existência quando vocês dois frequentaram a mesma escola por três anos. Duvido que ela tenha mudado de ideia agora que está na faculdade e você ainda parece o que acontece quando os esteroides e minha bola esquerda decidem procriar.

Eu o tornaria capitão do Miami Dolphins se pudesse agora.

— *Au* contraditório. — Austin dá uma facada no francês... e mata todo o idioma no processo. — Ouvi dizer que ela é, de fato, uma viciada, então há muito espaço para erros da parte dela. Presa fácil.

A única coisa que me impede de arrancar a sua rótula com meu canivete suíço agora é que quero saber mais sobre o encontro deles.

— Sério? Ela lhe deu vibrações de viciada? — Ballsy solta.

— Ela não é uma viciada — Mac grunhe. — Seus pais ricos iriam desintoxicá-la em algum vilarejo suíço que cobra 5 mil dólares por noite se ela estivesse usando algo mais perigoso do que maconha.

— Ela está tomando alguma coisa — Austin bufa, saindo do chuveiro e se enxugando. — Aparentemente, ficou de castigo ou algo assim até alguns dias atrás. Seus pais agora estão testando drogas nela e, desde que esteja limpa, ela pode sair. De qualquer forma, foi isso que ela me disse. — Ela confidenciou a ele? Por que? — Nem é preciso dizer que a convidei para todas as festas neste fim de semana. — Austin abre um sorriso de merda do tipo idiota. — Incluindo a que está acontecendo nas minhas calças.

Minha cabeça está tonta. Mel e Jaime estão brincando comigo? Estão fazendo-a mijar em um copo e deixando-a fazer suas coisas?

Sim, por que não, idiota? Porque adora a ideia de Bailey trancada onde ninguém pode alcançá-la ou dar em cima dela? uma voz dentro da minha cabeça zomba.

Tem sido muito fácil para mim não fingir que Thalia e eu ainda somos um casal, já que sabia que Bailey não estava em posição de foder por vingança com outra pessoa, mas esse não é mais o caso, e

Bailey nunca foi tão volátil e vingativa em toda a sua vida.

— Marque minhas palavras. — Austin veste sua calça e camisa J.Crew – o uniforme internacional de homem branco medíocre. — Até o final desta semana, estarei profundamente dentro de Bail...

— Cale a boca, Austin. — Meu tom é ácido o suficiente para cortar seu rosto em pedaços. — Ou vou te arrebentar e terminar o trabalho que Grim começou no ano passado.

Não falamos sobre isso, mas no ano passado Austin ofendeu um calouro por andar de mãos dadas com seu namorado ou algo assim, e Grim ficou tão louco que foram necessários três de nós para tirá-lo de Austin.

Só fizemos isso porque não queríamos que Grim fosse preso. Conheci doenças sexualmente transmissíveis mais adoráveis do que Austin.

— Tem coragem de vir aqui e dizer isso na minha cara? — Austin mostra os dentes, parecendo confuso. Ele não sabia que eu ainda estava aqui.

— Eu pensei sabia. Droga, sua bunda parece estranha.

— Falando em bunda. — Os lábios de Austin se esticam em um sorriso de escárnio feio. — Baileys...

Ele não consegue terminar a frase. Eu o bato contra o chão.

Estou em cima dele, montando em sua cintura, socando seu rosto. Ouço o barulho de ossos se movendo, mas não paro. Há sangue por todo lado. Respinga nos azulejos molhados e elegantes. Sobre o histórico impecável que mantive nos últimos doze anos na escola.

Quem se importa? Não é como se eu estivesse indo para onde quero estar. Austin está gritando, tentando levantar os braços para envolver meu pescoço, mas sou maior, mais rápido, mais forte e tenho a arma mais potente de todas: a raiva.

Finn, Mac e Antonio tentam me tirar de cima dele. Estão agarrando meus braços, me puxando, implorando para que eu pare

antes de matá-lo.

Ballsy e Grim agarram cada um dos braços de Austin e o arrastam para o outro lado da sala. Austin ainda está protegendo o rosto com as mãos. Suas roupas de grife estão encharcadas de vermelho, e tenho quase certeza de que quebrei alguns ossos pequenos no processo.

Nós dois somos empurrados para lados opostos da sala. Mac e Antonio prendem meus braços na parede, impedindo-me de bater na sua cara novamente. Estou ofegante, a raiva escorrendo de mim em correntes.

— Tem um desejo de morte? — Estou genuinamente curioso porque falar de Bailey no mesmo CEP que eu é nada menos que suicida.

Austin ri, seus dentes rosados de sangue e saliva, os hematomas sob seus olhos inchados com meus socos. — Você se considera tão bom, Cole. Só porque gosta de uma garota não significa que ela esteja fora dos limites para o resto de nós mortais.

— Qual é o seu problema comigo? — Exijo.

Austin tem sido um pé no saco desde que nos conhecemos. Pelo que sei, nunca fiz nada para merecer sua ira constante.

No primeiro ano, até o ajudei com cálculo e joguei bola com ele antes dos jogos amistosos.

— Meu problema com você — Austin cospe sangue e talvez até um dente no chão — é que todo homem Cole que conheci é um idiota total.

Olho para ele vagamente, momentaneamente confuso. — Somos apenas três. — Quatro com Cayden, mas vamos lá, o garoto mal aprendeu a usar o penico.

— Três a mais do que deveria — ele vocifera. — E seu irmão, Knight, roubou o título de capitão do meu irmão. Roubou também a namorada dele.

— Luna? — Pergunto, surpreso.

Austin balança a cabeça. — Poppy.

Santa explosão da idade do gelo. Poppy, a irmã mais velha de Lenora, namorou meu irmão por dois segundos. No máximo.

E nem me lembro com quem Knight competiu pelo título no All Saints High.

O que acho que confirma que o ressentimento que Austin está sentindo é tribal e não pessoal no momento. A sua família era praticamente invisível para a minha.

— Qual é o nome do seu irmão? — Pergunto. Eu não sei por quê.

— Alvin.

Ei, merda. Ele até tem um nome de esquilo. Não posso deixar de me sentir mal pelo cara.

— A propósito, Alvin é contador de uma imobiliária. Tudo porque seu irmão roubou o que era dele — acusa Austin. — Ele poderia ter sido grande.

Minha mandíbula funciona de um lado para o outro. — Ouça. Desculpe, mas... isso não tem nada a ver com Bailey. Fique longe, sim?

Austin encolhe os ombros, me dá um sorriso sangrento e balança a cabeça enquanto se afasta. — Se você quer alguma coisa, é melhor saber que te vencerei e conseguir eu mesmo. Considere isto vingança, Cole. A coisa de transformar tudo que toca em ouro... — para, ficando a alguns centímetros de mim. — É que acaba com um monte de merda sem alma e sem vida.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Lev

A próxima na minha lista é Thalia.

Dei a ela algumas semanas de namoro falso em que realmente não nos encontramos ou nos comunicamos. Acho que é hora de cortar o cordão.

Sei que ela esperava um pouco mais de tempo, mas não posso fazer isso com Bailey; também não posso fazer isso com Thalia.

Dar falsas esperanças a ela é cruel, e tenho a sensação de que é exatamente isso que está acontecendo agora, com base no trilhão de mensagens de texto com as quais me bombardeou enquanto eu estava em Jackson Hole.

Thalia: como está Jacksonhall?

Thalia: sinto sua falta.

Thalia: <anexo enviado> Nudes para meu baby, lol.

Thalia: ligue-me quando tiver chance.

Thalia: Lev, onde você está? ☹

Por isso, agora estou passando por um mar de rostos acanhados, cerca de trinta centímetros mais altos que todos os outros, tentando encontrar minha falsa seja lá o que formos.

Não deixo pedra sobre pedra. O ginásio. Sua sala de aula. Amigos dela. Eu até entro no banheiro feminino e provoço um pequeno incêndio (literalmente, mas não é minha culpa. Quem traz alisador de cabelo para a escola?).

Estou enlouquecendo. E paciência. Onde diabos ela está?

Há alguns dias, parecia estar em todos os lugares que eu ia, aparecendo no refeitório, no vestiário, no treino de futebol.

Algo definitivamente está acontecendo. Ela me pediu para ligar

há alguns dias. E esqueci de responder aquela mensagem de texto, o que é uma merda épica, acho.

— Ei, Birdie, viu Thalia? — Encurralo sua melhor amiga no corredor.

Suas costas batem contra o armário e ela aperta os livros contra o peito, mordendo o lábio. Suas pálpebras baixam quando me aproximo do seu rosto. Muito dramático, mas essas garotas vivem para essa merda. Para o efeito Riverdale.

— Uhm... Thalia? — Ela semicerra os olhos como se não estivesse familiarizada com o nome.

— Sim. A garota que você basicamente vive e está no seu protetor de tela. — Refresco sua memória, estalando meus dedos entre nós para que ela pare de olhar para meus lábios.

Birdie tem cinquenta tons de vermelho, e todos me dizem que ela está escondendo alguma coisa.

— Ah... eu não sei.

— Não sabe? — Tenho um ótimo medidor de besteira, e agora está tocando tanto que estou ficando surdo. — Quando foi a última vez que não soube onde Thalia estava em determinado momento?

— E-escute, me desculpe. Não sei o que te dizer. Eu não a vi hoje.

É óbvio que não sentirei nada além de dor de cabeça com essa garota, então decido encurtar meu dia e fazer uma visita a Bailey.

Idealmente, teria dado a ela um pouco mais de tempo para tomar um comprimido para relaxar, mas preciso que saiba que não andaré por aí com biquínis amarelos.

Enquanto vou para o meu carro, envio uma mensagem para Thalia.

Lev: Tentei te encontrar na escola. Onde está?

Ela responde depois de três segundos.

Thalia: doente em casa ☹

Lev: passo por aí com um Gatorade. Precisamos conversar.

Thalia: Se for sobre terminar, não se preocupe.

Lev: ?

Thalia: Ainda não estou pronta.

Lev: Bem, eu estou.

Thalia: Bem... se você não fizer o que eu digo...

Que. Porra.

Isso parece uma ameaça, mas com o que ela poderia me ameaçar?

Sempre estive no caminho certo e no estreito, para o bem ou para o mal.

E então isso me atinge. Não é a mim que ela está ameaçando machucar se eu acabar com a farsa.

Lev: Você não faria isso.

Thalia: Não sei do que estamos falando! Bailey é adorável < 3

Hora de dar o chute na bunda de Thalia. Faço o que preciso ser desfeito: pego o telefone e ligo para ela. Chama. Ela não atende.

Envio uma mensagem para ela novamente. Não responde.

Envio sinais de fumaça, pombos, malditas comunicações telepáticas – nada.

Thalia não está atendendo. Está me deixando pensar em sua última mensagem de texto porque a deixei grelhar durante dias quando estava em Jackson Hole, ocupado provando suco em cada buraco do corpo de Bailey.

E sim, terminei com as metáforas líquidas. Por enquanto, de qualquer maneira.

A volta para casa é um borrão. Não me lembro de ter estacionado o Bugatti em frente à nossa garagem para oito carros, mas de alguma forma consigo.

Minha mente está focada apenas no fato de que minha vida potencialmente ficou muito mais complicada. Thalia conseguiu cair

nas boas graças de Bailey, e o julgamento desta última não é surpreendente nos dias de hoje.

Cambaleando até a porta de Bailey – por que parece que ela mora do outro lado do continente? – abro a porta, quase rastejando até o seu quarto.

Normalmente não sou uma pessoa ansiosa, mas a ideia de algo ruim acontecer com ela, de não casar com ela, de começar uma família com ela, de unir minha vida à dela como se fôssemos raízes de um carvalho muito velho, me deixa tonto.

— Tem que parar de fazer isso — ouço Jaime gritando de seu escritório em casa. — Entrar na minha casa como se fosse quem pagasse a hipoteca.

Duvido que ele consiga soletrar a palavra hipoteca, quanto mais pagar uma.

Quando chego ao quarto de Bailey, a porta está entreaberta. Está vazio. Fico ali como um idiota, esperando pelo som dela. Esperando a música rolar no estúdio de balé, mas tudo o que consigo ouvir são as teclas do teclado mecânico de Jaime e o canto das pombas paradas num galho do lado de fora da janela de Bailey.

Não esfregue isso, mãe. Não foi necessário enviar reforços. Sei que ela precisa da minha ajuda.

Então vejo um bilhete na mesa de cabeceira – amarelo, simples e cuidadosamente dobrado – e sei que é dirigido a mim. Irrita-me que ela tenha previsto que eu iria procurá-la, ser o primeiro a ceder.

Está se vingando de mim por jogar suas drogas no vaso sanitário. Se ao menos ela soubesse que eu poderia ter jogado minha vida fora com isso também, por algumas transas desleixadas.

Pego e abro.

Ops. Desculpe, Lev, suas bolas também não estão aqui.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Lev

Fato miserável nº 5.522: O Washington Square Park, em Nova Iorque, costumava ser um cemitério, e acredita-se que cerca de 20.000 pessoas ainda estejam enterradas lá.

Fui a todas as festas daquela semana, preocupado com Thalia colocando drogas nas mãos de Bailey.

Vou aquelas para os quais sou convidado e aquelas para os quais não sou convidado, porque está claro que em um dia normal, minha bunda não agraciaria esses filhos da puta com a minha presença.

Tudo para garantir que Bailey não esteja presente. No sábado à noite, acho que estou fora de perigo. Só resta uma festa, de um cara chamado Donnie. Um cara chato que pensa que agir como um idiota de alguma forma o tornaria maior.

Donnie é um fã, então não estou preocupado em invadir a sua festa, ou, sabe, arruiná-la totalmente, se necessário.

O que me preocupa quando saio do carro, estacionado em frente à casa de Donnie, é Thalia. Ela faltou à escola a semana inteira e não respondeu minhas mensagens nem me abriu a porta. Algo está acontecendo com ela, e se eu não estivesse tão chateado, ficaria preocupado.

Os pais de Donnie são arquitetos, o que significa que sua casa tem pé-direito de seis metros, uma lareira artesanal e um spa do tamanho de uma piscina olímpica.

Assim que entro pela porta, as pessoas clamam para me parabenizar por mais uma vitória no futebol. *Hotel* de Montell Fish toca através do sistema de som vindo dos tetos, pisos e sabe-se lá onde mais.

Vejo Austin ficando de cabeça para baixo sobre o barril de cerveja – ainda totalmente comprometido em ser um desperdício de recursos ambientais – e Grim encostado nas portas de vidro com vista para a piscina, segurando um copo vermelho e conversando com Mac e Antonio.

Queria lhe dizer que falei com o treinador sobre a capitania, que deixarei a posição em breve, mas entre Bailey e Thalia, não tive tempo.

Birdie pendura no meu braço como se fôssemos amigos ou algo assim, pressionando a boca pintada de batom na minha bochecha. — *OhmeuDeus*, Lev! Você veio.

— Excelentes habilidades de observação, Birdie. Thalia está por perto?

Alguém inclina a cabeça e coloca uma garrafa de cerveja em minha mão silenciosamente enquanto entro na sala cheia de pessoas dançando, conversando e se beijando.

— Não. — Ela faz uma cara triste e carrancuda. — Ela está realmente indisposta.

E estarei em prisão domiciliar por arrombamento se ela continuar se esquivando de mim.

Eu a afasto de mim. — Avise-me se tiver notícias dela.

Valsando direto para Grim, entro na sua conversa com os caras. — Viu a Bailey?

Grim se vira para me dar um olhar gelado. — Oi, Grim, como está? Estou bem, obrigado. Como está, Lev? Sim. É realmente uma bela noite — ele devolve sarcasticamente a conversa que deveríamos ter tido se eu não estivesse nervoso e se não estivéssemos na porra do século XXI.

— Parece um tutorial da *Rosetta Stone*⁷⁴ para aprender inglês. — Tomo um gole da minha cerveja. — Onde ela está?

— No meu pau. — Antonio aponta a mão para a virilha, caso

alguém tenha alguma dúvida sobre seu paradeiro. Eu o encaro com um olhar mortal. Ele ri em sua cerveja. — Droga, Cole. Olhe para o seu rosto. Alguém tem alvejante anal? Conheço um idiota que precisa se acalmar.

Passando por esses idiotas, desço as escadas até a piscina. Algumas pessoas estão jogando vôlei aquático, outras se beijando nas espreguiçadeiras, e fico imediatamente aliviado quando não consigo localizar Bailey em nenhum lugar da água.

Depois meu alívio se transforma em raiva quando a vejo no canto, sentada na mesma espreguiçadeira que Austin, rindo e sorrindo e existindo ao vivo, sua nova e sexy personalidade em plena exibição.

Que. Porra.

Ela está usando um minivestido arrastão transparente com um minúsculo biquíni preto por baixo. Acho que está mijando em copos e ficando limpa todas as vezes. Odeio a sua versão disfuncional e viciada em drogas, mas não posso negar que ela me excita.

Há algo de perigoso, perverso e desequilibrado nela, e Deus me ajude, quero domá-la para que seja ruim apenas para mim.

Austin está além de fodê-la com os olhos.

Estou lá para ver as preliminares, o oral e a conchinha depois. Todo o maldito show.

Ele passa o braço em volta dela, colocando a palma da mão na parte inferior de suas costas enquanto se abaixa para gritar em seu ouvido através da música.

Não consigo entender o que ele diz, mas tira algo do bolso. Um maço de lenço de papel com o que parecem ser comprimidos.

Bailey os vê e juro que seus olhos parecem um sinal de *jackpot* de caça-níqueis.

Ding, ding, ding.

Ele usa os nós dos dedos para afastar suavemente o cabelo dela do rosto, murmurando em seu ouvido, e ela balança a cabeça e se

levanta.

Minha pulsação está nas alturas quando ela joga a cabeça para trás, seu cabelo ensolarado escorrendo solto pelas costas e pelos ombros bronzeados.

Não há nenhum traço de vergonha ou constrangimento quando suas coxas magras e musculosas seguram o joelho de Austin e ela começa a se mover sedutoramente, jogando os braços para o alto e fazendo uma *lap dance* para ele.

No início, estou muito atordoado para perceber o que está acontecendo. Meu pau aplaude sua coragem, enrijecendo em minhas calças, enquanto meu cérebro planeja cortar o escroto de Austin até a virilha e vender seus órgãos internos para quem pagar mais.

Depois de digerir o que acontece, me forço a ficar parado, sabendo muito bem que poderia realmente, genuinamente, literalmente matar o idiota.

Como se fosse uma deixa, alguém muda a música para *Freak Me* do Silk.

Eu balanço minha cabeça para ver Grim parado ao lado do telefone conectado ao Bluetooth, me dando um sorriso brega e um sinal de positivo.

Começarei uma maldita matança em cerca de dois segundos.

Bailey não percebe o fato de que todos os olhos estão voltados para ela. Está em seu próprio mundinho, uma prisioneira da música, rolando os quadris sobre a coxa de Austin, seu olhar fixo no dele, rebolando e se esfregando com ele ao ritmo como se ela tivesse nascido para fazer isso.

Não consigo parar de procurar. Assistir essa estranha dançando para Austin por causa das drogas.

Sim, ela não é perfeita, doce, engraçada e inteligente como a velha Bailey, mas é sexy, ousada, despreocupada e, francamente, irritante *pra caralho*. Não está segura e estou começando a ver que gosto que ela não esteja. Quão fodido é isso? Muito.

Austin tira um comprimido da palma da mão e o coloca entre os dentes, meio empurrado para fora.

Bailey morde a isca, inclinando-se para beijá-lo e roubar a pílula. É aí que meu autocontrole desmorona como um biscoito velho.

Bebo a cerveja, de uma só vez e vou até eles.

Não tenho certeza com que autoridade estou agindo agora – não sou o seu namorado, então me alimento com uma história idiota de que Austin machucará Bailey, embora Dove prefira ter seu coração partido por uma xícara de mijo morno do que por esse zé-ninguém de merda.

— O show acabou, pessoal. — Pego um punhado de seu péssimo vestido e a puxo de Austin, passando um braço sobre ela para proteger sua modéstia. — Pegue suas coisas, mude a rota e dê o fora.

Austin gira em minha direção, seu rosto é um mapa de cicatrizes e vasos sanguíneos rompidos. Minha obra. — Gostou da vista, Cole?

Ele não tem um comprimido na boca agora, então presumo que Bailey já o engoliu. Ela ao menos sabe o que era? Ao menos se importa?

Ignorando o idiota, viro-me para Bailey. — Preciso de uma palavra.

Ela me sorri alegremente, enquanto se afasta do meu toque. — Eu te darei três, vá se foder.

Algumas semanas atrás, eu ficaria surpreso se ela xingasse. Agora estou feliz por ela não ter me esfaqueado para provar seu ponto de vista.

Austin dá um tapa na coxa, gargalhando como uma hiena. — Cara, que experiência humilhante, hein, Cap? — Juro que ele está gozando nas calças, parece tão feliz. — Sempre quis ver alguém te derrubando um ou dois níveis, mas você caiu de um maldito arranha-céu.

Mantendo meu olhar focado na minha melhor amiga – e sim, ela

ainda é isso; sempre será – digo lentamente — A meu ver, você tem duas opções, Dove. Ou vem comigo de boa vontade, ou ligo para seus pais e digo para eles recolherem o lixo porque o saco está quase estourado.

Sua boca está aberta em estado de choque. — Está me chamando de lixo?

— Querida, você se trata assim. Por que não te chamaria assim? — Faço uma careta e olho ao meu redor, acrescentando — Além disso, este lugar está cheio de drogas.

Ela olha em volta, confusa. — Não, não está.

Tiro do bolso um saco de maconha, emprestado de um skatista maconheiro que conheço aqui, e o balanço na sua frente. — Tem certeza disso, Dove?

Ela não pode vencer esta discussão e sabe disso. Posso ver isso nos seus olhos. Queimam de ódio por mim, e não posso deixar de morder meu lábio inferior e desejar que fosse ela quem fizesse isso. Porque Bailey ardente é meu mais novo vício.

— Uma palavra — ela sibila. — Espere aqui, Austin.

— Baby, não precisa pedir duas vezes.

Eu me viro e subo as escadas até um quarto isolado. Bailey me segue. No corredor do andar de cima, vejo Maria de relance, que está comigo nas equipes *Power of the Pen*⁷⁵ e *Model United Nations*⁷⁶.

Ela também é uma das outras garotas da escola cuja missão de vida não é montar no meu pau. — Maria, pode vir conosco um instante? — Pergunto.

Ela franze a testa, desviando a atenção do grupo de seus amigos nerds. — Para quê? — Ela pergunta. — Não farei um *ménage à trois* ou algo assim.

— Destruído — digo sem expressão. — Siga-me.

— O que tem *pra* mim? — Maria troveja. Posso sentir o olhar de Bailey queimando as costas da minha camisa, me perguntando onde

tudo isso vai dar.

— Cem dólares — digo.

— Duzentos. — Maria cruza os braços, levantando o queixo. — Inflação, Cole. Ah, e quero o número do Todd.

Ballsy? Reprimo um bufo.

— Por que não? — Seu rosto cai enquanto lê minha reação como uma crítica a ela. — Acha que ele está fora do meu alcance?

— Não, eu... não importa. Não é minha história para contar. Conseguiu um acordo. Vamos.

Nós três entramos em um dos quartos. Parece um quarto de hóspedes pela pura falta de personalidade, mas pensando bem, poderia facilmente ser o de Donnie. Fecho a porta atrás de nós. As duas garotas na minha frente parecem irritadas.

— Troque de roupa — ordeno.

Bailey me oferece seu olhar vago e estúpido. — Caia morto.

— Irei, provavelmente em breve por causa do ataque cardíaco que você me causará por parecer uma vagabunda, mas trocará de roupa com Maria primeiro.

— Com licença? — Bailey grita. — Está vestindo uma camisa branca com as mangas arregaçadas até os cotovelos e um anel no polegar. Você é o epítome de uma puta masculino.

— Na verdade, estou desconfortável com essa palavra em geral — Maria murmura, olhando entre nós, confusa.

— Bailey, troque a merda da roupa — sibilo impacientemente, enfiando as mãos nos bolsos da frente da minha calça.

Estou bem vestido, com certeza, mas vim de um jantar em um clube de campo com meu pai de um de seus grandes investidores.

Maria e Bailey se entreolham. Maria torce o nariz. Ela está vestindo uma calça jeans larga e uma camisa xadrez de mangas compridas. Posso dizer que Bailey não quer deixá-la desconfortável.

No fundo, Dove ainda é uma pessoa atenciosa.

Bailey se vira para mim. — Não — sua voz é resoluta. — Não há nada de errado com minha roupa.

— Sim, há — respondo. — Está rasgada.

— O que está falando? Não está... — antes porém, que ela possa completar a frase, entro em seu espaço pessoal, agarro a gola daquele vestido estúpido de rede arrastão e arranco-o de seu corpo.

Ele cai atrás dela em uma pilha esfarrapada. — Vê? Uma bagunça total. Você deveria ter mais cuidado da próxima vez.

— O que devo vestir? — Maria grita. — Agora que destruiu a fantasia de Uma Linda Mulher?

Desabotoo minha camisa Brunello Cucinelli e jogo-a na direção de Maria. — É longa o suficiente para chegar aos joelhos e vale cinco Benjamins. De nada.

— E você está delirando — Maria sibila frustrada.

Bailey choraminga — Desculpe — para ela. Em seguida, acrescenta — Visto a camisa dele...

— Não, você não — eu a interrompi. — Agradeça por não enrolar toda a roupa de cama em você.

Então me viro para lhes dar um pouco de privacidade. Depois de alguns minutos, Maria anuncia — Terminamos.

Eu me viro, dou a ela algumas centenas de dólares e uma promessa de conectá-la com Ballsy, e mando embora ela e sua vagina prestes a ser esmagada. Isso me deixa com Bailey, que atualmente tem duas coisas:

1. Vestida modestamente.

2. Furiosa *pra* caralho.

— O que está fazendo aqui, afinal? — Ela prende o cabelo claro em um coque alto. — Austin disse que você nem gosta de Donnie.

— Divertindo-me, caso não seja óbvio. — Minha voz está mais

seca que a da esposa de *David Duke*⁷⁷. — O que você está fazendo aqui?

— Não é da sua conta — ela me informa. — Enquanto eu estiver sóbria – o que infelizmente estou – posso fazer o que quiser.

— E a pílula que compartilhou com o idiota? — Arqueio uma sobrancelha.

Ela balança a cabeça. — Urso de goma.

Mesmo depois de tudo e de tudo que foi dito e feito, isso ainda faz meu coração dançar no peito.

— Estou feliz em ouvir isso — digo suavemente.

— Thalia está aqui? — Ela olha ao redor do quarto, como se pudesse rastejar debaixo da cama e emboscá-la. Sei o que ela realmente está perguntando, e não há nada que eu queira mais do que garantir a ela que Thalia e eu não estamos mais envolvidos, mas talvez seja melhor esclarecer as coisas com Thalia primeiro.

— Não que eu saiba — respondo, esperando, desejando e rezando para que ela possa ler nas entrelinhas e ver que não tem nada com que se preocupar.

Thalia não é competição. Nunca foi. A única coisa que existia entre nós era o medo de perder um ao outro.

Bailey assente sombriamente. — Posso ir? — Ela funga. — Realmente não quero falar com você agora.

Não posso culpá-la e nem tenho certeza do que lhe dizer agora, por isso apenas faço um gesto para a porta, avisando que ela está livre para sair.

* * *

Uma hora depois, estou jogando *beer pong* na sala de jogos. Sem camisa.

Grim e eu dividimos o time de futebol em dois times e estamos competindo um contra o outro.

Se isso não é o cúmulo da ironia, não sei o que é. Meu time está vencendo, embora tenha feito dupla com Mac, que é um pouco menos capaz do que um peido molhado.

Bailey está na minha visão periférica durante todo o jogo, bebendo uma lata de Diet Coke e conversando com as amigas.

— Quer tornar isso interessante? — Austin, que está no time de Grim, pergunta.

— *Strip beer pong* não é uma coisa — Finn o repreende categoricamente. — E nem todo mundo quer ver os dois testículos de bola de praia de Ballsy.

— Bem, isso é decepcionante — ouço Maria murmurando no meio da multidão.

Austin não perde o ritmo. — Se vencermos, Cole dará a Grim a braçadeira de capitão.

A sala inteira fica em silêncio. Grim olha para mim, sem expressão. As apostas são inexistentes para mim, pois já disse ao treinador que estou deixando a posição. Só precisava apresentar Grim oficialmente, o que pretendia fazer oficialmente na segunda-feira. Por que diabos não?

Não posso porém ser muito óbvio, por isso pergunto — E se eu ganhar?

— Não vence. — Grim não perde o ritmo. — Mas se perder, eu lhe darei um cheque em branco. Um favor aberto. Qualquer coisa que quiser. A qualquer momento. Sem perguntas.

Dou de ombros. — Claro.

— Tudo bem. — Ballsy bate palmas e depois esfrega as mãos. — A merda ficou muito mais interessante.

A festa inteira se reúne em torno da mesa de *beer pong*, que na verdade é uma mesa de *air hockey* que tenho certeza que estamos

destruindo. Os copos vermelhos cheios de cerveja flutuam para a esquerda e para a direita para dificultar a nossa vida.

É a vez de Mac, e ele perde a jogada no copo de cerveja, e todos gritam, aplaudem e riem.

Vejo Bailey pelo canto do olho se aproximando, observando o jogo com curiosidade.

— Minha vez! — Austin dá um passo à frente. — Bailey, nos dê um beijo de boa sorte, baby.

Ele empurra a bochecha na linha de visão dela, e ela sorri, fazendo contato visual comigo antes de lhe dar um beijo. Austin desliza a bola sem esforço para um copo. Estou tremendo de raiva.

Quando chega a minha vez, acerto a bola.

Grim erra e xinga. Está agitado e suando. Gostaria de poder lhe dar a notícia agora, mas para ser honesto, acho que ele ficaria muito mais feliz com isso se eu ganhasse este jogo, renunciasse silenciosamente sem ninguém saber e fizesse parecer que ele me superou em campo e recebeu o título de capitão diretamente do técnico Taylor.

Estou três pontos à frente, perdendo força desde a vantagem inicial sobre Grim, quando Bailey apoia o quadril na mesa de *air hockey*.

Ela está bem ao meu lado. Não olho para ela, machucado pela chicotada verbal de antes.

Grim enterra a bola de pingue-pongue em um copo e todos rugem em êxtase.

Afinal, ele pode vencer.

— Você consegue, Grim — ouço Dove dizer, me lembrando dos bons momentos em que ela torcia por todos os meus jogos. Em casa ou fora.

Como eu considerava tudo o que tínhamos como garantido e ainda assim, ganancioso, queria mais. Agora está no time de quem não

sou.

— Fique perto, Bailey. Ele perde a cabeça toda vez que você respira na direção de outro cara — Grim a instrui, colocando outra bola em um copo de cerveja.

Bailey sorri para ele, apoiando a bunda na mesa de hóquei, de costas para mim e olhando para Grim. — Como está, Grim?

— Sim, nada mal. Como está Juilliard?

— Incrível.

Incrível minha bunda. Mordo a língua e respiro pelo nariz, colocando bolinhas em copos.

— Parece bem — Grim flerta. — Mesmo vestida como uma cowgirl idosa de um filme ruim dos anos 80.

— Ei! — Maria protesta do fundo da sala. — Ouvi isso.

— Bom — Grim sibila de volta. — Agora pode fazer algo sobre isso. De nada. — Ele redireciona sua atenção para Bailey. — Lev está lhe causando problemas?

— O que mais ele pode dar a uma mulher? — Bailey zomba.

A pequena mentirosa. Eu poderia levá-la ao clímax sem encostar um dedo nela.

— Minha paciência está se esgotando — aviso aos dois.

— Ah, isso faz de você um. — Bailey examina suas lindas unhas com um beicinho. — Porque sua bunda com certeza não se move mais rápido do que uma corrida no campo.

— Olha o fora! — Todo o time de futebol ri em uníssono. — Puta merda, Cole!

— Bailey, afaste-se — digo.

— Você não manda em mim. — Ela está em forma rara.

Ela pode estar passando por uma de suas mudanças de humor pós-abstinência. Li que isso pode durar meses. E normalmente eu seria

solidário com a sua situação, mas não quando ela me atormenta e eu já estou em carne viva.

— Talvez não, mas nós dois sabemos que ainda sou seu dono, então é melhor ouvir.

— Foraaaa! — As pessoas riem e amassam seus copos.

— Pelo menos eu pago a maioria das minhas coisas — ela provoca de volta. — Lembre-me quanto custa o seu carro?

— Menos do que a reabilitação para onde vai — sibilo.

O insulto bate exatamente onde deveria, e sua respiração fica presa. Suas bochechas ficam vermelhas. Nós nos encaramos por um segundo.

— Alguém acabou de acender uma fogueira no quintal de Donnie! — um drogado da minha turma grita do terraço. — É incrível, pessoal, venham ver.

— Desculpe, o melhor show do estado está bem na nossa frente. — Grim ri. Engulo em seco, fazendo o que nunca fiz antes: perco de propósito.

Finjo que estou mirando a bola na frente do copo. Engulo com força. E jogo ligeiramente para a direita. Erra por pelo menos sete centímetros.

As pessoas rugem e gritam de excitação. — Ei, Grim é o novo capitão do futebol, pessoal!

Grim está realmente pulando para cima e para baixo, tão feliz, e embora eu finja ser um rabugento sobre isso, na verdade estou muito feliz.

— Oof. — Encho as bochechas, girando a bola de pingue-pongue no dedo como se fosse uma bola de basquete.

— Sempre pensei que perder fazia parte do seu DNA, mas aparentemente há um jogo em que é bom.

As narinas de Grim se dilatam, e sei que mereço levar uma surra pela besteira que vomitei. Ele mantém a classe, porém, sorrindo largo

e grande novamente para me mostrar que não se importa.

— Viram, crianças? Isso é o que acontece quando vive sua vida como um covarde. Covarde demais para reivindicar a garota que ama, com muito medo de dizer ao papai que não quer jogar bola. — Ele dá um passo em minha direção, a ponta do nariz quase tocando o meu. — Um dia você simplesmente... — estala os dedos entre nós. — Explode. Deixarei você detonar, Lev Cole, para que no final só te restem ruínas.

Antes de fazer algo de que me arrependo, como dar uma surra nele, me viro e saio para encontrar minha melhor amiga. É hora de lidar com meu desastre natural pessoal – o furacão Bailey.

Lembro-me da fogueira idiota lá fora e vou direto até lá. Fica próximo a uma curva montanhosa que se estende pelas terras de propriedade dos pais de Donnie.

Há um grupo de pessoas dançando ao som de *Boom* dos X Ambassadors. Entre eles, vejo Bailey. É o seu cabelo que a denuncia. O amarelo deslumbrante que se espalha como um girassol sobre uma jaqueta universitária.

Uma jaqueta do time do colégio All Saints High.

Uma que não é o meu número – sessenta e nove – uma homenagem a Knight quando jogava, mas de Austin.

Ela agora está sentada no colo dele, rindo de algo que ele diz. Não há nenhuma maneira no planeta Terra de que uma garota com o QI de Bailey pudesse rir com, e não de, caras como Austin.

Este é o mesmo idiota que perguntou na aula quantos anos Leonardo DiCaprio tinha quando pintou a Capela Sistina⁷⁸.

Ela definitivamente está se vingando de mim pela nossa pequena conversa durante o *beer pong*. E está funcionando.

Merda, Austin está tendo um dia de campo, a garota que eu amo empoleirada em sua coxa daquele jeito.

Atravesso a multidão, direto para onde estão sentados perto do

fogo. Agarro a parte de trás daquela jaqueta idiota e coloco Dove de pé, deixando suas costas caírem contra meu peito para que não tropece. Ela grita de surpresa.

— Não disse que o show acabou? Vou te levar para casa.

Ela gira e empurra meu peito. — Saia de mim, seu idiota de duas caras!

— Tire a jaqueta dele. — Estou tão enjoado de vê-la nessa coisa que estou surpreso por não ter vomitado ainda. Ela sabe o que as jaquetas do time do colégio significam na ASH. Disse a ela.

— Estou com frio.

— Eu te dou minha jaqueta.

— Você nem tem camisa, Lev.

— Deixarei você usar a porra da minha pele. Agora tire a jaqueta antes que este desastre descarrile em um penhasco.

Fazendo beicinho, ela sibila — Se você quer tanto que eu perca o controle, implore por isso, Garoto Levy.

Todos *awws* e *ohhhs*. Meus ouvidos ficam surdos por alguns segundos, como se eu estivesse debaixo d'água.

Ela perdeu o enredo, e estou prestes a transformá-la em um thriller doloroso onde Austin teria sorte se sobrevivesse. O idiota parece tão presunçoso agora.

— Sim, Levy — ele murmura. — Suje os joelhos, para variar.

Rolando os lábios, viro-me para Bails novamente. — Pegue suas coisas. Estamos indo embora.

— Não mesmo. — Ela joga as mãos para o alto, rindo roucamente. Sexy.

Ela não é a Bailey normal agora, mas Bailey ainda está presa dentro dela em algum lugar.

— Se você quer me dar ordens como se eu fosse seu cachorrinho de colo, então é justo que seja meu também, certo? Rasteje até mim,

Lev Cole. Vamos. É só, tipo, o quê? Três passos? — Ela recua um pouco, colocando distância entre nós. — Implore-me para ir com você.

Neste momento, juro que poderia fazer algo realmente estúpido e violento com a pessoa que a apresentou às drogas.

— E se eu não implorar? — Pergunto com tédio. Não há um olho no SoCal que não esteja olhando para nós agora.

— Se você não implorar — ela lambe os lábios, seus olhos na altura dos meus — eu transarei com Austin esta noite.

Austin uiva e ri ao fundo, e sei que ela não está mentindo. Transará com ele cem por cento e não haverá nada que eu possa fazer para impedi-la. Mesmo que jogue a sua bunda no meu carro – o que tecnicamente posso fazer – ela encontrará uma saída e fará isso só para me irritar. Não está sendo ela mesma, não está pensando com clareza. O demônio dentro dela quer seu pedaço de carne, e estou prestes a arrancar um pedaço do meu maldito coração e alimentá-lo até a sua satisfação.

Ou eu estou?

Nunca implorei a ninguém e não estou prestes a começar a fazê-lo. Estou estabelecendo um precedente perigoso.

Entretanto, Bailey vê minha luta interior, o ódio puro em meus olhos, e suspira. — Tem uma camisinha, Austin? Na verdade, não sou exigente. Qualquer outra pessoa com camisinha também serve.

Ela está mergulhada em uma espiral de abstinência. Posso perceber pelo quanto está suando, como seus olhos estão vazios, tristes.

Ninguém é realmente tão burro a ponto de aceitar sua oferta. Dizer sim aqui na minha frente é um caminho certo para uma morte precoce, mas sei que a tentação seria demais para Austin quando eu estivesse fora de vista.

E não posso permitir isso. Não posso deixar Dove ficar com outra pessoa. Ela é minha.

Lentamente, me ajoelho.

Sua respiração fica presa. Inclino a cabeça para não ver o rosto de ninguém.

Depois começo a rastejar em sua direção.

Sei que isso é uma bagunça e essa notícia chegará a Thalia.

Sei que as pessoas estão gravando isso com seus telefones.

Sei que causei mais danos à minha reputação nos dois meses em que ela está aqui do que em toda a minha existência.

Meus joelhos roçam a terra, o chão quente por causa do fogo. As pessoas rindo e sussurrando e foda-se, nunca vou perdoá-la por isso. Não a Bailey sóbria e nem o Bailey drogada. Todas as suas versões estão misturadas em uma pessoa por quem realmente não deveria me apaixonar.

Quando finalmente fico de pé, levanto meu olhar para encontrar o dela. Posso dizer que ela ficou um pouco mais séria com seu pedido inicial – talvez nunca tenha pensado que eu aceitaria – porque de repente parece cheia de remorso.

Seus olhos estão arregalados, vermelhos e tingidos de tristeza.

Ignorando seu pedido de desculpas tácito – não aceitarei, porra, a propósito – eu me levanto e a fixo com um olhar mortal. — Feliz?

Ela engole, mas não diz nada.

— Bom. Agora tire essa maldita jaqueta.

Ela faz o que lhe mandam, tremendo. Eu deveria estar mais consciente do que está acontecendo, mas talvez Grim esteja certo.

Talvez eu esteja implodindo. Assim que a jaqueta não está mais nela, arranco-a de seus dedos e a jogo no fogo. As chamas a devoram antes mesmo de atingir o chão. Austin resmunga — Que merda, Cole!

Agarrando a barriga de Bailey, jogo-a por cima do ombro e saio deste lugar estúpido.

Donnie segue atrás de nós. — Vamos, Cole, a festa está apenas

começando! Mais barris estão chegando e estou prestes a abrir o *Macallan*⁷⁹ do meu pai!

Todos nos seguem com os olhos enquanto saio pela porta da frente.

Bailey ergue dois dedos médios em nenhuma direção específica, rindo de cansaço. — Sim, deem uma boa olhada no Bailey Followhill perfeita. Não é mais tão perfeita, né? Não usem drogas, crianças.

Jesus Cristo. Ela está mais rígida do que a mandíbula de Austin.

— Como chegou aqui? — Vocifero.

— Mamãe me deu uma carona e minha amiga Avery garantiu que ficaria de olho em mim. Ainda não tenho permissão para dirigir.

— Chocante. Levarei você de volta para casa.

Eu a empurro para dentro do meu carro. Só quando o motor ganha vida e o ar condicionado sopra o ar ártico é que me lembro que estou sem camisa. Saio do estacionamento e começo a dirigir. Dove não diz nada e obrigado por isso, porra.

Ainda estou processando esta noite. Ela me humilhou publicamente. Acho que também fiz o mesmo com ela, de certa forma. Em todo o tempo que passamos juntos como amigos, nunca cruzamos esses limites antes. Nós dois estamos mexendo em nossas pulseiras. Estou prestes a arrancar a minha, estou tão bravo.

— Desculpe por...

— Cale a boca, Bailey.

— Eu... hum... — Ela coça a bochecha nervosamente, olhando para o nada.

— Você o quê? — Grito impacientemente.

— Antes de irmos para Jackson Hole eu, hum... peguei emprestado alguns de seus controles remotos da sua coleção para pagar... uh...

— Drogas — termino por ela. Meus aviões de controle remoto são

meu orgulho e alegria.

Sabe disso mais do que qualquer outra pessoa. Ela me comprou algumas das minhas peças mais caras com seu dinheiro suado.

— Sim — ela diz calmamente. — Mamãe fica de olho em tudo que possuo porque sabe que viciados roubam e vendem coisas por drogas, e como sabe, eu recusei qualquer um dos seus cartões de crédito e queria ser financeiramente independente... — Ela para.

Fecho os olhos brevemente quando chegamos a um sinal vermelho. Só espero que ela não tenha vendido um dos realmente bons. Conhecendo-a, ela não saberia, mas ainda. Que merda de se fazer.

— Como passa nos testes de drogas? — Exijo.

— Eu... bem... — olha em volta, fazendo qualquer coisa além de encontrar meu olhar. — Na verdade, não estou tomando mais nada. É por isso que estou sendo tão horrível com todo mundo. A sobriedade é uma merda.

— Está limpa?

Ela assente. Depois começa a chorar. Com força. Mordo meu lábio até o sangue escorrer. Bem, pelo menos isso explica o seu comportamento esta noite.

— Lev, me desculpe — ela sussurra, soluçando ainda mais. — Por tudo. Por esta noite, para seus controles remotos...

— Por favor, por favor — vocifero. — Apenas cale a boca e me deixe dirigir antes que eu jogue nós dois da porra de uma ponte.

O resto da viagem é gasto tentando acalmar a mim e a ela.

Fico me lembrando que ela está sofrendo. Com dores. Uma de suas pernas está tão inchada que tenho quase certeza de que seu osso está prestes a sair. Tenho que dar a ela um pouco de liberdade aqui.

Estamos quase na rua sem saída quando Bailey abre a boca novamente. — Leve-me para a floresta.

— Não posso fazer. Estou planejando levar Austin para lá depois

de arrancar membro por membro e fazer sua família brincar de caça ao tesouro para recompor seu corpo.

Ela não abre um sorriso. Apenas se vira para mim, com os olhos suplicantes. — Lev.

Como sempre, não posso negar a ela.

Começo a dirigir em direção ao nosso lugar secreto. Estou tão confuso que minha cabeça está prestes a explodir. No entanto, sempre soube que estaríamos aqui. Neste momento. Na linha entre inimigos e amantes.

— As pílulas... — Bailey pigarreia. — Não comecei a usar por causa das dores e das lesões. Em Juilliard. Quero dizer, claro que desempenharam um papel importante, mas não foi só isso.

— Não? — Pergunto. Ela está se abrindo comigo. Explicando como passou de a pessoa mais nerd que conheço a uma viciada em drogas.

— Não.

Sua cabeça cai sobre as mãos e suas costas tremem. Instintivamente coloquei a mão em seu braço, tentando confortá-la.

— As drogas eram um mecanismo de enfrentamento. Foi principalmente a pressão para ser perfeita. Aluna de honra. Bailarina prodígio. Filha valorizada. Senti que não tinha espaço para falhar. Em qualquer coisa. Nunca. Achei que conseguiria lidar com isso... mas a menor coisa acabou me levando ao limite.

O silêncio entre nós parece um muro de dez toneladas, e quero quebrá-lo com o punho até sangrar.

— Eu queria esquecer algo que aconteceu comigo. E algumas coisas que não aconteceram, mas talvez deversem ter acontecido. Tudo chegou ao ponto de ebulição. Passei a vida inteira sendo perfeita e trabalhando duro para isso, e na Juilliard meu melhor não foi suficiente. Portanto, trabalha constantemente duro. Tive que começar a me automedicar com Xanax para me manter alerta, cheia de energia e motivada. E depois aconteceram as lesões e o Xanax não era mais

suficiente. Comecei com benzos e Vicodin.

— Perfeito é superestimado — resmungo. — Não é confiável, insustentável e chato.

Uma pergunta atormenta minha mente agora: o que ela queria esquecer?

O QUE ELA QUERIA ESQUECER?

O QUE ELA QUERIA ESQUECER?

Estaciono na beira da floresta e desligo o motor.

— Você disse que queria esquecer alguma coisa. — Minha voz é puro cascalho. — O que era isso?

Seus lábios se abrem e o mundo para de girar.

— Não sou mais virgem. — Ela olha para as coxas, cravando nelas as unhas rosadas. — A maneira como perdi minha virgindade... não foi o ideal. Acho que uma parte de mim sempre acreditou que a perderíamos um com o outro, não importa o quão patético isso pareça.

— Não parece nada patético. — Afasto suas mãos de suas coxas antes que ela sangue. — Eu também acreditei nisso. Alguns dias, era a única coisa que me fazia continuar.

— Lembra da noite em que me perguntou se eu festejava? Se eu pegava pessoas? — Ela funga.

— Sim — digo. — É a noite em que desisti de nós. Meio que. Temporariamente.

Quando cometi o maior erro de toda a minha vida.

— Então alcancei meu objetivo. — Ela lambe os lábios. — Naquela noite, eu estava realmente estudando, mas no início da tarde algo aconteceu. — É melhor que esse algo não seja alguém forçando-a, porque não há fiança que convença um juiz a me libertar depois do que eu faria com aquela pessoa. Bailey lê o que está escrito no meu rosto porque balança a cabeça com fervor. — Não, nada disso. Ele teve meu consentimento.

— Tudo bem. — *Respira. Respira. Respira.*

— Ele era um bailarino. Talentoso. Engraçado. Charmoso *pra* caramba. E ele foi aceito, Lev. Todo mundo gostava dele. Sabe o quanto anseio por aprovação. E estava com raiva de você.

— Raiva de mim? — Minhas sobrançelas se levantam. — Por que?

Já estávamos separados quando ela se mudou para Nova Iorque, mas nunca descobri por quê. Não pode ter sido pelo quase beijo naquele dia em que ganhamos o campeonato estadual. Porque proporcionávamos semiorgasmos um ao outro há muito tempo.

— Porque parecia não apoiar Juilliard. E então, quando você confessou seu amor por mim... pensei que era mais uma estratégia para me manter aqui. Para me privar do meu sonho. Fiquei ressentida com você por isso.

Esfrego a palma da mão no rosto, gemendo. Ela tinha todos os motivos para estar chateada comigo. De certa forma, roubei Bailey de sua infância. Ela colocou todo o seu capital emocional em mim, para que eu não me tornasse um idiota depois do que aconteceu com minha mãe.

E quando chegou a hora de retribuir, de celebrar por Bailey e suas conquistas, falhei, mas não falharei com ela agora. Estou aqui e superarei a humilhação desta noite porque ela finalmente está se abrindo comigo.

— Então esse cara. Payden...

— Argh. — Cerro os dentes. — Ele até tem um nome inventado. Quem chama seu filho de Payden e acha que ele não será um mega idiota quando crescer?

Um sorriso miserável surge em seus lábios. — Saímos algumas vezes. Eu queria esquecer tudo sobre você. Ele também era o traficante de drogas designado do campus, mas nunca toquei em nada. Bem, talvez um Xanax aqui e ali. Disse a mim mesma que todo mundo fazia isso. Que era hora de relaxar.

— Naquela tarde, ficamos um pouco bêbados no meu dormitório. Ele disse todas as coisas certas. Que eu era linda. Nascida para a grandeza, uma bailarina incrível. Que ele queria algo real. Bajulação e Xanax são uma combinação letal. Então... caí nessa.

— Ele deixou você chapada com seus suprimentos — digo com naturalidade, sentindo minha mandíbula cerrar. — Viciada.

Ela aperta os lábios. — Eu sabia o que estava fazendo. Uma coisa levou à outra e...

Uma lufada de ar sai de seus pulmões e ela olha para as marcas em forma de lua crescente que deixou em suas coxas. — A próxima coisa que sei é que ele estava em cima de mim. Dentro de mim. E não soava como você e não cheirava como você e seu peso parecia muito leve, muito casual, muito não Lev. Depois empurra mais fundo e doeu. Parecia que ele estava me esfaqueando, mas eu estava com vergonha de impedi-lo. — As lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto.

— E eu já tinha uma certa reputação. Fria. Frígida. Muito rígida. Por isso, simplesmente fiquei lá e aguentei – não transava com ele; estava fodendo minha reputação, se isso faz sentido. E... e quando ele terminou... — Ela começa a soluçar, chorar e ficar chateada. — Disse que minha cabeça doía porque queria que ele fosse embora. Então ele me deu alguns analgésicos.

— Ele usou você — repito.

Ela lambe os lábios, baixando o olhar para o chão. — Mas usou? Porque eu voltei para pegar as drogas, mesmo quando ele esfregou na minha cara aquela noite uma e outra vez. Talvez fosse à minha maneira de me punir, mostrando o quão longe havia chegado. Cada vez que ele parava no meu quarto para me dar drogas – o que acontecia semanalmente – oferecia mais. Ele também não foi sutil sobre isso. Às vezes, ele me tocava de maneira inadequada, mas meu amor pelas drogas sempre venceu a batalha contra meu ódio por ele. Sei que não é um grande trauma, que estou sendo boba...

— Não está sendo boba. Entregou sua virgindade a alguém que não merecia. É como... como doar para uma instituição de caridade

para pessoas que você descobre que estavam afogando gatinhos... ou algo assim.

A dor que aperta meu coração ameaça afogá-lo em tristeza.

Minha estranheza fora do personagem a faz rir. — O problema não era ele. — Seu olhar muda e nossos olhos se encontram. — O problema é que ele não era você.

Estendo a mão para agarrar sua cintura e ela pula entre o console central. Está em cima de mim e estamos nos abraçando e meu rosto está em seu cabelo, e por uma fração de segundo, posso respirar fundo e claramente e me sentir eu mesmo novamente.

Esfrego suas costas. Beijo suas lágrimas.

— Podemos apenas... fazer nossas segundas vezes contarem? — Ela pergunta, os lábios tremendo contra a minha pele.

— Segunda dança. Segunda vez fazendo amor. Segundo tudo.

Afasto minha cabeça, para que ela possa me ver. — A segunda vez é mais importante. As primeiras vezes são superestimadas. Muitas vezes são apenas erros.

— O quê? — Ela enxuga os olhos com a manga da camisa xadrez, confusa.

— Thalia não contou. Padlock não contou. Nossas primeiras vezes foram diversões. Não é o negócio real.

— É Payden.

— Ainda não é um nome verdadeiro — digo sem emoção. — Vamos fazer tudo de novo. Esta será a nossa primeira vez. Nada mais conta.

— Não funciona assim. — Ela balança a cabeça tristemente.

— Quem disse? — Inclino, dando a ela meu sorriso desarmante. — Não existem regras universais aqui. Uma das melhores partes de estarmos em nossas próprias mentes é que podemos criar as regras.

E enquanto a levo para fora do carro, sangro internamente até a

morte porque estou começando a ver que os ferimentos de Bailey são muito mais do que superficiais.

Ela foi magoada e traída por seus colegas. Usada por outros alunos. Pressionada por sua família, seus amigos.

Seus problemas não são uma fase. São distrações.

E a menos que ela os trate... eles a destruirão.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Bailey

A mão de Lev está suada e áspera contra minha palma enquanto me leva até nossa enorme cama de lona, ainda sem camisa.

Ele nem percebe que a limpei. Venho aqui desde que meus pais afrouxaram minha coleira.

Alimentando nossas pombas, cuidando do nosso cantinho do mundo, mas está escuro e estamos desesperados. O mundo inteiro poderia pegar fogo e provavelmente nem perceberíamos.

Meu coração está batendo forte em meus ouvidos. Estou feliz por não ter contado a ele toda a história. Como perdi muito mais do que minha virgindade com Payden – perdi também minha confiança nos homens.

— Ei você. Olhos em mim. Lembre-se de onde está. — Lev me tira da espessa névoa de miséria que me rodeia, apertando minha mão. Entrelaça os dedos nos meus e brinca com eles. — Vamos reescrever nosso passado, Bailey.

Ele pega o telefone e começa a mexer em seu aplicativo de música.

— O que está fazendo? — Pergunto.

— Sempre quis dançar essa música com você. — Ele joga o telefone na lona e abre os braços para que eu entre neles. E eu entro enquanto *It Ends Tonight* do All-American Rejects soa em seu telefone.

A música é tão final, tão triste, que tento não interpretar isso, mas é difícil não o fazer. Lágrimas pinicam meus olhos. Não quero que acabemos, mas também não sei como nos salvar. Descanso minha cabeça em seu ombro e fecho os olhos, me perdendo na letra.

Nossos corações estão pressionados juntos. Nossas almas se

entrelaçam perfeitamente, como rabos de dois gatos.

Estou feliz por estar sóbria para estar presente o suficiente neste momento. Quando a música termina, espero mais alguns segundos, apenas parada ali, e Lev me dá esse tempo para organizar meus pensamentos.

Finalmente, ele fala. — Não precisamos fazer nada que não...

Pressionando meu dedo contra seus lábios, balanço minha cabeça. — Nunca quis nada na minha vida como quero isso.

— É a verdadeira Bailey? — Ele ofega. — Aquela por quem me apaixonei?

Inclino minha cabeça em meio a um aceno de cabeça. — Sou, Lev. Eu prometo.

Ele me abaixa até a lona, que está úmida de orvalho, e beija cada centímetro do meu corpo. Cada hematoma. Cada mancha. Cada mancha de beleza e lágrima. Começa na minha testa e desce. Meus seios. Meu estômago, então abaixa ainda mais, até o lugar entre minhas pernas.

Ele me adora e, neste momento, eu deixo. Deixo de lado minha necessidade constante de agradar. Paro de dar e começo a tomar. Digo a ele o que quero, onde quero e em que ritmo. Primeiro, ele me beija ainda vestida e depois me despe, item após item, murmurando na minha pele: “É tão linda” e “Não me canso de você” e “Você é isso, Bails. Meu começo, meu meio e meu fim.”

Cada centímetro da minha pele fica arrepiada. Sua cabeça está entre minhas coxas, seus polegares separando a parte interna das minhas coxas, e passa a língua ao longo do meu centro.

Estremeço toda, as unhas cravando em seus ombros. Então ele desliza dois dedos em mim, e não há como confundir o som do meu desejo enquanto empurra para dentro e para fora de mim, chupando meu clitóris.

— Lev... — Meus joelhos cederam e estou tremendo enquanto a pressão aumenta e ele desliza os dedos em mim mais rápido e mais

profundamente. — Estou gozando.

— Goze na minha língua, Dove. — Ele desliza sua língua em mim enquanto onda após onda de prazer quente bate em mim.

Depois que meus tremores diminuem, ele olha para cima, com os lábios inchados e brilhantes, o cabelo bagunçado por causa dos meus dedos que brincavam com ele. — Olá. — Ele sorri.

— Oi. — Sinto meu rubor profundo tomar conta do meu rosto. Estamos nus enquanto ele volta a me beijar. Nossa pele grudada, colada pelo suor. Estou sufocando com sentimentos, varrida pelo desejo. Então ele está em cima de mim, forte e protetor. O cara que nunca me decepcionaria.

— Não tenho camisinha — ele sussurra, rolando a coroa de seu pau sobre minha boceta. — Eu não esperava...

— Estou limpa — digo apressadamente. — E tenho um DIU para regular meus hormônios e controlar períodos potencialmente intensos, então... sabe, acho que estamos bem. — Não quero que haja barreiras entre nós. Já tivemos o suficiente disso ao longo dos anos.

Ele inclina a cabeça para o lado, me dando uma aparência sexy e encapuzada. — Porra, Dove. Sua conversa suja é incomparável.

Dou de ombros. — Acho que estou cheia de surpresas.

Seus lábios descem, reivindicando os meus em um beijo desleixado cheio de saliva e língua, e ele me pega em seus braços, unindo todas as partes de mim. O bom e o mau. O feio e o bonito. — Eu também estou limpo.

Nossos olhos se encontram e ofereço a ele um leve aceno de cabeça quase invisível. Ele fecha os olhos, respira fundo e me penetra, centímetro por centímetro. E há muitos centímetros.

Meu corpo enrijece e prendo a respiração, prazer e dor lutando dentro do meu corpo. — Deixe-me saber se devo parar. — A voz de Lev está estrangulada, seu próprio desejo mal contido.

— Você é bom. — E quero dizer isso de mais de uma maneira.

Quando Lev está dentro de mim, fico surpresa com o quanto dói. Não sou virgem, estou completamente molhada e fui tocada e fodida por ele.

Por que parece que ele acabou de inserir uma bola de tênis em mim?

— Está tudo bem? — Ele acaricia meu cabelo suavemente, seus olhos cheios de ternura e ansiedade.

Consegui o melhor, penso comigo mesmo. De todos os homens deliciosos que conheço, todos os jogadores de futebol, milionários, idiotas alfa estúpidos, de alguma forma consegui o melhor.

— Dói um pouco — admito, engasgada. — Mas a dor vinda de você é melhor do que o prazer de qualquer outra pessoa.

— Ninguém deveria causar dor a você, Dove. Muito menos uma pessoa que ama.

Ele cospe na ponta do dedo e passa o braço entre nós, massageando meu clitóris, sem ousar se mover dentro de mim. Está me deixando acostumar com o seu tamanho, chamando minha atenção para o prazer delicioso que se acumula entre minhas coxas. No início, acho que meu clitóris está muito estimulado para que eu goze de novo, mas ele mexe, provoca e massageia até que um orgasmo me percorre.

Minhas pernas se abrem e me sinto alongando, meu corpo se abrindo como uma flor para acomodá-lo. Este é o momento em que passo de uma flor de parede para uma flor silvestre. Lev começa a empurrar. Suavemente no início. Então, quando olha para mim e me vê ofegante e gemendo, após a segunda libertação, seus movimentos se tornam espasmódicos e descontrolados.

Somos uma unidade, movendo-nos em perfeita harmonia, e a alegria toma conta de mim porque nada que pareça tão bom pode ser um erro.

— Dove, não aguento mais isso. Estar dentro de você é muito bom. — Uma gota de suor cai de sua testa direto para minha boca.

Tomo-a, estremecendo com um orgasmo intenso no momento em que sinto o calor se espalhando dentro de mim, deixando-me saber que ele também gozou.

Estamos agarrados um ao outro, com força como se a tela esfarrapada abaixo de nós estivesse prestes a se rasgar, um abismo sem fim abaixo dela com um caminho direto para o inferno. Nossas testas ficam juntas. Nossa respiração forte se acalma. Ficamos assim por segundos. Depois minutos.

Nenhum de nós quer se afastar. Para quebrar o feitiço lançado neste momento. Eventualmente, me afasto. Lev é quem está sem camisa há horas, me protegendo do frio da noite, que está ficando mais frio em cima de mim.

— Devemos ir. — Meus lábios se movem sobre os dele.

— Devíamos — ele concorda, fechando os olhos. — Mas prefiro fugir com você.

— Estou cansada de fugir. Uma coisa que a faculdade não ensina é que seus problemas sempre te ultrapassam. — Eu o empurro suavemente, beijando a ponta de seu ombro quando ele rola de costas ao meu lado. — Além disso, não sei se algum dia poderemos ficar juntos, Levy. Você é piloto de caça. Sou uma mercadoria danificada.

Ele se vira para mim bruscamente, a ferocidade estrondosa de sua carranca me dizendo que ele está em completo desacordo.

Ele agarra meu queixo, inclinando-o para que eu olhe nos olhos. — Mercadorias danificadas ainda são boas. São os amassados que as tornam especiais. Isso faz delas elas. Sobreviventes. Moldadas pela sua experiência. Tenha orgulho de suas cicatrizes, Dove. Porque onde você vê dificuldades, eu vejo oportunidades. Onde vê imperfeições, vejo crescimento. Onde vê fracasso, vejo esforço. Onde vê desespero, vejo esperança. — Ele respira fundo. — Você não é apenas boa o suficiente — às vezes se sente boa demais para ser verdade.

Naquele momento, numa lona velha e suja, no meio do mato, nos braços do garoto que amo, percebo que eventualmente, no final de

tudo isso, aconteça o que acontecer, vou sobreviver.

E que, talvez, isso seja suficiente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Lev

Fato miserável nº 9.228: As pessoas têm maior probabilidade de morrer por suicídio do que por homicídio na cidade de Nova Iorque.

Olho para a tela do meu laptop, cobras deslizando sob minha pele. Estou tremendo, embora não tenha motivo para isso.

Estou usando um moletom com capuz, está uma maldita temperatura de mil graus lá fora e tenho oitenta e oito quilos de puro músculo. Ainda assim, minhas entranhas estão revirando do avesso. Porque não consigo clicar naquele pequeno botão azul. Aquele que enviaria minha inscrição para a Air Force Academy.

INSCREVER-SE

É o dia do prazo final. Minha última chance. Preenchi-o cuidadosamente, carreguei todas as minhas coisas – SAT, notas, currículo – tudo o que preciso fazer é clicar em enviar. Então por que não posso?

Foi o encontro de ontem à noite com Bailey que me deu forças para sequer pensar que conseguiria fazer isso. Ela foi forte, resiliente, aberta e esperançosa. É uma verdadeira lutadora – e quem sabe? Talvez eu também.

Clique no botão inscrever-se.

— Deveria fazer isso — uma voz feminina me encoraja nas minhas costas, e quase bati na porra do teto pulando da cadeira.

Estou na cozinha. Papai está na casa do tio Vicious, então achei que teria algumas horas para mim.

Claro, Dixie está aqui. Dixie está sempre aqui, em uma bandeja de

prata, caso papai mude de ideia sobre ter seu pau chupado. Certo. Isso não é justo. Ela é gente boa. Só queria que ela parasse com a tendência recente de enfiar o nariz nos meus negócios.

Minimizo o navegador, lançando a ela um olhar de soslaio. — Não faço ideia do que está falando.

— O prazo. — Ela tira aquele hidratante em forma de ovo da bolsa e passa-o nos lábios. — Não é em breve?

— Hoje — resmungo. Acho que ela já viu o site. Não adianta ser tímido.

— Você perderá se não se inscrever agora. — A Capitã Óbvia passa pela porta e vai até a mesa da cozinha, e é quando vejo que ela tem uma bandeja com duas xícaras de café daquela padaria incrível na mesma rua.

Ela desliza uma para mim do outro lado da mesa. — Três doses, duas colheres de açúcares. Acertei?

— Sim. — Levo o café aos lábios e tomo um gole, franzindo a testa com desconfiança para ela. Por que ela sabe meu pedido de café? — Tem uma parede maluca com minhas impressões digitais, amostra de saliva e imagens de vigilância minhas em seu escritório? — Semicerro os olhos.

Ela balança a cabeça. — Não, não. — Então, depois de uma pausa. — Eu guardo em casa. Não sou uma amadora.

Eu forço uma risada.

— Você é irmão de Knight, e qualquer pessoa que seja importante para ele é importante para mim — explica ela.

— Vejo que chegamos à parte brega do discurso *Hallmark* desta visita. — Eu me recosto na cadeira.

Eu realmente deveria parar de ser um babaca para ela. Não é problema dela que tenho problemas não resolvidos de mamãe, causados pela ansiedade em relação a minha melhor amiga.

— Vou encerrar isso rapidamente. — Dixie tamborila com as

unhas cor de vinho sobre a mesa, sorrindo abertamente. — Como eu disse, deveria fazer isso. Seu pai entenderá.

— Como diabos vai — bufo. — Você mesmo o ouviu. Ele disse...

— Quem se importa com o que ele disse? — Ela interrompe, me surpreendendo profundamente.

— Hum... você? — Eu sorrio provocativamente.

— A vida é sua, não a dele. Você quem terá que arcar com as consequências. Acredite em mim quando digo que o fardo de suas decisões sempre recairá diretamente sobre seus ombros, e de mais ninguém. Eu deveria saber. Desisti do meu filho e todos os dias a dor de perder momentos com ele me persegue.

— Ultimamente não tem sido apenas sobre papai e Knight. — Eu lambo meus lábios.

É bom conversar sobre isso com alguém. Dixie inclina o queixo para baixo, me estudando.

Ela é discretamente gostosa. Realmente não entendo qual é o problema do papai.

— Diga-me por que — ela diz.

— Primeiro, há Bailey. Tenho que ficar de olho nela. Até que esteja internada em um centro de reabilitação, não posso simplesmente desaparecer sabendo que ela ainda está usando.

— Ajudar alguém – mesmo a pessoa que mais ama – nunca deveria ter o preço de arruinar sua própria vida — ela diz simplesmente. — Se você está começando a pensar em maneiras de sabotar seus próprios sonhos para manter o dela possível, está indo na direção errada para ambos. Se Bailey estivesse realmente pronta para receber ajudar, sei que ela estaria disponível para ela.

Todas as coisas que diz fazem sentido, mas ela não tem o contexto completo. Bailey fez todos esses sacrifícios por mim quando eu mais precisei dela.

— Estou preocupado que alguém possa sabotar seus esforços.

Alguém como... — Tomo um grande gole de café. — Thalia.

— Por que ela faria isso? — Dixie faz uma careta.

— Ela meio que ameaçou fazer isso se eu não ficar com ela. Não tenho certeza de qual é o resultado final do jogo.

A sala fica em silêncio. O único som audível são as batidas do meu coração enquanto o filho da puta tenta abrir caminho através de minhas costelas e pele e correr para um país sem extradição para assumir uma nova identidade.

Dixie balança a cabeça lentamente. — Sei exatamente por que Thalia quer ficar com você. É muito interessante para perder, mas voltando ao nosso tópico original. — Ela se inclina sobre a mesa, batendo o dedo na borda da tela do meu laptop. — Tudo o que me deu foram problemas potenciais. Não são obstáculos reais. É agora ou nunca. Escolha agora ou se arrependa para sempre.

Olho para ela sem expressão. — Você precisa parar de soar como um filme ruim da Hallmark.

— É mais forte do que eu. São tão saudáveis. Principalmente os de feriados. — Sua risada flutua pela sala como um raio de sol quente. Ela se levanta. — Se precisar conversar, sabe onde me encontrar. Pegarei as chaves da Ferrari 1964 do seu pai.

— Você o quê? — Vocifero.

Tenho tentado colocar as mãos naquele bebezinho desde que tirei minha carteira de motorista.

Ela dá de ombros. — Ele disse que eu poderia pegar emprestado para uma visita pública de um casa no valor de trinta e quatro milhões. A garagem fica no telhado, então ficará super legal.

— Ele está *emprestando* Fifi para você? — Estou surpreso que meus olhos não estejam rolando no chão.

Cacete. Papai nem deixa Knight e eu tocarmos em Fifi. Segundo a lenda, ele e mamãe costumavam fazer sexo louco e sujo lá (obrigado, Daria, sua réptil nojenta), e não temos permissão para contaminá-lo.

Papai quase não a usa, a não ser dar uma volta no quarteirão para mantê-la funcionando.

— Não percebi que ele é tão chicoteado. — Eu rio sozinho.

— Não é desse jeito. — Dixie dá sua melhor versão de uma beterraba. Ela realmente toca sua bochecha em chamas, suprimindo um sorriso.

— Não pode ser de outra maneira. Ele nem me deixou limpar a poeira do interior. Fifi é sagrada para ele.

— Ele só quer que eu venda a casa para receber a comissão. Há um lugar que estou de olho e posso usar o bônus como entrada.

— Por que não pede um empréstimo a ele? — Franzo a testa.

Sua expressão escurece. — Eu nunca faria isso. Já é ruim o suficiente eu gostar de sair de férias com vocês em jatos particulares e em mansões chiques.

Ela é muito modesta para seu próprio bem. Dixie faz muita merda por esta família. Não é uma aproveitadora.

Levanto-me e pego as chaves do carro. — Tudo bem. Estou indo para a casa de Thalia. Talvez se eu a emboscar, possa deixar claro que não sou alguém que pode ser chantageado.

— Tão romântico — Dixie murmura. — Ei, ainda não apertou o botão de inscrição!

Finjo não a ouvir enquanto saio pela porta.

Meu futuro pode esperar.

Preciso estar presente para Bailey.

CAPÍTULO TRINTA

Lev

— Acorde, bela adormecida. Dormiu até tarde. — Meu pai coloca uma bandeja com café da manhã na minha mesa de cabeceira. Cerro os punhos e esfrego os olhos.

— Parecia um pouco indisposto ontem, então deixei você dormir, mesmo que tivesse treino esta manhã.

Putá merda. Ele me deixou faltar ao treino? Geralmente fica atrás de mim se eu acordo depois das seis da tarde nos dias de treino.

— Obrigado — digo gravemente.

Papai fica a porta, olhando para mim por trás do ombro, como se quisesse dizer alguma coisa.

— Pai, estou nu. — Aponto para meu edredom, arqueando uma sobrancelha.

— Então? — Ele arqueia uma sobrancelha. — Nada que eu não tenha visto, sabe.

— Não depois que deixei crescer pelos pubianos, não viu. Por favor, sai do meu espaço pessoal.

— Quer conversar sobre alguma coisa? — Ele insiste.

Dando-lhe um olhar vazio, respondo — Como o quê?

— Futebol? Faculdade? — Ele pergunta ansiosamente, mas não precisa ficar nem um pouco ansioso.

Estraguei minha única chance de felicidade. — Quer me mostrar aquele estimulador de aviação lá em cima?

— Simulador — corrijo. — E não. — Só depois que ele sai é que me permito pegar um travesseiro, pressioná-lo contra o rosto e soltar um grito.

Perdi meu prazo.

O sonho se foi. A Air Force Academy é um fracasso. Nunca me senti tão vazio em minha vida e estou começando a entender Bailey por fazer de tudo para perseguir seu sonho.

Dezoito malditos anos de amor, devoção, foco total e um hobby com jato RC que me fez gastar todo o meu dinheiro desde os três anos de idade – pelo maldito ralo.

Quando eu tinha cinco anos, um amigo da faculdade do meu pai veio nos visitar. Ele pilotava um caça a jato e tinha todos esses vídeos em seu telefone. As acrobacias e manobras de cair o queixo. Era super legal, super tranquilo, super... não sei, contente.

No final da sua visita – que durou quatro dias, durante os quais o importunava com mil perguntas por dia – ele pediu ao meu pai que me inscrevesse em todos aqueles canais do YouTube onde eu pudesse aprender mais sobre aviação. Deixou-me também seus óculos de aviador.

Desde então, sou viciado.

Estou tão destruído que nem me preocupo em ficar com raiva de Thalia por me evitar quando bati na porta dela ontem. Ela estava lá. Eu a vi se abaixando e correndo para uma sala interna pela janela.

Ela parecia uma bagunça, e estou começando a pensar que há mais em seu comportamento estranho do que ela deixa transparecer.

Eu me arrasto para a escola. A única coisa que me mantém de pé é a lembrança da noite de sábado.

Chego no final do treino de futebol, quando o treinador Taylor reúne todos em um círculo.

Ele abaixa o boné de beisebol. — Tenho um anúncio importante para vocês.

— Ballsy fará uma cirurgia para encolher suas bolas? — Finn grita. — Ele está doando o resto para a Associação de Produtores de Nozes?

— É um problema médico! — Todd chuta a grama, os punhos cerrados.

Grim me vê pelo canto do olho e aponta o queixo na minha direção. — Olha só. A Bela Adormecida acordou.

O treinador se vira, fixando-me com um olhar gelado antes de voltar para sua prancheta. — Como eu disse, tenho um anúncio. Há muito tempo que está chegando.

Felizmente, ninguém faz piada sobre orgasmo. Estou ao lado de Grim. Ele me ignora.

Ele está prestes a ter sua pequena dança da vitória, no entanto. Sei por que mesmo não estando aqui para a contagem quando reelegeram o capitão, sei que ele me aniquilou em votos.

— Nas últimas semanas, demonstramos resiliência, excelência e longevidade como equipe. Nosso jogo é bom, mas nossa moral é fraca. Para tornar esta equipe invencível, decidi que a democracia não é a melhor opção.

Todo mundo me olha, mudando de posição desconfortavelmente. Treinador continua. — Lev Cole teve um desempenho superior em campo como jogador. Como capitão, no entanto, ele não demonstrou entusiasmo e marcou menos dez em comprometimento.

Se esta é a parte em que devo ficar ofendido, ele erra o alvo em alguns estados.

— Ele e eu concordamos que precisamos de alguém com chuteiras no chão, que chegue dez minutos antes para cada treino e fique na prorrogação depois. Alguém que dedicará um tempo para conversar com cada jogador individualmente, oferecer incentivo e orientação. Alguém que não tenha jogadores que pareçam ter entrado em uma briga com uma retroescavadeira sob sua supervisão.

Os olhos de Taylor pousam em Austin, que ainda parece um idiota de cara amassada.

— A retroescavadeira estava prestes a falhar — Austin murmura. — Mas alguém teve um ataque de raiva. Não citando nomes nem

nada.

— Ele merecia levar um chute na bunda — digo, cruzando os braços sobre o peito.

— O problema é que foi o rosto dele que você destruiu. — O treinador Taylor suspira.

— Meu erro. Parecem iguais.

O técnico Taylor finge que não ouviu isso e bate a prancheta no peito do assistente. — Resumindo, reelegemos o capitão, e a pessoa que escolheram é Grim Kwon. Ele obteve a maioria dos votos, por isso, confio que vocês ficarão felizes com a decisão. Parabéns, amigo, nem teve competição.

Continue esfregando, cara de bunda.

Grim enrijece. Seu pomo de adão rola antes que sua boca se abra em um sorriso hesitante.

É a primeira vez que o vejo sorrir com dentes. Ou emoções. Antes de hoje, não tinha certeza se ele as tinha.

— Puta merda, treinador. Está falando sério? — Suas orelhas escurecem com um rubor.

— Não, estou brincando. Esta é a minha cara sorridente — diz o treinador Taylor categoricamente.

Todos se viram para olhar para mim, como se pedissem permissão para comemorar. Por isso puxo Grim para um abraço, bagunçando seu cabelo. — Venha aqui, filho da puta. Parabéns.

— Fique longe de mim — ele sussurra em meu ouvido, me empurrando. — Está um dia atrasado e com um dólar a menos. Mantive meu sonho como refém por três anos só porque não teve coragem de perseguir o seu. Se é assim que trata seu melhor amigo, não quero saber como trata seus inimigos.

Ele bate o ombro no meu, seguindo em frente. A equipe se reúne para bater palmas no ombro de Grim e aplaudi-lo. Estou prestes a lembrá-lo de que futebol não é uma maldita competição de gentileza –

que fui escolhido porque era melhor – mas então a vejo pelo canto do olho. Um corpo ágil vestido com o uniforme de ginástica do time do colégio correndo do estacionamento em direção ao ginásio.

Thalia.

Nunca corri tão rápido na minha vida. Estou praticamente pairando no chão antes de chegar até ela. Ela percebe que estou chegando. O pânico estraga seu rosto.

Pego a bainha da sua jaqueta, puxo-a para trás e prendo-a contra a parede. Está presa entre meus braços, parecendo um animal encurralado.

Inclinando-me para frente, mostro meus dentes para ela. — Desculpe, querida. Se lançar uma bomba, espere algumas baixas. Você me deve algumas respostas. E estou prestes a obtê-las agora.

* * *

— Na verdade, ia ligar para você. — Thalia está em cima de mim como uma erupção cutânea desagradável depois de uma ligação obscura.

Suas mãos estão no meu peito e ela franze os lábios, esperando por um beijo que não virá. É como se ela tivesse dado um giro de 360 graus assim que a alcancei.

Eu a criticaria por causa de suas besteiras, mas tenho questões mais urgentes para resolver, então agradeço sua cooperação, em certo nível.

— O que está acontecendo? — Exijo, tirando a sua mão da minha bochecha.

— O que quer dizer, Levy, baby? — Ela pisca para mim inocentemente.

— Quero dizer, sobre a ameaça que fez contra Bailey — sibilo, acrescentando — Quero dizer, está insinuando que se eu oficializar

esse rompimento, vai machucar minha melhor amiga. Não aceito ameaças. Na verdade, meu objetivo é destruir as pessoas que as produzem.

— Ah, de novo com sua preciosa Bailey — ela sussurra de volta, e aí está.

A dor que ela prometeu que não seria capaz de lhe infligir. Por todo o rosto, como cicatrizes.

— Diga-me o que está acontecendo. — Não vacilo. — De onde vem essa merda? Por que não quer terminar?

Ela fecha boca. Olha para o chão. — Oh, seu grande idiota! — Revira os olhos cheios de lágrimas para o céu, balançando a cabeça. — Nunca quis terminar com você. Sempre estive nisso a longo prazo, esperando que você acordasse e percebesse como somos bons juntos.

Meu queixo se contrai e ela avança, jogando a cabeça para trás. — Lembra da bolsa de estudos de que lhe falei? Aquela que me foi dada?

— Sim? — Pergunto.

Ela balança a cabeça. — Bem, desapareceu. Tipo, não está acontecendo mais. Retiraram a oferta. Desonestidade acadêmica. — Abaixa a cabeça para que eu não possa ver seu rosto, e algo em mim imediatamente vai até ela, e coloco a mão em seu ombro.

— Merda, T. Sinto muito.

O ombro que estou segurando está tremendo enquanto ela continua — Houve uma discrepância entre as notas que dei a eles e as que a All Saints High enviou. Está acabado. Não vou para nenhuma faculdade. E... e... precisava de um plano B. E acho que era você.

Mesmo que eu ainda esteja com raiva dela, não posso deixar de entender de onde vem.

Ela não tem meios para conseguir o futuro que deseja. Pressiono minha testa contra a dela, balançando a cabeça. — Deveria ter dito alguma coisa. Eu poderia tê-la ajudado. Ainda poderíamos fazer o

trabalho escolar. Você ainda pode se inscrever...

Percebo que seu olhar subitamente feliz está vagando por trás do meu ombro, então viro a cabeça para ver o que chamou sua atenção.

Do outro lado da rua, vejo Bailey parada ao lado de seu carro surrado. Está olhando para nós e eu sei como parece. *Porraaaaa.*

E agora reconheço a verdade pelo que ela é.

Thalia pode ter perdido a bolsa de estudos, mas também perdeu a porra do enredo. Isto foi uma armadilha, concebida para mostrar ao Bailey que ainda somos um casal.

Thalia ligou para ela aqui. Esperava por ela. Programou sua chegada para quando o treino de futebol terminasse. Nem tem prática agora.

O ginásio está fechado. E parecemos íntimos, próximos, nos tocando, tendo uma conversa emocionante.

Viro minha cabeça para Thalia porque preciso terminar essa bagunça com ela antes de apagar o fogo que começou com Bailey. — Jesus Cristo, você é vil.

Posso ver o momento em que ela pensa em negar o que é óbvio e tentar se justificar. Escolhe o último.

— Ela não é certa para você, Lev. Merece muito melhor. Ela é um peso morto! — Thalia agarra as lapelas da minha jaqueta do time do colégio e se agarra a ela como uma tábua de salvação.

Eu a afasto. — Só está confuso porque cresceram juntos. Você e eu... somos ambos atletas de ponta.

— E isso é importante por quê?

— Queremos as mesmas coisas.

— Não. Quero a ela.

— Ela é uma viciada! — Thalia se irrita, e é aí que perco o resto da minha maldita paciência com ela.

— Melhor uma viciada do que uma perdedora. Não é como se

você tivesse tudo sob controle. Bailey é uma boa pessoa em uma situação ruim. Você, por outro lado, é uma ameaça para a sociedade e um desperdício de oxigênio, estou surpreso que o governo não tenha declarado um maldito problema de aquecimento global — cuspo, perdendo a calma. — Não tente se comparar a ela. Você sempre ficará alguém.

Thalia se força a sorrir, mesmo que ela provavelmente não adoraria nada além de me dar um tapa.

— Nunca entenderá um sobrevivente – uma pessoa que luta pela sua existência. Seus instintos são muito estúpidos, Lev Cole. — Ela lambe os lábios, fixando aqueles olhos azuis vazios e genéricos no meu rosto.

Como eu poderia compará-los com a tranquilidade e a solidão que emanavam do azul ártico de Dove?

— Pode ter um abdômen trincado, mas para todos os efeitos, é um gato gordo. Satisfeito, contente, mimado. — É incrível o quanto ela não me conhece. Minha jornada. Minhas lutas, mas talvez isso não seja sua culpa. Nunca a deixei entrar. Thalia faz um beicinho sedutor, passando uma unha bem cuidada sobre meu peito. — Mas ainda lhe darei uma chance de mudar de ideia, porque você tem todo o poder aqui, e ainda acho que o que temos pode ser recuperado. A oferta ainda vale, mas não por muito tempo, Lev. Ligue-me quando tiver uma pista. — Ela joga o cabelo por cima do ombro.

Virando-me, estou prestes a ir até Bailey e explicar tudo, mas quando faço o movimento, ela já se foi.

O seu carro sumiu. Ela saiu antes de testemunhar essa luta.

Ela provavelmente pensa que Thalia e eu estamos juntos, e para uma viciada tentando permanecer no caminho certo, isso é um grande problema.

Matar aula não é nem uma questão de se, mas de quão rápido posso correr até o carro.

Demoro dez minutos para chegar em casa - cinco a menos do que normalmente levo quando evito mijar em todas as regras de trânsito existentes - e entro na casa dela, ofegante.

Corro até o seu quarto e está vazio. Vasculho a casa em busca de algum sinal dela, então percebo que a cadeira de balanço do lado de fora está se movendo ritmicamente para cima e para baixo. *Bingo*.

Abrindo as portas da varanda, começo — Bails, posso explicar...

— Por favor, não — responde Jaime laconicamente, no momento em que dou a volta na cadeira de frente para a piscina e percebo que é ele quem a ocupa.

Ele está segurando uma limonada rosa efervescente e um exemplar da *The Economist*, com óculos de sol. — Meus dias de drama adolescente já se foram – do jeito que eu gosto.

Endireitando-me e tentando parecer alguém que um dia ele possa considerar seu genro, digo — Oi, Sr. F. Viu a Bailey?

— Eu vi, muitas vezes, mas não nas últimas horas. Ela está deixando algumas de suas roupas velhas na Goodwill. Pode esperar por ela aqui.

— Voltarei em uma hora — murmuro.

Jaime levanta os olhos do jornal, sorrindo. — Se você diz.

— O que diabos isso quer dizer?
— Digo.

— Cuidado com esse tom, garoto Levy.

— Qual é o problema?

— O problema é que há o dizer e depois o fazer. Por exemplo, se está dizendo, diga a todos que estão perto de você o quanto quer ir para a Air Force Academy, mas na prática continue jogando bola para apaziguar seu pai, mesmo que fosse matá-lo saber que ele cortou suas

asas desse jeito, sua palavra não vale muito. Está me entendendo?

Jaime sempre foi como um segundo pai para mim – veio com o território de ser tão próximo de Bails – então isso é profundo.

— Meu pai não...

— Ah, ele quer. Bailey conversou com ele — diz Jaime. Porra. Foi por isso que ele me questionou esta manhã sobre faculdades. Interpretei tudo errado.

Além disso: Bailey me defendeu?

Puta. Merda. Não admira que eu queira todos os seus segundos.

— Ele era tão contra isso — digo, quase inaudível.

— Sim, bem, minha filha tem um talento especial para persuadir as pessoas a fazerem coisas.

Isso é verdade. Bailey é a melhor. Fez papai ver a razão, mas como?

— Este bairro é muito pequeno e intrometido — murmuro, virando-me e marchando em direção à minha casa.

Sua risada ressoa em meus ouvidos até a porta. — A juventude é desperdiçada nos jovens, amigo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Lev

Fato miserável nº 15: Em uma versão do código telegráfico⁸⁰, “LOL” significa perda de vidas.

Olhando a hora no meu telefone, decido dirigir até Goodwill.

Provavelmente ainda consigo pegar Bailey, mas quando chego lá, ela não está por perto.

Vou a todas as lojas de caridade do centro da cidade e envio mensagens de texto para ela sempre que não estou dirigindo, antes que a noite chegue.

Melhor ir para casa, tomar um banho, ficar apresentável e continuar rastejando mais tarde.

Quando empurro a porta da minha casa, o som de risadas vem da cozinha.

Mal entro quando vejo papai parado na minha frente, parecendo um fantasma de si mesmo. Olhos arregalados e distraídos.

— Ei, amigo. Saindo agora. Ligue se precisar de alguma coisa. — Ele passa por mim e desaparece dentro do carro, como um ladrão no meio de um assalto.

Que merda é essa? Papai nunca sai sem parar por alguns minutos para conversar (leia-se: interrogatório sobre futebol e como foi meu dia). Mal consigo me recuperar do choque quando entro e encontro algo ainda mais perturbador: Dixie sentada à mesa da sala de jantar, de costas para mim, o rosto coberto com as mãos.

Ela não está rindo, como pensei inicialmente quando entrei. Está chorando.

A cena se desenrola na minha frente e percebo onde acabei de

entrar. A mesa está repleta de comida caseira. Visto que não é uma omelete queimada ou em uma embalagem de restaurante, tenho quase certeza de que foi Dixie quem fez.

Há velas acesas no meio da mesa. Uma música de elevador suave e antiga tocando ao fundo. Perfeito para sexo chato e missionário.

Dixie está usando um vestido vermelho justo e seu cabelo parece uma espécie de sobremesa chique.

Merda, este foi um jantar de sedução. Ou deveria ser um antes de papai sair daqui como a Julia Roberts em... bem, qualquer filme dos anos 90 que eu possa imaginar.

Putá merda. Dixie decidiu arriscar tudo e, em troca, papai partiu seu coração.

E eu simplesmente entrei em toda essa bagunça.

Honestamente, deveria entrar com um pedido de ordem de restrição contra minha sorte hoje. Estou prestes a intervir e oferecer algum tipo de conforto, mas então a ouço falando.

— Eu tentei, Brooke.

Da última vez que verifiquei, meu nome não era Brooke, então presumo que ela esteja ao telefone.

Inclino a cabeça para o lado e percebo que uma das suas mãos está presa à orelha, com o telefone enfiado. — Eu dei tudo que tenho. Tudo. O jantar. O vestido sexy. O discurso.

Agora estou dividido entre sair daqui na ponta dos pés, me fazer presente ou continuar a assistir esse trem descarrilhando não para fora dos trilhos, mas sim se jogando de um penhasco.

— Disse a ele que o amava. Ele disse que só me vê como uma amiga. Não posso mais fazer isso. Tenho que seguir em frente. Se eu quiser ter um filho – e Deus, não há nada que eu queira mais do que ter um filho – tenho que desistir. Estou cortando isso do jeito que está. Se eu quiser engravidar, precisa ser este ano.

Dixie quer que papai seja pai do seu bebê. Isso significa que papai

teria um filho mais novo que o neto. Que eu teria outro irmão. Porém, a julgar pela expressão de horror em seu rosto quando cheguei, enviar convites para chá de bebê seja prematuro. Sabe, como um eufemismo.

Meu telefone toca com uma mensagem e acaba com meu disfarce.

Dixie vira a cabeça, abrindo a boca de surpresa. — Hum, te ligo mais tarde, Brooke.

Ela desliga e se levanta rapidamente. Verifico a mensagem de texto, caso seja Bailey. Mesmo sabendo que hoje é um dia lixo demais para dar qualquer tipo de boa notícia.

Thalia: Já resolveu tudo com sua namoradinha?

Meu olhar volta para Dixie e levanto a mão. — Tudo bem. Eu... — *Não ouviu nada?* Besteira. Ela sabe que estive aqui durante toda a conversa.

Então, em vez disso, digo — Sei como é. Sou o presidente do Clube do Amor Não Correspondido, lembra?

Dixie funga freneticamente, ocupando as mãos reunindo as deliciosas tigelas de comida.

— Desculpe! Limparei aqui e sairei do seu caminho.

— Não. Pode ficar e comer. — Que porra estou dizendo? Por que ela iria querer ficar sentada aqui e roer a decepção e o desgosto na casa do homem que acabou de negá-la?

Ela inspira. — Sei que você não gosta de mim...

Espere um minuto – o quê? — Ei, isso não é verdade. — Faço uma careta. — Eu gosto muito de você.

— Não te culpo. Sei que posso ser chata pela maneira como me intrometo na sua vida...

— Sim é. Papai também. E Bailey. Knight. Jaime. Vaughn. Grim. E praticamente todo mundo que se importa comigo. Eu ainda os amo. Olha, quem se importa com o que digo? Sou um adolescente mal-humorado. Não sabemos merda nenhuma. É seu trabalho nos civilizar.

Ela funga, ri e chora ao mesmo tempo. Há muita coisa acontecendo no rosto dela. — Bem... se você estiver com fome...

— Estou sempre com fome. Deixe-me ligar para Knight. Aposto que ele também está com fome.

Uma expressão de puro horror cruza seu rosto. Uma coisa é eu saber que ela está atrás do papai, mas ela não tem certeza de como Knight reagirá a isso.

Dou um passo em sua direção, tocando seu cotovelo. — Knight sabe que você está apaixonada pelo papai.

— Como? — Seus olhos avermelhados brilham em alarme. — Contou a ele?

— Hum, não. — Dou uma olhada nela. — Você não é muito discreta sobre isso. Quero dizer, olha para ele como se ele tivesse encontrado a cura para a burrice.

— Ele provavelmente poderia. Por sua mãe. — Uma pontada de decepção toca seu tom.

Eu sorrio com tristeza. — Provavelmente, sim, mas como ela não está mais aqui...

Ela olha para cima, parecendo infeliz e esperançosa ao mesmo tempo.

Eu sorrio. — É hora do plano D.

* * *

Duas horas depois, Dixie se foi.

Knight e eu a abraçamos e a confortamos e dissemos que ela é bonita.

Agora meu irmão e eu estamos sentados na segunda sala de estar, bebendo cervejas (a de Knight não tem álcool), discutindo sobre quem era mais gostosa, Yasmine Bleeth⁸¹ ou Tiffani Thiessen⁸² (ficaria

surpreso ao saber que não são, na verdade, a mesma garota).

A porta da frente se fecha e papai entra na sala, parecendo ter corrido uma maldita maratona em seu Armani de três peças. Resumindo, moro com uma família extremamente normal, como pode ver.

— Foi correr com seu traje de trabalho? — Knight bufa em sua garrafa de cerveja.

— Sim — papai responde com naturalidade, caindo em uma poltrona reclinável e tirando o cabelo molhado da testa. — Sim, fui.

— Ótimo! — Knight diz alegremente. — Isso não é nada estranho.

— Precisamos conversar. — Coloquei minha bebida na mesa.

Papai olha entre nós, carrancudo. — Por que tenho a sensação de que estou prestes a ser castigado por duas pessoas cujos cartões de crédito pago a conta?

— Porque vai — digo ao mesmo tempo que Knight balança o dedo.

— Agora, isso é uma notícia falsa, pai. Sou financeiramente independente.

— Só porque há um outdoor seu em uma tanga na Times Square, mostrando uma impressão em alta definição de sua ereção — lembro ao meu irmão mais velho.

— Por favor. — Knight joga a cabeça para trás, rindo gravemente. — Aquilo era uma meia bomba, no máximo.

Papai se vira para Knight. — Terminou de lambar suas próprias bolas?

Knight suspira sonhadoramente. — Desejaria. Não importa quantas aulas de ioga frequente com Luna, nunca consigo chegar lá. Pode imaginar a liberdade de fazer isso? Infinitas possibilidades. E Luna também poderia dormir.

Como pode ver, soltar informação de mais é de família.

Papai estala os dedos na nossa frente agora, ficando cada vez mais agitado. — Foco. Alguém me explicará por que isso parece uma intervenção?

Viro-me para olhar para Knight. Talvez ele devesse começar esse tópico, já que é mais próximo de Dixie.

— Está sendo uma merda com minha mãe. — Knight lança a ele um olhar sensato e mortalmente sério.

Tudo bem. Talvez não.

— Cuidado com a boca, filho. — A expressão do meu pai sangra de raiva agora. Ele não está mais confuso – está chateado. — Dei à sua mãe tudo o que eu tinha. Sacrifiquei...

Knight o interrompe — Não, mamãe, mãe. Minha mãe biológica.

Papai olha para ele como se ele fosse louco. — O quê?

— Ouvi Dixie falando ao telefone depois que você fugiu. — Eu me inclino para frente no meu assento.

— Eu não fu...

— Nem mesmo, pai. — Knight levanta as palmas das mãos, balançando a cabeça. — Você parece o meme do cara da maratona ridiculamente fotogênico. Sem a luz interior. Desde que mamãe morreu, tem uma aura de cimento seco.

— Em, obrigado. — Papai estreita os olhos para ele.

— Olha. — Suspiro. — Ela está apaixonada por você. Não é preciso ser um gênio para ver isso. Ela quer ter um filho e tem... o quê? Quarenta e dois? Quarenta e quatro?

— Trinta e oito. — Papai se contorce na cadeira como um estudante em apuros. — Ela ainda tem tempo.

— Sim, mas você parece ser um especialista em fazê-la desperdiçá-lo na sua bunda. — Knight se levanta, caminhando até papai. Papai fica de pé. Estão quase cara a cara agora. Isso parece muito conflituoso, e percebo que Knight gosta muito de Dixie.

Talvez até a ame. E que também gosta. À sua maneira nada romântica.

Knight levanta a mão. Papai não recua.

Respiro fundo, mas Knight apenas limpa os fiapos da jaqueta do papai. — Não seja um idiota, pai. — Sua voz sai suave e calma. — Ela quer o seu feliz para sempre, enquanto você nem tem certeza se poderia haver uma pós-mãe, ou se torna homem e lhe dá o que ela quer ou a deixa ir. Seja direto: ela não tem chance. Isso nunca acontecerá. Você já disse isso a ela?

A propósito, um músculo se contrai na mandíbula de papai e posso dizer que a resposta é não. Ele nunca rejeitou Dixie completamente. Apenas a manteve à distância. Knight continua.

— Não dê falsas esperanças a ela só porque é bom ter alguém para levar para jantares e galas de caridade. Ou mergulha ou sai da piscina. Mergulhar os dedos dos pés de vez em quando é prejudicial para vocês dois. Pare de desperdiçar o tempo dela. Ela passou a maior parte de sua vida fazendo isso.

Nunca vi Knight defender Dixie assim antes. É meio comovente.

De repente, estou cheio de ciúmes porque pelo menos ele ainda tem algum tipo de mãe.

Papai esfrega a ponta do queixo, olhando para o chão. — Não aceitarei nada.

É a minha vez de pular e ficar de pé. — Mamãe fez você prometer que seguiria em frente.

— Bem, ninguém está à altura — papai grita, olhando entre nós descontroladamente. Como se estivéssemos emboscando-o. É quando a ficha cai. Ele está sozinho. Sozinho em salas cheias de gente.

No trabalho, nas festas e nas férias. Sua alma gêmea se foi. Seus únicos momentos de normalidade são meus momentos de futebol.

Coisas que o ancoram ao seu passado compartilhado com a mãe. Os bons e velhos tempos.

Em vez da minha raiva habitual, fico triste por ele.

Ele nunca quis me sufocar com expectativas.

— Além disso, o que tem a ver com isso? — Os olhos do papai se estreitam. — Você deveria estar feliz por eu amar tanto sua mãe que não voltei para o namoro, pegando todas as DST flutuantes que existem por aí. — Definitivamente deveríamos acabar com as analogias da piscina.

— Amou — eu o corrijo calmamente. — Amou, pai. Mamãe se foi.

— Já se passaram quatro anos. — Os olhos de Knight estão brilhando de lágrimas. — Sentimos muita falta dela, pai. Nós sentimos, mas o seu legado foi garantir que fôssemos felizes. Realizados. Escolher a vida em vez da dor não é traí-la – é honrá-la.

— E o seu amor pela mamãe nunca foi questionado — acrescento. — Você pagou suas dívidas. Queremos vê-lo feliz. Na verdade...

Esta é à minha maneira perfeita de contar a ele sobre minhas próprias esperanças e sonhos. Como ele está atrapalhando todos eles.

A Air Force Academy não está nos meus planos para este ano, mas quem sabe? Talvez no próximo.

Knight e papai inclinam a cabeça, mirando em mim.

— O quê? — Perguntam em uníssono. Knight me dá um olhar de não se atreva.

No entanto, cansei de viver para outras pessoas.

— Na verdade, pai, o fato de você colocar todas as suas fichas de felicidade no nosso colo coloca muita pressão sobre nós. Bem, no meu colo. Eu... bem, odeio futebol.

Ele me encara, mas não diz nada. Acho que ele sabe. Acho que pode ter prestado atenção nos últimos dias.

— Desprezo isso. Como um jogo. Como conceito. Como um maldito hobby. E quero dizer... — Esfrego minha nuca. — Os britânicos estão certos. Futebol é futebol. Futebol americano é... como

handebol, acho?

— Muito cativante — Knight murmura.

Papai me encara como se eu tivesse acabado de anunciar que estou apaixonado pela pia da cozinha e que estamos correndo para Las Vegas para casar.

— Nunca gostei — contínuo. — Quer dizer, sim, no ensino fundamental e médio não foi tão ruim e uniu a família, então não me importei tanto, mas quando começou a ficar sério... bem, só continuei fazendo isso porque sabia que isso te deixava feliz. Que gostava de ir aos jogos e sonhava que um dia eu seria convocado.

A expressão em seu rosto me dá vontade de vomitar.

Ele está angustiado. Horrorizado.

— Olha. — Knight se coloca entre nós, tentando amenizar a situação com uma risada. — Nenhum dano causado, está bem? Tudo o que Lev está dizendo...

— Besteira. — Papai sai do abraço de Knight e vem em minha direção. Ele está profundamente em transe. — Está falando sério, Levy? Você realmente só jogou futebol por minha causa? Porque Bailey me disse que eu estava cortando suas asas outro dia, mas imaginei que ela estava apenas... — Ele lambe os lábios. — Exagerando.

Ela não estava. Estava certa.

Papai acreditava no que queria acreditar.

Encolho os ombros, impotente, olhando para meus pés com meias. — Eu te amo. Queria que você fosse feliz. Jogar futebol te deixava feliz.

— Porra, até onde levaria isso? — Ele passa os dedos pelos cabelos.

Penso nisso por um momento antes de ir para o meu quarto. Quando volto para a sala, papai e Knight estão exatamente onde os deixei. Entrego ao papai as cartas de aceitação presas com um elástico.

Ele as tira, examinando-as. — TCU. Michigan. Ohio State. Clemson Carolina do Sul. Puta merda...

Knight vira a cabeça para me olhar horrorizado. Eu me sinto uma fraude. E extremamente estúpido. O que Deus estava pensando ao me dar esse talento? Deveria ter dado para *Mitchell Schwartz*⁸³.

Papai amassa as cartas com a mão fechada. Há lágrimas em seus olhos.

— Se Rosie estivesse aqui, ela me mataria. O que eu fiz?

— Mamãe não está aqui, por isso seu segredo está seguro comigo.

— Dou um passo em sua direção.

Não fingirei que está tudo bem, mas também não há necessidade de ser idiota. — Na verdade, não sei sobre Knight. Ele fala muito, pode espalhar a notícia.

Inclino minha cabeça na direção do meu irmão. Nós três rimos. — O importante é que parei de perseguir os sonhos dos outros. É hora de perseguir o meu. Vou me tornar um piloto de caça.

Papai não diz uma palavra, apenas me puxa para um abraço. Aquele em que ele usa todos os seus músculos, inclusive o do peito. Um que diz sinto muito e eu te amo e consertarei isso, você verá.

Não espero que ele faça isso, mas sinto como se seis toneladas de peso morto tivessem saído das minhas costas.

Ele me aperta tão perto de seu ombro que quase corta meu suprimento de oxigênio. — Você tem minha bênção, filho.

Quando nos desconectamos, ele afasta uma lágrima desolada da minha bochecha. Nem estou envergonhado. Os meninos não choram, mas os homens sim. Os bons, pelo menos.

— Treinador sabe? — Papai passa os dedos pelo meu cabelo para arrumá-lo. Velhos hábitos são difíceis de morrer.

Concordo. — Eu me aposentei como capitão.

— Como você se sente com isso?

A pergunta me faz pensar, porque não estou acostumado a me perguntarem como me sinto em relação às coisas quando se trata de futebol. Apenas para continuar fazendo o meu melhor, para forçar mais. — Parece... certo.

Papai respira fundo. — É o fim de uma era.

— Mais como um erro — murmuro. Sorrimos um para o outro.

Ele revira os olhos. Por mais que ele apoie, ainda é muito cedo para fazer piadas sobre o *True Sport*⁸⁴.

Mesmo sua carranca mais sardônica, porém, não consegue esconder o orgulho que persiste nos cantos de sua boca. Mesmo que eu não consiga realizar o seu sonho, pelo menos finalmente mostrei que sou capaz de defender aquilo em que acredito. Talvez isso seja tudo o que ele realmente queria.

— Desculpe interromper esta performance digna de um Oscar — Knight fala lentamente, olhando entre nós.

Ficaria bravo com ele se não visse o alívio em seu rosto. — Mas podemos voltar ao assunto?

— Seu comercial de ereção? — Eu pisco.

— Tom Ford — Knight corrige. — E afirmo que foi apenas uma semi.

Papai dá um tapinha nas costas dele. — Não faz mal que ficou um pouco animado, filho.

— O que você fará com a Dixie? — Knight resmunga.

O rosto do papai cai. — Estou indeciso.

— Bem, decida na próxima semana, ou eu mesmo direi a ela para cortar toda a comunicação com você — Knight ameaça.

Eu também acredito nele. E se há alguém que possa atestar a lealdade de Dixie, é ele. — Uma semana, pai. Isso é tudo que terá.

Ele acena solenemente. Papai levanta as cartas de aceitação em suas mãos. — Podemos queimar isso no quintal?

— COMO SABIA! — Estou rindo porque é isso que tenho vontade de fazer cada vez que chega uma pelo correio.

Papai prende minha cabeça em seu braço, bagunçando meu cabelo enquanto nos leva para fora. — Queimar as porcarias é uma atividade recreativa nesta rua sem saída. Basta perguntar ao tio Vicious.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Lev

Apareço na porta de Grim na mesma noite, com um nó de nervosismo na garganta.

Ele mora em uma mansão colonial espanhola com palmeiras, uma piscina em formato de rim e tudo o mais.

Bato na sua porta. Sua mãe abre a porta em segundos, vestindo um terno Hermes completo e franzindo levemente a testa. Ela parece mortalmente séria e, novamente, lembro-me de como ele está sob tanta pressão da família para assumir os negócios da família.

— Sra. Kwon. — Eu sorrio e aceno com a cabeça. — Grim está?

Ela me dá uma rápida olhada de cima a baixo. — Por que, ele não está esperando por você?

— Não — admito. — Na verdade, não tenho certeza se ele quer me ver. É exatamente por isso que estou aqui.

— Lógica estranha. Deixe-me perguntar se ele aceita visitas. — Ela bate à porta na minha cara e não posso deixar de rir um pouco. Não admira que ele seja tão durão. Isso está em seu DNA.

De alguma forma, sei que ele me receberá. Grim não é de fugir e, mesmo que tenhamos divergências, enfrenta todos os desafios de frente.

É exatamente por isso que ele é o dono do título de capitão.

A porta se abre novamente. Desta vez, vejo Grim, vestindo um moletom No Fear e uma calça de moletom tie-dye, como se fosse os anos noventa. Ele franze a testa para mim. — Pensei ter levado o lixo para fora mais cedo.

— Irmão. — Ergo minhas palmas em sinal de rendição. — Algumas palavras?

— Na verdade, só há uma que preciso ouvir. — Ele cruza os braços sobre o peito. — E você sabe qual é.

— Desculpe. — As palavras saem da minha boca facilmente.

Sei quando estrago tudo, e definitivamente estraguei tudo com Grim. — Coloquei meu ego antes da sua felicidade, o que é uma merda de se fazer com o seu melhor amigo. Estava tão entusiasmado em ser o cara de ouro que meus princípios enferrujaram. Sabia o quanto você precisava dessa vitória para poder se libertar das garras de sua família e, ainda assim, fiz a coisa errada.

— Então por que fez isso? — Os olhos de Grim se estreitam.

Ele não me deixará escapar. Ainda não.

Inferno, ele nem me convidou para entrar. — Por que me fez passar por toda essa merda?

Solto um suspiro. — Porque eu queria fazer meu pai e meu irmão felizes. A aprovação deles significou mais para mim do que meus próprios sonhos. Ser capitão de futebol do All Saints High era uma tradição familiar e não queria quebrá-la, mas descobri que isso me destruiu. — Passo os dedos pelos cabelos, olhando para os pés. — Fiz isso para deixar outras pessoas felizes e acabei deixando todo mundo infeliz. Você e eu incluídos.

Grim chupou os dentes, considerando minhas palavras. — Sim, bem, terá que compensar isso.

Olho para cima, franzindo a testa. — Como?

— Vamos começar com você não estragando a situação com Bailey. Sabe que precisa limpar essa bagunça.

— Já estou nisso. — Concordo.

Grim revira os olhos. — Quer entrar?

— Não posso — digo. — Tenho muitos incêndios para apagar.

— Bem. — Grim sorri. — Considere o meu apagado.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Bailey

Estou esculpindo um corte em forma de pomba na pele usando uma faca de desossar que roubei da cozinha.

Se a mãe descobrir, ficará furiosa.

No entanto, ela não está aqui para me repreender. Estou no santuário do meu estúdio. Só eu e meus demônios.

O sangue escorre pela cicatriz recente na minha carne. Escolhi meu osso do quadril para esta tatuagem DIY, para mantê-la escondida de vista.

Não estou cortando apenas porque peguei Lev segurando Thalia como se ela fosse uma coisa preciosa e rara. Também estou fazendo isso porque meus ferimentos fazem meus olhos lacrimejarem de agonia.

As endorfinas anestesiavam a dor dos meus ferimentos. Além disso, a vida hoje em dia é apenas uma série de pequenas rupturas de Lev costuradas insensivelmente pela decepção.

Eu realmente poderia usar alguns analgésicos e Xanax agora mesmo para anestesiá-la toda a dor. A ansiedade obstruindo minha garganta, mas Lev se livrou de todos. Idiota.

Quando estou satisfeita com meu trabalho – a pomba parece pequena, minúscula e vermelha – jogo a faca manchada de sangue no chão.

Pego meu telefone e folheio as mensagens de Lev de ontem.

Lev: Não é o que pensa. Eu e Thalia.

Lev: Posso explicar.

Lev: Estou indo em sua direção agora.

Lev: Seu pai disse que foi na Goodwill. Olhei em volta, mas não

Lev: Desculpe. Fiquei preso em um episódio caseiro do Dr. Phil. Estou debaixo da sua janela. Jogando pedras.

Lev: TUDO BEM, JOGUANDO PEDRAS AGORA. Não me diga que não está ouvindo.

Lev: Tudo bem. Tentarei novamente amanhã. Só quero deixar uma coisa bem clara: NÃO estou com Thalia. Você é minha única. É o meu para sempre.

***Lev:* < 3**

Lev: (Este era meu coração, não meu pau. Embora é bem vinda a ambos.)

Lev: Para referência, este é o meu pau:

No entanto são quatro horas da tarde do dia seguinte e ainda não há sinal de Lev. Vim aqui horas atrás para praticar, mas estou lutando para não me importar mais. Sobre Juilliard. Sobre meu relacionamento com Lev.

Minha fome de sucesso se foi. É substituída por um vazio que só as drogas poderiam preencher.

A campainha toca. Fico onde estou, espalhada como um anjo de neve no chão, olhando para o teto.

Lev não bate. Invade – meu coração pode testemunhar.

Fecho meus olhos. Uma lágrima rola pela minha bochecha, escorregando até minha orelha.

Silenciosamente, posso admitir para mim mesma que não estou bem. Não estou melhorando. Não estou no controle das coisas. Não tenho um plano. Talvez finalmente tenha chegado ao fundo do poço. Porque agora, sinto como se estivesse em uma superfície dura e irregular.

Uma voz alegre e estridente invade meu santuário de cima.

— Olá, Sra. Followhill. Bailey está por perto? Pensei em ver como ela estava!

Thalia.

Eu me levanto e subo a escada até a sala de estar. Ela não pode vir aqui. Não tenho certeza do que está acontecendo entre ela e Lev, mas tenho certeza de que a sua versão da história não é boa para minha psique ou sobriedade no momento.

Além disso, foi ela quem me ligou ontem para ir ao All Saints High, sob o pretexto de que treinaríamos no ginásio.

Eu deveria saber que era uma armação. A retrospectiva é vinte e vinte.

Estou na metade da escada quando ouço dois pares de pés batendo na madeira.

Thalia se materializa na minha frente, mamãe atrás dela. Thalia está sorrindo como o gato que pegou o canário. Ou no meu caso, a pomba. Pela primeira vez em muito tempo, ela não se parece com a minha versão 2.0. Parece pálida, com olheiras sombreando seus olhos.

— *OhmeuDeus*, Bails! Onde estava ontem? Achei que praticaríamos juntas! — Ela bate no meu ombro, beijando minhas bochechas. Mamãe está nos estudando atentamente.

O medidor de merda dela provavelmente está tocando tão alto que está ficando surda.

— Querida, está aceitando visitas? Thalia foi muito inflexível de que você esperava por ela.

Parece que mamãe está prestes a cortar uma cadela. Falando em cortar, absolutamente não pode entrar no meu estúdio, ou verá que parece uma minicena de crime. Ugh.

— Agora não é um bom momento. — Forço um sorriso. — Eu te ligo mais tarde?

— Por que não leva Thalia escada acima? — Mamãe sugere. — Vou entrar no estúdio e pegar algumas garrafas de água vazias...

— Não! — Grito. — Não pode entrar aqui.

Os músculos do rosto de mamãe ficam rígidos. — Por que não?

Porque aparentemente, sempre que não consigo ficar chapada, desço tanto que tenho de me cortar.

— Vou jogá-las no lixo reciclável hoje. Parece errado que tenha que cuidar disso.

— Não seja boba. — Mamãe aperta meu braço. — Não é nenhum problema. Você limpou a casa inteira ontem.

Ela passa por mim, e é melhor que Thalia veja do que minha mãe. Eu tenho que impedi-la, então me vejo deixando escapar — Thalia e eu precisamos praticar lá agora.

Mamãe gira a cabeça, examinando o traje de Thalia, que é composto por saltos de cinco centímetros, uma saia que mal cobre suas partes particulares e uma camisa que meu pai gosta de chamar de camisinha.

Mamãe está prestes a discutir, mas então Thalia tira a mochila e a levanta no ar. — Tenho equipamento de treinamento na minha mochila.

— Preciso verificar se há drogas na sua bolsa — diz mamãe com naturalidade. Estou prestes a morrer de humilhação.

Thalia joga sua bolsa nas mãos de mamãe, a imagem da indiferença. — Fique à vontade, Sra. Followhill.

Ela vira a mochila de cabeça para baixo e examina cada item meticulosamente. Vasculhando livros didáticos, uma caixa de absorventes internos e uma variedade de brilho labial com sabor de frutas. Finalmente, mamãe respira fundo e balança a cabeça.

Ela volta para cima e relutantemente levo Thalia para o estúdio de balé.

Thalia fecha a porta e se inclina contra ela, um brilho perverso brilhando em seus olhos. Na verdade, não acho que ela seja má. Muito poucas pessoas são. Normalmente, as pessoas não mexem no bigode ultrafino e soltam risada de vilão quando veem os outros sofrerem.

Algumas pessoas, porém, não têm limites e muito pouco

juízo saudável, e sinto que Thalia se enquadra nessa categoria.

— O que quer? — Pego a faca ensanguentada e limpo-a com a barra da camisa.

Thalia olha em volta. — Em primeiro lugar, o que diabos aconteceu aqui? Por que há sangue no chão?

— Meu período batendo na porta — murmuro, pegando um rolo de papel toalha que guardo aqui para enxugar o suor do chão e limpá-lo. — Vou perguntar de novo – por que está aqui?

Thalia se empurra da porta. — Bem, porque ontem não treinamos como planejamos, boba! Por que saiu de repente?

— Você sabe por que eu saí. — Jogo as toalhas de papel sujas na lata de lixo. O cheiro metálico de sangue tinge o ar, fazendo minha língua formigar.

— Nem todo mundo é inteligente, boneca. Soletre para mim.

— Queria que eu te pegasse com Lev.

— Como pode me pegar com meu próprio namorado? — Ela suspira em estado de choque. Conheci livros de fantasia mais verossímeis do que essa garota. — Então, e se tivemos um momento? Não é como se tivéssemos notado você.

— Vocês ainda estão juntos? — Ofego com a pergunta.

Ela para a poucos metros de mim, me dando uma olhada. Sei que estou horrível.

De repente, me arrependo de ter perguntado a ela.

Sua expressão inocente se transforma em um sorriso encantado e chocado, e meu coração afunda ainda mais. — Ele não falou com você? Oh. Claro que estamos. — Ela ocupa o espaço entre nós, me envolvendo em um abraço. — E tudo graças a você. Sua amizade e seus conselhos me ajudaram muito.

Estou rígida em seu abraço. Meu coração batendo loucamente. Quero fazer isso parar.

A verdade sai da minha boca como uma ferida aberta. — Fiz sexo com ele no sábado.

Agora é a vez de Thalia se tornar uma estátua de sal. — O quê? — Ela sussurra.

Aceno em seu cabelo. — Não estou dizendo isso para te machucar, juro, mas ou está mentindo sobre o fato de estarem juntos ou ele está te traindo. De qualquer forma, você merece a verdade.

Ela se afasta de mim como se eu fosse fogo. — Quero dizer, as coisas não são perfeitas, mas estamos trabalhando nisso. Especialmente agora, depois do que aconteceu.

— O que aconteceu? — Minha garganta fica seca. O seu perfume – *o meu* perfume – gruda em meus lábios, o gosto amargo dele explodindo em minha boca.

E sei neste momento que nunca mais vou usá-lo. Está arruinado para mim para sempre.

— Ele não lhe contou as boas notícias? — Ela pisca os cílios. — Não vou para a faculdade. Estou me juntando a ele onde quer que ele vá. Tenho a sensação de que ele proporá casamento.

O mundo inteiro tomba como uma tigela de óleo quente. A ardência queimando meus órgãos internos, transformando tudo em cinzas.

Tropeço para trás. Minhas costas batem no espelho. Olho por trás do meu ombro.

Olho para o meu rosto.

Encontre força.

E lembre-se de quem eu sou.

As palavras saem da minha boca por conta própria — Está mentindo.

Aquele sorriso sereno em seu rosto se espalha ainda mais. Estou tonta. — Ah, sei que é chocante. Totalmente inesperado! Quero dizer, todos nas suas famílias se casam jovens, certo?

Sim. Para pessoas por quem estão apaixonados. Lev não está apaixonado por Thalia. Virando-me, pego meu telefone do chão e desço para encontrar o seu nome.

— O que está fazendo? — O pânico envolve sua voz.

— Ligando para ele para perguntar se ainda estão juntos.

— De-desligue o telefone, sua maluca.

Em vez disso, clico em enviar. Ela que se dane. Até agora fui facilmente manipulada porque minha cabeça está uma bagunça, mas uma coisa está clara para mim: Thalia esteve jogando um jogo o tempo todo.

Thalia se lança sobre mim, arrancando meu telefone entre meus dedos. Joga o dispositivo pela sala. Atinge o espelho oposto, que estala ruidosamente.

Um grande pedaço de vidro cai no chão, cobrindo meu telefone. Thalia me agarra pelo ombro e me empurra para o mar de vidro quebrado.

Está tentando me machucar. Meus instintos de sobrevivência aceleram e levanto os braços, empurrando-a para trás. Ela tenta segurar minha camisa, mas me esquivo e corro em direção à porta. Ela é mais rápida, no entanto. E chega lá primeiro, bloqueando minha saída com seu corpo.

Abro a boca para gritar pelos meus pais, e ela tapa com a mão, com os olhos enlouquecidos.

— Se você quiser sair daqui viva, é melhor não gritar, Bailey. — Ela tira a mão da minha boca lentamente.

Olho para ela com horror. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Ela está tremendo dentro de suas roupas minúsculas. — Deixe-o ir.

— O quê? — Arfo. — Não sou eu quem está se agarrando a ele, Thalia. Não tenho propriedade sobre ele.

— Pare de ser tão gananciosa. — Sua voz aumenta. — Está cercada por muitos garotos ricos e bonitos. Todos eles podem te fazer

feliz. Só conheço um. Só tenho chance com um. E você está estragando tudo para mim.

É disso que se trata? Garantindo um futuro confortável para si mesma?

Não estou banalizando a pobreza ou a luta, mas Lev é mais do que um contracheque. Ele é meu mundo inteiro.

Balanço minha cabeça. — Não posso fazer isso, Thalia. Lutarei por ele com tudo o que tenho em mim.

— Que sorte a minha que tudo o que você tem não é muito — ela sussurra.

Com um grunhido, ela agarra minha pulseira de pomba e a arranca do meu pulso.

Está rasgada e esfarrapada no chão entre nós, um golpe fatal com um só tiro. Ajoelho-me, ofegante, procurando freneticamente o pingente entre os cacos.

Meu coração está batendo forte em meus ouvidos. Cadê?

— É uma princesa de colher de prata — ela acusa, parada acima de mim, vidro quebrando embaixo dela, enquanto procuro a declaração de amor física que Lev me deu. — Não é à toa que foi perfeita o tempo todo. É fácil ser quando se tem o mundo inteiro na palma da sua mão. Assim que a merda começou a se tornar real, desmoronou. Olhe para você. — Uma risada gelada borbulha de sua garganta. — Uma bagunça magricela e roxa. Só porque Lev está confuso não significa que não perceberá que cometeu um erro. Voltaremos a ficar juntos.

— Jesus. — Solto um suspiro. — Você é quem está louca se acredita nisso. Lev nunca teria se apaixonado por você, com ou sem minha presença na vida dele. Ele é uma pessoa gentil. Um pensador expansivo. Suas almas são óleo e água. Misture-os e ainda não juntarão.

Thalia se eleva sobre mim, um desprezo estampando seu rosto. — Olhe para cima, Bailey.

Olho. E é aí que vejo o pingente pendurado entre seus dedos.

— Nossas almas não precisam ser iguais. O amor é uma história que vendem para idiotas privilegiados e vocês a comem e ainda pedem mais. A única coisa que precisa encaixar é o pau dele entre as minhas pernas, e não temos nenhum problema nesse aspecto. — Ela solta uma risada maníaca.

Eu me levanto antes que ela me chute enquanto estou caída.

— Além disso, agora que tenho isso, talvez possa convencê-lo de que sou seu verdadeiro amor. — Ela coloca o pingente em seu coração, sorrindo. — Como o sapatinho da Cinderela...

— Você é maluca — sussurro.

— Não, você só demora para acompanhar a trama. Acho que toda boa história precisa de um vilão. — A boca de Thalia se curva em um sorriso miserável. — E eu sou a vilã da sua.

— Por que está fazendo isso? — Pergunto, embora saiba. Por que fazemos coisas que não deveríamos fazer? Na dor. No desespero. Na raiva.

A pergunta parece deixar Thalia sóbria, que na verdade responde com seriedade.

— Queria o conto de fadas para mim e, com você indo para a Costa Leste, pensei que poderia ficar com ele. Queria corações e rosas. Declarações de amor e beijos no pescoço. Queria uma vida chamativa, bons carros, férias o ano todo. E observei do lado de fora, vendo como todos os Coles, Followhills, Rexroths e Spencers se casavam jovens. Bons casamentos. Todos parecem tão felizes, tão afortunados. Queria isso para mim. Para escrever meu próprio destino. Lev é extraordinário. E você? É tão comum quanto parece.

— Ordinário e extraordinário não são antônimos, Thalia — digo com tristeza. — Coexistem lindamente. Você não pode ter beleza sem feiura. Amor sem ódio. Um arco-íris sem chuva. Ser especial não é nada especial. As coisas que nos tornam grandes são as coisas que controlamos. Nossas escolhas. E você? — Balanço minha cabeça. —

Você não é uma boa pessoa. Ele nunca poderia te amar.

Ela olha para a esquerda e para a direita, como se procurasse câmeras escondidas. Uma sensação horrível percorre toda a minha pele. Ela está planejando algo sujo.

Thalia enfia a mão dentro do sutiã. Pega algo e joga em minhas mãos.

Eu o pego instintivamente e o seguro na mão. Posso sentir o que há dentro sem sequer abrir a mão.

Comprimidos.

Tranquilidade.

Tudo em um pequeno saco quadrado transparente.

Paraíso.

Empurro de volta em seu peito com as mãos trêmulas. — Não. Terminei com isso.

— Você precisa disso — ela insiste.

Alguém bate forte na porta do porão. A voz da mamãe entra pela fresta. — Ouvi algo caindo. Está tudo bem?

Thalia e eu estamos presas em um olhar fixo, mas ela não se sente mais tão perigosa.

Deixo cair o saco de drogas entre nós. Está aos nossos pés. Cada célula do meu corpo quer se abaixar e pegá-lo, mas não posso. Quero fazer melhor. Ficar melhor. Então, lembro-me de todas as pessoas que não posso decepcionar.

Meus pais. Daria. Lev. Eu mesma.

— Bailey? Bailey, me responda! — Mamãe bate mais alto.

— Pegue-os — Thalia sussurra alto, seus olhos se transformando em fendas. — Não terá outra chance. Sydney sairá da cidade amanhã. Faça isso.

— Mãe! — É preciso tudo de mim para me virar e abrir a porta.

Caio nos braços da mamãe, chorando, chorando, chorando. Estou cheia de vidro, sangue e demônios.

— Você deveria ir embora — mamãe diz para Thalia, minha cabeça aninhada em suas mãos.

Eu me sinto a coisa mais frágil do mundo agora. Um lenço de papel rasgado em pedaços.

Thalia pega suas coisas e sai correndo.

Mamãe não pergunta sobre o espelho.

Sobre o sangue. Sobre o meu estado.

Ela apenas beija o topo da minha cabeça e me diz — Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

E nesse momento, nos braços de uma mãe que me ama incondicionalmente, conheço o significado da verdadeira riqueza.

* * *

Mamãe me incentiva a tomar banho. Talvez porque eu pareça a cena da Carrie pós-balde.

Não discuto. Sento-me enrolada sob o chuveiro, deixando a água atingir minha pele fina como papel.

Quando ouço a porta da frente abrir lá embaixo e Lev se anunciando, dou uma risada amarga. Claro, ele finalmente está aqui quando não estou disponível.

Desta vez, porém, ele diz que vai esperar. Desligo a torneira, sentada nua e tremendo no chuveiro, e ouço migalhas de sua conversa com meus pais.

— ...não vou a lugar nenhum. Sua filha é mais difícil de ter um encontro do que o presidente.

— Quando tentou encontrar o presidente? — Papai pergunta em tom de conversa. — Sabe que o endereço dele é de conhecimento

público, certo?

— Ela não está em uma ótima situação hoje — mamãe admite fracamente.

— Um ótimo lugar para ela seria a reabilitação — papai interrompe. — A garota pesa menos de quarenta e cinco quilos. Ela é uma bomba-relógio.

Não, não sou. Franzo a testa, me arrastando em direção ao espelho para dar uma boa olhada em mim mesma.

E então vejo que talvez eu tenha menos de quarenta e cinco quilos, afinal. Minhas bochechas estão encovadas, minha pele pálida e se pode ver claramente o contorno de cada osso do meu torso.

— Bem, o que sugere, expulsá-la? — Mamãe grita para ele. Mamãe e papai nunca brigam, então é claro que estou cheia de uma nova culpa. Desde que voltei da Juilliard, só causei problemas e sofrimento. Deixei meus pais infelizes. Destruí a vida de Lev. E causei dor e tristeza a Daria.

— Se a sobriedade dela está em risco, claro que sim — Lev dispara.

Não sei com quem estou brava, mas estou furiosa. Talvez seja por causa dele por ter me traído ou por mim mesma por esta gigantesca queda em desgraça. Ou no mundo, por me fazer acreditar durante dezoito anos que tudo ficaria bem, só para me arrastar de volta para a rede de segurança da casa dos meus pais em menos de um ano.

É isso. Vou descer e jogar na cara deles que na verdade recusei drogas hoje mesmo, quando Thalia tentou me entregá-las.

Saio do chuveiro e visto um roupão. Minha pele está gelada e estou tremendo de abstinência. Eles continuam discutindo lá embaixo quando meu olhar para no osso do quadril.

O desenho da pomba está um pouco curada e a pele irregular sobressai. Passo o dedo sobre ela e estremeço. Uma rajada de vento. Como se a janela estivesse aberta, mas não está. É uma loucura, mas sinto que algo está acontecendo. Como se Rosie estivesse aqui de

alguma forma.

Lá embaixo, Lev diz — De onde vem a corrente de ar?

Pressiono meus lábios, lutando contra as lágrimas. — Obrigada, Rosie — sussurro.

Há um vislumbre de esperança no mar de escuridão em que estou me afogando. Uma pequena esperança de que Rosie esteja cuidando de nós e talvez ela tenha um grande e bom plano para nos tirar dessa situação.

— Que corrente? — Papai pergunta. Começo a me vestir, andando do banheiro até o quarto, ouvindo-os enquanto me visto. — De qualquer forma, não me sinto confortável em mandá-la de volta para Juilliard antes que ela conclua algum tipo de programa. Ela tem negligenciado as reuniões do grupo de apoio.

— Bem, Juilliard não é mais algo com que precisamos nos preocupar, para o bem ou para o mal — diz mamãe decididamente.

Meu coração se quebra em pedacinhos minúsculos. Não consigo me mover.

Não.

Consigo.

Respirar.

— O que quer dizer? — Lev ecoa meus pensamentos. Há silêncio, tanto silêncio, muito silêncio. Marx, diga alguma coisa. Qualquer um. Qualquer coisa.

— Recebemos a carta pelo correio ontem — mamãe suspira, finalmente. — Escondi de Bailey. Sei que é horrível – foi endereçado a ela, mas não podia arriscar que ela descobrisse que...

— O que há na carta, Mel? — A voz do papai é urgente.

— Ela não volta. — A voz da mamãe se parte ao meio, como um galho. — A Juilliard tem uma política rígida de proibição do abuso de drogas. São extremamente diligentes nisso. O que aconteceu com Bailey não é segredo e é uma visão horrível. Além disso, querem que

ela melhor. Ela não é um risco que eles estejam dispostos a correr e, francamente, não os culpo.

Há uma batida de silêncio antes que ela realmente conclua. — Bailey não voltará para Juilliard. Eles decidiram por ela. E isso é definitivo.

Ajoelho-me, um grito selvagem escapando dos meus lábios. Minha boca está seca e meus ouvidos entupidos, cheios de ruído branco.

O sonho está morto.

O sonho dela está morto.

Meu sonho está morto.

Isso não faz sentido nenhum. Eles me enviaram um e-mail pedindo para eu refazer o exame prático.

Por que mudaram de ideia?

Então me lembro do que mamãe me contou no avião para Jackson Hole. A Juilliard normalmente não envia e-mails sobre coisas assim.

Ela está certa – enviaram informações pelo correio tradicional, mas alguém me enviou um e-mail. Simplesmente não era autêntico. Quem poderia me forçar a trabalhar mais por um sonho antigo, a usar drogas?

Thalia.

Pego meu telefone e entro no e-mail novamente. O endereço de e-mail parece suspeito thejuilliardschooladmin@yahoo.com. Como é que não prestei atenção? Um maldito endereço do Google. E Juilliard está escrito errado.

Sou uma amadora? Deveria ter visto isso imediatamente.

É claro, porém, que isso passou despercebido por mim. Estava drogada, com dor e cansada demais para me concentrar nos detalhes.

Não mereço Juilliard, ou Lev, aliás. Só iria atrasá-lo.

Ele está destinado à grandeza, e eu? Estou abaixo da média.

Pelo canto do olho, noto algo na minha mesa de cabeceira.

São as drogas que Thalia trouxe hoje. Ela deve tê-las colocado aqui quando mamãe estava me confortando, antes de sair. Estão aqui, à vista, esperando para serem consumidas. Como poderia ter perdido isso?

Da mesma forma que perdeu tantas coisas nos últimos meses.

Sem Juilliard. Sem futuro. E... vamos admitir, depois do pingente de pomba roubado, talvez também sem Lev. Aquela pulseira era nossa tábua de salvação.

A única coisa que nos uniu, mesmo quando estávamos separados, cada um de nós morando em outra costa. Essas coisas na minha mesa de cabeceira? Poderiam me fazer desligar e esquecer quem eu sou.

Em vez de caminhar, rastejo até a mesa de cabeceira. Meus joelhos batendo no chão. Passo três comprimidos pelos lábios e engulo sem água. Depois tomo o resto dos comprimidos – nem sei o que são – e os enfio na garganta. Encosto-me a cabeceira da cama, com a cabeça baixa de vergonha, e olho pela janela.

Para as pombas pousadas na minha árvore.

Para o sol brilhando no céu.

Para o que muito bem poderia ser o último dia da minha vida.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Lev

Fato miserável nº 75: Embora o guia de etiqueta para o luto vitoriano variasse, as viúvas sofreram por dois anos e meio, enquanto os viúvos por três meses.

— Não quero ser rude, mas há alguma chance de Bails ter se afogado no chuveiro? — Viro-me para Jaime e Mel.

Estou sentado na sala deles há quarenta minutos, esperando Bailey descer. Sei que ela é uma garota e que existe um acordo universal segundo o qual as mulheres podem tomar banho três vezes mais do que os homens.

Quarenta minutos, contudo, é um exagero. Nesse período, ela poderia lavar o cabelo, colocar uma máscara chique, tocar uma duas vezes, secar, pentear o cabelo e experimentar três conjuntos de roupas.

Jaime olha para seu uísque e posso dizer que ele quer jogá-lo contra a parede. — Mel?

Melody balança a cabeça. — Não quero que ela sinta que não confiamos nela.

— Por que não? — Ele pergunta. — Não confiamos.

— Verei como ela está. — Eu me levanto.

— Claro, na mesma fantasia em que ambos participarão de uma festa na mansão da Playboy e mergulharão com unicórnios. — Jaime se levanta, me empurrando de volta para o sofá pelo ombro.

Reviro os olhos e pego minha lata La Croix⁸⁵. — Já a vi nua antes.

Ele me lança um olhar antes de subir as escadas.

Mel volta sua atenção para mim e sorri. — Sabe, a amiga dela,

Thalia, esteve aqui mais cedo. Elas pareciam ter tido uma grande briga. Acha que ela pode estar chateada?

Meu queixo está prestes a cair no chão quando o rugido abafado de Jaime vem do andar de cima.

— Mel, venha aqui agora mesmo! Chame uma ambulância! JESUS, PORRA.

* * *

Estou apenas fingindo estar vivo.

Tenho certeza de que meu coração está tão achatado quanto o de um canudo de plástico.

Não consigo pensar direito. Não consigo ver direito.

Não posso...

— Você matará todos nós se não tomar cuidado com a porra da estrada! — Papai grita comigo do banco do passageiro, batendo no meu peito para me trazer de volta ao foco.

— Merda. Desculpe. — Esfrego meus olhos.

— Deixe-me dirigir — exige Knight do banco de trás.

— Não, eu posso fazer isso.

— Você violou todas as regras de trânsito registradas no mundo e algumas que ainda não foram aplicadas — ressalta papai.

No entanto, precisamos ir ao hospital. Rápido. Foi para lá que a ambulância levou Bailey quando Jaime a encontrou inconsciente no tapete do quarto. Corri escada acima e a vi.

Vi tudo. Como ela estava ali deitada, pálida, angelical e com aparência morta.

O TEPT passou por mim como um trem de carga. Evitei ver mamãe assim em seu caixão apenas para ver a garota que amo

parecendo não estar viva.

— Precisa se acalmar! — Knight grita do banco de trás do meu Tesla em alta velocidade. Porque isso sempre ajuda as coisas.

Ignorando-o, viro-me para papai. — Pode ligar para Mel e perguntar se há alguma novidade?

Uma parte de mim está com medo de que haja más notícias que não queiram compartilhar comigo.

Estou tentando me lembrar que isso não é sobre mim, mas como se fosse. É injusto eu ter que enterrar minha mãe e o amor da minha vida com quatro anos de diferença. E parece extremamente injusto que o amor da minha vida tenha causado essa merda sobre si mesma.

Papai coloca o telefone no viva-voz e me lança um olhar. — Olhos na estrada, Levy.

Estou cortando carros na pista, buzinando para as pessoas, ultrapassando sinais vermelhos.

Mel atende, sem fôlego. — Dean.

— Alguma novidade? — Sua voz é apologética. — Desculpe por incomodar, mas Lev... — Ele não precisa completar a frase.

— Ela está na UTI. Estão colocando-a em coma induzido. Dean, não posso... Não sei se conseguirei sobreviver a isto. Duas vezes em dois meses. Não sou tão forte. Não sou.

— Mel... — A voz do papai falha.

Ao fundo, ouço Jaime gritando com alguém — Ela é minha filha e quero algumas respostas, caramba!

De alguma forma, chegamos ao estacionamento do hospital. Corro até os corredores da UTI.

Papai e Knight estão com os braços em mim de ambos os lados. Eles esperam que eu desmaie a qualquer momento.

Quando chego ao final do corredor, onde algumas cadeiras de plástico azuis estão posicionadas em frente a uma porta fechada, vejo

Jaime no chão, o rosto entre as mãos e as costas tremendo.

— Não! — Eu me livro do toque de papai e Knight, correndo para ele. Caio no chão, agarro Jaime pelos ombros e o levanto de pé. Estou sacudindo-o freneticamente. — Não, Jaime. Diga-me que não é verdade.

Ele não diz nada.

Li esse roteiro antes. Tragédias acontecem. Diariamente. E o autor da minha vida já matou a minha mãe. Por que diabos parar aí quando pode lançar outra bomba?

— Jaime, não.

— Lev, ele precisa de um momento — diz papai.

— NÃO. Foda-se.

— Saia de cima dele, Levy. — Sinto as mãos de Knight nas minhas costas. Eu lhes dou um tapa.

Fico selvagem. Chuto. Soco. Grito. Sinto braços. E mãos. E lágrimas chovendo sobre mim. As pessoas estão me levando para longe daquela porta.

No entanto, não cederei.

Fico.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Dixie

NO DIA DO PRAZO FINAL DA AIR FORCE ACADEMY

Lev vai embora, deixando um rastro de sua loção pós-barba cara em seu caminho. Ouço a porta bater atrás dele e fico na cozinha por mais alguns segundos.

Sei que ele me disse para não me intrometer nos seus negócios. Várias vezes, na verdade. Eu o ouvi alto e claro, mas não posso ficar aqui vendo esse garoto brilhante, lindo e sobrecarregado cometer o maior erro de sua vida.

Acredite em mim: as oportunidades tendem a não bater à sua porta duas vezes.

Sei que Dean não quer que Lev se junte ao exército, se torne piloto, coloque sua vida em risco, mas isso decorre da incapacidade de Dean de seguir em frente. Para abraçar riscos, novas perspectivas e mudanças. Se Dean escolher ficar preso no mesmo lugar para sempre, o problema é dele.

E problema seu, por ficar perdendo tempo, esperando pelas sobras que Rosie deixou para trás.

A questão é que nada disso é culpa de Lev. Ele merece uma chance de felicidade. Devorar o mundo avidamente, cravar os dentes nele como se fosse uma fruta suculenta, em vez de uma mordida em algo que nunca quis para sustentar a vitalidade de outro homem.

Ele trabalhou duro para isso, mas nunca irá contra a vontade de seu pai.

Empurrando a hesitação e a dúvida para o fundo da minha mente, rapidamente vou até o laptop que está à mesa. Deslizo para o assento vago de Lev e clico duas vezes no navegador novamente. O

site da Air Force Academy aparece na minha frente.

Faltam apenas mais alguns segundos para que o navegador seja atualizado automaticamente e tudo o que Lev colocou nisso desaparecerá. É agora, ou nunca. E nunca é um tempo terrivelmente longo.

Não é problema seu, Dixie.

Deixe a criança em paz; ele está lidando com o suficiente.

Dean te matará. Violentamente. Gradualmente. E ansiosamente.

Talvez eu *esteja* pronta para a maternidade desta vez. Porque em vez de pensar no homem por quem estou apaixonada, penso no seu filho, que não suporto ver triste.

E sobre sua falecida esposa, que me trouxe aqui para cuidar da sua família. E isso inclui Lev.

Fechando os olhos e virando o rosto da tela, clico no botão Inscrever.

Quando tudo estiver feito e resolvido, não lamento nem mesmo ter ultrapassado esse limite vermelho e brilhante.

A tensão sai dos meus ombros.

A sala fica mais quente e mais clara. É um novo amanhecer. Pelo menos para um membro dos Cole.

Quando Rosie morreu, o coração de Dean morreu com ela.

Lev? Lev ainda pode viver.

* * *

PRESENTE

Encontro Lev no quintal, trabalhando em um de seus muitos aviões de controle remoto. Está voando, fazendo voltas

impressionantes, mergulhando e depois levantando-o a centímetros do chão.

O garoto tem algumas habilidades sérias, e estou brava com Dean por ignorá-las todos esses anos.

Ainda não falei com Dean desde que ele me abandonou. Na verdade, não tenho nada a dizer a ele. Vim aqui por Lev.

Abrindo a porta dos fundos do pátio dos Cole, fecho-a silenciosamente atrás de mim e espero até que Lev perceba minha presença.

De costas para mim, ele pergunta — Como entrou, Dixie?

— Seu pai me deu a chave quando meu apartamento foi pintado. — Um rubor sobe pelas minhas bochechas. Poderia ter esperado com a pintura, mas queria uma desculpa para me hospedar aqui, esperando que isso me aproximasse de Dean. Na realidade, apenas nos distanciamos ainda mais. Sua incrível capacidade de ver através de mim, como se eu fosse o ar, me feriu além das palavras.

Estou começando a aceitar o que Dean me disse há três anos, na primeira vez que quase o beijei bêbada, apenas um ano depois da morte de Rosie.

— *Não desperdice seu fôlego e esperanças em alguém como eu, Dixie. Nunca serei seu. Posso ser seu amigo, mas nunca, jamais, seu parceiro.*

Ficar por aqui foi um erro. Achei que ele mudaria de ideia. Achei que teríamos algum tipo de relacionamento, de qualquer maneira, por causa de Knight.

De volta à realidade, Lev usa seu controle remoto para disparar o avião no alto do céu e, em seguida, fazê-lo girar três vezes em círculos perfeitos. Seus olhos estão focados nele, não em mim. — Imaginei. Papai não está aqui.

— Não estou aqui por causa do seu pai.

Ele não diz nada.

— Como Bailey está se sentindo?

Lev dá de ombros. — Como morta.

— Lev.

Ele poussa o pequeno avião em segurança no gramado bem cuidado, coloca o controle remoto e se vira para olhar para mim. — Ela está em coma induzido. Não têm certeza de quando vão trazê-la de volta. E não sabem ao certo como ela voltará. Tipo, eles não sabem se há algum dano neurológico ou intelectual ou algo assim. Ah, e a sua perna aparentemente está fodida para sempre ou algo assim. — Ele faz uma pausa. — Ainda bem que ela está em coma, já que não tenho nada a dizer a ela.

Nunca o vi se comportar dessa maneira. Tão letárgico e irritado ao mesmo tempo.

— Está no hospital vinte horas por dia — aponto. — Nem vai à escola.

— Não quero que ela morra, sim, mas... estou chateado.

— Por quê? — Pergunto.

— Porque eu ainda estou preso em algum lugar entre estou tão feliz que esteja viva e, a propósito, extremamente apaixonado por você para eu te odeio pelo que está fazendo todo mundo passar. Sabe?

Sei. Sei melhor do que ele pode imaginar. Eu me sento na beirada do balanço de madeira branca entalhado à mão que Rosie deixou para trás. Seu local de leitura favorito.

É estranho estar tão familiarizada com os bens de uma mulher que não está mais entre nós, mas por incrível que pareça, sinto falta dela todos os dias. Estou muito grata por ela ter dado a Knight a vida que não pude dar a ele na época. Tudo isso lutando sua própria batalha.

Foi ela quem me chamou para Todos Santos. Era como se ela estivesse colocando substitutos na vida de seus entes queridos.

E quem diria? Apaixonei-me por seu mundo inteiro. Dean. Knight. E... sim, também Lev.

Acho que Rosie LeBlanc tinha talento para tornar os homens de sua vida extremamente fáceis de amar.

Lev me encara sentada no lugar de sua mãe. Por um momento, acho que ele gritará para eu me levantar e ir embora, mas respira fundo e se junta a mim. Meus ombros caem de alívio.

— Como se sente por perder o prazo da Air Force Academy? — Pergunto timidamente.

Ele puxa o lábio inferior, franzindo a testa para a grama. — Não importa, não é? Tenho peixes maiores para fritar.

— Como o quê?

— Bailey — ele diz. — Sei que papai diz que está bem se eu for — isso não me ajuda muito agora que perdi o prazo — mas se ela... quando acordar, ainda tenho que cuidar dela.

— Você não deveria — deixo escapar.

Ele levanta a cabeça para trás. — O que disse?

— Eu disse que você não deveria. — Dou de ombros. — Cuidar dela.

Uma tempestade se forma em seus olhos. — Você não tem ideia. Ela fez muito por mim. Quando mamãe morreu...

— Estava fora do seu controle — interrompo. — Não escolheu perder sua mãe. Bailey tem... *terá* uma escolha agora. Quando a trouxerem de volta, terá que tomar algumas decisões difíceis. E se ela lembra todos os dias sabendo que você está lá, ao seu lado, cuidando dela, não tenho certeza se ela fará as coisas certas. Está favorecendo-a. Colocando pressão sobre si mesmo tentando constantemente salvar alguém que talvez não queira ser salvo. Está preparando vocês dois para o fracasso. Uma coisa é ajudar alguém em uma jornada. Outra é se amarrar voluntariamente a um veículo com um motorista perturbado saindo da estrada — que é exatamente o que está fazendo.

Meu rosto está aquecido, minha voz estridente e tenho quase certeza de que estou gritando com o pobre garoto. E ainda assim,

estou em um transe que não consigo parar, não vou parar. — Tem que parar de viver para outras pessoas. Não é apenas ser gentil consigo mesmo; é também ser gentil com eles. Deixe Bailey ir. Esteja presente para ela – sempre a um telefonema de distância, mas não cancele toda a sua existência para cuidar dela. Você só perderá o amor e a felicidade por ela quanto mais abdicar de si mesmo por ela.

Ele me olha fixamente, piscando. Sinto que ele pode ver através de mim. Como se estivesse lendo tudo que está em minha mente.

— Você fala por experiência própria — ele diz gentilmente, colocando os pés de volta no chão para nos dar um empurrão no balanço.

A brisa da tarde acaricia meu rosto. Fecho os olhos, o leve cheiro do oceano atingindo o fundo das minhas narinas. Não sei como sobrevivi todos aqueles anos no Texas. Viver junto ao oceano é verdadeiramente mágico.

— Sim. — Tento engolir o nó na garganta. — Verdade.

— Mesmo assim, não deixa papai ir.

Alisando um vinco invisível na minha saia lápis, digo — Na verdade, estou deixando-o ir. Esta manhã, me inscrevi em um site de banco de esperma. Decidi também prorrogar o aluguel do meu apartamento, por isso não comprarei mais a casa ao lado da sua. Que tal isso para faze como você prega?

A simpatia em seus olhos me deixa tão desconfortável que tenho que desviar o olhar.

— É... triste. — Ele limpa a garganta. — Lamento que não tenha dado certo para você.

— Sim. — Eu sorrio. — Eu também lamento.

Nós dois olhamos para frente, para os picos alaranjados das montanhas que circundam a cidade.

Sou a primeiro a falar novamente.

— Então, como se sente em relação a mim agora? De um a dez.

Um é detestar te ver e dez é te amar como uma mãe.

Ele franze a testa. — Entre sete e meio e oito.

Estou corando? Parece que estou corando. Estava me preparando para uma média de cinco. — Sim. Bem, prepare-se. Estou prestes a ser reduzida para cerca de menos treze.

O rosto de Lev endurece. — Dixie — ele já está me repreendendo. — Ultrapassou o limite de novo, não foi?

Estremeço.

Ele chuta o chão novamente para nos dar mais impulso. — O que você fez?

— Sinto que talvez precise me levantar e colocar alguma distância entre nós antes de contar a você.

— Ah, merda. — Ele olha para baixo. — Está usando tênis. Você *nunca* usa tênis. Sabe que posso te alcançar se for preciso, certo?

Rindo sem jeito, coloco os pés no chão, levanto-me e caminho até um local próximo o suficiente da porta do pátio.

Lev me encara do balanço como se eu fosse louca. Provavelmente sou. Quero dizer, quem matrícula uma criança que não lhe pertence na escola militar? Contra a vontade de seu pai? Essa idiota. Prazer em conhecê-lo.

— Não pude evitar. — Ergo as palmas das mãos em sinal de rendição.

— O que você fez? — Ele se levanta. Fica bem na minha frente.

— Eu...

— Desembucha. — Mais alguns passos em minha direção. Estou suando.

Ele não me matará, não é? Os Cole são todos ursinhos de pelúcia. Grande por fora, mas mole por dentro.

— Inscrevi-me na Air Force Academy. Ah, em seu nome. Obviamente.

Ele congela, com a boca aberta. — O quê?

Fecho os olhos com força, me preparando para um golpe. — Você saiu. O laptop estava lá. Tudo preenchido. Erros foram cometidos.

Silêncio.

Choque.

Pânico.

Não há oxigênio suficiente. Prossigo com minha explicação.

— Desculpe. Não pensei. Eu... só... Você merece essa vitória. Conquistou-a.

— Dixie. — Ele pisca confuso. — Não foi nem... Todos os documentos...

A boa notícia é que ele parece mais sem palavras do que... *assassino*. Pequenas vitórias e tudo. — Nem terminei de anexar todos os... quer dizer, não sei se eles me aceitará.

Então algo maravilhoso acontece. Bem, maravilhoso e um pouco perturbador.

Lev joga a cabeça para trás, os ombros tremendo de alegria. Ele está rindo, percebo, porque está aliviado. Porque nem tudo está perdido. Porque provavelmente se arrependeu em todos os momentos de não ter se inscrito desde que saiu de perto do laptop.

Ele me pega nos braços e me gira, olhando para mim com um brilho nos olhos. É a primeira vez que o vejo feliz desde que Bailey voltou. Eu sorrio de volta para ele. Seu sorriso se dissipa quando ambos nos lembramos do motivo de estarmos aqui.

Bailey. Dean. Coração partido. *Certo*.

Ele me coloca lentamente no chão da varanda. — Obrigado — sussurra.

— De nada querido. — Pressiono as palmas das mãos sobre suas bochechas, apertando-as como se ele fosse uma criança.

O barulho de algo sendo jogado na bancada vem de dentro de

casa. Viro a cabeça para ver de onde vem e vejo Dean parecendo um predador selvagem, caminhando em nossa direção.

Instintivamente dou um passo para trás. Lev não se move nem um centímetro.

— O que está acontecendo aqui? — Dean olha entre nós.

— Apenas dando em cima da Dixie, só isso. — Lev dá um sorriso hedonista e, naquele momento, parece uma cópia xerográfica de seu pai. *Nossa*, esses genes.

Dean corre até nós. Nunca o vi assim antes. Alerta. Vivo. Não acredito que ele realmente pense que este não é um momento inocente e amoroso. O que há de errado com ele?

— Ele está brincando! — Estreito meus olhos. — Você realmente acha que eu atacaria seu filho?

— Não acho que esteja atacando meu filho, mas não ficaria surpreso se ele atacasse você para provar algo.

— E qual seria esse ponto? — Lev cruza os braços gigantescos sobre o peito, divertido.

— Que Dixie e eu deveríamos ficar juntos — Dean cospe.

— Sim, estou certo. Isso não é totalmente uma demonstração infantil de ciúme. — O peito de Lev estremece.

As sobrançelas de Dean franzem. — Dixie, posso falar com você por um segundo?

Olho para o relógio e franzo a testa. Tenho uma exibição em trinta minutos. Realmente não pensei que meu momento com Lev se transformaria em quase uma hora inteira. — Na verdade, agora não é um bom momento.

Dean parece que acabei de chutar a sua cara. Não sei se quero rir ou chorar. Nunca neguei nada a ele, mas a verdade é que... agora não é um bom momento.

E talvez eu devesse seguir meu próprio conselho. Aquele que acabei de dar a Lev, sobre não ser arrastada pelas pessoas que ama.

— Está bem... — ele diz lentamente. — Hoje à noite, então?

— Oh, cara. — Lev coloca o punho na boca, rindo. — Isso é doloroso.

— Cale-se. — Dean semicerra os olhos para ele.

— Esta noite também não é boa. — Balanço a cabeça, um rubor tomando conta do meu rosto. — Estou filmando um programa de corretores de imóveis em Los Angeles, lembra? Nosso escritório está participando de uma dessas festas. Bom para relações públicas, disseram.

— Sim. Uh-huh. — Dean rola a língua dentro das bochechas. — Acho que ligarei e agendarei um horário com sua assistente, já que ficou muito ocupada de repente.

— Perfeito. — Ignoro seu sarcasmo, fingindo alegria. — Jessica tem acesso à minha agenda. Embora esteja com um humor tão receptivo, também devo avisá-lo de que enviei uma inscrição em nome de seu filho para a Air Force Academy. — Dou a notícia com naturalidade e letalidade.

Dean me encara com uma expressão estranha. Uma que nunca vi nele antes.

Em algum lugar entre maravilha e admiração. Acho que vejo algum ódio também, mas consigo não me encolher.

Ignorando-o, fico na ponta dos pés para beliscar a bochecha de Lev. — Acho que ele entrará. É mais do que qualificado.

Pela primeira vez, saio da residência dos Cole sem me sentir como se tivesse sido mandada embora envergonhada depois de tentar roubar algo que não é meu.

O coração de Dean Cole pode não estar batendo novamente ainda...

No entanto, acho que todos ouvimos uma pulsação fraca.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Lev

— Pai, deixou o lixo fora de novo — Knight grita, usando a ponta da bota para me chutar no gramado do quintal. Estou segurando uma garrafa de cerveja na mão, mas não estou bêbado. Nem um pouco. Na verdade, a maior parte do líquido ficou encharcada no chão quando abri a garrafa.

Porque, aparentemente, estou deprimido demais para tomar um gole agora. Ótimo.

— Você é engraçado. E ele não está em casa — digo sem expressão, semicerrando os olhos para o sol, como se fosse uma competição de olhares. Como se eu pudesse vencer.

— Já chegou ao fundo do poço? — Ele se agacha, colocando as palmas das mãos nos joelhos e olhando para mim.

— Acho que sim. — Murmuro dentro da garrafa, tomando um gole. A espreguiçadeira da piscina fica a dois metros de distância.

Não me lembro por que não me sentei lá quando saí pela porta da varanda.

— Ótimo! — Knight sorri alegremente. — Isso significa que está pronto para algumas verdades difíceis. Vou ficar confortável.

Ele se senta em uma das espreguiçadeiras na borda da nossa piscina, me agarra pelas costas da camisa e me coloca na espreguiçadeira ao seu lado. Às vezes esqueço que não sou o único filho da puta nesta casa que consegue mover um trator sem nem mesmo suar por isso. Knight é uma besta.

— Tem que partir o coração dela — anuncia Knight.

— Eu sei — digo, porque sei. Porque, porra, o meu está quebrado, mas pelo menos sei o que tenho que fazer agora. Colá-lo de volta em

algo que esteja funcionando.

— Sabe? — Knight se inclina para frente, me olhando de lado. Seus óculos escuros deslizam pelo nariz.

— Sim. Ela precisa chegar ao fundo do poço. Dixie me falou.

— Bem, Dixie é inteligente, mas não é só isso. — Ele passa a língua pelo lábio inferior. — Precisa fazer isso para recuperar quem você realmente é.

— E quem sou eu? — Levanto uma sobrancelha, colocando a garrafa de cerveja na borda da piscina.

— Não um idiota.

— Sou um idiota agora? — Pergunto, mas já sei a verdade.

Tenho agido como um idiota durante tudo isso. Se alguém me dissesse há seis meses que eu estaria tocando, fodendo e explorando sexualmente alguém drogado, teria rido na sua cara. E ainda assim fiz todas essas coisas. Cruzei todas essas linhas.

Provei a sua boceta, sabendo que não era minha para provar. Beije seus lábios, sabendo que não eram meus para beijar. Eu me dei muitas desculpas. Comprei todas as suas mentiras e mais algumas para me convencer de que ela estava sóbria. Que eu tive seu total consentimento.

No entanto, sei a verdade.

E ainda assim, minto para meu irmão, porque confessar a verdade é aparentemente demais para mim agora. — Se você está se referindo ao fato de eu ter ficado com Bails enquanto estava drogada, ela deu em cima de mim todas as vezes.

— Ela também não era ela mesma, e sabe disso. — Knight me lança um olhar de bela tentativa. — Você não teve o seu consentimento total, irmão.

Enterro o rosto nas mãos e balanço a cabeça. Não tive. E terei que conviver com esse fato pelo resto da minha vida. — Eu sei. Está me matando.

— Ei. — Knight coloca a mão no meu ombro, estalando os dedos com a mão livre. — Isso não significa que a velha Bailey teria escolhido diferente, está bem? Os fatos são uma droga porque não se curvam à nossa vontade, mas às vezes temos que enfrentá-los.

A culpa me consome por dentro, inflamando meus órgãos internos. Bailey e eu começamos tudo errado. Nosso conto de fadas se transformou em um maldito pesadelo. E terei que conviver com isso pelo resto da minha vida.

— Desde quando é inteligente, afinal? — Levanto a cabeça, dando um empurrão no ombro de Knight.

— Luna me faz ler livros e essas coisas. — Knight suspira. — Nem têm fotos. Pode acreditar nisso?

— Ela é uma boa influência — digo.

— A única influência em que tenho e não me importo de consumir. — Ele pisca, sorrindo para mim. — Ei. — Agarra minha nuca, me puxando para perto dele. Nossas testas estão se tocando.

Ele olha bem nos meus olhos e é meio assustador, mas acho que quer que eu preste muita atenção no que está prestes a dizer a seguir. — Fica melhor, mano.

— Como sabe?

— Estive onde Bailey está agora.

— E?

— O que não te mata? Às vezes nos revive.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Bailey

A primeira coisa que ouço é o ritmo constante da máquina de eletrocardiograma.

Bip. Bip. Bip.

Calmo e reconfortante, isso me faz entrar e sair da consciência.

Estou com frio. Minha boca está seca. Lentamente volto a mim, percebendo, pela pilha avassaladora de sensações que retornavam a mim, que provavelmente estava em coma induzido.

Sei por que os médicos nos desconectam e colocam no modo de tela azul. Fiz pré-medicina antes de ir para a Juilliard. O que quer que tenham feito comigo, não poderia ter suportado conscientemente.

Não me lembro muito. Na verdade... não me lembro de nada, mas meu instinto está me dizendo que coisas ruins aconteceram.

Este não foi um encontro próximo com a morte. Isso foi beijar seus lábios frios e azuis, a poucos centímetros de ser engolida por ela.

Abro os olhos, me perguntando há quanto tempo estou apagada, e a primeira coisa que vejo é minha irmã, cochilando em uma poltrona reclinável na minha frente. Atrás dela há uma parede azul genérica. Meu moletom pendurado em seu peito e parece que ela o cheirou em busca de conforto.

Minhas pupilas se voltam para a minha direita. Mamãe está dormindo em posição vertical ao meu lado. Desvio o olhar para a esquerda. Está totalmente preto e os grilos cantam.

Tento engolir. Falho.

Quanto tempo faz? O que diabos eu fiz?

As memórias de Thalia e do tsunami da carta da Juilliard voltaram à minha mente. Eu os bloqueio da melhor maneira que

posso. Não estou preparada. Ainda não.

Cuidadosamente, tento emitir um som. Abra minha boca e solte o ar. Posso murmurar. Estou grata por este pequeno milagre. Pelo simples prazer de não perder a voz.

Fecho os olhos e respiro gananciosamente. Essa ação simples e involuntária me enche de esperança.

Posso respirar. Ainda consigo respirar.

Depois de tudo que fiz meu corpo passar.

Punindo-o implacavelmente. No entanto, ainda estou aqui.

— Bails? — Daria resmunga. Meus olhos estão fechados, por isso acho que ela sabe que estou acordada pelas lágrimas escorrendo continuamente pelo meu rosto. Minha bata hospitalar está molhada e quero enxugar o rosto, mas estou presa a tantas máquinas que dói mover as mãos.

Daria se levanta e anda em suas meias em minha direção. Ela se junta a mim na cama, enrolando seus membros longos e ágeis em volta dos meus e enxugando meu rosto suavemente. Beija minha bochecha. Ela tem o cheiro da nossa infância: travesseiros macios, chocolate quente e sol. Seu cabelo loiro se enrosca no meu, e me abraça como se eu fosse uma coisa quebrada. Porque eu sou.

Mercadorias danificadas ainda são mercadorias, Bailey, a voz de Lev me lembra na minha cabeça.

— Estou tão feliz que está aqui. — Sua voz parece rouca de tanto chorar. Choro mais forte, meu corpo tremendo com meus soluços. Isso não pode ser bom para minha saúde. Essa inundação de emoções que está me afogando.

— Shh. — Daria acaricia minha cabeça suavemente. — Vai acordar mamãe, e ela estava acordada há mais de setenta horas. Como pode ver claramente em sua pele.

— Há quanto tempo estou inconsciente? — Sussurro.

— Dois dias.

Eu respiro profundamente. Fecho meus olhos. Ah, Marx.

— Desculpa — digo.

— Eu também.

Por que ela deveria se desculpar? Ela não fez nada. A menos que... a menos que ela não esteja arrependida de algo que alguém fez. Mas pela situação. A compreensão deve estar estampada em meu rosto porque Daria respira fundo.

— Bailey... — Minha irmã hesita. — Não olhe para baixo, mas...

Olho para baixo instintivamente. Porque é isso que as pessoas fazem quando lhes dizemos para não olharem para baixo. Além disso, minha perna está doendo muito, apesar de uma quantidade monstruosa de analgésicos, tenho certeza.

Meus olhos se arregalam quando vejo a enorme protuberância saindo do fino cobertor do hospital. — O que é?

— Tiveram que colocar uma haste na sua tíbia. Você se machucou gravemente, praticando com a dor. Os analgésicos provavelmente permitiram que continuasse, mas literalmente quebrou seu osso.

Meu queixo está tremendo. Em vez de ficar com raiva de mim mesma, ou de Juilliard, ou de Thalia, ou do mundo, estou dominada pela gratidão. Já passei por muita coisa e ainda estou aqui.

Não posso acreditar.

— Balé... — Daria começa.

Balanço minha cabeça violentamente. — Não posso. Não agora.

— Está bem. — Ela se senta ereta, me colocando debaixo do braço. — Você tem razão.

— Mamãe e papai estão com raiva de mim? — Mordo meu lábio inferior, me sentindo como uma criança de repente.

Daria revira os olhos cheios de lágrimas, tentando parecer forte. — Essa nem será a quinquagésima emoção deles quando descobrirem

que está acordada, mas, Bailey...

Eu sei. Eles querem que eu vá para a reabilitação. Para ficar lá. Para levar a sério a melhora.

Estupidamente – e talvez inacreditavelmente também – não posso pensar em fazer algo assim agora. Estar longe da minha família. Eu só quero me enterrar na cama da mamãe e do papai e nunca sair do lado deles.

— Também podemos não falar sobre isso?

Desta vez Daria não diz nada. Nós nos encaramos por alguns instantes antes de minha irmã perguntar — Posso te mostrar uma coisa?

Aceno lentamente.

Ela tira o telefone do bolso. Seu protetor de tela é Penn e Cressida fazendo caretas para a câmera, com os dedos de Sissi pintados de vermelho. Estavam fazendo um cartão para o Dia das Mães para Daria.

Sissi. Se eu tivesse morrido, não seria mais capaz de abraçá-la.

Daria desbloqueia seu telefone e entra em sua galeria de vídeos. Ela rola para cima por longos momentos, procurando por algo.

— Tive um tempo sobrando no avião de São Francisco para Todos Santos, então revi nossos vídeos antigos de infância. Aqueles que mamãe nos mostrou no Natal passado?

— Sim — resmungo. — Sim, eu me lembro desses vídeos.

Mais ou menos. Estava muito ocupada olhando para Lev e tomando pílulas.

— Ah. Aí está! — Daria aumenta o volume e coloca seus AirPods em meus ouvidos.

Não reconheço este vídeo, mas sei onde foi feito. É um vídeo meu, quando tinha quatro ou cinco anos, numa aula de balé.

Sou pequena e estou usando um tutu e um collant verde neon brilhante, em contraste com todos os tons rosa claro e branco das

outras garotas ao meu redor.

— *Fique na fila, Bailey* — ouço a professora ao fundo – nem consigo lembrar o seu nome, mas, em vez disso, a câmera me segue enquanto pulo na barra do balé e engancha a parte de trás dos joelhos nela, balançando de cabeça para baixo com os braços esticados, rindo.

Mamãe ri atrás da câmera. Uma risada verdadeira, uma risada rica, que dança em meus pulmões como se saísse de mim. Algo quente me preenche.

— *O que está fazendo, Bails?* — Mamãe murmura.

— *Preparando-me para o meu grande número!* — Mostro minhas armas inexistentes para a câmera, como se eu fosse uma super-heroína. Meus dois dentes superiores faltando e pareço ridícula, mas tão confiante e feliz, despreocupada.

— *Oh, mal posso esperar para ver como será.* — Posso ouvir o sorriso na voz da mamãe. — *Qual música quer dançar?*

— “*Smooth Criminal*”!

— *Não é uma música de balé* — ressalta mamãe.

— *Quem disse?* — Desafio. — *Tudo é música de balé se for bom nisso.*

— *Bailey, você vem?* — A professora repreende em segundo plano.

— *Sim, Sra. McFadden!* — Eu fico de pé e jogo um sorriso atrevido por trás do ombro. — *Mãe, confira meus passos de dança!*

E então... começo uma dança boba. Não estou brincando. Toda sorriso descolado e movimentos ridículos. Mamãe bufa e ri agora, me seguindo com a câmera.

O vídeo continua por mais alguns segundos. Fico na fila com o resto das garotas – minha roupa e meus rabos de cavalo irregulares em destaque – e danço com todas elas.

Não sou a melhor da turma. Não sou nem a terceira melhor da turma, para ser sincera, mas o tempo todo que estou dançando,

pareço... *feliz*. Cheia de alegria.

O sorriso não desaparece do meu rosto, nem por um segundo, mesmo quando a Sra. McFadden me corrige repetidas vezes.

O vídeo termina e imediatamente quero assisti-lo novamente e nunca mais assistir ao mesmo tempo. É tão agridoce ver como tudo começou – não com a pressão do sonho projetado pela mamãe. Com a pura simplicidade de uma menina que simplesmente adorava dançar.

Tirando os AirPods das orelhas, coloco-os na palma aberta de Daria.

— Sempre gostou da jornada e não se importava muito com o final do jogo — diz Daria calmamente. — Lembra quando saíamos de férias para resorts e havia festas idiotas à noite para as crianças? Você sempre dançava nelas. Todos os outros achavam que eram legais demais para isso. Você não. Você fazia a Macarena como ninguém.

— Sim — resmungo. — É uma música tão cativante.

Tanto Daria quanto eu começamos a rir e chorar.

— O que aconteceu? — Daria resmunga.

Meu olhar se volta para onde mamãe está dormindo. Só que ela não está mais dormindo. Esteve ouvindo toda essa conversa, a julgar pelas lágrimas em seus olhos. Está nos observando, pressionando um lenço no nariz.

— *Eu* aconteci. — Mamãe se inclina para frente, apoiada nos cotovelos, agarrando meu braço. — Fiz isso com você. Da mesma forma que fiz com Daria. Coloque muita pressão em vocês. Assim que percebi que ambas eram tão talentosas, quis que tivessem tudo o que eu não consegui. Daria foi mais assertiva, no entanto. Ela se manteve firme quando tentei orientá-la na direção do balé, mas você, Bailey...

Mamãe olha para baixo, destruída. — Sempre teve como objetivo agradar. Eu deveria ter sido muito mais cuidadosa com você. Pressionei e forcei. E veja o que aconteceu. Acabou também com uma perna quebrada. Só que no meu caso foi um acidente. No seu, você fez isso consigo mesma. Colocaram uma haste na sua tíbia, Bailey. —

Wow. Ambas são muito ruins em conversas estimulantes. — Por minha causa. Eu...

— Não por sua causa — a interrompi. — Por *minha* causa. Tenho que assumir a responsabilidade pelo que aconteceu. Sim, você me incentivou a ter sucesso. Ir para Juilliard, mas eu poderia ter recusado a qualquer momento. Você não teria resistido muito.

— Sim, e vivido sua adolescência sentindo-se um completo fracasso — diz mamãe, não pronta para se libertar. — Fui uma péssima mãe para vocês duas.

Daria inclina a cabeça para trás e ri. — Marx, mãe. Tão dramática.

— Uma das minhas filhas acabou sendo abusada pelo diretor e a outra ficou viciada em drogas — lembra ela.

— Somos uma família de vencedores. — Daria comemora com a mão ar.

Eu também tenho que sorrir um pouco. Porque se ela acha isso divertido, talvez um dia também possa. Quero dizer, Daria parece feliz com sua vida e, antigamente, parecia que a esperança havia acabado para ela.

Este é o meu momento de epifania.

Aparentemente, a motivação não vem do fundo do poço. Vem de ver todas as coisas que perderei se não mudar minha vida. Minha família. Minha paixão – sim, dançar ainda é minha paixão, mesmo que não tenha dado certo na Juilliard.

Lev. Tenho sido tão horrível com ele. Para todos ao meu redor.

Quero ser aquela garota do vídeo novamente. Pendurada de cabeça para baixo, fazendo danças bobas, usando collant e tutu em cores neon. Quero ser feliz. Mesmo que feliz signifique não ser a garota mais bem-sucedida da sala.

Mesmo que o meu felizes para sempre não inclua grandes palcos, uma estante cheia de troféus e reconhecimento mundial.

A porta se abre e papai entra. Como eu suspeitava, segura um porta-copos com cafés frescos para ele, mamãe e Daria.

Ao me ver acordada e as três chorando, suas sobrançelas se erguem.

— Ela está acordada. — Ele deixa cair o café no chão. Os três copos explodem, derramando um líquido marrom por toda parte. Ninguém na sala sequer pisca.

De alguma forma, encontro forças para sorrir. — Estou de volta, pai, e nunca mais farei isso com você.

Ele corre até mim, ajoelhando-se ao lado da minha cama, beijando as costas da minha mão, mesmo com todas as agulhas dentro dela.

Meu pai está chorando agora. O grande Jaime Followhill. O quebrador de regras. O homem que pisou em todas as tradições e expectativas e se casou com sua professora do ensino médio. O homem que construiu um império. O homem que criou duas bombas. Casou-se com uma também.

Chora. Como uma criança.

Tem muito a perder, Bailey.

Vale a pena lutar por isso.

Vale a pena viver por isso.

Reunimo-nos em um abraço coletivo. Quando nos soltamos, limpo a garganta.

— Juilliard... — começo.

Mamãe se intromete. — Sinto muito por ter aberto sua carta. Não tive a intenção de passar dos limites. Estava tão preocupada...

— Mãe, deixe-me terminar. — Toco seu pulso.

Ela faz sinal de fechar a boca. Ela está tremendo. Eu também estou.

Eu não posso mais fazer isso. Não posso arruinar a vida de todo

mundo só porque a minha não funcionou do jeito que eu queria.

— Juilliard não era uma boa opção para mim. Queria ter sucesso, mas não tirei nem um pinga de satisfação disso. Odiava Nova Iorque. Odiava o frio. Odiava a competitividade. Eu era tão boa em me destacar nas coisas... a escola sempre foi divertida para mim, dançar costumava ser moleza...

— Tudo bem, Srta. *Humblebrag*⁸⁶, entendemos — Daria murmura. Todos rimos.

Continuo — Por isso, quando comecei a me sair mal em alguma coisa, não admiti a derrota. Continuei me esforçando e pressionando. E acabei fazendo amizade com o tipo errado de pessoa. — Penso em Payden. — Estou pronta para ir para a reabilitação. Preciso fazer isso direito. Tenho que fazer. Serei sempre uma viciada. Não se pode voltar atrás nisso, mas quero ser uma pessoa sóbria e segura. Não devo isso apenas a mim mesma, mas às pessoas que amo.

Mãos me envolvem de todos os ângulos. Segue-se uma enxurrada de lágrimas e beijos. E sei, neste momento, cercada pelos entes queridos que provavelmente não verei por muito tempo, que de alguma forma, ficarei bem.

Porque esse é o problema com mercadorias danificadas.

Elas ainda são boas. Só precisam de um pequeno conserto.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Bailey

Fiquei no hospital por dez dias antes de me deixarem ir.

Lev não me visita nenhuma vez.

Na verdade, isso não é verdade. Ele vem aqui diariamente, mas não entra. Continuo ouvindo-o do lado de fora do meu quarto, conversando com papai, Penn, mamãe e Daria. Perguntando como estou.

Quero gritar com ele. Dizer a ele que estou feliz em lhe enviar por e-mail meu prontuário hospitalar todas as manhãs e economizar tempo e trânsito, já que ele não está aqui para me ver de qualquer maneira.

Sei porém, que não tenho o direito de ser uma pirralha.

Por que ele não entra? Acho que sei por quê, e o motivo é assustador para mim.

A boa notícia é que estou oficialmente aceitando visitantes.

Knight e Luna chegam com Cayden e uma pilha de livros que Luna comprou especialmente para mim.

Vaughn e Lenora vem sem os gêmeos e ficam para um jantar e uma conversa de duas horas sobre arte.

Daria e eu assistimos filmes todas as noites e conversamos sobre o passado – sempre o passado, nunca o futuro. O futuro é demasiado grande, vasto demais, muito ameaçador. Não tocamos nisso.

Chego em casa em uma cadeira de rodas. Minha perna está engessada e tecnicamente posso usar muletas, mas meus pais disseram que tenho que ir com calma.

É uma experiência extremamente humilhante sentar no meu quintal e fazer gorros de crochê para bebês da UTIN⁸⁷ sem poder pular

e dançar toda vez que uma música que gosto toca no rádio.

Não sei por que não entro em contato com Lev. Não é orgulho – nunca fui uma pessoa orgulhosa.

Acho que uma parte de mim entende por que ele colocou distância entre nós. Por que deixou ir. Eu o tratei horivelmente e o coloquei no inferno. E no topo de tudo isso, o usei novamente, apesar de seus apelos válidos e saudáveis. Mamãe sempre diz que o amor é um exercício de resistência, mas acho que ela se refere às dificuldades gerais que a vida nos lança.

Não quando um de vocês decide se tornar abusivo e não ele mesmo.

Mesmo assim, sei que conversaremos antes de ele ir para a faculdade, onde quer que seja.

Antes de entrar na reabilitação. Quando quer que seja.

Como está o céu, Dove? sua voz pergunta dentro da minha cabeça.

O céu caiu sobre mim e me esmagou inteira. E ainda assim, sobrevivi.

* * *

Acabo escolhendo um centro de reabilitação da mesma forma que escolhia os sabores de sorvete quando era criança. Fecho bem os olhos, passo o dedo por uma lista selecionada e paro em um lugar aleatório.

Mamãe, papai, Daria e Penn estão sentados ao meu lado. Meu grupo de suporte integrado.

— Não espie! — Mamãe murmura, tentando tornar toda a provação divertida, em vez de horrível.

Sufoco um sorriso. Deixo meu dedo deslizar pela lista manuscrita e paro. Silêncio. Meus batimentos cardíacos estão tamborilando entre meus ouvidos.

— É bom? É ruim? — Pergunto, com os olhos ainda fechados. — Consegue dizer? A caligrafia de Daria é horrível.

— Ei! — Daria ri.

— Ah! Este parece muito bom. Adoramos as fotos — diz mamãe finalmente. — Abra os olhos agora, Bailey. É o começo do resto da sua vida.

* * *

O centro de reabilitação fica na Pensilvânia.

Minha decisão de sair do estado resultou da necessidade de cortar o cordão invisível que ligava a mim, meus pais e Lev.

Queria me concentrar em melhorar, não em esperar visitas de fim de semana com meus entes queridos.

Às vezes é preciso viver sem pessoas para lembrar o quanto vale a pena mantê-las em sua vida.

Entretanto, acho que Lev poderia ser riscado da lista de visitantes hipotéticos. Ele nem me visita do outro lado da rua.

Três dias depois de escolher um programa de reabilitação, estou sentada na varanda da minha casa, cercada por malas e mochilas.

— É melhor voltar limpa, feliz e tranquila, porra — Daria avisa em algum lugar acima da minha cabeça, enfiando meus fones de ouvido rosa e minhas meias brilhantes favoritas na minha bolsa de mão e lutando com o zíper. — Essa coisa custou sessenta mil para mamãe e papai. Distribuem diplomas de bacharelado no final?

— Cara, isso é para me fazer sentir culpada? — Inclino minha cabeça para olhar para ela, mas não estou brava, não mesmo.

Ela está certa. Além disso, ela largou tudo para ficar comigo durante todo esse período desde que tive a overdose.

— Muito. — Ela joga o cabelo de Rapunzel para um ombro. —

Você merece se sentir culpada – não envergonhada. Tive que me ausentar do trabalho. E parar minha dieta de suco.

— Tenho certeza de que você e Penn ainda podem pagar as contas. — Seu marido recebe um zilhão de dólares por temporada pelos 49ers.

— Não se trata de dinheiro. É sobre minhas responsabilidades. Aspirações. Minha paixão.

— Está falando sobre seu trabalho ou sobre a dieta? — Franzo a testa.

— Ambos. — Ela ri. — Minha rotina de garota gostosa se tornou uma arte, e sinto muita falta dos meus alunos.

Ela é realmente tão apaixonada por seu papel? Não tinha percebido. Possivelmente porque sempre acreditei secretamente que Daria aceitou esse trabalho por necessidade, para fazer algo na vida.

— Você realmente gosta do que faz? — Só posso imaginar o tipo de discurso estimulante que minha irmã dá aos jovens da América. Existe um amor difícil e existe tudo o que Daria Scully dá às pessoas. O que é mais parecido com... carinho BDSM.

— Adoro. — Um sorriso terno traça seus lábios e seus olhos suavizam. — Sabe, Bails, há vida depois do brilho e do glamour do balé profissional e da alegria. É muito bom fazer algo tranquilo e gratificante. Malhar porque quer, porque é divertido e não porque é o seu trabalho. — Isso, posso acreditar. — Eu faço mais diferença como conselheira do que como capitã de torcida. Minha pegada positiva neste mundo é maior. Não veja isso como um fracasso. — Ela balança a cabeça.

— Todos nós caímos. Aqueles que se levantam são os verdadeiros vencedores. E depois de cair, aprendemos a apreciar muito mais os momentos altos.

Seus olhos vão dos meus para a mansão do outro lado da rua. Ela arqueia uma sobrancelha e se vira em direção à porta da frente. — Esta é a minha deixa para me tornar invisível. Papai ligará o carro

daqui uns dez minutos, por isso é o quanto de tempo que tem para se despedir do garoto apaixonado.

Daria desaparece dentro de casa. Olho para frente e vejo Lev atravessando a rua sem saída da casa dele até a minha.

Ele está vestindo um moletom preto e calça de moletom cinza baixa. Sua mandíbula afiada treme quando me vê cercada por minhas malas e bolsas. Não sorri quando o verde da floresta encontra o azul do oceano.

Meu coração está na garganta. Sei que isso é um adeus, pelo menos por enquanto, mas e se for um adeus para sempre? E se muitas coisas aconteceram para que possamos seguir em frente?

Ele corre os poucos passos do mármore marfim que leva até minha porta e fica na minha frente.

— Agora é uma boa hora para conversar? — Apesar de tudo, sua voz é doce e familiar.

— Não há melhor hora, já que estou saindo para a reabilitação em... — Verifico meu telefone. — Nove minutos e vinte e três segundos.

Não consigo evitar a amargura na minha voz. Não o culpo por querer que eu fosse embora depois de tudo que o fiz passar, mas ainda me faz em pedaços.

Nós dois cometemos tantos erros desde que voltei, e não sei como superar todas as lembranças ruins que atrapalharam todas as nossas boas.

Lev se senta ao meu lado. Não me atrevo a olhar para ele. Para seu nariz pontiagudo e reto ou para seus lábios deliciosamente simétricos.

Há uma montanha de palavras não ditas entre nós.

Lev fecha os olhos, engole em seco, deixando essas palavras desmoronarem como escombros.

— Desde o momento em que teve a overdose, tudo o que tenho

feito é tentar encontrar as palavras certas para lhe dizer quando acordasse. Levei todos esses dias para perceber que não existem palavras certas no nosso caso, então, em vez de dizer o que é certo, me concentrarei em dizer o que é verdade.

A verdade é sempre um soco. Prendo a respiração.

— Gostaria de começar pedindo desculpas a você. Este pedido de desculpas vem sendo aguardado há muito tempo. Quando minha mãe morreu, procurei alguém para substituir sua energia. Você foi a escolha mais fácil. Coloquei um fardo injusto sobre você. Expectativas que nenhuma criança deveria enfrentar. Você era tudo para mim — mãe, irmã, mentora, melhor amiga, amante em potencial. Era a prostituta e a santa. A doença e o remédio. Fez minha comida preferida, dormiu na minha cama, preparou minha mochila na noite anterior à escola e também protagonizou todas as fantasias que já tive. Há algo em você, Dove. É muito confiável. Então as pessoas simplesmente jogam merda em você, pensando que você terá sucesso.

Eu o observo com horror. Tenho a sensação de que sei onde isso vai dar.

Ele continua — Quando se coloca o mundo inteiro nos ombros de alguém, não se surpreenda quando essa pessoa afundar. E quando você afundou, Bailey, meu amor por você começou a se transformar em ódio.

— Não quero te odiar. Não quero temer cada momento com você, mas estou. Perto de você, estou agindo como um filho da puta que não se controla. Quebrando minhas próprias regras. Eu... — Ele passa os dedos pelo cabelo, que cresceu. — Faço coisas com você que nunca faria com alguém sob influência. Não há limites. Não existem normas. Passei minha vida inteira tentando não cair na mesma vida de vício em busca de emoções contra a qual meu pai e meu irmão lutaram. Não quero me perder, mesmo que isso signifique ganhá-la.

Sei exatamente o que ele quer dizer, mesmo que não queira. Lev morreria antes de tirar vantagem de alguém que está chapado ou bêbado. Fiz com que ele se odiasse.

— Fizemos tudo juntos desde que nascemos. Acho que é hora de ficarmos sozinhos.

— Eu... sinto muito pelo que te fiz passar...

— Tudo bem.

— Não está — insisto.

— Não importa — ele diz categoricamente.

Meu olhar permanece em meus tênis. Posso senti-lo se afastando de mim. De nós.

— O que havia nas caixas que me deu? — Deixo escapar. Queria perguntar, mas nunca era o momento certo. — Quero dizer, nada, obviamente, então acho que perdi um gesto importante aí.

— Um pedaço do céu. — Seu sorriso é como um raio de sol sobre minha pele. — Eu subia até o telhado da minha casa e cortava um pedaço para você todos os dias. Queria que se lembrasse de que tem opções ilimitadas. Infinitas possibilidades. As pombas são boas em encontrar orientação. O balé não é o começo e o fim da sua vida. E você é minha pomba, então sei que encontrará o seu caminho. O céu é seu, Bailey. — Sua voz é tão triste, tão intensa que não consigo respirar. — Deve encontrar o seu caminho novamente. Então... esqueça Juilliard, o balé e as competições por um segundo e pense em você.

Os sentimentos obstruem minha garganta e tudo é lindo e feio ao mesmo tempo.

— Preciso que me faça um favor enquanto estou na reabilitação — ouço-me dizer.

— Claro — diz ele. — Qualquer coisa.

— Payden. — Viro-me para olhar para ele, juntando os joelhos nas mãos.

O rosto de Lev fica nublado. — Não farei nada de Payden, não importa o quanto eu goste de você.

Tentando sorrir, explico — Payden era meu revendedor. Meu

palpite é que ele não está mais negociando, mas... não posso ter certeza.

— Ah Merda. Ele ainda pode estar fazendo isso — Lev murmura baixinho.

— Durante meses, andei por aí com um buraco no peito de que estou deixando-o escapar impune com o que fez. Meu último pensamento antes de ir para a cama todos os dias é: ele já matou alguém? Então eu fiz uma coisa. — Lambo os lábios, pegando a mochila ao meu lado e tirando uma pilha pré-impressa de papéis. — Digitei todo o meu depoimento para você entregar à polícia, incluindo meu número de contato na reabilitação. Todos os seus dados também estão aí. Estarei disponível para eles.

Lev pega os papéis, colocando-os debaixo do braço. — Considere isso feito.

— Obrigada. — Tento sorrir novamente. Falhou novamente. — Eu realmente aprecio isso.

Há um silêncio constrangedor. Isto é brutal. Nunca experimentei um silêncio constrangedor com Lev antes. Talvez antes de aprendermos a falar.

— Estou feliz que vá para a reabilitação — diz ele.

— Eu também — bufo, acrescentando amargamente — Ajuda que minha agenda esteja toda vazia, agora que Juilliard me expulsou e meus pais se recusam a me deixar ficar na casa deles, a menos que me forme na reabilitação.

Ele não abre um sorriso. — Precisa entrar lá sabendo que perdeu tudo. Para lutar por isso de volta, entendeu?

— Não tudo. — Fixo meu olhar em seu rosto ansiosamente. — Eu ainda tenho você, certo?

É nesse momento que perco tudo.

O momento em que Lev toca seu pingente de pomba e lentamente o remove do pulso.

Estamos ambos observando, hipnotizados. É como se ele estivesse cortando um membro ou algo assim. Acho que nunca o vi sem isso desde que me deu o meu. Corro para tocar o meu, então percebo que Thalia o roubou. A pomba desapareceu.

Quando olhamos um para o outro, ambos temos lágrimas nos olhos. Seu nariz está vermelho. Ele está tão perto de chorar. E se ele percebeu que minha pulseira não está mais comigo, não disse nada.

Talvez seja melhor. Talvez eu não queira saber o que ele tem a dizer sobre eu ter perdido o controle.

— Sinto muito, Dove. Sempre teremos o passado, mas o seu presente precisa ser seu e não pode ter o meu futuro.

— Lev...

Ele se levanta. Faço o mesmo. Desta vez, sinto a dor na minha tíbia em toda a sua glória – mesmo através do gesso – e mesmo que novas lágrimas brotem em meus olhos, é estranhamente satisfatório sentir novamente. Por muito tempo, as pílulas me deixaram tão insensível à realidade.

— Eu te amo, e para continuar a te amar, tenho que deixá-la ir. Você precisa fazer o mesmo.

— Mas Rosie me fez promessas...

Lev segura meu rosto, me trazendo para perto de seu rosto. Nossos narizes se tocam. Sua respiração desliza pelo meu rosto e tremo de prazer, como uma drogada roubando uma dose.

— Sei o que mamãe pediu. Estou pedindo que você desconsidere isso. Se há uma coisa que aprendi recentemente é que precisamos tentar reconstruir nossas vidas em torno do buraco que minha mãe deixou. Eu tenho que seguir em frente. Deixe. Me. Ir.

Minhas unhas afundam em seus braços e faço o oposto de deixá-lo ir enquanto soluço em seu peito. Sua respiração está difícil e posso sentir seu coração martelando, ameaçando perfurar sua caixa torácica.

— Eu te odeio — resmungo, cerrando os punhos e empurrando-o

para longe de mim.

A porta da garagem se abre. Papai sairá a qualquer minuto para começar a colocar minhas coisas no porta-malas. — Eu te odeio tanto.

Não o odeio, porém, eu o amo. Só estou com raiva por tê-lo perdido.

Lev me envolve com os braços, absorvendo meus socos. Mesmo agora, segundos antes de nos despedirmos, estou machucando-o e ele está aguentando.

— Eu me odeio. — Mudo de tom, finalmente dizendo a verdade agora. — Eu me odeio muito.

Lev inclina minha cabeça para baixo e dá um beijo em meu couro cabeludo. — Eu te amo.

— Thalia roubou minha pulseira de pomba — ouço-me ficar de mau humor. Porra, sou um bebê tão grande. — Nunca a teria tirado!

Ele afrouxa seu aperto em mim, dando um passo para trás, em direção a sua casa. Antes de se virar, ele toca seus lábios novamente com os dedos. — Talvez não precisasse mais disso.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Lev

Fato Miserá..... não. Não farei mais isso. A vida é muito curta para ficar obcecado pela morte. É hora de viver sem sentir que de alguma forma isso está traindo a mamãe.

Dixie está me esperando quando atravesso a rua de volta para minha casa.

Posso vê-la através de uma tela de lágrimas não derramadas, espiando pela janela da cozinha, como se fosse um estranho fetiche amador ou algo assim.

Sempre gostei dela, mas recentemente ela realmente tem me cativado cada vez mais. O que ela fez com a inscrição na Air Force Academy deveria lhe render o prêmio *Bad Bitch*, mesmo que agora eu esteja perpetuamente ansioso de não conseguir passar.

Honestamente, minhas chances não parecem boas. Poderia ter arrumado muito mais meu currículo. Enviado mais referências e cartas de recomendação.

Quando abro a porta, ouço meu pai dizendo a ela — ...não acredito que está recusando minhas ligações quando está aqui na minha casa, porra. Isso é uma besteira de próximo nível, Dix.

Eh. Vejo que ele voltou para Dicks.

— Estou aqui por Lev, não por você. Além disso, nunca ligou para Jéssica para aquela consulta — explica Dixie ironicamente, caminhando da janela para o pátio, seguindo meu exemplo.

— Bem, você está aqui agora, então...

— Não por muito tempo. Knight buscará a mim e ao Lev para jantar em dez minutos. Lev está tendo um dia, sabe. Com Bailey indo

para a reabilitação e tudo mais.

— Você é inacreditável. — Papai lança um olhar para ela. — Claro que sei! Ele é meu filho! Deveria ser eu quem os levaria para jantar, não você.

— Cara, sem ofensa. — Bebo um Gatorade e esmago a garrafa vazia na mão. — Você não é muita companhia agora e preciso lamber minhas feridas.

Dixie se vira para papai com um sorriso sereno. — Parece bravo. Gostaria que eu devolvesse as chaves para você?

— Não — ele responde acidamente. — Fique com elas. É apenas uma questão de tempo até que seu apartamento degradado precise de algum outro conserto e precise se mudar para cá novamente.

— Acontece que gosto bastante do meu “apartamento degradado”. — Dixie cita sua escolha miserável de palavras. — Cada centavo usado para alugá-lo foi ganho com muito esforço e simboliza minha independência financeira.

Papai cora. — Má escolha de palavras. Isso... não foi isso que eu quis dizer.

Ele a ama como uma irmã. Como se ela fosse da família. E ela também se sente como da família. Percebo que posso ter criado um monstro que não existia realmente com papai e Dixie, juntando-os, fingindo que algum dia poderiam ser uma coisa.

No pátio, Dixie me entrega uma xícara daquele café bombástico de padaria. Meu pedido habitual.

Eu aceito e tomo um gole.

— Consegui. — Pesco minha pulseira de pomba no bolso da calça de moletom. — Ela diz que Thalia roubou a dela.

Filha da puta. Thalia está chapada se acha que não vou recuperá-la.

Dixie me lança um olhar simpático. — Estou orgulhosa de você. Sei que não foi fácil, mas ela precisava saber que tem que lutar por

tudo o que sempre considerou garantido. Quanto mais se tem em jogo, mais se luta.

Estou acreditando na suas palavras porque ela também começou de baixo. Às vezes é preciso um lutador para fazer um lutador. Bailey precisa usar dentes e unhas para sair desse vício. Partir o seu coração foi a coisa mais difícil que tive que fazer e, ainda assim, fiz porque significa ajudá-la a consertar sua vida.

Papai se junta a nós no pátio, de mau humor. Com as mãos enfiadas nos bolsos da frente, ele pergunta — Então, como foi despedir de Bails?

— Incrível. Pensando em tornar isso uma ocorrência diária.

— Jaime me disse que ela se inscreveu em um programa de noventa dias. — Ele passa o mocassim pela terra, recusando-se a olhar para Dixie, como uma criança em idade pré-escolar. — Parece um lugar respeitável. Você deveria estar feliz.

Feliz? Não nesta vida. Esperançoso, triste, exausto e aliviado, entretanto? Sim.

Honestamente, meus pensamentos são uma bagunça emaranhada. Não serei capaz de dizer realmente o que está acontecendo até que estejamos do outro lado disso e Bailey saia da reabilitação.

Pressionando meus lábios em uma linha dura, admito — É uma merda estar apaixonado por uma garota e não saber se ela sobreviverá esta noite.

— Eu sei — papai responde. — Estive lá. Também é o melhor acordar e ver que ela ainda está lá, respirando.

Praticamente posso ouvir Dixie engolindo em seco, olhando entre nós. — Vou deixá-los sozinhos. — Ela desaparece de volta para dentro de casa.

Olho para papai, e ele me encara de volta e, por um momento, acho que vai atrás dela.

Em vez disso, porém, ele limpa a garganta. — A Air Force

Academy? Espero que entre. Não consigo pensar em ninguém mais capaz. Knight... sempre soube o que ele precisava de mim. Uma figura paterna. Um mentor. Você não. Sempre senti que poderia ser mais uma figura paterna para mim do que vice-versa. E isso me assustou. Então, às vezes... — solta um suspiro. — Na maioria das vezes, simplesmente te deixava sozinho, confiando que faria a coisa certa. Lamento não ter estado mais envolvido. Mais atento às suas necessidades e desejos.

Mordendo o lábio superior, digo — Não foi só culpa sua. Vi uma oportunidade de te fazer feliz, e tenho esse terrível complexo de salvador, já que não consegui salvar mamãe. E você queria ser salvo. — Dou de ombros. — Às vezes sinto falta das reuniões de família da mamãe na sua cama. Sentávamo-nos lá e conversávamos por horas sobre nossos sentimentos. Porém, não funciona tão bem com três caras de um metro e noventa.

Papai ri. — Não muito bem, não. Precisarei de duas California kings para caber os três, mas você ainda pode sempre falar comigo.

— Eu sei. — Torço minha boca de lado. — Quero dizer, agora eu sei.

— E de minha parte, prometo não depositar todas as minhas esperanças e sonhos em você e em Knight, mas tenho algumas ideias em mente.

Meus olhos viajam para a porta de vidro e levanto uma sobrancelha. Papai balança a cabeça. — Não é o que pensa, mas sim. Acho que Dixie também faz parte desse plano. Nunca estaremos juntos. Terá que ser... pouco convencional. Um abraço para resolver? — Papai sugere.

Mamãe sempre exigia que nos abraçássemos antes de nos separarmos. Não gostava quando estávamos irritados um com o outro. Dizia que era uma característica de pessoas que consideravam a vida como garantida porque nunca se sabe se verá a outra pessoa novamente.

Você apenas assume. Ela chegou ao ponto de chamar isso de

complexo de deus quando Knight e eu brigávamos sobre merdas como quem comeu a última Nakd Bar (sempre Knight. Além disso, observação: nunca me senti tão enganado quando tinha quatorze anos e Knight provocativamente me ofereceu uma Nakd Bar, e pensei que ele estava me levando para minha primeira casa de peitos).

Agora, papai entra no meu espaço, me pega em seus braços e me aperta com tanta força que meus ossos estão roendo um contra o outro.

Eu rio em seus ombros. — Pare com isso, psicopata.

— O que fará se...? — Ele deixa o resto da pergunta inacabada. Se eu não entrar na Força Aérea.

— Alistar-me. Provar meu valor enquanto sirvo. Depois me candidatar novamente.

Seu corpo fica rígido contra o meu, mas ele não discute.

— Eu te amo, Levy.

— Também te amo, pai.

— Ela ficará bem — ele diz, e sei exatamente a quem se refere.

Deixo minha testa cair em seu pescoço e respiro fundo. — Eu sei.

CAPÍTULO QUARENTA

Lev

Um dia depois de Bailey ir para a reabilitação, volto para a escola.

Não vou há mais de duas semanas. Passei o tempo todo vagando do lado de fora do quarto do hospital. Por isso, depois que ela recebeu alta, estava muito mal para fingir que me importava com minhas notas.

Não sou o único. Quase todo mundo que conheço que foi aceito em uma faculdade ou já enviou sua inscrição foi verificado mentalmente.

No entanto, preciso estar aqui hoje. Na escola. Tenho assuntos inacabados para resolver.

Quando Bailey estava em coma, e Mel e eu estávamos sentados do lado de fora do seu quarto, saboreando o café morno do hospital e tendo conversas providas da ansiedade, lembrei-me do momento antes de Jaime nos chamar quando encontrou Bailey inconsciente.

Mel acabara de dizer que Thalia visitara Bailey algumas horas antes de sofrer a overdose e ressaltara que ela e Jaime haviam realizado uma busca minuciosa de drogas na casa horas antes.

Juntei dois mais dois. Thalia era o único ponto de contato de Bailey além de mim por um bom tempo. E eu com certeza não dei drogas a ela.

O que me deixa com uma candidata...

A pessoa que realmente ameaçou lhe dar drogas. Onde há fumaça, geralmente há fogo.

E Thalia agora está fedendo a fumaça.

Eu a encontro encostada em seu armário, abraçando seus livros

contra o peito enquanto Austin se aproxima, flertando com ela. Quando me vê indo em sua direção, um sorriso provocador surge em seus lábios.

Ela acha que é uma cena de ciúme iminente. Essa garota é tão observadora quanto uma calcinha suja.

Empurrando Austin para fora do caminho casualmente, fazendo-o tropeçar e cair de bunda e arrancando algumas risadas, fico na cara da minha ex-ficante. — Dê uma voltinha comigo.

Thalia faz beicinho, mostrando-me seu bom perfil. — Não sei, Cole. Não está tornando isso muito atraente para mim agora com esse seu tom.

Abro um sorriso sedutor, abaixando meu rosto para roçar meus lábios em sua orelha. — Se você não der um passeio comigo agora, vou denunciá-la à polícia por aliciamento e compra de drogas pesadas, e depois quaisquer opções que ainda tenha para ir a faculdade irão pegar fogo, junto com sua reputação. Que tal isso, querida?

Ela joga a cabeça para trás e me olha com horror. — Lidere o caminho.

Thalia se vira, enfia os livros no armário e o fecha.

Já estou do outro lado do corredor. Ela me segue apressadamente. Estou fazendo tudo que posso para manter a calma, mas é difícil quando essa idiota quase matou a pessoa que amo mais do que qualquer outra coisa nesta vida. Entro no laboratório e ela faz o mesmo. Tranco a porta atrás de nós, colocando a mão sobre sua cabeça.

Seus olhos se arregalam de medo. Honestamente? Ela deveria estar com medo agora.

— Seja lá o que Bailey disse a você — Thalia começa, erguendo o dedo entre nós — eu não acreditaria nela. Afinal, ela é uma drogada...

Pressiono um dedo sobre sua boca, e a idiota imediatamente derrete com meu toque. — Vamos esclarecer uma coisa: da próxima vez que se referir a Bailey como uma viciada ou qualquer outro

epíteto questionável, enviarei um de seus nudes para o grupo do WhatsApp da escola. Não me importo com nada. Não se deixe enganar pelas covinhas e pelas boas notas, nós dois sabemos que sou um idiota quando quero.

Ela engole e lambe os lábios. Tiro minha mão de sua boca. Balança a cabeça, deixando-me saber que entendeu a mensagem.

— Agora, vamos estabelecer algumas coisas. — Minha mão envolve seu pescoço. — Sei que vendeu e/ou levou Bailey às drogas. Sei também que deu drogas a ela no dia em que ela teve a overdose. E sei que você fez isso porque, apesar de eu ter explicado em um inglês simples e perfeito que nunca foi mais do que um buraco quente, pensou que tinha uma chance de sermos algo mais. Corrija-me se eu entendi algo errado até agora.

Lágrimas enchem seus olhos, mas ela não diz nada. Odeio as palavras que saem da minha boca, mas a odeio ainda mais pelo que ela fez. Além disso, talvez se ela não tivesse reintroduzido Bailey nas drogas, Dove não teria que ir para a reabilitação e poderia estar aqui comigo.

Este é um pensamento prejudicial à saúde. É bom para Bailey estar na reabilitação, mas meus sentimentos por minha melhor amiga podem ultrapassar para sempre a linha entre o amor e a obsessão.

Não preciso de alguém como Thalia sabotando Bailey maliciosamente.

— Tanto faz, vamos com isso. — A voz de Thalia está rouca, como se ela estivesse gritando internamente há meses. Talvez tenha.

Não tenho dúvidas de que não ouvi o seu choro. Eu estava muito sintonizado com uma garota e apenas uma garota.

— Sim, isso é bastante preciso. E daí? Acabará com minha vida em retaliação? — Ela diz. — Você se divertiria arruinando a vida de uma pobre garota?

— Sua situação financeira não tem nada a ver com isso. O fato de quase ter matado minha melhor amiga sim. — Bato a palma da mão

aberta logo acima de sua cabeça e ela pula com um grito.

O som ecoa pela sala. Preciso controlar meu temperamento antes de perdê-lo.

— Bailey poderia ter dito não. — Thalia tenta me afastar dela, desesperada por uma fuga. — Não fez isso. Ela se preocupava mais com drogas do que com você. Pode apontar o dedo para tudo e todos, mas a verdade é que Bailey queria ser corrompida e eu sou a única que ousou mostrar isso a você.

— Você é um maldito desperdício de espaço — digo, me afastando de seu corpo. Ela me dá nojo.

— Sim, bem — ela bufa, ajoelhando-se para remexer em sua mochila em busca de alguma coisa. — O que fará sobre isso? Apenas me diga qual é a minha punição, porque sei que você tem algo reservado para mim.

— Como sabe? — Pergunto, surpreso. Thalia não me parece uma gênia, para dizer o mínimo.

Ela revira os olhos, encontrando um elástico para o cabelo e prendendo-o em um coque alto. — Se você quisesse me entregar à polícia, teria feito isso sem esse confronto. Nunca teve muito interesse em falar comigo. Era mais da minha boceta que você gostava.

— Você me dará os detalhes do seu traficante para que eu possa pregar o caixão desse filho da puta e colocar a bunda dele na cadeia por um longo tempo — começo.

Thalia assente. Esse é um sacrifício fácil. — O que mais?

— Você escreverá para Bailey uma carta genuína, sincera e triste de desculpas pelo que fez a ela. — Continuo — E vai me dará para entregar a ela quando sair da reabilitação.

— Ela foi para a reabilitação? — Seus olhos se iluminam. — Na verdade, estou feliz em ouvir isso. Estava... não sei, preocupada depois de saber que ela acabou no hospital — Thalia murmura, desviando o olhar para baixo.

Surpreendentemente, acredito nela. Não acho que Thalia seja uma pessoa horrível. Acho que ela está equivocada, com um lado fodido, mas também se perdeu.

— E depois você se afastará completamente de nossas vidas — termino. — Isso significa que não quero que fique nas proximidades de Bailey, nunca, por toda a eternidade.

— Vivemos na mesma área — protesta Thalia.

— Vá para Carlsbad — digo lentamente. — Deu a ela drogas que a colocaram em coma, sua idiota. É prisão ou ficar bem longe. Todos Santos estará fora dos seus limites dentro de oitenta e nove dias, quando Bailey sair.

Se ela sair. Talvez decida ficar por mais tempo. Talvez tenha uma recaída assim que for embora. Talvez nem conclua o programa.

E se ela decidir não voltar aqui? Precisar começar do zero em algum lugar novo?

Preciso parar de pensar nisso antes que minha cabeça exploda.

Thalia respira fundo. — E não contará a ninguém o que aconteceu se eu fizer todas essas coisas?

Balanço minha cabeça lentamente. — Ah, e mais uma coisa.

Ela me encara com expectativa enquanto estico a palma da mão diante dela. — Pingente de pomba da Bailey. Agora.

Ela torce o nariz, olhando ao nosso redor. Bufando, enfia a mão no bolso e me entrega. Não posso acreditar que ela o esteja carregando descaradamente como se tivesse sido dado a ela, e não roubado. Como uma lembrança.

Coloquei-o no bolso e imediatamente senti o alívio de ter algo de Bailey comigo. Esse não é o adeus que eu tinha em mente para essa menina, que foi minha primeira vez.

Por isso, novamente, muita merda deu errado nos últimos meses.

— Sabe — Thalia engasga — eu sabia que você odiava futebol. E sabia que era indiferente comigo, mas sempre pensei que você cederia.

— Ela funga. — Que aceitaria o que a vida lhe oferecesse. Foi um negócio doce de ter.

Eu me encosto na mesa do professor, cruzando os tornozelos. — Foi — concordo. — Mas eu nunca gostei de doces.

* * *

Três dias se passam, depois quatro.

Visito Jaime e Mel todos os dias e pergunto sobre Bailey. Eles não sabem muito. Recebem atualizações por meio de seu conselheiro.

Bailey ainda não tem privilégios telefônicos. Seu conselheiro diz que ela está progredindo. Que é uma excelente seguidora de regras e que gosta de ajudar os outros. Se esta não é a coisa mais Bailey que já ouvi, não sei o que é.

Na ausência de Bailey, e tão perto da formatura, não tenho muito o que fazer.

Visito nossas pombas. Encontro um livro de receitas que mamãe deixou para trás e decido memorizá-lo. Aprendo a fazer todos os seus pratos exclusivos. Paro de depender de Bailey.

Por isso, preparo o rigatoni⁸⁸ da mamãe, a canja de frango com macarrão e os waffles de canela e silan.

Papai reclama que sou péssimo para seu tanquinho e ameaça me expulsar de casa.

Knight e Luna convenientemente deixam Cayden em casa todas as tardes para que eu possa alimentá-lo com o jantar.

Uma pessoa que não vejo muito é Dixie.

Quero perguntar ao papai qual é a posição deles, mas também não quero parecer agressivo. Não era esse o meu problema com ele em primeiro lugar? Cada um com sua mania.

É uma noite aleatória de sexta-feira quando Grim finalmente

consegue me arrastar para fora.

Só porque tem uma feira na cidade e sou um viciado em algodão doce azul. Grim e eu consertamos as coisas rapidamente depois que ele se tornou capitão, mas não antes de eu me humilhar.

Antes de sair, digo ao papai que não estarei em casa antes da meia-noite. Grim e eu gostamos de tomar algumas cervejas depois de sairmos, e geralmente volto para casa de Uber.

Desta vez porém, chego em casa às dez e meia. Culpa de Grim. O cara tem talento para ficar com as pessoas e me abandonar no meio da noite.

Empurro a porta da casa e ouço vozes vindo de cima.

Quarto do papai.

Putá merda. Estou tão atordoado e animado que nem sequer penso em não escutar. Não. Vou na ponta dos pés como um ladrão de desenho animado até a escada e aguço os ouvidos.

— ...tem certeza que quer fazer isso? — Papai pergunta. Estou muito feliz por ter chegado antes que ele e Dixie começassem a fazer coisas desagradáveis. Definitivamente desistirei antes da hora do show.

— Sim — a voz de Dixie parece certa, mas um pouco instável. — Tenho certeza. Você tem?

Ew. Parecem virgens de quinze anos. O que é adorável, saber que papai dormiu com quatro dígitos de mulheres antes de ele e mamãe ficarem juntos.

— Eu quero isso — papai admite, limpando a garganta. — Na verdade... *preciso* disso. Lev vai para o serviço militar e preciso de algo para fazer comigo. E essa coisa não pode se intrometer nas merdas dos meus filhos adultos, sabe?

— Você tem um ótimo jeito com as palavras — elogia Dixie. Papai ri. Eu também.

Vamos, pai. Faça um movimento.

Em vez de ouvir o farfalhar de roupas e o som de beijos molhados e ficar com cicatrizes para o resto da vida, ouço Dixie dizendo — Tudo bem. Ótimo. Faremos isso. Como amigos.

— *Melhores* amigos — ele corrige. — Sim.

— Então farei uma oferta agora mesmo. Não adianta esperar até segunda-feira. A casa volta a ser exibida no domingo e temo que alguém ofereça dinheiro e a roube.

Hum, o quê?

Eles estão falando sobre Dixie comprar a casa na maldita rua? Que decepção. Pensei que eles se pegariam.

— Qual é o problema? Você pagará em dinheiro — diz papai.

Ela ri. — De quem é o dinheiro?

— Meu.

— Dean, eu...

— Não, me escute. Para que isso funcione, precisa morar perto.

Para que funcione? O que está acontecendo?

— Eu tenho os meios. Você tem vontade — papai incentiva.

— Eu... realmente não me sinto confortável com isso — ela gagueja.

— Isso é ótimo para praticar, já que se sentirá desconfortável quando tiver meu bebê dentro de você. Lev ganhou quase quatro quilos. Foi uma bagunça total. Nós, Cole, somos bebês realmente enormes.

Put. Merda. Sua conversa suja está tão enferrujada. Pobre Dixie.

— Você está bem com... o processo? — Ela limpa a garganta.

— Está brincando comigo? Masturbar se tornou minha especialidade desde que Rosie morreu.

Sim. Tudo bem. O cara é uma causa perdida.

Ouço o barulho dos saltos de Dixie enquanto anda pelo segundo

andar e, antes que eu possa desaparecer, ela aparece no topo da escada.

Nossos olhos se encontram. Fui pego em flagrante, mas de alguma forma, estou mais animado do que envergonhado com tudo que acabei de ouvir. Dou um sinal de positivo para ela.

Dixie sorri, piscando para mim.

Pisco de volta.

Obrigada, ela murmura. Aceno.

Confio nela com o coração do meu pai.

E isso é enorme.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Lev

Verifico nossa caixa de correio religiosamente, porque Mel me disse que o centro de reabilitação onde Bailey está os incentiva a escrever cartas para seus entes queridos.

Nunca recebo uma e sempre me surpreende, embora não devesse.

Tirei nossa maldita pulseira da amizade. Depois disse que terminamos. Esperar uma carta é uma besteira de próximo nível. Eu deveria estar feliz por ela não ter posto fogo na minha casa.

Uma carta com o logotipo do governo californiano chama minha atenção. Está endereçado a mim.

Não tenho ideia do que poderia ter feito para irritar todo o estado da Califórnia. Sou um dos únicos cidadãos deste maldito lugar que sabe separar corretamente toda a reciclagem nas lixeiras coloridas.

Talvez queiram comemorar por isso. Uma rua com meu nome parece uma boa ideia. Talvez um serviço de júri?

Tiro a carta da caixa de correio e entro. Apoiando o quadril na mesa de jantar, rasgo o envelope. Minha boca fica seca quando vejo seu conteúdo.

É uma cópia de uma carta de recomendação do prefeito de Todos Santos, Graham Bermudez. Meus olhos percorrem as palavras freneticamente.

...conforme sua solicitação, enviamos o original para a Air Force Academy dos Estados Unidos. Nós lhe desejamos boa sorte. Por favor, deixe-nos saber se pudermos fazer mais alguma coisa...

Put a merda.

Ao longo dos anos, Bailey me incentivou a ser voluntário na cidade para limpar o lixo da praia e distribuir panfletos durante os

meses eleitorais. Fiz isso principalmente para que pudéssemos sair, porque ela fazia isso, nunca porque pensei que uma carta de recomendação poderia resultar disso.

Bailey deve ter se lembrado. Porque eu com certeza não. Esta carta de recomendação é enorme, mas... como Bailey sabia que eu me inscrevi na USAFA? Isso não faz sentido.

Ligo para o número de Dixie. Ela atende antes do primeiro toque.

— A resposta é sim. — Ela suspira. — Tive que pedir ajuda a Bailey, Lev. Sabia que você precisava de todo tipo de coisa que não incluiu na inscrição e Bailey conhece sua vida melhor do que eu. Além do mais, sabia que ela mantém uma pasta inteira com seu currículo e possíveis locais para obter suas recomendações? Tem mais umas dez cartas como essa chegando.

Estou me apoiando na mesa de jantar com os nós dos dedos brancos, prestes a perder o controle. Bailey fez isso. Mesmo enquanto ela estava lutando contra seus próprios demônios, coletou cartas de recomendação e outras coisas para apoiar minha inscrição.

Ela me ajudou a perseguir meu sonho enquanto o dela morria diante de seus olhos.

E eu, em troca, disse a ela que não me tem mais. Movimento de babaca. Definitivamente um movimento idiota.

O caminho para o inferno está cheio de boas intenções e tudo.

— Como sabe que liguei sobre isso? — Pergunto a Dixie, atordado.

— Eu sabia que deveria receber uma resposta a qualquer momento, então imaginei que seus nervos estavam à flor da pele.

— O que Bailey fez exatamente?

— No meu conhecimento? — Dixie pergunta. — Consegui dez cartas de recomendação, incluindo uma do prefeito e outra do diretor daquele museu de aviação onde é voluntário. Ela também fez sua composição extracurricular – tenho certeza de que enfeitou um pouco

– e contatou seus professores para a parte de avaliação dos professores. Basicamente, reuniu todas as coisas que faltavam em sua inscrição.

— Mas ela deve ter feito isso depois do prazo.

Há silêncio do outro lado da linha. Meu coração batendo tão forte que estou surpreso que não tenha saltado até a Pensilvânia.

Finalmente, Dixie responde. — Ela ligou para explicar suas... uh, circunstâncias. Deram a ela vinte e quatro horas para enviar os acréscimos à sua inscrição. Não me pergunte como, mas ela fez acontecer. Uma coisa é certa: quando essa garota quer alguma coisa, ela consegue.

Fecho os olhos e respiro pelo nariz. Sinto que estou desmoronando. Bailey fez o que era impossível de fazer. Moveu montanhas para mim. Se ela conseguir superar suas próprias lutas, o céu será o limite para nós.

Dixie deve saber o que se passa na minha cabeça. — Fez a coisa certa, Lev. Você deu a ela uma chance de reivindicar sua vida de volta. Não é tarde demais para vocês dois.

— Como sabe?

— Porque vi o jeito que olham um para o outro — ela responde, com a voz firme e decidida.

— E?

— E o fogo que acendem juntos vence todas as sombras ao seu redor.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Bailey

— Ótimo trabalho, Bailey. Está fazendo um excelente progresso.
— Minha conselheira passa pela minha mesa durante o jantar.

Eu sorrio sobre minha combinação de granola e iogurte. Há um prato de vegetais frescos da horta e um pudim de soja ao lado para sobremesa.

Não me lembro da última vez que comi tão bem. Caramba, não consigo me lembrar da última vez que comi certo. O apetite não foi meu amigo nos últimos meses.

— Obrigada. — Estendo a mão para pegar a mão estendida da Sra. Hall, sorrindo e realmente sentindo o sorriso em meu rosto, para variar. — Meus níveis de energia aumentaram — admito.

Nem tudo é ótimo na minha vida. Agora posso ver exatamente por que meus pais e Lev insistiram para que eu me compromettesse com um programa de reabilitação para pacientes internados. Minha agenda é cansativa.

A desintoxicação não é brincadeira, e somos forçados a passar por uma terapia intensa e realmente nos aprofundar nas questões que nos trouxeram até onde estamos.

Chorei aqui mais do que em toda a minha adolescência combinada. Estou sobrecarregada, solitária e faminta por algo que nenhum pudim ou droga pode satisfazer, mas sentindo uma grande variedade de emoções agora, então considerarei isso uma vitória.

— Vem jogar *pickleball*⁸⁹ à noite? — Sra. Hall pergunta.

Balanço minha cabeça. — Realmente tenho que cuidar dessa minha perna.

Desde que fiquei sóbria, tenho cuidado melhor do meu corpo, e

isso fica evidente.

A Sra. Hall sorri, obviamente satisfeita enquanto tira a mão da minha. — Isso é o que eu queria ouvir. Aproveite seu livro esta noite.

A Sra. Hall acha que são os livros que leio no meu quarto todas as noites, com base na impressionante pilha de livros de bolso na minha mesa de cabeceira, mas a verdade é que meu material de leitura é diferente.

Aquele diário que mamãe comprou para mim para a Juilliard e eu estripei e fiz meu estoque de drogas? Ela o levou para casa durante minha hospitalização em Nova Iorque.

Deve ter sido, porque o encontrei numa das minhas malas quando me mudei para a reabilitação.

Só que agora não está cheio de drogas. A caixa está cheia de anotações que ela escreveu para mim.

Noventa e uma notas, para ser exata. Um para cada dia e uma extra, só porque te amo.

Quando o encontrei na minha bolsa, quase caí em prantos.

Termo minha refeição, arrumo tudo, verifico alguns amigos que fiz aqui e vou até meu quarto.

É um quarto muito bonito, o que me faz sentir culpada por fazer mamãe e papai gastarem todo esse dinheiro. Eu me jogo na minha cama queen-size e suspiro, olhando para o diário que mamãe me deu e que parece estar me perseguindo por toda parte.

Pego outra nota e abro. Aparece a caligrafia arrumada da mamãe, cursiva e longa, como uma fonte de convite de casamento.

Dia 28

Bailey,

Li em algum lugar que os flamingos perdem a cor rosa quando criam seus bebês porque criar seus

filhos é uma experiência muito intensa. Recuperam o rosa quando terminam seus deveres parentais.

Lembro-me de pensar que gostaria que isso também fosse verdade para os humanos. Acho que nós, pais, nunca recuperamos o rosa. Acho que sempre ficaremos muito preocupados com vocês.

E quanto maiores os bebês, maiores serão os problemas.

quero que saiba, porém, que ser sua mãe é a maior honra.

É inteligente, criativa, de bom coração e inovadora. É um presente raro. Uma celebração do melhor que poderia sair de seu pai e de mim.

Gostaria que você se valorizasse metade do que nós valorizamos.

Com amor, mãe

Sorrio e enxugo minhas lágrimas.

Olho para cima, para minha janela. Os últimos raios de luz deslizam através do vidro pintado de amarelo e rosa.

Uma pomba pousa aparentemente do nada no parapeito da minha janela. Bate os pés com impaciência, como se procurasse um ninho. Está segurando algo dentro do bico.

Um galho... não, não é um galho. Um ramo. Um ramo de oliveira? Impossível. Esta é a Pensilvânia. Uma oliveira teria que crescer numa estufa para sobreviver.

No entanto, está aqui. Assim como eu. Um sinal enviado à Arca de Noé quando toda a esperança parecia ter acabado.

Um símbolo de terra seca.

De esperança.

Um terreno para pousar.

Um porto seguro.

Há uma lição valiosa que aprendi na Juilliard, e que não me foi ensinada pelos professores: sua autoestima é um preço alto demais a ser pago pelo sucesso.

Na verdade, é o seu bem mais precioso.

Não há moeda para saber o seu valor.

É hora de reconstruir minha vida e começar do zero.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Bailey

SETE MESES DEPOIS

Acabei ficando mais quatro meses na reabilitação.

Não me senti pronta na hora de dizer adeus. Honestamente, parecia certo dar aos meus ferimentos o descanso que mereciam.

Meu corpo está me retribuindo na mesma moeda. Não estou mais fraca, tonta, enjoada e frágil.

Estou esperando meus pais me buscarem no aeroporto de San Diego, cercada por meus bens materiais e um leve caso de ansiedade.

Estou vestindo um suéter cor-de-rosa curto, uma saia branca de tênis e meias até o joelho junto com meus Mary Janes pretos. A garoa persistente ameaça arruinar meu rabo de cavalo perfeito com laço.

Lev e eu não nos falamos há sete meses, e a maneira como nos separamos sugeria que não havia nada para voltar. A única atualização que minha mãe me deu sobre ele foi que foi aceito na Air Force Academy.

Não posso dizer que estou surpresa, considerando o esforço que Dixie e eu fizemos, aliado ao seu próprio mérito inquestionável.

Isso significa que não tenho certeza se ele ainda está em Todos Santos, mas há uma pequenina parte de mim que espera que ele venha ao aeroporto com meus pais para me buscar.

É por isso que estou vestida como uma boneca inflável, pronta para abalar o mundo de algum virgem solitário.

Um Porsche Panamera estaciona na minha frente. Ser sequestrada por um homem rico com crise de meia-idade não é o sonho de toda a minha vida, mas ainda é melhor do que uma vida sem Lev.

A porta do passageiro se abre e recuo instintivamente, esperando um estranho, mas fico cara a cara com mamãe.

Papai sai do banco do motorista. Meu coração desce pelo peito até o estômago, depois se divide e rola para os meus pés.

— Comprou um carro novo! — Abri um sorriso falso (onde está Lev?). — Parabéns! Parece... — *Verde. Tão verde. Radioativamente verde.* — ...legal.

— Oh, querida, não precisa fingir. — Mamãe está me abraçando como se não acreditasse que eu existo, me abraça com muita força. — Nós duas sabemos que o carro é verde demais para seu próprio bem. É a idade do seu pai.

— Melhor um Porsche neon do que uma secretária de vinte e poucos anos com problemas com o papai.

Mamãe lhe dá um sorriso terno, passando a mão sobre o cardigã. — Ah, mas, querido, ela ficaria tão bem ao lado dos seus papéis de divórcio sem acordo pré-nupcial!

— Wow. Duzentas horas de terapia intensiva foram jogadas fora em dois minutos. Vocês são os melhores. — Ergo dois polegares para cima.

Eles sorriem um para o outro e depois caem na gargalhada. Aparentemente, era a maneira deles de quebrar o gelo.

(ONDE ESTÁ LEV?)

— Bails! Meu Deus, como sentimos sua falta. — Mamãe me abraça em seu peito novamente.

Papai me envolve por trás. Por fim, acabo me desvencilhando de seus braços de polvo.

ONDE. ESTÁ. LEV?

Papai coloca minhas malas no porta-malas do Porsche, enquanto mamãe me empurra para o banco de trás como se eu estivesse prestes a sair correndo. Estou atordoada. Ele realmente não está aqui. Por mais tola que eu fosse, uma parte de mim tinha certeza de que Lev

apareceria. Que mudou de ideia enquanto estive fora todos esses meses e percebeu que ainda quer que eu faça parte de sua vida, apesar de tudo.

Um buraco enorme e voraz se abre dentro de mim. Parece que minhas emoções estão devorando meus órgãos internos. O que não é... divertido, mas acabei de sair da reabilitação com vários truques e ferramentas de mecanismos de enfrentamento.

Então, apenas respiro dez vezes para me acalmar, redireciono meus pensamentos e... sim, a vida ainda é uma droga, mas minha sobriedade não está em risco. Posso ficar triste e ainda resistir às drogas.

— Estou morrendo de fome — anúncio enquanto coloco o cinto de segurança. Papai desliza para o banco da frente. Ele e mamãe trocam mais sorrisos conhecedores.

Faço uma careta. — Algo engraçado?

— Não — papai diz ao mesmo tempo que mamãe explica — Há meses não sentia fome antes de ir para a reabilitação. Tive que persegui-la e enfiar barras energéticas em sua garganta. Está incrível, Bailey. Parece... bem, você.

— E sou eu e morrendo de fome, definitivamente não por barras energéticas. — Fungo. — Podemos parar na Pizza My Heart no caminho para casa?

— Um bebê dos anos 80 pode usar uma pochete sem se sentir envergonhado? — Capitão Random, também conhecido como papai, bombeia o ar com o punho. — Achei que nunca perguntaria.

O carro volta ao trânsito, saindo do aeroporto de San Diego.

Passaram-se dez minutos de viagem antes que eu desabasse e deixasse escapar — Lev já está no Colorado ou...?

Sinto-me patética perguntando, considerando todos os sinais de que ele se esqueceu de mim.

Depois acrescento apressadamente: — Escrevi para ele uma carta

de desculpas como parte dos nossos sete estágios de recuperação, mas ainda não a enviei. Devo colocá-la em sua caixa de correio ou... enviá-la para sua escola?

Na verdade, isso não é mentira. Meus dias de mentira acabaram, agora que estou sóbria.

— Ele está no Colorado — diz papai com pesar, e toda a minha alma cai em decepção.

Papai puxa o lábio inferior. — Se isso te faz sentir melhor, Dean diz que estão mastigando-o como um brinquedo barulhento. Colocando-o a prova de fogo e o transformando novinho em folha todos os dias. Aparentemente, ser praticamente um atleta profissional não basta. Ele vomita todos os dias apenas por causa do esforço físico. A maioria de seus colegas são cadetes do mar, jovens fuzileiros navais ou já alistados, por isso estão acostumados com muitas das coisas às quais ele está se adaptando agora.

— Isso não é... nada reconfortante para mim. — Estremeço, completamente com TEPT por causa da Juilliard.

— É para mim. — Papai bate no volante. — Considerando que ele deixa minha filha triste.

Agora não é um bom momento para confessar que sua preciosa filha fez Lev literalmente ficar de joelhos na frente de toda a turma para que ela não ficasse com seu inimigo.

— Vou mandar a carta para a academia — digo decisivamente.

Quero perguntar se parecia que ele sentiu minha falta. Se ele perguntava sobre mim, mas a verdade é uma arma poderosa, e eu particularmente não quero que exploda meu ego frágil neste momento.

— Oh! — Mamãe estala os dedos, reunindo excitação novamente. — Daria disse que trará a família para uma visita neste fim de semana. Sissi aprendeu a soletrar *Yves Saint Laurent*.

— Isso é... — Estou tentando encontrar a palavra certa — assustador.

— E Luna comprou ingressos para você ver Ali Wong.

— Isso é incrível. Obrigada por me contar, mãe.

— Com certeza! — Mamãe grita. — Ela também mencionou algo sobre estar sobrecarregada com a administração. Está escrevendo outro livro, sabe. Perguntou se poderia usar suas excelentes habilidades organizacionais e capacidade para transformar tudo em uma lista com marcadores. E pagar bem por isso, é claro.

Essa é a melhor oferta de piedade que alguém fez a um viciado em recuperação, então, é claro, sinto-me obrigada a responder — Não cobrarei um centavo dela. E estou feliz por isso. Vai me manter ocupada.

— Ótimo!

— Divertido.

Ah, merda. Lev pode ter confiado em mim, mas tenho vivido pela sua atenção.

Agora que acabou, quem sou?

Não somos apenas nós três sentados no carro. Há também uma pergunta de um milhão de dólares aninhada em algum lugar entre minha pilha de bolsas e eu.

O que fará com o resto da sua preciosa vida, Bailey?

O balé competitivo não está em jogo. Caramba, nem está no mesmo CEP que eu. Mesmo sem Juilliard me dando um chute, cada cicatriz de batalha em meu corpo me lembra que já sobrevivi uma vez – melhor não tentar a sorte.

Para ser sincera, acho que nem quero uma segunda chance de me tornar bailarina.

Nos últimos dois anos, tenho estado infeliz. Sobrecarregada, estressada demais e subestimando minha boa sorte.

Não tenho cem por cento de certeza do que quero fazer, mas sei o que não quero fazer: perseguir um sonho que pune nos por termos esperança.

Paramos na Pizza My Heart e pego três fatias gordurosas com cogumelos e abacaxi (não venha me corrigir por isso), junto com um milkshake.

Devoro tudo antes que o carro entre na garagem, o que leva menos de dez minutos. Não faz nada para preencher o buraco dentro de mim.

Quando chegamos em casa, não desfaço as malas imediatamente.

Vou até a janela do meu quarto e observo a casa de Lev. É incrível como parece inanimada agora que sei que ele não mora mais ali.

Agora entendo que antes, quando ele sempre estava a um sopro, uma mensagem de texto, uma pedra jogada na janela, sua casa parecia uma pessoa. Como um corpo. Como um amigo.

Olhando para fora, levanto a bainha do meu suéter e toco a cicatriz em forma de pomba no meu quadril. Nossas pombas estão pousadas em um galho em frente à sua janela, esperando que ele saia. Para alimentá-las.

As pombas sempre sabem o caminho de volta para casa.

Puxo a ponta do suéter para baixo e saio em busca de comida para dar a elas.

Estou em casa agora. De volta à costa. Decido rapidamente que não quero morar com meus pais.

A casa, que costumava abrigar minhas lembranças favoritas de infância, agora está repleta de flashbacks de vidros quebrados, drogas escondidas e discussões desagradáveis.

Aluguei um pequeno estúdio em La Jolla, a cerca de vinte minutos da casa dos meus pais. Perto o suficiente para que possam chegar aqui a tempo se eu precisar deles (Marx me livre), mas longe o suficiente para que não me sinta estrangulada por seus olhares preocupados.

Meu apartamento é pequeno, simples e limpo. Tem vista para a

praia, e acordo com as focas gritando para os turistas deixá-las em paz.

Todo dia é uma oportunidade. Cada manhã – uma bênção. E tento preencher esses dias com coisas que me reconstruirão. Não para quem eu era antes – aquela garota nunca mais voltará, mas para a garota que a velha Bailey e a Bailey viciada fizeram juntas. É uma versão mais forte de ambas. E sim, ela ainda anseia por drogas, mas quando o faz, pega o telefone para ligar para a irmã.

Vai às compras com a mãe, ou lê um livro muito bom.

Mamãe e papai pagaram pela minha reabilitação e estou determinada a devolver cada centavo a eles.

É por isso que, assim que aceito a oferta de Luna como sua guru organizacional e percebo que ela realmente precisa de uma funcionária em tempo integral, concordo em receber o pagamento dela.

Vou à casa dela todos os dias durante cinco ou seis horas, arquivando, respondendo e-mails, processando pedidos de livros e gerenciando suas redes sociais.

— Você é uma dádiva de Deus. — Luna encosta a cabeça no meu ombro toda vez que entra na sala de jogos, que ela transformou em meu escritório improvisado.

Ela está passando horas loucas tentando escrever seu próximo livro motivacional, e Cayden só vai à creche três vezes por semana.

— Enviada por Marx — corrijo com uma piscadela.

Para complementar minha renda, também dou aulas particulares para alunos do ensino médio à tarde.

Finalmente, as cem mil eletivas que fiz no ensino médio foram úteis. O pré-cálculo é minha linguagem de amor e a estatística é meu jogo de sedução.

Daria diz que este lugar é meu reino Geek. Ela também diz que desde que saí da reabilitação, estou “mais gostosa que um tomate em

um sanduíche de queijo grelhado”.

O que – vamos admitir – é um elogio legítimo.

Participo de reuniões quinzenais de grupos de apoio e, na verdade, tenho um conselheiro para quem envio mensagens todos os dias.

Não me sinto mais alienada e na defensiva durante essas reuniões, como se não pertencesse a elas. Pertença cem por cento.

Meu conselheiro, Will, me diz o que eu já sei: que preciso enviar a Lev a carta de desculpas. Que isso não tem nada a ver com meus sentimentos confusos por ele. Trata-se de seguir em frente e pagar suas dívidas. Sobre dismantelar a ação do humano.

Eu sei que ele está certo, mas não posso deixar de sentir que estaria incomodando Lev.

Ele obviamente seguiu em frente e não precisa dessa complicação adicional quando está focado em ter sucesso na escola. Não quando parece que as coisas finalmente se acalmaram para ele, agora que não estou mais em cena.

Um dia, enquanto saio do grupo de apoio de volta ao meu carro, paro em uma loja.

Pointe Made. Já estive lá mil vezes antes. Mamãe adora comprar em pequenas empresas, então sempre compramos nossos suprimentos aqui e não on-line.

Atrás do vidro brilhante há uma saia tutu de seis camadas. Verde neon, com envoltório grosso de cetim. Isso chama minha atenção imediatamente e meu coração começa a bater em um ritmo irregular no meu peito.

Continue a nadar, Bails. Esta vida não é para você.

No entanto, não consigo sair do meu lugar. Não consigo parar de olhar.

Sabe que quer me sentir em seu corpo, diz o tutu verde e hilário. Sabe como eu ficaria incrível bem enrolado em você.

Arquivo: coisas que tanto o tutu quanto Pedro Pascal podem dizer e ainda seriam verdade.

Se ao menos houvesse uma maneira de reentrar no mundo do balé sem competir... sem colocar meu coração em risco...

Sentindo-me perigosamente perto do ponto sem volta, tiro meu telefone da mochila e ligo para Will. Ele atende antes que o primeiro toque pare.

— Tudo certo? — Ele parece alarmado. Amo tê-lo.

— Sim! Não se preocupe. Eu só... estou tendo uma reação estranha e impulsiva de fazer algo que não deveria.

— Conte-me sobre tudo o que está acontecendo. — Eu o ouço se sentar. — Estou aqui. Estou presente. Estou com você.

Will era um jogador de beisebol famoso em uma escola particular de prestígio em NorCal.

Seu vício em cocaína fez com que ele perdesse não apenas uma vaga incrível em uma escola da Ivy League, mas também sua carreira no beisebol, sua namorada e, eventualmente, seus pais, de quem ele havia roubado repetidamente.

Ele levou seis anos para chegar onde está hoje. E ainda assim, nem todos os seus relacionamentos foram reparados. Além disso, em vez de ser um jogador profissional de beisebol, está aqui aconselhando outros viciados em recuperação e trabalhando das nove às cinco vendendo soluções solares⁹⁰. Não que haja algo de errado em fazer isso, mas não era isso que ele queria fazer.

Limpando a garganta, admito — Sou apenas uma garota parada na frente de um tutu em uma loja, pedindo a si mesma para não entrar e comprá-lo.

A referência cultural passa direto pela cabeça de Will, porque ele não é Lev e não assistiu *Notting Hill* comigo enquanto massageava meus pés depois que ganhei uma competição de balé na oitava série.

— Lembre-me por que é ruim para você usar um tutu?

Solto a resposta óbvia — Porque a dança me levou a usar...

— Não — Will responde solenemente. — Você se levou a usar. Não é balé. Balé era um espectador inocente. O balé não te forçou a se tornar profissional. O balé não forçou você a chegar ao limite.

— Mas eu forcei. — Meus joelhos dobram e abaixo a cabeça. — Fiz todas essas coisas e agora associarei para sempre o balé à minha queda.

— Então desvincule esses dois. Fazer algo que ama é bom, Bailey. Eu treino o time de beisebol da liga infantil da escola primária perto da minha casa. E nem tenho filho! — Ele ri miseravelmente. — O que é meio assustador quando se pensa sobre isso. Às vezes, sua queda não é realmente sua queda. Foi apenas algo que aconteceu em segundo plano, quando estava em um lugar muito escuro.

Fico em silêncio por um momento. Não consigo desviar o olhar daquele tutu.

— E ei! — Will diz desesperadamente. — Lembra que me disse quando nos conhecemos que uma das razões pelas quais amava tanto a reabilitação era porque eles deixavam você ministrar oficinas de dança para outros pacientes uma hora por dia, cinco vezes por semana? Seus olhos brilhavam quando disse isso. Talvez seja hora de repensar sua paixão, sabe?

Dizem que quem não pode, ensina, e talvez isso seja verdade, mas também é verdade que algumas pessoas conseguem ter um bom desempenho, mas consideram a experiência de retribuir mais gratificante. Nem todo mundo quer ser a flor. Alguns florescem sendo jardineiros.

Sou esse tipo de pessoa. Uma nutridora. Uma doadora. Assistir a uma alcoólatra sobrevivente de 35 anos fazendo seu primeiro arabesco, para mim, foi mais gratificante do que subir ao palco quando competi nas competições nacionais.

Ensinar às pessoas a alegria de dançar, a beleza da linguagem corporal, não é pouca coisa. E se eu puder mostrar a uma ou duas

Baileys neste mundo que não há problema em amar algo sem deixar que isso te mate, então terei feito a minha parte.

— Ensinar — murmuro baixinho. — Eu deveria ensinar.

— Lá está ela. — Ouço o sorriso no rosto de Will. — Você já ensinava, não é? Tutoria. Ajudando. Auxiliando onde pode. Esta é a sua vocação, Bailey. Não se esconda. Responda a isso.

Resoluta, entro na loja, compro o tutu e um novo par de sapatilhas de ponta.

O velho Gaston, dono da loja, me conta que sentiu minha falta. Que está feliz por eu ter abandonado a Juilliard. Quer o balé é uma paixão, e a paixão não pode ser ensinada.

Quando volto para meu minúsculo apartamento, encosto as costas na porta, deslizo até o chão e pressiono os sapatos contra o nariz, inalando.

O cheiro de cola, couro e esperança atinge minhas narinas e cantarolo de prazer. O cetim brilha, a haste intocada e cheia de promessas.

Pela primeira vez em muito tempo, sei o que fazer.

Calço as sapatilhas. Enrole o tutu em volta das minhas roupas do dia a dia.

Estou no ar. Sou efêmera. Estou em todos os lugares. Sou invencível.

E começo a me mover para a única pessoa cuja música danço de agora em diante.

Eu mesma.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Bailey

Minha existência sem Lev (leia-se: sem coração) é suportável. Da mesma forma que a aveia à base de água e sem açúcar é suportável. Estou em um estado constante de falta de sabor.

Mais três semanas se passaram depois que comprei minhas novas sapatilhas de ponta antes de reunir coragem para colocar a carta de desculpas de Lev na caixa de correio. Fiquei sem desculpas e, francamente, nada para dar.

Sim, tenho sido horrível. Sim, fiz coisas horríveis. Sim, estou disposta a trabalhar duro para me arrepender por elas, mas não posso voltar no tempo.

E nós dois precisamos desse encerramento, mesmo que isso signifique fechar a porta para a amizade – qualquer coisa. Estou cansada de ficar no escuro.

Depois de obter o endereço de Dean, envio-lhe o bilhete e me forço a esquecê-lo. Uma espécie de teste.

Falando nisso, estou aliviada por não ter que enfrentar mais isso. Não ser constantemente medida por um ou dois momentos de excelência.

Agora estou me concentrando em me inscrever em faculdades. Quero estudar educação. E quero estudar em algum lugar legal. Ensolarado. Lindo. Algum lugar que me faça florescer. É por isso que envio inscrições para UCLA, Stanford e FAU.

Não sei o que esperar depois de enviar a carta a Lev. Uma chamada telefônica? Um texto? Uma resposta manuscrita?

Estou tentando manter minhas expectativas baixas. Explicando a mim mesma que ele está superocupado com sua carga de trabalho, mas dói. O silêncio que se arrasta dia após dia, como se ele estivesse

mais feliz por me esquecer. Sim, algumas coisas terríveis aconteceram entre nós.

Já fomos melhores amigos.

Na verdade, já fomos melhores em tudo.

Não se joga isso fora quando as coisas ficam difíceis.

A menos que... a menos que seu melhor amigo também tenha feito você se sentir pior.

* * *

No sexto dia depois de enviar a carta para Lev, finalmente aceito o fato de que ele talvez nunca responda.

Que em algum momento – daqui a um ou dois meses – nos encontraremos em um evento mútuo entre nossas famílias e trocaremos sorrisos, gentilezas e desculpas indiferentes.

Nós dois fingiremos que minha carta não chegou para não envergonhar um ao outro. Seremos estranhos.

Cordial. Legal. Frio.

— Precisa de mim para mais alguma coisa? — Pergunto a Luna antes de sair de sua casa, minha mochila pendurada no ombro. Já estou com o collant preto, blusa de malha prateada quente e leggings branca. Darei minha primeira aula de dança voluntária em uma comunidade local de aposentados.

Imagino que se a notícia chegasse a Katia, minha colega de dormitório na Juilliard, eu me tornaria outra anedota de Lauren. Uma triste história sobre uma garota que não sobreviveu. Só que eu consegui – consegui sair viva e com um sonho próprio.

Luna levanta os olhos de uma pilha de páginas que compõem seu primeiro rascunho, perdida em pensamentos. — O quê? Oh não! Tudo bem aqui. Muito obrigada, Bailey. Você é uma salva-vidas.

Eu pisco para ela com um sorriso.

— Ei. — Sua voz interrompe meus passos em direção à porta, mas não me viro para encará-la.

— Ele está ocupado, tudo bem? Knight diz que mal tem tempo de falar com ele ao telefone. Apenas uma vez por semana. — Ela está tentando me fazer sentir melhor por Lev não ter feito contato.

Balançando a cabeça, ofego — Eu sei. — Não sei. Por isso, aguento. Respiro fundo. Prometo a mim mesma que ligarei para Daria quando sair daqui.

Entro no meu carro e vou até o complexo fechado para o qual fui convidada.

Mamãe me arranjou essas tarefas assim que eu disse aos meus pais que queria ser voluntária. Quando chego à academia, que também funciona como auditório, só há mais alguns carros em todo estacionamento. Mamãe disse que estaria aqui para demonstrar apoio, por isso acho que está atrasada. Desligo o motor, respiro fundo, lembro-me de que está tudo bem e saio.

Há apenas um punhado de mulheres idosas no estúdio. Estão conversando entre si.

Respiro fundo e me apresento. — Oi. Meu nome é Bailey e serei sua professora de dança hoje. — Dou-lhes um pequeno aceno, sorrindo – e notando que pela primeira vez em muito tempo meu sorriso não é forçado. As três se viram para olhar para mim. Seus sorrisos também são genuínos.

— Ah, esperávamos por você. Estamos entusiasmadas, mas também preocupadas em quebrar o quadril! — Uma delas deixa escapar uma risada.

Eu também rio. — Não se preocupe. Não estou aqui para treiná-las para as Olimpíadas. Estou aqui para fazê-las felizes. Para celebrar seus corpos e se divertirem.

— Não celebro meu corpo desde que completei oitenta anos, há três anos.

Outra delas ri. — É tudo uma série de decepções neste momento.

Eu sorrio. — Gosto de um bom desafio.

— Então vai adorar trabalhar comigo.

Elas se apresentam como Alma, Ruth e Mariam.

Conecto meu telefone ao aparelho de som e começo com um aquecimento bem leve.

Estou tentando me livrar do fato de que apenas três pessoas vieram enquanto viro meus ombros para trás.

Inspiro positividade. Expiro a negatividade. Além disso, onde está a mamãe?

Este deveria ser o meu momento de realização. O farol de luz que eu procurava. Se ao menos eu tivesse minha pulseira de pomba, seria capaz de agarrá-la e superar isso, mas ninguém quer isso aqui. Além dessas três senhoras.

Quem importa, eu me lembro. Bastante.

Aperto minhas omoplatas e elas repetem minha ação. A música suave enche a sala climatizada. Estou muito fundo na minha cabeça para ouvir a porta se abrir, mas em algum momento há uma figura parada ao lado dela. Mamãe finalmente chegou. Dez minutos atrasada, mas melhor que nada.

— Agora vamos para a barra e mostrarei alguns... hum, movimentos simples. Não precisam ficar na ponta dos pés, mas uma boa postura pode fortalecer a coluna de vocês e... eh, seus músculos de sustentação.

Marx, preciso me recompor. Minha insegurança está aparecendo. Eu realmente não sou muito boa nisso, o que é esmagador, porque era para ser meu plano B.

Aproximando-me de cada uma das três senhoras, corrijo sua postura, enrolando seus dedos em volta da barra do balé. Passamos por todas as cinco posições. Elas riem como colegiais, mas eu ainda estou tensa, tropeçando nas palavras, perdendo o ritmo da música.

Distribuí panfletos com antecedência e anunciei em todos os lugares que pude. Esta deveria ser minha redenção. Não quero que isso se transforme em meu fracasso.

Elas estão se divertindo. Descontraindo-se.

— Está bem, mocinha? — Mariam pergunta.

— Não fique triste com o baixo comparecimento. As pessoas da nossa idade não gostam de experimentar coisas novas — acrescenta Alma.

— Eu não! Quer dizer, não estou! — Digo. — Está tudo bem. Tudo está ótimo.

— Tem vaga para outro aluno? — Ouço a figura na porta se afastando da parede e vindo em nossa direção.

Só que não parece nada com a mamãe.

Levanto minha cabeça e vejo... *Lev.*

Dolorosamente bronzeado e bonito.

Dolorosamente gentil.

Perfeitamente Lev.

Ele ainda está com seu uniforme de calça azul e camisa abotoada. Seu cabelo recentemente cortado perto do couro cabeludo, e minha respiração fica presa ao ver como ele parece absolutamente delicioso.

Seus olhos brilham de brincadeira e meu coração se liquefaz dentro do peito enquanto ele se posiciona na barra, olhando para mim sério, apesar da hilaridade de tudo isso.

— Não parece se encaixar em nossa faixa etária, meu jovem. — Ruth está bajulando-o. Na verdade, porém, todas estão olhando para ele com adoração aberta e não adulterada.

Ele olha por trás do ombro para piscar para ela. — Confie em mim, no mínimo, vou apenas atrasá-las.

Tantas perguntas passam pela minha cabeça.

O que está fazendo aqui? Quando ele veio? Não tem escola?

Ele não pode simplesmente ir embora no meio do ano. Fico boquiaberta e prestes a começar a lhe fazer perguntas, mas ele apenas sussurra — Dove, estamos esperando.

Balançando a cabeça para me livrar do pó mágico que ele espalhou por toda parte quando entrou aqui, volto à minha posição na frente deles.

Lev, surpreendentemente, completa toda a aula, atuando como meu apoio moral. Ele geme enquanto desliza da quarta para a quinta posição, levantando ambos os braços no ar, parecendo ridículo e adorável enquanto gira.

De vez em quando, ele pisca e sorri para mim, garantindo-me silenciosamente que estou fazendo um bom trabalho, e as mulheres não apenas parecem estar se divertindo, também ficam nas nuvens toda vez que Lev respira.

— Garotas. — Bato palmas seriamente em um ponto quando ele se abaixa em um *demi plié* e sua bunda redonda e musculosa se destaca. — Seus olhos deveriam estar em mim, não no Sr. Cole.

— Ah, mas também estará aqui na próxima semana. Não pode prometer o mesmo sobre o Sr. Cole! — Mariam dá uma risadinha.

Quando a hora termina, as três nos agradecem profusamente — não apenas pela aula, mas também pela diversão.

Elas saem da sala, e somos apenas Lev e eu parados um na frente do outro. Nós dois estamos ofegantes por causa da aula. Sua expressão muda de humorística a séria de uma só vez.

— Lev, eu... — começo, sem saber exatamente o que sairá da minha boca, mas incapaz de aguentar mais o silêncio.

Ele me interrompe, tirando minha carta no bolso da frente e desdobrando-a na minha frente.

— Aqui. Não quero suas desculpas. — Ele pressiona o papel contra meu peito.

Meu coração cai. Não era isso que eu esperava quando o vi aqui.
— Você... você não quer?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Eu quero o seu para sempre.

É extremamente possível que eu esteja prestes a ter um ataque cardíaco. Doze em dez chances, na verdade.

— Mas você disse...

— Precisamos conversar em outro lugar. — Ele me leva para fora pelo braço.

Acho que deixei minha mochila para trás e nem me importo. Passamos pela porta e seguimos em direção ao meu carro. Acho que ele usou Uber para chegar aqui.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Fui à casa dos seus pais assim que recebi a carta. Uma carta que, aliás, estou esperando há semanas. Um sinal de vida seu. Algo que me dê uma desculpa para procurá-la novamente. Sua mãe disse que você estava aqui. Não está brava por eu ter aparecido no lugar dela, certo?

Mal consigo balançar a cabeça negativamente. Quando chegamos ao meu carro, ele assume posição no banco do motorista e começa a dirigir. Parece que ele sabe para onde vai. Na verdade, eu também sei para onde ele vai.

O universo se restaura rapidamente, tudo se encaixando, apagando os últimos anos em que nos afastamos.

Chegamos à floresta pouco depois. Ele desliga o motor e ambos saltamos, eu seguindo seu exemplo.

Para nossa lona. Para o nosso mundo. Para nossas pombas.

É aqui, no nosso pequeno globo de neve, que ele se vira para olhar para mim com lágrimas nos olhos. Nós dois estamos um na frente do outro. Como se fosse uma deixa, Perseu desce da copa da árvore, pousando no ombro de Lev. Andrômeda segue logo depois, pousando no meu. Ambos sorrimos um para o outro.

Como eu poderia questionar que estávamos destinados a existir? Que éramos o fim do jogo?

— Desculpe-me por ter dito que você não me tinha. — A voz de Lev falha. — Não queria que você corresse pela reabilitação. Não queria que se concentrasse em outra coisa senão em melhorar. Tive realmente que te deixar ir para que encontrasse o caminho de volta para si mesma. Eu precisei.

Ele se ajoelha na minha frente, pressionando a cabeça contra minha barriga.

Instintivamente pego sua cabeça em meus braços. A textura de seu cabelo curto parece diferente. Não consigo resistir a passar a mão nele repetidas vezes, até que se torne familiar.

— Eu sei. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Sei que tinha que fazer isso e quero que saiba que agradeço. Não estou irritada. Só tenho vergonha de tudo que te fiz passar. Não apenas você. Todos ao meu redor.

Ele olha para cima do meu umbigo, seus olhos verdes brilhando com lágrimas.

Seus braços estão em volta da minha cintura com força. — Posso tentar de novo? — Ele pergunta. — A declaração de amor? Mesmo cenário. Mesma garota. Ano diferente?

Acaricio sua bochecha com amor. — Não sou a mesma garota — resmungo. — Nunca serei a mesma garota.

Ele pressiona o rosto na palma da minha mão, fechando os olhos. — Você tem razão. É ainda mais adorável do que ela. Com as cicatrizes para provar que passou por uma batalha duramente vencida.

Respirando fundo, aceno. — Vamos tentar de novo.

— Bailey Followhill, estou apaixonado por você. Não me lembro de um tempo antes de estar apaixonado por você. E não consigo ver minha vida sem você. Era você antes mesmo de eu nascer. Será você muito depois de eu morrer. Você é meu começo, meu meio e... bem, minha morte, provavelmente. — Nós dois rimos. — Então, por favor,

por favor. — Junta as palmas das mãos. — Por favor, ajude-me a escrever nosso felizes para sempre. Foda-se, você sabe que é muito melhor com as palavras do que eu.

Lev enfia a mão no bolso de trás. Sei que ele não tirará um anel de noivado.

Há um tempo e um lugar para tudo, e ainda precisamos experimentar muito mais antes de estarmos prontos.

Quero encontros. Sessões de amassos até nossos lábios ficarem inchados. Quero dias em que rimos juntos e dias em que choramos juntos e dias em que estamos apenas juntos, enrolados um dentro do outro, fazendo amor.

O que ele tira do bolso faz meu coração parar de bater.

Suspiro. — Consertou as pulseiras. As tiras são novas.

— Mas as pombas são as mesmas. Uma constante. Assim como nós.

— Mas Thalia...

— Desapareceu de nossas vidas. Para sempre.

Perseu e Andrômeda voam. Seria a última vez que os veríamos e, de alguma forma – não me pergunte como – senti em meus ossos que era o adeus deles para nós.

Rosie os enviou para nos mostrar o caminho de volta um para o outro.

Agora, eles não são mais necessários.

Epílogo

Lev

SETE MESES DEPOIS

— Vai para casa tão cedo, irmão? — Bryan, meu colega de quarto, levanta as sobranceiras para mim, como se não fossem oito e meia da noite e eu não estivesse de pé desde as cinco.

Franzindo a testa para o relógio, coloco minha bolsa por cima do ombro. — Tenho que chegar a tempo para um voo para a Flórida.

Os cadetes do primeiro ano têm praticamente zero folga, e Bailey e eu estamos trabalhando à distância desde que retomamos as coisas quando ela voltou da reabilitação, então dizer que estou com pressa é dizer o mínimo.

Terei apenas algumas semanas com ela, e terei que passar a primeira fingindo gostar de sua colega de quarto da faculdade, Sienna, que é um pouco menos chata do que uma torrada simples com uma bela camada de manteiga sem sal espalhada por cima.

Passaremos a segunda semana em Jackson Hole com nossas famílias. E – graças a Deus – sem medicamentos prescritos.

Bryan revira os olhos. — Como consegue tempo para uma namorada?

A verdade é que não consigo. Uma coisa que aprendi na vida é que abrimos espaço para coisas que nos são importantes. Dormir é para os fracos.

— Ela vale a pena. Tudo bem. Vejo você aqui duas semanas. — Bryan e eu batemos os punhos e disparo como uma flecha para a liberdade. Para o mundo civil. Pego um táxi para o aeroporto, onde Grim está me esperando, parecendo descansado e presunçoso *pra* caralho. Vai para Boulder. Um time de futebol forte, e ele brilha lá,

apesar de ser um idiota quando quer.

— Wow, Lev. Eu diria que parece uma merda, mas conheci pessoas mais frescas que você.

Eu acredito nele. Há um cadete dizendo que a Air Force Academy é uma educação de US\$ 150 mil enfiada na bunda, um centavo de cada vez.

Batendo palmas em suas costas em um abraço de irmão, eu o solto e dou um passo para trás, rindo. — Você parece feliz.

— Estou feliz — ele admite seriamente. — Obrigado por tirar a cabeça da bunda bem na hora certa.

— Podemos parar com as metáforas de merda? — Resmungo.

Ele bate no meu peito um saco de papel marrom com um bagel dentro e me entrega um café.

— Podemos, mas ainda não terminei de estourar suas bolas.

Nós dois começamos a caminhar até o nosso portão. Bato meu ombro no dele. — Ainda alimentando a mentira de que essa coisa com o piloto do Grande Prêmio de Miami é casual?

É por isso que ele está indo para a Flórida agora, em vez de passar as férias com a família em Todos Santos. Pelo menos verei o amor da minha vida.

Conheceu esse cara há literalmente cinco segundos e está tentando encontrar uma maneira de se transferir para Miami por ele.

— É casual — ele afirma. — E pela milionésima vez, não é o Grande Prêmio de Miami. É o Key Biscayne Motorpark. Mais prestigiado que a F1.

— Tudo o que ouvi foi que ele tem uma pista de jato no quintal. — Eu sorrio.

O voo para Fort Lauderdale é dolorosamente lento. Passo todo o tempo mandando mensagens de texto para Dove.

Lev: O que está vestindo?

Bailey: Um par de leggings Lululemon pretas, seu moletom Moschino e meias fofas. Sienna coloca o ar-condicionado a 21! Portanto, não é ambiente, e estou sempre congelando.

Lev: tudo bem. Vou reformular: o que está vestindo para o bem das minhas fantasias distorcidas?

Bailey: Nada além de um par de Jimmy Choos e uma tanga comestível.

Bailey: Com sabor de bacon, é claro.

Lev: EU TE AMO TANTO QUE ME CASAREI COM VOCÊ.

Bailey: Eu te amo tanto que terei seus bebês. Tipo, literalmente quinhentos deles. Minha barriga parecerá massa de biscoito quando eu terminar.

Lev: Adoro massa de biscoito. Como sempre fica ainda mais perfeita?

Bailey: O que VOCÊ está vestindo?

Lev: Meu coração está na porra da manga, claro. Você rouba minha calma.

Bailey: Quanto tempo até pousar?

Lev: Quarenta minutos, baby.

Bailey: está bem. Verei se consigo encontrar uma tanga comestível com sabor de bacon até lá.

* * *

O sol está quase nascendo quando pousamos.

Bailey me espera no aeroporto, vestindo uma saia xadrez plissada, tênis e um suéter Polo branco tricotado. Seu cabelo amarelo está preso em um grande laço de cetim preto, e se parece em cada centímetro com a garota que eu costumava olhar secretamente durante jantares e eventos do ensino médio e me beliscar por ter permissão para falar com ela livremente.

Ela pula em mim, envolvendo as pernas em volta da minha cintura enquanto meus dedos afundam na parte de trás de suas coxas

e devoro sua boca em um beijo faminto, molhado e desleixado.

— É melhor que haja uma calcinha comestível com sabor de bacon por baixo dessas roupas, Dove — sibilo em sua boca.

Ela ri na minha. — Só há uma maneira de descobrir.

— Arrumem um quarto — Grim geme atrás de mim. — Na verdade, transforme-o em um bunker inteiro.

Bailey ainda está enrolada em mim, beijando meu rosto, alheia aos olhares que recebemos enquanto dou as costas e o dedo médio para Grim e caminho em direção à onde ela estacionou o carro. — Vejo você em duas semanas, cara de merda.

— Não se eu puder evitar — Grim murmura.

Assim que chegamos ao apartamento de Bailey, Sienna toma uma decisão executiva de não ser um desperdício total de oxigênio e anuncia — Vou comprar sabonetes! Volto mais tarde.

Sim. Comprar sabonetes. Como eu disse – o mais insípido dos insossos. Não que esteja reclamando. Isso dá a Bailey e a mim a oportunidade de rasgarmos a roupa um do outro ali mesmo, na sua sala de estar.

Fazemos sexo duas vezes seguidas antes de ela me oferecer algo para beber e mais três vezes antes de relutantemente pedirmos delivery, a primeira coisa que aparece na tela do nosso telefone.

Cubano – graças a Deus. Uma salada teria sido uma droga. Então, finalmente, oito vezes depois, quando já é noite e Sienna volta com um saco de sabonetes com aroma de sobremesa e um monte de informações anedóticas desinteressantes sobre como foi seu dia, Bailey e eu nos abraçamos em sua cama e conversamos.

Durante a semana, tudo o que fazemos é conversar, mas ainda parece diferente com seu corpo quente sobre o meu.

— Como vai a escola, Dove? — Afago seu cabelo cor de narciso, respirando seu calor.

— Amando. — Ela passa as unhas no meu peito, me dando

arrepios. — Você?

— Odeio, mas dizem que os anos ficam cada vez menos terríveis à medida que avançamos.

Bailey e eu faremos essa coisa à distância por um longo tempo. Até ela se formar, pelo menos. Será difícil, mas valerá a pena. Nosso para sempre foi conquistado com dificuldade. Falhar não é uma opção. É por isso que tenho que fazer com ela o que estou prestes a fazer com ela.

— Ei, Dove?

— Hum?

— Como se sentiria se viajasse para a Califórnia antes de irmos para Jackson Hole?

— Eu sentiria... — Suas sobranceiras estão franzidas em uma expressão confusa. — Um pouco com jet lag, acho. Por que?

Tiro os dois bilhetes que comprei para nós da minha bolsa debaixo da sua cama.

Seus olhos se arregalam. — Lev, diz que nosso voo sai em quatro horas. De Miami.

Pisco para ela inocentemente. — Você é rápida em fazer as malas.

* * *

Quando pousamos na Califórnia, nem me preocupo em visitar minha casa primeiro.

Haverá tempo para isso mais tarde. Conforme solicitado, papai me deixou o Tesla estacionado no aeroporto, junto com a chave.

Bailey passa o trajeto inteiro olhando para mim com uma mistura de suspeita e excitação.

— Este não é o caminho para nossas casas — diz ela quando

passo pelas duas curvas do condomínio fechado de El Dorado.

— Muito perspicaz. — Dou um tapinha de leve em sua coxa, imediatamente recebendo uma semi. Foda-se a vida militar. — Você sempre foi incrivelmente inteligente.

— Está se esquivando. — Ela estreita os olhos.

— Vê? Perspicaz *e* de raciocínio rápido.

— Lev.

— Esse é o meu nome.

— Também será o seu órgão mais importante, jogado no chão do carro se não me disser para onde está me levando.

Passamos pelo centro da cidade. Mais condomínios fechados. A biblioteca.

— Você realmente acha que o coração é o órgão mais importante do corpo humano? Quero dizer, é, não me interpretem mal, mas também não pode funcionar sem os pulmões ou o fígado. No entanto, eles não recebem nem metade da glória...

— Lev! — Bailey ri e grita de frustração. — Para onde vamos?

— É uma surpresa.

— Odeio surpresas.

História verdadeira. Bailey prospera quando está no controle, mas ela terá que me satisfazer, só desta vez.

— Bem, você me ama, então aguento firme, docinho.

Dez minutos depois, estamos em nosso lugar na floresta.

Agora, esta parte exigiu alguma preparação. Papai e Knight tiveram que mexer alguns pauzinhos. Fazer algum trabalho. Limparam a lona, penduraram cordões de luz na árvore e trouxeram um gerador para fazer o lugar parecer algo saído de um conto de fadas.

A combinação entre o crepúsculo e as luzes realça realmente a magia do nosso local secreto. Ou talvez eu esteja apenas me

alimentando com besteiras para me convencer de que ela dirá sim.

Eu a conduzo pela mão e vejo seu rosto se iluminar ao ver nosso lugar.

— Lev! — Ela se vira para me abraçar. — Isso é maravilhoso.

— Você é maravilhosa — respondo ríspidamente. Mal-humorado. Estou um pouco nervoso, está bem?

— Quem fez tudo isso? — Ela olha em volta.

— Papai e Knight. Eles me deviam.

— Para quê? — Ela pergunta com um sorriso, explorando nossos belos arredores. O que ela é, a CIA?

— Não sei, existir. — Olho ao redor. — Hm, está fugindo de mim. Volte aqui.

Estou realmente acertando em cheio, não estou?

No entanto, estou estressado. E esperançoso. E porra, toda a minha vida está em jogo aqui.

Bailey se vira, parecendo alarmada e um pouco divertida. Aproxima-se de mim, apoiando a mão sobre meu ombro com um sorriso. — Estou aqui.

— Bom. Fique assim. Não se afaste.

— Por que está suando, baby? — Ela sorri.

Porque posso ter meu coração destruído em cerca de trinta segundos.

Seguro seu rosto em minhas mãos como se fossem diamantes preciosos e deslizo a ponta do meu nariz sobre o dela. Não me ajoelharei. Ela já sabe que eu rastejaria por ela.

— Bailey. É minha única. É meu tudo. A vida sem você foi algo que experimentei por pouco tempo, e foi de longe a pior da minha vida. Se há uma coisa que minha mãe me ensinou antes de falecer é que tempo é muito raro para passar longe de quem se ama. Nossas pombas se foram – e não por acidente. Não precisamos mais delas. Há algo mais para nos lembrar que estamos nisso para sempre: nós. Então

faça de mim o filho da puta mais sortudo do planeta Terra e diga sim.

Tirando do bolso o anel de noivado da mamãe, seguro-o entre nós, olhando profundamente nos olhos de Bailey. Inicialmente, meu pai se recusou a dar qualquer coisa de minha mãe, especialmente o anel que ele deu a ela, mas eu o lembrei do tipo de merda que ele me fez passar e acrescentei que, pelo menos com Bailey usando-o, ele poderia tê-lo na frente de seus olhos o tempo todo e se lembrar dela e do amor que compartilhavam. Acho que foi este último que o convenceu.

Bailey, contudo, ainda não disse sim. Está olhando para mim agora com uma expressão que nunca vi antes. Então ela faz algo que não esperava.

Ela me dá um soco no peito. — Lev!

Oh Merda. — O quê?

— Achei que nunca fosse perguntar!

Eu pisco, confuso. — Então... isso é um sim?

— Inferno, é um sim! — Ela arranca o anel entre meus dedos e o coloca. Nem olha para isso. Nem se importa com o diamante. Deus, amo essa garota. — Eu te amo!

— Eu também te amo. Agora, Dove?

— O quê?

— Fique bem parada e me dê um beijo.

* * *

Bailey

— Oh meu Marx, Bailey. Este anel é obsceno! Tão grande. Tão chamativo. Amo isso. — Daria apertada minha mão com força, babando

por todo o meu anel de noivado. Estamos jantando depois de um longo dia esquiando. A última vez que fui a Jackson Hole, estava no auge do meu vício.

Ainda acho esse lugar estimulante, mas não tanto quanto Lev obviamente suspeita, já que ele continua me lançando olhares de golden retriever, certificando-se de que estou bem.

Lev, que está sentado ao meu lado, aperta minha mão livre – aquela que não é mantida como refém pelas mulheres sob este teto – e dá um beijo casual na ponta do meu ombro.

— Não é brincadeira. — Os olhos de Lenora se arregalam enquanto estuda o anel. — Poderia esculpir uma criança em tamanho real com esta coisa.

— Chega de bebês — Vaughn murmura.

— Isso grita dinheiro — Luna concorda.

— Isso grita Rosie — Dean corrige do outro lado da mesa, espetando uma couve de Bruxelas e colocando-a na boca.

Esta é a parte em que ele repreende a todos nós e chama Rosie de esposa – no presente – mas quando todos olhamos para ele, tudo o que faz é encolher os ombros e voltar para a comida.

Sem perceber, toda a sala respira aliviada.

Dixie coloca a mão no ombro de Dean, sorrindo para mim. — Está maravilhosa, Bailey. Saudável e feliz. E o anel combina muito bem com você. Que perfeito que você e Rosie sejam exatamente do mesmo tamanho.

— Obrigada, Dixie. — Eu sorrio de volta. — Parece radiante. Eu... — me contenho, desesperada para dizer a coisa certa. — Parece em casa.

As bordas dos olhos de Dixie brilham emocionalmente. — Com licença. — Ela começa a se levantar para pegar um lenço de papel, mas Dean tira um lenço de seu terno e o entrega para ela. Ela seca os olhos, rindo. — Desculpe, estou tão emocionada ultimamente. E ver

Lev e Bailey tão felizes... — Ela para.

— Sim — tio Vicious fala lentamente, olhando para o fundo de sua taça de vinho, o braço pendurado sobre o ombro de tia Emilia. — Tenho certeza de que é por isso que está emocionada e não porque está grávida de sete meses da cria do diabo.

Dean dá a ele um olhar escaldante. — Meça suas palavras.

— Fisicamente não posso — brinca Vicious laconicamente.

— Então, vocês nos contarão como engravidaram? Batendo uma, ou... — Knight aponta o garfo entre Dean e Dixie.

Dixie fica vermelha e se levanta. Sua grande barriga está coberta por um vestido de noite preto, e ela a acaricia protetoramente. Definitivamente foi fertilização in vitro. Eu sei, porque estava ao telefone com ela quando ela reclamou do inchaço e da dor. — Esta é a minha deixa para declarar azia e ir caçar Tums⁹¹. Obrigada pelo jantar, Millie.

Dean olha para ela por trás do ombro. — Já vou, Lady D.

Lady D é um apelido melhor do que Dix. Tenho certeza que ela aprecia isso. Sei que Lev sim.

Dean se vira para encarar Knight. Suas narinas se dilatam. — O que há de errado com você?

Knight suspira e se recosta. — Oh Deus. Há uma longa lista. Fique confortável, pai.

— Quem pergunta algo assim? — Mamãe interfere, insatisfeita com o rumo que a conversa está tomando. — Isso é assunto de Dean e Dixie. Onde estão suas maneiras? — O que ela não acrescenta é que todos sabem que o amor não correspondido de Dixie lhe custou a sanidade antes de chegarem a um acordo.

— Tenho a resposta sobre o paradeiro, mas não gostará — resmunga Vaughn.

— Mas eles nem estão juntos — lamenta Knight.

— Mesmo assim, papai comprou a casa para ela — acrescenta

Lev, pensativo. — E não como um empréstimo. Pagou em dinheiro para que ela pudesse morar na mesma rua, perto o suficiente para que ele pudesse ver a ela e o bebê o tempo todo. — Lev faz uma pausa.

A verdade que Knight e Lev parecem não aceitar é que Dean e Dixie absolutamente não conceberam seu filho ainda não nascido da maneira bíblica. Dean não está pronto para isso. Tudo isso de seguir em frente de Rosie. Nunca estará. Ele está pronto para amar novamente, no entanto. E ele precisa de alguém para cuidar. Alguém para receber todo o amor que Rosie deixou.

Outra criança. Outro membro de sua família.

Dean e Dixie têm um relacionamento único. Estão em algum lugar entre amigos e uma família encontrada; a apreciação mútua deles se transformou em algo semelhante ao de irmãos. Acredito que serão pais incríveis para seus filhos, mas o buraco em forma de Rosie no coração de Dean nunca será consertado. O que está bem. Ele parece contente. Realizado. Animado pelo novo bebê.

— Já sabe é o sexo? — Grito, tentando mudar de assunto. Meu noivo me lança um olhar de eu vejo o que está fazendo na minha visão periferia.

Dean sorri e, pela primeira vez em cinco anos, não parece apenas contente – parece feliz. — É uma menina — ele diz, o rosa se espalhando por suas bochechas. — E — acrescenta — vamos chamá-la de Rosie.

Fim.

Notas

[←1]

-Escola de Ensino Superior de Música, Dança e Dramaturgia
estadunidense.

-Mitologia Grega, Midas foi rei da Frígia (atual Turquia), que após salvar Seleno e levá-lo ao deus Dionísio que em gratidão resolveu compensá-lo, pediu pelo poder de transformar tudo o que tocasse em ouro. Entretanto Midas percebeu que era mais uma maldição do que dádiva, já que poderia morrer de fome, pedindo a Dionísio que revertisse o pedido. Nos dias de hoje, a referência é considerada um elogio, para as pessoas bem sucedidas na arte do enriquecimento e da cobiça, já que parece ser capaz de prosperar em qualquer negócio, criar riquezas e multiplicar lucros.

[←3]

-Sul da Califórnia.

[←4]

- Termo frequentemente usado para um certo tipo de monstro morto-vivo.

[←5]

-É uma espécie migratória da família columbidae, que inclui as rolas, rolinhas e pombos.

[←6]

-Pomba.

[←7]

- Doença inflamatória autoimune, que pode afetar múltiplos órgãos e tecidos.

-Primeira dama dos EUA de 1933 a 1945.

[←9]

-Abolicionista e ativista estadunidense.

[←10]

- Gíria que define uma pessoa como extremamente boa.

[←11]

-Medicamento controlado usado no controle de dores agudas, crônicas, pós-operatórias e cancerígenas.

[←12]

-É uma mistura de pasta base de cocaína e substâncias químicas de fácil acesso como, querosene, cal virgem e solventes. É altamente viciante.

[←13]

-Indicado no alívio dos sinais e sintomas da artrite e reumatismo, e alívio da dor e febre.

[←14]

-É uma abordagem que leva a aprendizagem da compreensão da consciência mente-corpo.

[←15]

-Psicotrópico que age inibindo algumas ações do sistema nervoso. Tem ação anticonvulsionante, sedativa leve, relaxante muscular e tranquilizante.

[←16]

-Ansiolítico para o tratamento de transtornos de ansiedade e distúrbios do pânico.

[←17]

-Bailarina russa do fim do século XIX e primeira metade do século XX. Seu extraordinário talento e suas interpretações extremamente pessoais deram um novo sentido ao balé clássico.

[←18]

-Gíria para metanfetamina.

[←19]

-Empresa estadunidense conhecida principalmente como site de notícias e informações relacionadas a medicina. O portal reúne informações voltadas a medicação. É um dos principais sites de saúde utilizados como fonte de informação pessoal.

[←20]

-Sigla para *Drug Abuse Resistance Education*, que significa Educação sobre resistência ao abuso de drogas.

[←21]

-Jogo com o objetivo de comer os donuts pendurados em uma corda sem usar as mãos.

[←22]

-Uma pessoa que é mestre do acaso, que faz coisas de forma repentina.

[←23]

-Veículo de bateria portátil, recarregável, uma tábua/prancha de duas rodas autoequilibrada.

[←24]

-Cinema.

[←25]

-Marca de ração de cachorro.

[←26]

-Em Lev Cole eu acredito.

[←27]

-Brinquedo japonês em que se cria um animal de estimação virtual, em 1996.

[←28]

-É um adoçante natural mais saudável, parece um melado, menos espesso e enjoativo que p mel de abelhas.

[←29]

-Pode significar tanto bobo e idiota quanto System Applications and Products in Data Processing (Aplicativos e produtos de sistema em processamento de dados).

-Capela São Paulo, é o edifício público mais antigo (1766) de Manhattan ainda em uso.

[←31]

-Estátua da Liberdade, cujo nome oficial é “A Liberdade Iluminando o Mundo” (1886).

-Batalha de Long Island, também conhecida como a Batalha do Brooklyn, travada em 27 de agosto de 1776, sendo a primeira grande batalha na Guerra Revolucionária, na sequência da Declaração de Independência dos Estados Unidos.

-Tradução: pau.

[←34]

-San Francisco **49ers** é um time profissional de futebol americano localizado na área da Santa Clara, Califórnia.



[←36]

-Abreviação para a expressão “what the fuck”, que pode ser traduzida como: que merda, que porra é essa.

[←37]

-É uma forma de manipulação psicológica na qual o agressor tenta semear dúvidas e confusão na mente da vítima.

-Universidade do Estado da Luisiana.

-Norte da Califórnia.

[←40]

-Movimentos acrobáticos nomeado em homenagem a Simone Biles, ginasta olímpica americana.

[←41]

-Marca de bala.

[←42]

-No original "You're shitting me, right?" em tradução literal seria "você está me cagando?" é por isso a resposta de como houve a concepção da personagem.

[←43]

-São pais que tem um interesse excessivo ou superprotetor na vida de seu filho.

[←44]

-Tipo de sopa vietnamita.

[←45]

-É um estimulante do sistema nervoso central, composto por 04 sais de anfetamina, eficaz no tratamento dos sintomas do TDAH e narcolepsia. No Brasil é proibido devido ao seu grande potencial de viciar pacientes fazem uso da droga.

[←46]

-Empresa estadunidense de caminhões de mudança, reboques e autoarmazenamento.

[←47]

-Avião que desapareu há 10 anos com 239 pessoas à bordo, enquanto sobrevoava o tráfego aéreo da Malásia para o Vietnã. Nunca foi encontrado.

-Advanced Placement pode ser a passagem do aluno para ganhar créditos universitários antes mesmo de entrar no campus.

[←49]

-Anarco-punk é um subgênero ideológico do punk rock que promove o anarquismo.

[←50]

-É uma palavra que mistura os termos “nepositmos” e “baby” e tem sido utilizada para definir pessoas cujas carreiras foram facilitadas por conta dos pais, parente ou padrinhos famosos.

[←51]

-Expressão utilizada pelos jovens com o objetivo de protestar contra as ideias das pessoas mais velhas em relação aos jovens das novas gerações.

[←52]

-Mistura das palavras Butt (Bunda, traseiro, bumbum) + armageddon.

[←53]

-Um desempenho ou conquista impressionante que foi realizado ou gerenciado com grande habilidade.

[←54]

-Persoagem do filme estadunidense “Garotas Malvadas”, de 2004, com Rachel McAdams.

[←55]

-Envio de mensagens de texto de cunho sexual.

[←56]

-Suporte ou proteção para os órgãos genitais masculinos, usado especialmente por atletas.

[←57]

-Uma força hipotética ou um poder personificado que determina o curso dos eventos futuros: destino, fatalidade.

[←58]

-Ele faz o trocadilho sexual, no original, foi dito "Come" que tanto pode significar vir quanto gozar.

[←59]

-Aqui outro trocadilho, no original, “Hole” pode ser traduzido como “buraco”, que também é o nome da cidade/local onde passam as férias.

[←60]

-É uma sofisticada aeronave bimotor executiva de alta performance, de grande porte e de alcance intercontinental.

[←61]

-Referência a Selena Gomez e Hailey Bieber.

[←62]

-Poetisa feminista contemporânea, escritora e artista da palavra falada indiano-canadense.

[←63]

-Arte tradicional japonesa de recorte de papel.

-Em português: Cara de Cadela em Repouso.

-Em português: Fundação Correr Descalça.

-Série de tv com Kevin Costner.

[←67]

-Síndrome da morte súbita do lactente.

-Período da Grécia Antiga.

[←69]

-É um termo do balé clássico que significa “movimentos circulares da perna”.

[←70]

-Escritor russo.

[←71]

-No Brasil, “Meninas dos Olhos”, comédia/romance estadunidense de 2004, com Ben Affleck, Jennifer Lopes e Will Smith.

-Piercing para o pênis.

[←73]

-Também conhecido como ácido hidrazoico, ou ácido nítrico é um líquido incolor, volátil e extremamente explosivo a temperatura e pressão ambiente.

[←74]

-Software de ensino de línguas.

[←75]

-É uma liga de escrita interescolar.

-As simulações da ONU (também conhecido como MUN, do inglês Model United Nations) são eventos acadêmicos direcionados à alunos simulando organismos das Nações Unidas onde os participantes atuam como diplomatas, juízes, deputados ou jornalistas tendo como objetivo o debate e a solução da problemática proposta à cada comitê.

[←77]

-Supremacista branco, libelo antisemita, político de extrema direita, criminoso condenado e antigo Grand Wizard dos Cavaleiros do Ku Klux Klan americano.

[←78]

-Pintada por Michelangelo.

-Marca de uísque.

[←80]

-É uma das codificações de caracteres usadas para transmitir informações por telégrafo. O código Morse é o código mais conhecido.

[←81]

-Atriz estadunidense, considerada um símbolo sexual durante a década de 1990, devido a sua personagem em SOS Malibu.

[←82]

-Atriz estadounidense.

-Ex atacante do futebol americano que jogou nove temporadas na Liga Nacional de Futebol, convocado pelo Cleveland Browns na segunda rodada do draft de 2012 da NFL.

-Série de programas e iniciativas criados para oferecer às pessoas, comunidades e organizações os meios pelos quais podem aproveitar os muitos benefícios do esporte a partir de uma plataforma de valores e princípios compartilhados.

-Marca americana de água com gás.

-Um modo de dizer que significa: fazer uma declaração ou referência aparentemente modesta, autocrítica ou casual, com o objetivo de chamar a atenção para as qualidades ou realizações admiráveis ou impressionantes de alguém.

-Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

[←88]

-Um tipo de massa.

[←89]

-Frequentemente descrito como uma mistura de tênis e pingue-pongue.

[←90]

-Refere-se a várias tecnologias e aplicações que aproveitam a energia do sol para eletricidade, aquecimento ou resfriamento.

[←91]

-Pastilhas mastigáveis com antiácidos.